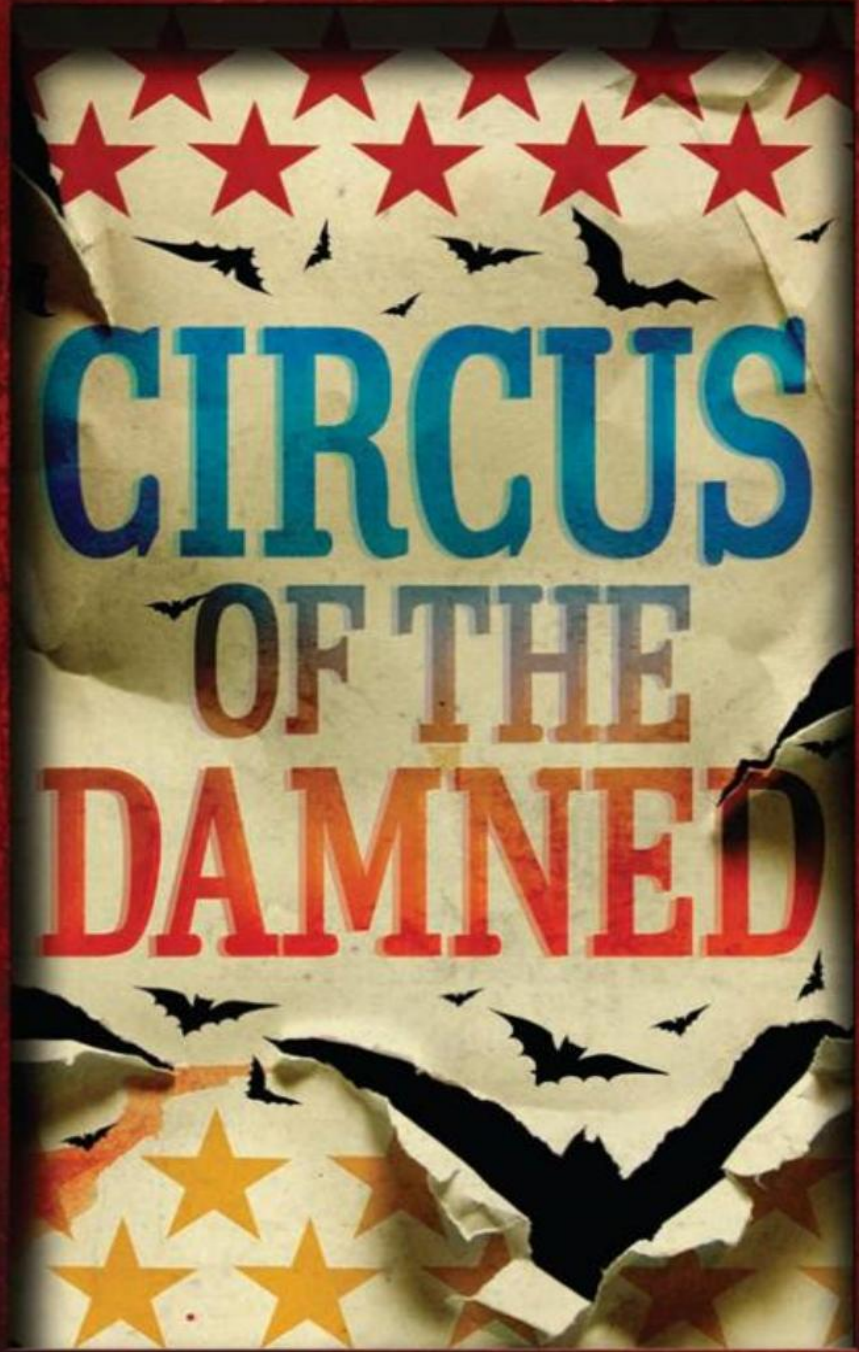


LAURELL K. HAMILTON



CIRCUS
OF THE
DAMNED

ANITA BLAKE
Circo dos Condenados

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

LAURELL K. HAMILTON

*Circo dos
Condenados*

Título original: Circus of the Damned

Prefácio

Sou Anita Blake, perita em criaturas da noite. Jantei com um metamorfo, dancei com homens lobos e fui cortejada, mas não conquistada, por Jean-Claude, o amo da cidade.

Agora, um misterioso e perigoso vampiro chamado Alejandro estava pairando sobre a cidade. Quer-me como sua serva humana. A guerra com os não-mortos começou. Sobre mim.

Série
Anita Blake
A Caçadora de Vampiros

Prazeres Malditos
O Cadáver que Ri
Circo dos Condenados
Café dos Loucos
Ossos Sangrentos
A Dança Mortal
Oferendas Queimadas
Lua Azul
Borboleta Obsidiana
Narcissus Acorrentado
Pecados em Cerúleo
Sonhos de Íncubo
Micah
Dança Macabra
A Arlequina
Sangue Negro
Negociação de Pele
Flerte
Bala
Lista de Mortes
Beije a Morte
Aflição

/

Havia sangue de galinha seco, incrustado sob minhas unhas. Quando se levanta os mortos para ganhar a vida, terá que derramar um pouco de sangue. Este manchava minhas mãos e cara. Tinha tratado de limpar o peler antes de vir a esta reunião, mas algumas coisas só conseguiria tirar com uma ducha. Bebi aos sorvos o café em uma caneca personalizada que dizia, «Se me encher, paga as conseqüências», e contemplei aos dois homens que sentados em frente.

O Sr. Jeremy Ruebens era pequeno, escuro e resmungão. Nunca lhe tinha visto sem franzir o cenho, ou gritando. Seus traços estavam apinhados na metade da cara, como se alguma mão gigantesca a tivesse feito purê justo antes que a argila se secasse. Suas mãos roçaram a lapela do casaco, o clipe da gravata de azul intenso, o pescoço branco da camisa, detiveram-se em seu regaço por um segundo e depois começou à mover de novo, lapela do casaco, gravata, pescoço, regaço. Acredito que talvez me fosse possível lhe observar mover-se nervosamente cinco vezes mais antes de pedir a gritos misericórdia e lhe promettesse fazer algo que quisesse.

O segundo homem era Karl Inger. Nunca lhe tinha visto antes. Era uns centímetros mais alto de 1,84 cm. Estando de pé, ultrapassaria ao Ruebens e a mim. Uma massa ondulada de cabelo vermelho adornava uma cara grande. Honestamente, tinha umas costeletas muttonchop^{1} junto com um bigode mais grosso vi alguma vez. Tudo estava recortado com esmero exceto seu cabelo rebelde. Talvez tinha um mau dia com seu cabelo.

As mãos do Ruebens faziam seu baile interminável pela quarta vez. Quatro era meu limite. Quis rodear o escritório, agarrar suas mãos, e gritar, pare! Mas calculei que era um pouco grosseiro, até para mim.

— Não lhe recordo tão nervoso, Ruebens — disse.

Jogou-me um olhar nervoso.

— Nervoso?

Tinha as suas mãos fazendo seu percurso interminável. Franziu o cenho e colocou as mãos em cima das coxas. Estas permaneceram ali, imóveis. O autocontrole era sua melhor qualidade.

—Não estou nervoso, senhorita Blake.

—É Sra. Blake. E por que está tão nervoso, Sr. Ruebens? —Bebi um gole de meu café.

—Não estou acostumado a pedir ajuda a gente como você.

—Gente como eu? — perguntei-lhe.

Limpou a garganta bruscamente.

—Sabe o que quero dizer.

—Não, Sr. Ruebens, não sei.

—Bem, uma amante dos zumbis... —deteve-se em metade da frase. Tinha-me zangado e devia haver-se notado em minha cara—. Não queria ofender —disse brandamente.

— Se veio aqui para me insultar, tire o traseiro de meu escritório. Se tiver um assunto real, diga-o, ou se não, tire o traseiro de meu escritório.

Ruebens se levantou.

—Disse-lhe que não nos ajudaria.

— Ajudaria a que? Não me há dito nenhuma maldita coisa — disse.

—Possivelmente deveríamos dizer por que viemos —disse Inger. Sua voz era profunda, forte, agradável.

Ruebens inspirou ar profundamente e o solteiu pelo nariz.

—Muito bem —se recostou em sua cadeira —A última vez que nos encontramos era membro da organização Humanos Contra Vampiros.

Inclinei a cabeça alentadamente e bebi meu café.

—Após, começou um novo grupo, Humanos Primeiro. Temos os mesmos objetivos que HCV, mas nossos métodos são mais diretos.

Observei-lhe. O objetivo principal da HCV era voltar a converter em ilegais aos vampiros, então poderiam ser perseguidos como animais. Servia para mim. Costumava ser uma assassina de vampiros, algo como uma caçadora independente.

Agora era uma executora de vampiros. Tinha que ter uma sentença de morte para matar a um vampiro específico ou era

assassinato. Para conseguir uma autorização, tinha que demonstrar que o vampiro era um perigo para a sociedade, o que significava que tinha que esperar a que o vampiro matasse alguém. A matança mais baixa era de cinco pessoas, a mais alta vinte e três. Eram muitos cadáveres.

Nos bons velhos tempos, podia-se matar a um vampiro simplesmente ao vê-lo.

— O que quer dizer exatamente com métodos mais diretos?

—Sabe o que significa —disse Ruebens.

—Não —disse—, não sei.

Imaginava, mas ele ia ter que dizer em voz alta.

—O HCV deixou de desacreditar aos vampiros nos meios de comunicação ou na política. Humanos Primeiro se posicionará para destruir a todos eles.

Sorri sobre minha caneca de café.

—Quer dizer, matar até o último vampiro nos Estados Unidos?

—Esse é o objetivo —disse.

—Isso é assassinato.

—Você matou a vampiros. Realmente acredita que é assassinato?

Era o momento de respirar profundamente. Faz uns meses haveria dito que não. Mas agora, realmente não o sabia.

—Não estou segura, Sr. Ruebens.

—Se a nova legislação é aprovada, Sra. Blake, os vampiros poderão votar. Isso não a assusta?

— Sim.

— Então, nos ajude.

—Deixe de dar rodeios, Ruebens, só me diga o que quer.

—Muito bem, então. Queremos o lugar de descanso do amo da cidade.

Olhei-lhe durante uns segundos.

— Está falndo sério?

—Isto é muito sério, Sra. Blake.

Tive que sorrir.

— O que te faz pensar que sei onde descansa o amo durante o dia? Foi Inger quem respondeu.

—Sra. Blake, por favor. Se podemos nos confessar culpáveis de apoiar o assassinato, então pode confessar-se culpável de conhecer ao amo.

Sorriu muito brandamente.

—me diga onde obteve a informação e talvez a confirme, e talvez o faça.

Seu sorriso se alargou só um pouco.

- Agora quem faz rodeios?

Tinha um ponto.

—Se disser que conheço ao amo, então, o que?

—Nos dê seu lugar de descanso —disse Ruebens.

Se inclinou para frente, com um olhar impaciente, quase luxuriosa em sua cara. Não me senti bajulada. Não era eu quem o comovia. Era o pensamento de estacar ao amo.

—Como sabe você que o amo é um 'ele'?

—Havia um artigo no The Post. Procurou não mencionar nenhum nome, mas a criatura era claramente um varão —disse Ruebens.

Perguntei-me se ao Jean-Claude te gostaria de ser chamado 'a criatura'. Melhor não saber.

—Se te der uma direção e você vai. Vai atravessá-lo coração? Ruebens inclinou a cabeça. Inger sorriu.

Neguei com o a cabeça.

—Então não posso.

—Se nega a nos ajudar? —perguntou Ruebens.

—Não, simplesmente não conheço o lugar de descanso. —Me senti aliviada por ser capaz de dizer a verdade.

—Mente para protegê-lo —disse Ruebens. Sua cara ficava mais escura, o cenho franzido com profundas rugas em sua frente.

—Realmente não o sei, Sr. Ruebens, Sr. Inger. Se quiserem que um zumbi se levante, podemos falar, por outra parte... —Deixou a frase sem terminar e as ofereci meu melhor sorriso profissional. Não pareceram impressionados.

— Consentimos a reunião a esta hora inoportuna e pagamos uns abundantes honorários pela consulta. O mínimo que podia fazer era ser cortês.

Quis dizer, 'você começou', mas pareceria infantil.

—O ofereci café. Você o rechaçou.

O cenho do Ruebens se fez mais profundo, apareceram linhas de cólera ao redor de seus olhos.

— Trata a todos seus clientes igual?

—A última vez, chamou-me de cadela que ama os zumbis. Não te devo nada.

—Aceitou nosso dinheiro.

—Meu chefe foi quem o fez.

—Chegamos aqui cedo, Sra. Blake. Certamente podemos chegar a um acordo.

Não queria me encontrar com o Ruebens em absoluto, mas depois de que Bert aceitou seu dinheiro, estava algo apegado a ele.

Havia concordado a reunião ao amanhecer. Depois da trabalho da noite, mas antes de que me deitasse. Daqui podia dirigir-me para casa e conseguir oito horas de sonho ininterrupto. Deixei que fora o sonho do Ruebens o que se interrompeu.

— Pode averiguar o lugar de descanso da amo? — perguntou Inger.

—Provavelmente, mas se o fizesse, não te diria.

—Por que não? —perguntou.

—Como está ligada a ele... —disse Ruebens.

— Silêncio, Jeremy.

Ruebens abriu a boca para protestar, mas Inger disse:

—Por favor, Jeremy, pela causa.

Ruebens lutou visivelmente para conter sua cólera, mas a refreou. Controle.

—Por que não, Sra. Blake? —Os olhos do Inger pareciam muito sérios, um lampejo agradável se filtrou fundo nele.

—Não matei a vampiros amos antes e nenhum deles com uma estaca.

—Então como?

Sorri.

—Não, Sr. Inger, se quiser lições de como matar a um vampiro, vai ter que ir a outra parte. Simplesmente, respondendo suas perguntas, poderia ser acusada de cúmplice de assassinato.

—Nos diria se tivéssemos um plano melhor? —disse Inger.
Pensei nisso durante um minuto. Jean-Claude morto, realmente morto. Faria certamente minha vida mais fácil, mas... se não.

—Não sei—disse.

— Por que não?

—Porque penso que lhe matará. Não lhes dou humanos aos monstros, Sr. Inger, embora essas pessoas me odeiem.

—Não a odiamos Sra. Blake.

Fiz sinais com a caneca de café para o Ruebens.

—Talvez você não o faz, mas ele sim.

Ruebens me fulminou com o olhar. Ao menos não tratou de negá-lo.

—Se voltarmos com um plano melhor podemos voltar a falar? Contemplei os pequenos olhos zangados do Ruebens.

—Seguramente, por que não?

Inger se levantou e me ofereceu a mão.

—Obrigado, Sra. Blake. Foi muito produtivo.

Sua mão envolveu a minha. Era um homem grande, mas não tratou de usar seu tamanho para me fazer sentir pequena. Apreciei-o.

—A próxima vez que nos encontrarmos, Anita Blake, será mais cooperativa —disse Ruebens.

—Isso soa como uma ameaça, Jerry.

Ruebens sorriu, um sorriso muito desagradável.

—Humanos Primeiro acredita que o fim justifica os meios, Anita.

Abri minha jaqueta púrpura. Dentro havia um coldre de ombro completo com uma 9 mm Hi-power Browning. O magro cinturão da saia púrpura era o bastante grande para esconder o coldre. O mais chique do terrorista executivo.

— No que se refere à sobrevivência, Jerry, também acredito.

—Não a ameaçamos —disse Inger.

—Não, mas o Jerry aqui pensa nisso. Só quero que ele e o resto de seu pequeno grupo saibam que vou a sério. Metam-se comigo e alguém morrerá.

—Há dúzias dos nossos —disse Ruebens—, e você está sozinha.

—Sim, mas quem vai ser o primeiro na fila? —disse.

— Já basta, Jeremy. Sra. Blake, não viemos aqui para ameaçá-la. Viemos por sua ajuda. Voltaremos com um plano melhor e falaremos outra vez.

—Não o traga —disse.

—É obvio —disse Inger—. Vamos, Jeremy.

Abriu a porta. Um tamborilar suave de chaves veio do exterior do escritório.

—Adeus Sra. Blake.

—Adeus, Sr. Inger, foi realmente desagradável.

Ruebens se deteve na entrada e disse entre dentes:

—É uma abominação ante Deus.

—Jesus lhe ama também —disse sorrindo.

Fechei de repente a porta atrás deles. Infantil.

Sentei-me no bordo de meu escritório e esperei me assegurando que partiram antes de sair. Não pensava que tentassem algo no estacionamento, mas realmente não queria ter que começar a lhe pegar tiros às pessoas. Ah, o faria se tivesse que fazê-lo, mas era melhor evitá-lo. Tinha esperado que mostrar a arma faria que Ruebens voltasse atrás. Parecia lhe haver enfurecido. Girei meu pescoço tratando de aliviar um pouco a tensão. Não funcionou.

Podia ir para casa, tomar banho e conseguir oito horas de sono ininterrupto. Glorioso. Meu bip soou. Sobressaltei-me como se tivesse sido espetada. Nervosa, eu?

Golpeei o botão, e o número que apareceu me fez gemer. Era a polícia. Para ser exatos, era a Equipe de Investigação Sobrenatural Regional. A Esquadrilha de Espectros. Eram responsáveis por todos os delitos Sobrenaturais no Missouri. Eu era sua perita civil sobre monstros. O Bert não gostava que eu trabalhasse com eles, mas a publicidade era boa.

O bip soou outra vez. O mesmo número.

—Merda —disse brandamente—. Já o ouvi da primeira vez, Dolph.

Pensei em fingir que me tinha ido já a casa, tinha apagado o procura e não estava disponível, mas não o fiz. Se o sargento detetive Rudolf Storr me chamava depois do amanhecer, era que necessitava minha experiência. Raios.

Chamei o número, e depois de uma série de operadoras, finalmente ouvi a voz do Dolph. Sua voz soou remota e metálica. Sua esposa lhe tinha dado um telefone móvel para seu aniversário. Devíamos estar perto do limite da sinal. Ainda apertava o botão antes de falar como se fora a rádio da polícia. Sempre soava como um idioma distinto.

—Olá, Dolph, o que se passa?

— Homicídio.

— Qual classe de homicídio?

—A classe que necessita sua experiência —disse.

— É muito cedo para jogar às vinte perguntas. Só me diga que passou.

—Despertou no lado equivocado da cama esta manhã, verdade?

—Não pude me deitar ainda.

—Me compadeço, mas te necessito aqui. Parece que temos uma vítima de vampiro em nossas mãos.

Respirei fundo e o soltei devagar.

— Merda.

—Sim poderia dizer isso.

—Me dê a direção —disse.

O fez. Era perto do rio, nos bosques, no caminho do diabo e chegando ao Arnold. Meu escritório estava fora da Bulevar Verde Oliva. Tinha um passeio de uns quarenta e cinco minutos pela frente. Estupendo!

—Estarei aí logo que possa.

—Esperaremos —disse Dolph, depois pendurou.

Não me incomodei em dizer adeus ao tom de chamada. Alguém vítima de vampiro. Nunca havia visto uma matança solitária. Eram como as batatas fritas, uma vez que os vampiros as provavam, não podiam ficar com apenas uma. A essência era, quantos, morreriam antes que agarrássemos a este?

Não quis pensar nele. Não queria conduzir até o Arnold. Não queria contemplar cadáveres antes de tomar o café da manhã. Queria ir para casa. Mas de algum jeito não acreditaria que Dolph o entendesse. A polícia tem muito pouco sentido de humor quando trabalham em um caso de assassinato. Pensando nisso, eu tampouco.



O corpo do homem estava de barriga para cima, pálido e nu à fraca luz do sol matutina. Até depois de morto, seu corpo estava em perfeito estado, uma boa quantidade de músculos, talvez corria. Seu cabelo algo comprido e loiro, esparsos por o verde grama. A suave pele de seu pescoço estava perfurada duas vezes com umas limpas marcas de caninos. O braço direito estava perfurado na curva da cotovelo, onde o médico está acostumado a tirar sangue. A pele do pulso esquerda estava arranhada, como se um animal a houvesse roído. O branco osso brilhou sob a frágil luz.

Tinha medido as marcas da dentada com meu fita métrica. Eram de diferentes tamanhos. Ao menos, três vampiros diferentes, mas teria apostado tudo o que tinha a que foram cinco vampiros. Um amo e seu grupo, ou bando, ou algo independentemente de como diabos se chame um grupo de vampiros.

A erva estava molhada pelo a névoa da manhã. A umidade empapou as joelhos do macacão que me tinha posto para proteger minha roupa. Tênis negros e luvas cirúrgicas completavam o equipamento da cena do crime. Estava acostumado a levar Tênis brancos, mas eram muito chamativos ao manchar-se de sangue com facilidade.

Pedi uma silenciosa desculpa pelo que tinha que fazer, depois separe as pernas do cadáver. As pernas se moveram facilmente, sem rigor mortis. Apostava a que não tinham acontecido oito horas, não o tempo suficiente para que aparecesse a rigidez da morte. O sêmen se secou em suas calças de soldado de cor marrom. Uma última alegria antes de morrer. Os vampiros não lhe tinham limpado. no interior de seu músculo, perto da virilha, tinha mais marcas de caninos. Não eram tão selvagens como no pulso, mas não estavam limpos tampouco.

Não havia sangue ao redor das feridas, nem mesmo na ferida do pulso. Limpou o sangue? Em qualquer lugar que fora assassinado, haveria muito sangue. Nunca poderiam haviam limpo tudo. Se pudéssemos encontrar onde morreu, teríamos toda classe

de pistas. Mas na grama, intencionalmente recortado, em meio de um bairro muito comum, não havia pistas. Apostava isso. Tinham jogado o corpo em um lugar tão estéril e inútil como o lado escuro da lua.

A neblina flutuou sobre o bairro residencial como fantasmas que esperam. A névoa estava tão baixa que era como caminhar em meio de cortinas de chuva. As diminutas gotas de umidade se pegavam ao corpo onde a névoa se condensou. As gotas se pegaram em meu cabelo como penas de prata.

Estava no pátio dianteiro de uma pequena casa, verde amarelada com adornos em branco. Um cadeado com correntes estava ao redor de uma vala que rodeava um pátio traseiro. Era outubro e a erva estava ainda verde. A parte superior de um bordo^{2} de açúcar surgiu sobre o a casa. Suas folhas eram de um amarelo alaranjado brilhante que era característico nos bordos açucareiros, como se suas folhas se esculpam em chamas. A névoa ajudou a ilusão e os cobres pareceram sangrar no ar úmido.

Tudo, rua abaixo, estava formado por outras pequenas casa com brilhantes árvores de outono e gramas verde-vivo. Ainda era o suficientemente cedo para que a maioria da gente não houvesse saído ainda ao trabalho, ou ao a escola, ou em qualquer lugar que fora. Havia uma verdadeira multidão contida pelos oficiais de uniforme. Havia cravado estacas na terra para sujeitar a cinta amarela de NÃO PASSAR. O povo pressionava perto da cinta como desafiando. Um menino de aproximadamente doze anos tinha conseguido chegar o suficientemente perto. Cravou os olhos no morto, seus olhos cor café, enormes, sua boca em um claro "wow" de excitação. Deus meu, onde estavam seus pais? Provavelmente olhando também estupidamente o cadáver.

O cadáver estava branco como o papel. O sangue sempre flui para o ponto mais baixo o corpo. Neste caso, a escura contusão avermelhada estaria assentada em as nádegas, braços, pernas, toda a parte traseira do corpo. Não havia nenhuma marca. Não tinha tido sangue suficiente dentro para ter marcas de lividez. Quem quer que lhe tivesse assassinado, tinha-lhe drenado completamente. Bem, até o a última gota? Lutei contra o desejo de sorrir e perdi. Se passas

muito tempo contemplando cadáveres, consegue um peculiar sentido de humor. Tem que se acostumar ou por fim ficará louco.

— O que é tão hilário? —perguntou uma voz.

Saltei e me levantei rapidamente.

—Deus, Zerbrowski, não lhe aproxime tão furtivo dessa maneira.

— Se você se lança ao grande vampiro assassino das sombras?

— sorriu-me abertamente.

Seu revoltado cabelo castanho se levantava em três penachos separados como se lhe tivesse esquecido de pentear. Sua gravata estava à meia altura sobre uma camisa azul claro onde aparecia suspeitamente a parte superior de um pijama. A jaqueta do traje marrom e as calças desafinavam com o a parte superior

—Bonito pijama.

Ele se encolheu de ombros.

—Tenho um par, com pequenos trens neles. Katie pensa que são sexualmente atrativos.

— Sua esposa te comprou essas coisas com trens? —perguntei.

Seu sorriso se ampliou.

—Sim, levo-os postos.

Balancei a cabeça.

— Sabia que era um pervertido, Zerbrowski, mas pijamas de filhos pequenos, isso é verdadeiramente doentio.

—Obrigado —jogou uma olhada ao corpo, todavia sorrindo. O sorriso se desvaneceu.

—Que pensa disto? —inclinou a cabeça para o morto.

—Onde está Dolph?

— Na casa com a senhora que encontrou o corpo

Colocou suas mãos nos bolsos das calças e se balançou sobre seus calcanhares —. Ela está bastante mal. Provavelmente é o primeiro cadáver que vê fora de um enterro.

— Essa é a forma mais usual em que a maioria das pessoas vêem os mortos, Zerbrowski.

Ele se balançou para diante e para trás e parou.

— Não seria bonito ser normal?

—Algumas vezes —disse.

Sorriu abertamente.

—Bravo, acredito que sei que quer dizer —tirou um caderno de apontamentos do bolso de sua jaqueta que parecia como se alguém o tivesse esmagado em um punho.

— Raios, Zerbrowski.

—Ouça, ainda é papel —tratou de alisar o caderno de apontamentos, mas finalmente se deu por vencido. Apoiou-o e escreveu sobre o papel enrugado

—Ilumine-me, OH!! Perita Sobrenatural.

—Vou ter que repetir isto para o Dolph? Eu gostaria de fazê-lo só uma vez e ir a casa a me deitar.

—Ouça, eu também. Por que pensa que tenho posto meu pijama?

—Pensei que era uma declaração de moda atrevida.

Me olhou.

— Mm-huh.

Dolph saiu caminhando da casa. A porta pareceu muito pequena para lhe abranger. Media 1,75 m. formado como um volumoso lutador. Seu cabelo negro saia em ponta ao redor de sua cabeça, deixando as orelhas encalhadas aos lados da cara. Mas ao Dolph não importava muito a moda. Sua gravata estava apertada contra o pescoço de sua camisa branca. Tinham-lhe que ter tirado da cama ao igual a Zerbrowski, mas se via limpo e ordenado, sério. Nunca tinha importância a que hora chamavam o Dolph, sempre estava em condições de cumprir com seu trabalho. Era um policial profissional sob suas meias.

Mas por que estava Dolph dirigindo a força de trabalho mais especial e impopular do St. Louis? Era um castigo por algo, disso estava segura, mas nunca tinha perguntado por que. Provavelmente nunca o faria. Era seu assunto. Se quisesse que soubesse, me diria.

A brigada, originalmente, tinha sido um consolo para os liberais. Vejam, fazemos algo ao em relação aos delitos sobrenaturais. Mas Dolph se tomou a sério seu trabalho e a seus homens. Tinham solucionado mais crimes sobrenaturais nos últimos dois anos que qualquer outro grupo de polícia no país. Tinha sido

convidado a dar conferências a outras forças policiais. Até tinham sido emprestados a outros estados vizinhos, duas vezes.

—Pois bem, Anita o que temos?

Esse era Dolph, sem preliminares.

—Caramba, Dolph, é agradável verte também.

Só me olhou.

—Está bem, está bem.

Ajoelhei-me ao outro lado do corpo, assim poderia assinalar quando lhe falasse. Nada como uma ajuda visual para fazer entender o assunto.

—Só a medida das dentaduras demonstra que ao menos três vampiros diferentes se alimentaram do homem.

—Mas? —disse Dolph.

Era rápido.

—Mas acredito que cada ferida é de um vampiro diferente.

—Os vampiros não caçam em grupo.

—Pelo geral são caçadores solitários, mas não sempre.

—Quais motivos pode haver para que cacem em grupo? — perguntou.

—Só há duas razões que alguma vez me tenha encontrado: A primeira, um é um vampiro novo e o outro um vampiro maior que o ensina o jogo. Mas isso são simplesmente dois pares de presas, não cinco; a segunda, um vampiro mestre os controla, e é um psicopata.

— Se explique.

—Um vampiro mestre tem quase o controle absoluto sobre sua banda. Alguns amos usam a matança em grupo para unificá-la, mas não jogariam o corpo aqui. O esconderiam onde a polícia nunca o encontrasse.

—Mas o corpo está aqui —disse Zerbrowski—, à vista.

— Exatamente, só um amo que se tornou louco jogaria um corpo como este. A maioria dos amos, até de que os vampiros estivessem legalmente vivos, não ostentariam uma matança como esta. Atrai a atenção, normalmente atenção com uma estaca em uma mão e uma cruz na outra. Até agora, se pudéssemos rastrear a matança até os vampiros que o fizeram, poderíamos obter uma autorização e matá-los,

—sacudi a cabeça—, uma matança como este é ruim para o negócio, e independentemente de que o sejam, os vampiros, são práticos. Não permanece vivo e escondido durante séculos a menos que seja discreto e desumano.

—Por que desumano? — perguntou Dolph.

Fiquei com o olhar fixo nele.

— É completamente prático. Alguém descobre seu segredo, mata-o ou lhe converte em um de seus... filhos. É um bom negócio, prático, Dolph, nada mais.

—Gosta da multidão —disse Zerbrowski.

— Sim.

—O que ocorre se entrarem em pânico? —perguntou Zerbrowski—, foi quase ao amanhecer.

—Quando a mulher encontrou o corpo?

Dolph comprovou seu caderno de apontamentos.

— Cinco e trinta.

—Umás horas antes do amanhecer. Não entraram em pânico.

—Se tivermos a um vampiro mestre louco, o que significa exatamente?

—Quer dizer que matarão a mais pessoas mais rápido. Podem necessitar sangue todas as noites para manter a cinco vampiros.

—Um corpo recente todas as noites? —Zerbrowski fez a pergunta.

Somente inclinei a cabeça.

—Jesus —disse.

— Sim.

Dolph guardou silêncio, ficando com o olhar fixo no homem morto.

— O que podemos fazer?

—Deveria poder levantar o cadáver como um zumbi.

—Pensei que não podias levantar uma vítima de vampiro como um zumbi —disse Dolph.

—Se o cadáver já for elevar-se como vampiro, não posso. — Encolhi-me de ombros —. Não importa que essas marcas de vampiro interfiram com um levantamento. Não posso levantar um corpo humano que está já disposto a elevar-se como um vampiro.

—Mas este não se elevará —disse Dolph—, assim pode levantá-lo.

Inclinei a cabeça.

—Por que não se elevará esta vítima?

—Foi assassinado por mais de um vampiro, eram um grupo alimentando-se. Para que um cadáver se eleve como vampiro, tem que ter a um só vampiro alimentando-se dele durante um espaço de vários dias. Ao final de três dentadas com morte, eleva a um vampiro. Se cada vampiro vítima pudesse retornar, estariam em nossos traseiros como sanguessugas.

—Mas esta vítima pode retornar como um zumbi? —perguntou Dolph

Inclinei a cabeça.

— Quando pode fazer o levantamento?

—Em três noites a partir desta, ou realmente dois. Esta noite conta como uma.

— A que hora?

—Terei que comprovar meu horário de trabalho. Chamarei-te com tempo.

— Só levanta a vítima de homicídio e lhe pergunte quem o matou.

—Eu gosto disso —disse Zerbrowski.

—Não é tão fácil —lhe disse—, sabe como estão de confusos nos testemunhas de delitos violentos. Tem a três pessoas que vêem o mesmo delito e consegue três versões diferentes, cores de pelo diferentes.

—Bravo, bravo, o testemunho da testemunha não serve —disse Zerbrowski.

—Segue, Anita —disse Dolph. Esta era sua forma de dizer, «Zerbrowski, fecha o pico».

Zerbrowski se calou.

—Uma pessoa que morre como vítima de um delito violento está mais confusa. Terrivelmente assustados, assim algumas vezes não recordam muito claramente.

—Mas estava ali —disse Zerbrowski – viu-se indignado.

—Zerbrowski, deixa-a terminar.

Zerbrowski fez o gesto de fechar seus lábios e depois, trancar a chave. Dolph franziu o cenho. Tossi em minha mão para encobrir o sorriso. Não se deve alentar ao Zerbrowski.

—O que digo é que posso levantar ao a vítima da tumba, mas não podemos obter tanta informação como se esperaria. As memórias que nós obteremos serão confusas, dolorosas, mas poderia estreitar o cerco no que se refere a que vampiro mestre que lidera o grupo.

—Se explique —disse Dolph.

—Supostamente, agora mesmo há só dois vampiros que poderiam ser amos em St. Louis, Malcolm, Billy “não morto” Graham e o amo da cidade. Sempre cabe a possibilidade de que tenhamos a alguém novo, mas o amo da cidade deveria poder controlá-lo.

—Agarraremos a cabeça da Igreja da Vida Eterna —disse Dolph.

—Agarrarei ao amo —disse.

—Leva a um de nós como respaldo.

Neguei com o a cabeça.

—Não posso, se ele suspeita que conto aos policiais quem é, nos mataria a ambos.

— Quanto de perigo é isto para você? — perguntou Dolph.

O que supunha-se que tinha que dizer? Muito? Ou lhes diria que o amo estava louco por mim, aí é que provavelmente estaria bem? Nenhuma.

— Estarei bem.

Me observou seriamente.

—Ademais, que opção temos? —Fiz sinal para o cadáver—. Seguiremos encontrando mais até que encontremos aos vampiros responsáveis. Um de nós tem que falar com o amo. Ele não falará com o a polícia, mas falará comigo.

Dolph respirou profundamente e o soltou. Sacudiu a cabeça. Sabia que tinha razão.

—Quando poderá fazer?

—Manhã pela noite se puder falar com o Bert para trocar minhas entrevistas com alguém.

— Tem certeza que o amo falará contigo?

— Sim.

O problema com o Jean-Claude não era lhe ver, eu te evitava. Mas Dolph não o sabia, e se o fizesse, poderia ter insistido em ir comigo. E conseguir que nos matasse.

—Então faça—disse—. Conta me o que averiguar.

—Farei —disse. Levantei-me, lhe enfrentando sobre o cadáver sangrado.

—Vigia suas costas —disse.

— Sempre.

—Se o Mestre lhe comer, posso ficar seus elegantes macacões de trabalho? —perguntou Zerbrowski.

—Compra você um, bastardo mão-de-vaca.

—Prefiro ter estes que vão envoltos neste delicioso corpo.

—Deixe-a em paz, Zerbrowski.

—Não estou dentro de pequenos chuu-chuus^{3}.

— Que diabos têm que ver nos trens com isto? —perguntou Dolph.

Zerbrowski e eu nos olhamos. Começamos a rir bobamente e não podíamos parar. Eu o podia atribuir ao a falta de sono. Tinha estado acordada durante quatorze horas seguidas, levantando aos mortos e falando com excêntricos direitistas. A vítima de vampiro era um final perfeito a uma noite perfeita. Tinha direito a uma risada histérica. Não sabia qual era a desculpa do Zerbrowski.

3

Há uns poucos dias em outubro que são quase perfeitos. O céu se estende sobre um azul claro, tão profundo e perfeito que faz o resto mais bonito. As árvores ao longo da estrada são carmins, douradas, avermelhadas, borgonha, laranja. Cada cor é brilhante, palpitando na dourada luz do sol. O ar é fresco, mas não frio, antes do meio-dia pode levar posta só uma jaqueta leve. Era um tempo perfeito para dar largos passeios pelos bosques com alguém, de mãos dadas. Já que eu não tinha a ninguém assim, somente esperava que durante um fim de semana livre pudesse sair sozinha. As possibilidades disto eram de poucas a nenhuma.

Outubro é um bom mês para levantar os mortos. Todos pensam que a Véspera do Dia de Todos os Santos é a temporada perfeita para levantar zumbis. Não é. A escuridão é a única exigência. Mas todos querem uma entrevista à meia-noite da Véspera do Dia de Todos os Santos. Pensam passar o Halloween em um cemitério matando frangos e olhando, vigilantes, sair aos zumbis engatinhando da terra, é um grande entretenimento. Provavelmente, poderia vender entradas.

Eu fazia a média de cinco zumbis em uma noite. Era um zumbi a mais que os outros faziam no mesmo tempo. Nunca devia ter dito ao Bert que quatro zumbis não me esgotavam. Minha maldita falta era ser muito sincera. É obvio, a verdade era que cinco não me esgotavam tampouco, mas estaria condenada se dissesse ao Bert.

Falando de meu chefe, tinha que lhe chamar quando chegasse em casa. Ia me amar por lhe pedir uma noite livre. Fez-me sorrir pensar nisso. Qualquer dia que pudesse sair da cadeia do Bert, era um bom dia.

Quando cheguei ao meu apartamento já era quase a uma da tarde. Tudo o que queria era uma ducha rápida e sete horas de sonho. Tinha desistido das oito horas, era muito tarde para isso. Tinha que ver o Jean-Claude esta noite. Alegria. Mas era o amo da cidade. Se houvesse outro vampiro mestre ao redor, o saberia. Acredito que se podem cheirar uns aos outros. É óbvio, se Jean-

Claude havia cometido o assassinato, provavelmente não o admitiria. Mas realmente não creio que o tivesse feito. Era muito bom empresário para fazê-lo. Era o único vampiro mestre que eu havia encontrado alguma vez que não estava louco de algum modo: psicopata ou sociopata, escolham a seu gosto.

Bem, bem, Malcolm não estava louco, mas não aprovava seus métodos. Dirigia a igreja da América que mais adeptos criava. A Igreja da Vida Eterna oferecia exatamente isso. Nenhum salto de fé, nenhuma incerteza, só uma garantia. Podia converter-se em vampiro e viver para sempre, a menos que alguém como eu te matasse, ou fosse apanhado em um incêndio, ou golpeado por um ônibus. Não estava segura sobre a parte do ônibus, mas sempre me perguntava isso. Certamente, deve haver algo o bastante maciço para danificar a um vampiro além da cura. Espero provar a teoria um dia.

Subi a escada devagar. Meu corpo se sentia pesado. Os olhos me queimavam com a necessidade de dormir. Era três dias antes da Véspera do Dia de Todos os Santos e o mês não avançava o suficientemente rápido para mim. O negócio começaria a decair antes de Ação de Graças. A decadência seguiria para o final do Ano Novo, então começaríamos de novo. Rezei por uma tormenta de neve anormal. O negócio decai se a neve é intensa. As pessoas parecem acreditar que não podemos levantar os mortos com neve intensa. Podemos, mas não falamos a ninguém. Necessito do descanso.

O vestíbulo estava cheio dos tranquilos ruídos de meus vizinhos que vivem de dia. Procurava as chaves no bolso do casaco quando a porta de em frente à minha se abriu. A Sra. Pringle saiu, era alta, magra, seu cabelo branco, esbranquiçado pela idade, preso num pequeno coque detrás da cabeça. O cabelo era absolutamente branco. A Sra. Pringle não se incomodava com tinturas ou maquiagem. Tinha mais de sessenta e cinco e não lhe preocupava que soubessem.

Mingau, seu cão um lulu da pomerânia, dava cambalhotas o final do corredor. Era uma redonda bola de pele cor de ouro com pequenas orelhas de raposa. A maior parte dos gatos pesariam

mais, mas é um desses pequenos cães com atitude de cão grande. Em uma vida passada deveria ter sido um grande dinamarquês.

—Olá, Anita —a Sra. Pringle sorriu quando o disse—. Não está voltando agora do trabalho, verdade? —seus pálidos olhos o desaprovavam.

Sorri.

— Sim, eu tinha um... levantamento de emergência.

Levantou uma sobrancelha, provavelmente perguntando-se que era o que um animador chamaria emergência, mas era muito cortês para perguntar.

—Não se cuida o suficiente, se segue abusando de sua saúde, quando chegar a minha idade estará esgotada.

—Provavelmente —disse.

Mingau latiu para mim. Não lhe sorri. Não acredito em dar alento a insistentes cães pequenos. Com esse peculiar sentido canino, soube que eu não gostava dele e estava determinado a me convencer para a causa.

—Vi que os pintores estiveram em seu apartamento a semana passada. Conseguiu arrumar tudo?

Assenti com a cabeça. Bravo, todos os balços foram remendados e se pintou por cima.

—Sinto realmente não ter estado em casa para lhe oferecer meu apartamento. O Sr. Giovoni diz que teve que ir a um hotel.

— Sim.

—Não compreendo por que um dos outros vizinhos não te ofereceu um sofá para passar a noite.

Sorri. Entendia. Dois meses atrás havia matado a dois zumbis assassinos em meu apartamento e houve um tiroteio da polícia. As paredes e uma janela se quebraram. Algumas das balas tinham passado através das paredes a outros apartamentos. A ninguém tinha passado nada, mas nenhum deles queria nada comigo agora. Tinha a forte impressão que quando meu aluguel de dois anos terminasse, receberia instruções para me mudar. Não podia culpar ninguém.

— Ouvi que foi ferida.

Assenti com a cabeça.

Apenas não me incomodei em lhe dizer que a ferida de bala não havia sido do tiroteio.

A amante de um homem muito mau me tinha dado um tiro no braço direito. Estava curada. Agora era uma cicatriz lisa, brilhante, ainda um pouco rosada.

—Como foi a visita com sua filha? —perguntei.

A cara da Sra. Pringle se converteu em um brilhante sorriso.

—Ah, maravilhoso. Meu último neto é perfeito. Te mostrarei as fotos mais tarde, depois de que tenha tido algum descanso.

Aquele olhar desaprovador voltou para seus olhos. Sua cara de mestre. Que podia me fazer retroceder dez passos, se ainda fosse inocente. Não era inocente desde fazia anos.

Levantei as mãos.

—Rendo-me. Deitarei. Prometo.

—Vai deitar —disse—. Vamos, Mingau, temos que sair para nosso passeio da tarde.

O diminuto cão saltou ao final de sua correia, afoito, avançando como um cão de trenó em miniatura. A Sra. Pringle deixou que um quilo de pele macia a arrastasse corredor abaixo. Sacudi a cabeça. Ter a um cão com forma de cogumelo dando voltas a meu redor e sendo o chefe não era minha idéia de ser seu dono. Se alguma vez tivesse outro cão, eu seria a chefe, ou um de nós não sobreviveria. Era minha norma.

Abri a porta e entrei no meu silencioso piso. O aquecedor zumbiu, o ar quente assobiava nos respiradouros. O aquário fez clique. Sons de vazio. Era maravilhoso.

A pintura nova era da mesma cor cinzenta que a velha. O tapete era cinza, o sofá e a correspondente cadeira, brancos.

A pequena cozinha era de madeira, pálida, com o linóleo branco e dourado. A mesa de dois lugares do café da manhã era um pouco mais escura que os gabinetes. A única impressão moderna era a cor nas paredes brancas.

Em o espaço onde a maior parte de pessoas teriam posto um conjunto de cozinha de tamanho natural, tinha o aquário de trinta galões contra a parede, e um equipamento de som na diagonal.

Pesadas cortinas brancas escondiam as janelas e trocavam a dourada luz da sol a um pálido crepúsculo. Quando se dorme durante o dia, tem que ter boas cortinas.

Joguei meu casaco no sofá, chutei meus sapatos , gostei da sensação do tapete sob meus pés. As meias caíram depois, enrugadas e esquecidas nos sapatos. Com nos pés descalços, preenchi ao aquário.

O peixe anjo saiu ao a superfície pedindo comida. Todos os peixes são mais largos que minha mão estendida. São os maiores anjos que vi alguma vez fora da loja de animais na qual os comprei. A loja tinha um macho de cria que tinha quase 30 cm de largura.

Tirei-me a pistoleira do ombro e pus a Browning em sua segunda casa, um coldre especialmente feito para a cabeceira da cama. Se algum tipo mal se movesse sigilosamente para mim, poderia agarrá-la e atirar. Essa era a idéia, de todos os modos. Até agora tinha funcionado.

Quando as lavei a seco, minha roupa e minha blusa ficaram colocadas com esmero no armário, joguei-me em cima da cama só de sutiã e calcinhas. Todavia levava posta a cruz de prata que levava até no chuveiro. Nunca se sabia quando um molesto vampiro a tratar de morder-te. Sempre pronta, era meu lema ou era o dos Boys Scouts? Encolhi os ombros e liguei ao trabalho. Mary, nossa secretária do dia, respondeu na segunda a chamada.

—Empresa dos Animadores. Como podemos ajudar?

—Olá, Mary, é Anita.

—Olá, o que passa?

—Tenho que falar com o Bert.

—Está com um cliente agora mesmo. Posso perguntar do que se trata?

—Estou renegociando minhas entrevistas para esta noite.

—Ooh, garota. Então fale você com ele. Se te gritar com alguém, que seja você. —Só brincava pela metade.

—Bem —disse.

Baixou sua voz e sussurrou.

—O cliente está caminhando para o a porta principal. Estará contigo em um instante.

— Obrigado, Mary.

Pô-me em espera antes de que pudesse dizer que não. A espera musical se filtrou pelo telefone. Era uma versão dos Beatles, “Tomorrow”. Preferia ter escutado a estática. Misericordiosamente, Bert agarrou o telefone e me salvou.

— Anita, a que hora pode entrar hoje?

— Não posso.

— Não pode o que?

— Não posso ir hoje.

— De jeito nenhum? — Sua voz havia levantado uma oitava.

— Você disse.

— Por que infernos não pode? — já estava me amaldiçoando, mal sinal.

— Recebi um aviso da polícia depois de minha reunião desta manhã. Não pude me deitar ainda.

— Pode dormir, não se preocupe da reunião com os novos clientes até a tarde. Simplesmente, vêm para suas entrevistas de esta noite.

Era generoso, compreensível. Algo andava mau.

— Não posso fazer as entrevistas de esta noite, tampouco.

— Anita, estamos saturados. Tem a cinco clientes esta noite. Cinco!

— Divide-os com outros reanimadores — disse.

— Todos estão saturados.

— Escuta, Bert, foi você que disse que se a polícia. Você que me pôs como servente. Você que pensou que seria uma boa publicidade.

— E foi uma grande publicidade — disse.

— Sim, mas parece que às vezes são dois empregos de jornada completa. Não posso fazer ambos.

— Então deixa de lhes servir. Não tinha nem idéia de que tomaria a maior parte de seu tempo.

— É uma investigação de assassinato, Bert. Não posso deixá-los.

— Deixa à polícia fazer seu próprio trabalho sujo — disse.

Era refinado ao falar disto. Ele, com suas limpíssimas unhas e seu escritório agradavelmente confortável.

—Necessitam da minha experiência e meus contatos. A maior parte dos monstros não falaria com a polícia. —Estava silencioso ao outro lado do telefone. Sua respiração se voltou áspera e zangada.

—Não pode fazer isto comigo. Já recebemos o dinheiro, assinamos os contratos.

—Pedi-te contratar ajuda extra, faz meses.

—Contratei ao John Burke. Esteve o levando algumas de suas matanças de vampiro, assim como levantando os mortos.

—Sim, John é uma grande ajuda, mas necessitamos mais. De fato, apostaria que ele poderia levantar o menos um de meus zumbis esta noite.

— Levantas cinco em uma noite?

—Faço-o —disse.

—Sim, mas John não é como você.

Era quase um elogio.

—Tem duas opções, Bert, renegocia-os ou delega-os a alguém mais.

—Sou seu chefe. Poderia dizer vêm esta noite ou estas despedida —sua voz era firme e normal.

Estava cansada e fria na cama com meu sutiã e calcinhas, não tinha tempo para isto.

—Então me despeça.

—Não quer dizer isso —disse.

—Olhe, Bert, estive que pé durante mais de vinte horas. Se não consigo um pouco de sono logo, não vou ser capaz de trabalhar para ninguém.

Ficou silencioso durante muito tempo, sua respiração suave e regular em meu ouvido.

—Bem, tem livre esta noite. Mas procura estar bem e de volta no trabalho manhã —disse finalmente.

—Não posso prometer isso, Bert.

— Caramba, Anita, quer ser despedida?

—Este é o melhor ano que tivemos alguma vez, Bert. Parte disso é devido aos artigos escritos sobre mim no jornal The Post.

— Esses eram sobre os direitos dos zumbis e que o governo o estuda, estava envolta. Não os fez para ajudar a promover nosso negócio.

—Mas é trabalho verdade? Quanta gente chama e pergunta expressamente por mim? Quanta gente diz que me viram no periódico? Quantos ouviram-me no rádio? Posso promover direitos de zumbies, mas é malditamente bom para o negócio. Assim me permita um pouco de tempo.

—Não pensa que o faça verdade? —sua voz grunhiu pelo telefone. Estava zangado.

—Não, não o faço —disse.

Seu fôlego era breve e áspero.

—Ou te apresenta condenadamente bem manhã de noite, ou vou recorrer a sua fanfarronada —pendurou der repente o receptor em meu ouvido. Infantil.

Pendurei o telefone e o contemplei. A Companhia de Ressurreição em Califórnia me tinha feito uma formosa oferta uns meses atrás. Mas realmente não queria me mover à costa oeste, ou a costa do leste em realidade. Eu gosto de St. Louis. Mas Bert ia ter que incomodar-se e contratar mais ajuda. Não podia manter essa atividade. Certamente melhoraria depois de outubro, mas parecia ir de uma emergência a outra todo o ano.

Tinha sido apunhalada, golpeada, recebido um tiro, estrangulada e mordida por um vampiro no espaço de quatro meses. Era um ponto onde ocorrem muitas coisas e que passaram muito juntas umas das outras. Estava cansada de batalhar.

Deixei uma mensagem no secretária eletrônica de meu instrutor de judô. Ia duas vezes por semana às quatro, mas não o faria hoje. Somente três horas da sono não teriam sido muito.

Marquei o número do Prazeres Proibidos. Era um club de strip-tease de vampiros. O Chippendale com caninos.

Jean Claude o possuía e dirigia. A voz do Jean Claude soou sobre o a linha, suave como a seda, a carícia desceu por minha coluna vertebral, embora sabia que era uma gravação. «Há chamado

a Prazeres proibidos. Eu gostaria de fazer sua fantasia mais escura realidade. Deixe uma mensagem, e lhe contatarei». Esperei o bip.

—Jean-Claude, sou Anita Blake. Tenho que verte esta noite. É importante. Me chame com uma hora e lugar. —Dava-lhe meu número de casa, depois vacilei, escutando ao ruído da fita—. Obrigado. —Pendurei, isso era tudo.

Responderia ou não. Provavelmente o faria. A pergunta era queria? Não, não o queria, mas era para o a polícia, por toda aquela pobre gente que morreria, tinha que tentar. Mas para mim, pessoalmente, ir ver ao Amo não era uma boa idéia.

Jean-Claude me tinha marcado já duas vezes. Duas marcas mais e seria sua serva humana. Mencionei que nenhuma marca tinha sido voluntária? Sua serva para o a eternidade. Não me parecia uma boa idéia.

Parecia cobiçar meu corpo também, mas era secundário. Podia ter manejado se todo o que ele quisesse fosse físico, mas queria minha alma depois. Não poderia ter.

Havia tentado evitar-lo durante os dois meses passados. Agora me punha com muito gosto ao seu alcance outra vez. Estúpida. Mas recordei a pele do homem anônimo, suave e mesclado com o grama ainda verde. As marcas de caninos, a pele branca como o papel, a fragilidade de seu corpo nu coberto de orvalho. Haveria mais corpos para ver, a menos que fôssemos rápidos. E rápido significa Jean-Claude.

As visões de vítimas de vampiros bailaram em minha cabeça. E cada um de eles era em parte minha culpa, porque fui uma medrosa para ir ver ao Amo. Se pudesse deter os assassinatos agora, com simplesmente um morto, arriscaria minha alma. A culpabilidade é uma motivação maravilhosa.

4

Nadava em água negra, golpes lisos, fortes. A lua pendurada enorme e brilhante, marcando um caminho de prata no lago. Havia uma franja negra de árvores. Era quase como se escorassem o céu. A água era tão quente, quente como o sangue. Naquele momento sabia por que as águas eram negras. Era sangue. Eu nadava em um lago de sangue fresco, quente.

Despertei imediatamente, ofegando. Inspecionei a escuridão para... O que? Algo tinha acariciado minha perna pouco antes que despertasse. Algo que vivia em sangue e escuridão.

O telefone soou e tive que me tragar um grito. Geralmente não era tão nervosa. Isto era só um pesadelo, caramba. Só um sonho.

Procurei apalpando o aparelho receptor e respondi.

—Sim?

—Anita? —A voz pareceu duvidosa, como se seu fosse desligar

—Quem é?

—Sou Willie, Willie McCoy. —Ao mesmo tempo que dizia o nome, o ritmo da voz me soou familiar. O telefone o parecia distante e com um eco elétrico, mas o reconheci.

—Willie, como está? —logo que perguntei, me arrependi. Willie agora era um vampiro, como poderia um morto estar bem?

—Estou verdadeiramente bem. —Sua voz tinha uma melodia feliz. Agradou-lhe que perguntasse.

Suspirei. A verdade era que eu gostava do Willie. Não se supunha que eu gostasse dos vampiros. Qualquer vampiro, embora lhe tivesse conhecido quando estava vivo.

— O que estiveste fazendo?

—Bem, o que aconteceu?

—Jean-Claude recebeu sua mensagem. Pergunta que tal estaria se encontrassem esta noite no Circo dos Malditos às oito.

— Circo o que? O que faz alí?

—É seu dono agora. Não sabia?

Neguei com a cabeça, e compreendi que não podia vê-lo.

—Não, não o sabia —disse.

—Diz de lhes encontrar em um espetáculo que começa às oito.

— Que espetáculo?

—Disse que saberia qual.

—Bem, não é tão secreto —disse.

—Ouça Anita, só faço o que me dizem. Já sabe como é.

O sabia realmente. Jean-Claude era o dono do Willie, em corpo e alma.

— Esta bem, Willie, não é tua culpa.

—Obrigado, Anita. —Sua voz pareceu alegre, como um cachorrinho que esperava uma patada e em troca fora acariciado.

Por que lhe havia consolado? Por que me preocupava se tinha ferido os sentimentos de um vampiro ou não? Resposta: não pensava nele como um morto. Ainda era Willie McCoy, com sua inclinação pelos trajes com cores fortes, laços que soam, e mãos pequenas, nervosas. Estar morto não lhe tinha trocado tanto. Lamentava que não o tivesse feito.

—Diga ao Jean-Claude que estarei ali.

—Direi. —Esteve em silencio durante um minuto, seu fôlego suave sobre o telefone—. Cuida suas costas esta noite, Anita.

—Sabe de algo que eu deveria saber?

—Não, mas... Não sei.

— O que está acontecendo, Willie?

—Nada, nada. —Sua voz soava alta e assustada.

— É uma armadilha, Willie?

—Não, não, nada assim —quase poderia ver suas pequenas mãos agitar-se no ar —, juro Anita, ninguém tenta te caçar.

Deixei estar. Ninguém que soubesse era tudo o que podia jurar.

— Então do que tem medo, Willie?

—É só que há mais vampiros por aqui que de costume. A alguns deles não importa a quem fazem dano. Isso é tudo.

—Por que há ai mais vampiros, Willie. De onde vieram?

—Não sei e não quero saber, tenho-me que ir, Anita. — Pendurou antes que pudesse lhe perguntar algo mais. Havia verdadeiro medo em sua voz. Medo por mim, ou por ele? Talvez por ambos.

Joguei uma olhada ao relógio da rádio em meu mesinha: 6:35. Tinha que me apressar se queria ir à entrevista. As cobertas estavam quentinhas sobre minhas pernas. Tudo o que realmente queria fazer era me abraçar sob as mesmas, talvez com um pingüim de pelúcia que conhecia. Sim, me esconder me pareceu bem.

Tirei as mantas e caminhei por volta do quarto de banho. Pulsei o interruptor e a luz branca encheu o quarto pequeno. Meu cabelo me sobressaía em todas as direções, uma massa de apertados cachos negros. Isso me ensinaria a não dormir com este molhado. Passei uma escova pelos cachos e se soltaram ligeiramente, convertendo-se em uma massa de ondas. Os cachos se dispararam por toda parte e não havia uma maldita coisa que eu pudesse fazer, exceto lavá-los. Não tinha tempo para isso.

O cabelo negro fazia que minha pele pálida parecesse sepulcral, ou talvez fosse a iluminação do teto. Meus olhos eram marrons, tão escuros que pareciam negros. Dois brilhantes buracos na palidez de minha cara.

O que se deve vestir para encontrar com o amo da cidade? Elegi jeans pretos, um suéter preto com brilhantes desenhos geométricos, tênis preto com azul metálico e uma bolsa esporte azul e preta enganchada ao redor de minha cintura. Coordenar a cor era o melhor.

A Browning entrou na pistoleira de ombro. Pus um carregador de munição suplementaria na bolsa esporte junto com os cartões de crédito, a carteira de motorista, dinheiro e uma pequena escova de cabelo. Coloquei a jaqueta curta de couro que tinha comprado o ano passado. Era a primeira o que tinha usado que não me fazia parecer um gorila. A maioria das jaquetas de couro eram de mangas largas, nunca podia usá-las. A jaqueta era preta, assim Bert não me deixava usá-la para trabalhar.

Só fechei o zíper da jaqueta até a metade, deixando espaço para poder tirar minha arma se necessitava. A cruz de prata se balançou em sua comprida corrente, um peso quente, sólido entre meus peitos. A cruz seria de mais ajuda contra vampiros que a arma, até com balas cobertas da prata.

Vacilei na porta. Não tinha visto o Jean-Claude em meses. Não queria vê-lo agora. Meu sonho voltou. Algo que vivia em sangue e escuridão. Por que o pesadelo? Era Jean-Claude quem interferia em meus sonhos outra vez? Tinha prometido ficar fora deles. Porém sua palavra valeria de algo? Não tinha resposta para isso.

Apaguei as luzes do apartamento e fechei a porta atrás de mim. A empurrei para me assegurar que estava fechada com a chave, e saí, tinha que me dirigir ao Circo dos Malditos. Sem mais desculpas e atrasos. Meu estômago estava tão oprimido que doía. Sim tinha medo, E o que mais? Tinha que ir, o quanto antes o fizesse antes poderia voltar para casa. Só acreditava que Jean-Claude faria as coisas tão simples. Nada era tão simples quando estava oculto. Se descobrisse qualquer coisa a respeito de nos assassinatos esta noite, pagaria por isso, mas não em dinheiro. Ao Jean-Claude parecia sobrar dinheiro. Não, sua moeda era mais dolorosa, mais íntima, mais ensangüentada.

Eu tinha me oferecido a ir vê-lo. Estúpido, Anita, muito estúpido.

5

Havia um grupo de luzes no alto do Circo dos Malditos. As luzes esfaqueavam a noite escura como espadas. Eram multicoloridos que soletravam o nome, pareciam mais vivas com a enorme luz branca formando redemoinhos no alto. Os demoníacos palhaços dançavam ao redor do estandarte em uma congelada pantomima.

Passou pelos enormes signos de tecido que cobriam as paredes. Um quadro mostrou um homem que não tinha pele; veja ao Homem Desprovido de Pele. Uma versão de filme de uma cerimônia vodu cobria outro estandarte. Os zumbis se contorcionavam em tumbas abertas. O estandarte do zumbi tinha trocado da última vez que tinha visitado o Circo. Não sabia se isso era bom ou mau; provavelmente nenhuma. Não dava nem um nada pelo que faziam aqui, exceto... Não era correto ressuscitar aos mortos simplesmente para o entretenimento.

Quem teria levantado os zumbis? Sabia que tinha que ser alguém novo porque tinha ajudado a matar a seu último animador. Tinha sido um assassino em série e quase tinha me matado duas vezes, a segunda vez por o ataque do demônio necrófago, o qual era uma confusa forma de morrer. É obvio, a forma em que morreu também tinha sido confusa, mas não fui eu, claro. Um vampiro tinha feito. Podia-se dizer que aliviei em seu caminho. Uma morte piedosa. Certo.

Fazia muito frio para estar com minha jaqueta média desabotoada. Mas se a fechasse em sua totalidade, nunca chegaria a minha arma a tempo. Congelar-me completamente ou poder me defender. Os palhaços do circo tinham presas. Decidi que não estava tão frio depois de tudo.

Calor e ruído me saudaram na porta. Centenas de corpos pressionados juntos em um espaço fechado. O ruído da multidão se parecia ao oceano, sussurrados e grande, falta de sentido. A multidão é uma coisa elementar. Uma palavra, uma olhada, e uma

multidão se convertem em uma bagunça. Um pouco diferente a ser um grupo.

Havia muitas famílias. Mamãe, papai, os meninos. Os filhos atavam globos a seus pulsos, e algodão de açúcar lubrificado em suas caras e mãos. Cheirava como uma feira ambulante: pipocas de milho, o aroma de canela de bolos, cones de neve, suor. Quão único faltava era o pó. Havia sempre pó no ar em uma feira do verão. O pó seco, sufocante, produzido por centenas de pés. Os carros que conduzem sobre a terra até que estão cinza, talheres do pó.

Não havia nenhum aroma de sujeira no ar, mas havia algo mais singular. O aroma de sangue. Tão fraco que quase penso que o senti, mas estava ali. O aroma de cobre, doce, do sangue, mesclou-se com os aromas da comida que se cozinhava e o agudo aroma de um cone de neve, quem teria que tirar o pó?

Tinha fome e me perseguia o aroma das pipocas de milho. Deveria comer primeiro ou deveria acusar ao amo da cidade de assassinato? Eleições, eleições.

Não conseguia me decidir. Um homem saiu de entre a multidão. Era só um pouco mais alto que eu, com o loiro cabelo encaracolado que lhe caía por diante de seus ombros. Levava posta uma camisa azul oceano com as mangas arregaçadas e mostrando uns antebraços firmes, musculosos. Os jeans não mais apertados que a pele de uma uva e mostravam quadris magros. Levava postas negras botas de vaqueiro com detalhes azuis lavrados nelas. Seus fiéis olhos emparelhavam com sua camisa.

Sorriu, mostrando os pequenos dentes brancos.

—Você é Anita Blake, verdade ?

Não sabia que dizer. Não sempre é boa idéia confessar quem é.

—Jean-Claude me disse que a esperasse. —Sua voz era suave, duvidosa. Havia algo nele, uma petição quase infantil. Além disso, sou uma imbecil por um par de olhos bonitos. Como?

—Como chama? —perguntei. Sempre eu gosto de saber com quem trato.

Seu sorriso se alargou.

—Stephen, meu nome é Stephen. —Tirou sua mão e tomei. Era suave, mas firme, nenhum trabalho manual, mas algum

levantamento de pesos.

Não muito. Bastante para estar firme mas sem explorar. Os homens de meu tamanho não deveriam fazer levantamento de pesos, é sério. Se pode ver bem em desafiador, mas em roupa normal se os tomaria por um disforme miúdo.

—me siga, por favor. —Soou como um garçom, mas quando andou para a multidão, o segui.

Mostrou-me o caminho para uma enorme tenda azul. Parecia uma tenda de circo passada de moda. Só tinha visto uma em quadros ou em filmes.

— É quase a hora! Pressentem suas entradas e passem! Vejam a cobra maior do mundo! Olhem a temível serpente ser submetida a desafios assombrosos pelo encantado de serpentes Shahar. Garantimos que será um espetáculo que nunca esqueceram! — gritava um homem com um rajado casaco.

Havia uma fila de gente que dava suas entradas a uma moça. Ela as rasgava na metade e devolvia as partes.

Stephen andou com segurança ao longo da fila, sem esperar. Conseguimos alguns modestos olhares, mas a moça nos saldou com a cabeça. E entramos.

Os degraus ligavam à cúpula da tenda. Era enorme. Quase todos os assentos estavam nos ocupados. Um espetáculo com entradas esgotadas. Woww.

Havia um sulco azul que formava um círculo no centro. Um circo de uma pista.

Stephen se seguiu por diante das pessoas, uma dúzia aproximada de pessoas a alguns passos. Como estávamos no fundo, era o único modo de passar. Segui ao Stephen pela escada fixa. A tenda podia ter parecido uma tenda de circo, mas os degraus e a escada eram permanentes. Um mi coliseu.

Tenho os joelhos torcidos, o que significa que posso correr em uma superfície plana, mas me ponha sobre uma colina ou escada, e doem.

Chegados a esse ponto, deixo de tentar me manter à altura Stephen, que caminhava deslizando-se. Sem engreno, realmente

olhe o modo em que seu jeans ajustam sua parte traseira. Procurado pistas.

Abri a cremalheira da jaqueta de couro mas não me tire isso. Minha arma estava à vista. O suor se deslizou por minha coluna vertebral, a me derreter.

Stephen jogou uma olhada sobre seu ombro para ver se lhe seguia, ou talvez para me dar ânimo. Dirigiu-me um sorriso que era só lábios que se separam dos dentes, quase um golfinho.

Parei-me no meio, olhando sua ágil forma deslizar-se para cima. Havia uma energia no Stephen, como se o ar fervesse invisivelmente a seu redor. Um metamorfo. Alguns licântropos são melhores que outros ocultando o que são. Stephen não o fazia bem. Ou talvez, não lhe preocupava se sabia. Provavelmente.

A licantropia era uma enfermidade, como o AIDS. Era o prejuízo para desconfiar de alguém em um acidente. A maior parte das pessoas sobrevivem aos ataques para converter-se em um metamorfo. Isto não era uma opção. Então, por que não fez que também eu gostasse de Stephen, agora que o sabia. Prejuízos? Mais?

Esperou no alto da escada, ainda como um quadro, mas a energia do ar estava contida em um espaço muito pequeno, como se seu motor estivesse ventilando, brilhou a seu redor, o que fazia Jean Claude com um metamorfo em sua lista de nomes? Talvez poderia lhe perguntar.

Dava um passo ao lado do Stephen. Deveu ler algo em minha fisionomia.

—Qual é o problema? —perguntou.

Neguei com a cabeça.

—Nada.

Não acredito que me acreditasse. Mas sorriu e me conduziu para uma cabine que estava sobre cristal, com cortinas pesadas no interior ocultando tudo o que havia atrás. Pareceria como todas as cabines de gravação em miniatura.

Stephen foi à porta coberta e a abriu. Segurou-a para mim, me fazendo sinal para que passasse primeiro.

—Não, você primeiro — disse.

—Sou todo um cavaleiro — respondeu.

—Não preciso ou quero que me abram as portas. Sou completamente capaz, obrigado.

— Também feminista.

Sinceramente, não queria ao Stephen as minhas costas. Mas se queria pensar que era uma feminista incondicional, o deixaria aproximar mais à verdade que outras muitas coisas.

Passou pela porta. Joguei uma olhada atrás, à vista. Parecia mais pequena desde aqui. Os músculos dos homens vestidos com brilhantes tangas atiravam de um carro com seus ombros nus. Havia duas coisas no carro: uma cesta enorme tecida e uma mulher de pele morena. Ela a vestida com o traje de uma bailarina, versão de Hollywood. Seu espesso cabelo negro caiu como uma capa, varrendo seus tornozelos. Braços magros, mãos pequenas, escuras, varreram o ar em elegantes curva. Dançou diante do carro. O traje era uma falsificação, mas ela não era.

Sabia dançar, não para seduzir, embora fora isso, mas se para o poder. O baile era ao principio uma invocação a um Deus ou outro; a maior parte das pessoas esquece isso.

A carne de galinha formigou por minhas costas para o pescoço e se arrasto sob meu cabelo. Tremi enquanto estive de pé, ali, e suando com o calor, o que havia na cesta? O apresentador havia dito que era uma cobra gigantesca, mas não havia nenhuma serpente no mundo que necessitasse uma cesta tão grande. Nem sequer a sucuri, a serpente mais pesada do mundo, necessitava uma vasilha de entre 3 m de alto e 6 m de largura.

Algo tocou meu ombro. Saltei girei. Stephen estava de pé quase me tocando, sorrindo.

Tratei de fulminar com o olhar. Pretendo não lhe ter a minhas costas e depois lhe deixo mover-se sigilosamente detrás de mim. Verdadeiramente rápido, Anita, verdadeiramente rápido. Estava zangada porque me tinha assustado. Lógico, mas era melhor estar desgostada que assustada.

—Jean-Claude está lá dentro — disse. Sorriu, mas havia um brilho de risada muito humano em seus olhos azuis.

Franzi o cenho, sabia que era infantil e não me preocupava.

—depois de você, cara peluda.

A risada cessou. Parecia muito sério quando me olhou.

— Como sabe? —Sua voz parecia insegura, frágil. Muitos licântropos se sentem orgulhosos de si mesmos sendo capazes de passar por humanos.

—Foi fácil— disse. Mas não era completamente verdade, queria lhe fazer falar. Infantil, pouco atrativo, honestamente.

De repente, sua cara pareceu muito jovem. Seus olhos se encheram de incerteza e dor.

Merda.

—Olhe, passei muito tempo ao redor de metamorfo. Só tenho o que olhar para saber — Por que queria lhe tranquilizar? Porque sabia o que era ser diferente. O levantamento dos mortos fazia a muita gente me classificar com os monstros. Inclusive há dias nos que estou de acordo com eles.

Todavia me observava, com feridos sentimentos, como uma ferida aberta em seus olhos. Se começasse a gritar, partia-me.

Deu meia volta sem outra palavra e passou pela porta aberta. Contemplei-a durante um minuto. Ouviam-se gritos afogados, os gritos da multidão. Me virei e o vi. Era uma serpente, mas não era só a cobra maior do mundo, era a serpente maior que tinha visto alguma vez. Seu corpo estava dividido em bandas circulares cinza-negras e cinzas. As escamas brilhavam sob as luzes. A cabeça medeia ao menos 50 cm de largura. Nenhuma serpente era tão grande. Estirou o capuz e era do tamanho de uma antena parabólica. A serpente vaiou, estalando uma língua que parecia uma vara negra.

Tive um semestre de herpetologia 3 no colégio. Se a serpente tivesse medido 2.44 m ou menos, a teria chamado cobra egípcia dividida em bandas. Não podia recordar o nome científico nem mesmo para me salvar.

A mulher caiu ao chão ante a serpente. Um sinal de obediência à serpente. A Meu Deus. Senhor Jesus.

A mulher ficou em pé e começou a dançar, e a cobra a olhou, converteu-se em uma flauta viva para que a míope criatura a pudesse seguir. Não queria ver o que aconteceria se o machucasse.

O veneno não teria tempo de matá-la. As presas eram tão malditamente grandes que a atravessariam como uma lança. Morreria do golpe e a perda de sangue muito antes de que o veneno pudesse atuar.

Algo crescia em meio daquele anel. A magia avançou lentamente por minha coluna. Era magia o que mantinha à serpente na caixa. Ou era a magia que a chama? Ou era a serpente em si mesma, seria? seu próprio poder? Não sabia como chamá-lo. Parecia uma cobra, possivelmente a maior do mundo, mas incluso no tinha uma palavra para ela. Deus com pequena "d" o faria, mas não era exato.

Neguei com a cabeça e me parti dando meia volta. Não queria ver a função. Não queria estar ali com sua magia fluindo como um frio suave sobre minha pele. Se a serpente não fosse segura, Jean Claude não a teria.

Estudou dos répteis e anfíbios enjaulados, verdade ? Seguro.

Voltei-lhes as costas ao encantado de serpentes e à cobra maior do mundo. Queria falar com o Jean Claude e tirar o inferno fora daqui.

A porta aberta se cheio de escuridão. Os vampiros não necessitavam luzes. Os licántropos? Não o sabia.

Caramba, tanto por aprender. Desabotoei minha jaqueta de tudo, o melhor para despir-se rápido. Embora sinceramente, se necessitava despir rápido esta noite, é que me encontrava profundamente na merda.

Respirei profundamente e o soltei. Não tinha sentido seguir adiando-o. Passei pela porta em meio da escuridão sem olhar para trás. Não queria ver o que acontecia a pista. A verdade era que, não queria ver o que havia detrás da escuridão. Sabia? Outra opção? Provavelmente não.

6

O espaço parecia um armário com cortinas ao redor. Não havia ninguém na escuridão. Onde tinha ido Stephen? Se fosse um vampiro, teria acreditado que havia desmaterializado, mas os licântropos não desvanecem no ar. Assim tinha que haver uma segunda porta.

Se tivesse construído este quarto, onde poria uma porta interior? Resposta: frente a primeira porta. Apartei as cortinas. A porta estava ali. Elemental, querido Watson.

A porta era de pesada madeira com uma florecente videira incrustada. O trinco era branco com diminutas flores rosadas no centro. Era uma porta terrivelmente feminina. É obvio, não havia nenhuma regra contra os homens que gostam das flores. Nenhuma absolutamente. Isso era um comentário sexista. Esqueci o que tinha pensado.

Não tirei minha arma. Viu não estou completamente paranóica.

Girei o trinco e balancei a porta para dentro. Segui empurrando até que esteve paralela a parede. Ninguém se escondia atrás dela. Bem.

O papel de parede era cinzento com fina prata, dourado e com desenhos de cobre atravessando-o. O efeito era vagamente oriental. O tapete era negro. Não sabia que o tapete vinha em qualquer cor. Uma cama com dossel ocupava a maior parte de um lado da habitação. Diáfanas cortinas negras a cobriam. Isto fazia parecer nebulosa a cama, como um sonho. Havia alguém dormindo entre o amontoamento de mantas negras e lençóis carmesins. Um flanco nu demonstrava que era um homem, mas uma onda de cabelo castanho cobria sua cara como um vel. Parecia ligeiramente irreal, como se esperasse a que as câmaras cinematográficas ficassem a rodar.

Um sofá negro estava contra a longínqua parede, com almofadas vermelhas sangue colocados ao longo. O sofá que fazia jogo estava contra a última parede. Stephen estava enroscado no sofá. Jean-Claude se sentou em uma esquina do mesmo. Levava

postos uns jeans negros metidos em botas de couro até as joelhas. Sua camisa tinha um pescoço alto de renda fixado por um pendente de rubi da tamanho de um polegar. Seu cabelo negro estava o suficientemente comprido para enroscar ao redor do renda.

As mangas estavam soltas e vaporosas, apertadas em as pulsos com cordões, derramando-se por suas mãos até que só se viam as pontas dos dedos.

—Onde consegue suas camisas? —perguntei.

Sorriu.

— Você gosta? — perguntou, as mãos acariciaram seu peito, os dedos detendo-se sobre os mamilos.

Era um convite. Poderia tocar aquele suave tecido branco, e comprovar se a renda era tão suave como se via.

Neguei com a cabeça. Não devia me distrair. Joguei uma olhada ao Jean-Claude. Contemplava-me com aqueles olhos azul meia-noite. Seus pestanas pareciam um negro cordão.

—Deseja-lhe, amo —disse Stephen. Havia risada em sua voz

—Posso cheirar o desejo.

Jean-Claude girou um pouco sua cabeça, contemplando ao Stephen.

—Igual a mim.

As palavras eram inocentes, mas não o sentimento atrás delas. A voz se deslizou ao redor do quarto, baixa e carregada de uma terrível promessa.

—Não quis lhe fazer dano, Mestre, nenhum dano —Stephen pareceu assustado. Não lhe culpei.

Jean-Claude se voltou para mim como se nada tivesse passado. Sua cara ainda era agradavelmente formosa, interessada, divertida.

—Não necessito seu amparo.

—Ah, acredito que sim.

Gire-me e encontrei outro vampiro que estava de pé a minhas costas. O havia ouvido ao abrir a porta.

Sorriu para mim, sem mostrar as presas. Uma brincadeira que os vampiros mais velhos aprendiam. Era alta e magra com pele escura e cabelo comprido de ébano, que se balançava ao redor de sua cintura. Levava postas calças vermelhas de motociclista, de

lycra, que se aderiam apertados, notava-se que não levava posta roupa interior. Sua parte superior era de solta seda vermelha e extravagante, como finas correias que o sustentavam em seu lugar. Parecia a parte superior de um ajustado pijama. As vermelhas sandálias de salto alto e um jogo de corrente de fino ouro com um diamante completavam o traje. A palavra que veio à mente era exótica. Deslizou-se para mim, sorrindo.

—É uma ameaça? —perguntei.

Deteve-se em frente a mim.

—Ainda não —havia indício de alguma outra língua em sua voz. Um pouco mais escuro, com balanço, como sons sibilantes.

—É suficiente —disse Jean-Claude.

A escura senhora girou ao redor, seu cabelo negro como um véu detrás dela.

—Não acredito.

—Yasmeen. —Uma palavra, baixa e escura com uma advertência.

Yasmeen riu, um som áspero como a ruptura do cristal. Deteve-se diretamente a minha frente, bloqueando minha vista do Jean-Claude. Sua mão se alargou para mim, e retrocedi, fora de seu alcance.

Sorriu o suficiente para mostrar suas presas e tratou de me alcançar outra vez. Dava um passo atrás, e subitamente se encontrava em cima de mim, mais rápido do que podia piscar, mais rápido do que podia respirar. Sua mão agarrou meu cabelo, dobrando meu pescoço para trás. As pontas de seus dedos percorreram minha cabeça. Sua outra mão sujeitou meu queixo, seus dedos cavando como grosso metal. Minha cara estava imóvel entre suas mãos, apanhada.

Salvo tirar minha arma e lhe disparar, não havia nada que pudesse fazer. E se sua rapidez era uma pista, nunca sacaria a arma a tempo.

—Vejo por que você gosta. Tão bonita, tão delicada. —Girou pela metade para o Jean-Claude, quase me dando as costas, mas ainda sustentando imóvel minha cabeça.

—Nunca pensei que tomaria a um humano —o fez soar como se eu fosse um cachorrinho perdido.

Yasmeen se voltou para mim. Pressionei minha 9 mm em seu peito. Não importa a que velocidade se mova, fariam-lhe dano se quisesse. Posso sentir que idade tem um vampiro dentro de minha cabeça. Era em parte capacidade natural, e parte prática. Yasmeen era velha, mais velha que Jean-Claude. Apostava que tinha mais de quinhentos. Se tivesse sido nova, a munição de alta tecnologia, a queimarroupa teria triturado o coração. Mas mais de quinhentos é um vampiro mestre, talvez não pudesse matá-la. Ou talvez, sim.

Algo piscou em sua cara; surpresa, e talvez, só um pouco de medo. Seu corpo ainda era uma estátua. Sim respirava, não podia assegurá-lo.

Minha voz pareceu tensa pelo ângulo em que sustentou meu pescoço, mas as palavras estavam claras.

—Muito devagar, tire as mãos de minha cara. Ponha ambas as mãos em cima de sua cabeça e enlace seus dedos.

—Jean-Claude, chama sua humana.

—Faz o que diz, Yasmeen. —Sua voz soava feliz—Quantos vampiros mataste, Anita?

— Dezoito.

Os olhos do Yasmeen se alargaram só um pouco.

—Não te acredito.

— Acredite cadela, apertarei este gatilho e pode despedir-se de seu coração, adeus.

—As balas não podem danificar-me.

—as de prata podem. Tire-se, agora!

A mão do Yasmeen se deslizou longe de meu cabelo e mandíbula.

—Devagar —disse.

Fez o que lhe dizia. manteve-se de pé, em frente a mim, suas mãos com os dedos enlaçados detrás da cabeça. Afastei-me dela, a arma ainda sinalando seu peito.

—Agora o que? —perguntou Yasmeen. Um sorriso ainda curvava seus lábios. Seus olhos escuros eram divertidos. Eu não

gostei que ria, mas se te mete com amos vampiros, deixa passar algumas coisas.

—Pode baixar as mãos —disse.

Yasmeen o fez, mas continuou cravando os olhos em mim como se me houvesse saído uma segunda cabeça.

—Onde a encontrou, Jean Claude? O gatinho tem dentes.

—Diga ao Yasmeen como lhe chamam os vampiros, Anita.

Soou muito como uma ordem, mas não me pareceu o momento de ser uma cadela com ele.

—A executora.

Os olhos do Yasmeen se alargaram, então sorriu mostrando muito as presas.

—Pensei que era mais alta.

—Isso também me decepciona às vezes —disse.

Yasmeen jogou a cabeça para trás e riu, selvagem e frágil, com um bordo de histeria.

—Eu gosto, Jean-Claude. É perigosa, como dormir com um leão.

Deslizou-se para mim. Tinha a arma e lhe aponteí com ela. Isto não a fez deter-se.

—Jean-Claude, lhe diga que lhe darei um tiro se não se afastar.

—Prometo não te fazer dano, Anita. Serei, OH, tão suave —rebolou para mim e não estava segura do que fazer. Brincava comigo sadicamente, mas era mais seguro e menos mortal. Podia dar-lhe um tiro por ser uma dor no traseiro? Não, pensei.

—Posso saborear o calor de seu sangue, o calor de sua pele no ar como um perfume. —Seu passeio, balançando a quadril, a trouxe justo diante de mim. A aponteí com o arma e riu. Pressionou seu peito contra o cano.

—Tão suave, úmido, mas forte —não estava segura de quem falava, dela ou de mim. Nenhuma opção me parecia agradável. Esfregou seus pequenos peitos contra o arma, seus mamilos acariciando o cano.

—Um delicioso bocado, mas perigoso.

A última palavra era um vaio sussurrado que fluiu sobre minha pele como o água geada. Era o primeiro mestre que havia

encontrado alguma vez que tinha alguns dos truques de voz do Jean-Claude.

Podia ver seus mamilos endurecer-se detrás o magro material de sua camisa. Yikes. Aponte com o arma ao chão e me separe dela.

—Jesus, são todos os vampiros maiores de duzentos anos uns pervertidos?

— Sou maior de duzentos — disse Jean-Claude.

—Reafirmo o dito.

Yasmeen gargalhou em sua boca um jorro quente de risada. O som acariciou minha pele como um vento quente. Andou com passo majestoso para mim. Retrocedi até que me topei com a parede. Pôs as mãos a ambos os lados da mesma, perto de meus ombros, e começou a inclinar-se parecendo elevar-se.

—Eu gostaria de prová-la eu mesma.

Empurrei a arma em suas costelas, muito baixo para que se esfregasse contra ela.

—Ninguém põe uma presa em mim —disse.

—Moça resistente. —Apoiou sua cara sobre mim, seus lábios esfregavam minha testa.

—Eu gosto das moças resistentes.

—Jean-Claude, faz algo antes de que uma das duas seja assassinada. Yasmeen se separou por mim, os cotovelos se fecharam, tão longe como podia ficar sem mover suas mãos.

Sua língua deu um pequeno golpe em seus lábios mostrando um indício de presas, mas em sua maior parte umedecendo-os. Reclinou-se sobre mim, nos lábios abertos, mas não por meu pescoço. Definitivamente, por minha boca. Não queria me provar, queria me saborear. Não te podia disparar, não se o que queria era me beijar. Se tivesse sido um homem, não lhe teria disparado.

Seu cabelo caiu sobre minhas mãos, suave como a seda. Sua cara era tudo o que podia ver. Seus olhos eram uma perfeita escuridão. Seus lábios se abateram sobre minha boca. Seu hálito era quente, com um odor de pastilhas de hortelã, mas no fundo havia mais velho a asquerosidade do sangue doce.

—Seu hálito cheira a sangue velho —sussurrei em sua boca.

Vaiou como resposta, nos lábios logo que acariciavam minha boca.

—Sei—os lábios pressionaram os meus, um beijo suave.

Sorriu com nossos lábios ainda tocando-se.

A porta se abriu, quase fixando-se ao a parede. Yasmeen se levantou, mas manteve suas mãos ao redor de meus ombros. Ambas olhamos para a porta. Uma mulher com o cabelo loiro quase branco olhou como um louco ao redor da habitação. Seus olhos azuis se alargaram quando nos viu. Gritou, alto e mudo, cheia de raiva.

—Separe-se dela!

Franzi o cenho ao Yasmeen.

— Se dirige para mim?

—Sim. —Yasmeen parecia divertida.

A mulher não percebeu. Correu para nós, suas mãos estendidas, seus dedos formando garras. Yasmeen a agarrou em um borrão de pura velocidade. A mulher se revolveu e lutou, suas mãos ainda tratavam de alcançar-me.

—Que diabos aconteceu? —perguntei.

—Marguerite é a serva humana de Yasmeen —disse Jean-Claude—, pensa que quer robar-le a Yasmeen.

—Não quero ao Yasmeen.

Yasmeen lançou um olhar de pura cólera. Havia desafiado seus sentimentos? Esperava que sim.

—Marguerite, olha-a é sua, vê ? —A mulher gritou para mim, mudo e gutural. O que podia ter sido uma bonita cara tinha trocado a algo bestial. Nunca tinha visto tal raiva imediata. Era espantoso até com uma arma carregada em minha mão.

Yasmeen teve que levantar a mulher de seus pés, sustentando sua luta no ar.

—Tenho medo Jean-Claude, de que Marguerite não vá estar satisfeita a menos que responda ao desafio.

—Que desafio? —perguntei.

—Desafiou-a ao me reclamar.

—Não o fiz —disse.

Yasmeen sorriu. A serpente lhe devia ter sorrido a Eva desse modo: Agradável, divertido, perigoso.

—Jean-Claude, não vim aqui para este inferno. Não quero a nenhum vampiro, sem mencionar um feminino —disse.

— Se fosse minha serva humana, não haveria nenhum desafio, porque uma vez que alguém está ligado a um vampiro mestre, é uma obrigação inquebrável.

— Então por que está preocupada Marguerite?

—Porque Yasmeen pode tomar como amante. Faz isso de vez em quando para pôr Marguerite ciumenta. Não entendo a razão do Yasmeen, mas desfruta com isso.

—Ah, sim, desfruto realmente disso. —Yasmeen se girou para mim com a mulher ainda abraçada. Estava sustentando facilmente à mulher que lutava, sem nenhuma tensão. É obvio, os vampiros podem levantar o peso de um Toyota. O que era um tamanho humano contra isso?

—Exatamente no que me isso me afeta ? —Jean-Claude sorriu, mas tinha um ar de cansaço.

Estava aborecido, enojado ou só cansado?

—Deve lutar contra Marguerite. Se ganha, Yasmeen é tua. Se perder, Yasmeen é do Marguerite.

—Espera um minuto —disse—. Que classe de luta, pistolas ao amanhecer?

—Nenhuma arma —disse Yasmeen—. Meu Marguerite não é perita em armas. Não quero que se machuque.

—Então deixe de atormentá-la —disse.

Yasmeen sorriu.

—Isso é parte da diversão.

—Cadela sádica —disse.

—Sim, sou-o.

Jesus, a algumas pessoas não lhes podia insultar.

—Então quer que lutemos com as mãos nuas pela Yasmeen?

Não podia acreditar que fizesse essa pergunta.

— Sim, ma petite.

Respirei fundo, olhe minha arma, olhe para trás à mulher que gritava, então embainhe minha arma.

— Há alguma saída para isto, além disso do enfrentamento contra ela?

— Se confessar que é minha serva humana, então não haverá luta. Não haveria necessidade por sua parte. —Jean-Claude me olhava, estudando minha cara. Seus olhos estavam muito quietos.

—Quer dizer que esta era sua tática —disse. As primeiras golpeadas ardentes de cólera sacudiram meu estomago.

—Uma tática, ma petite? Não tinha nem idéia de que Yasmineen lhe encontraria tão atrativa.

—Puro conto!

—Admite que é minha serva humana e todo se termina aqui.

— E se não o fizer?

—Então lutarás contra Marguerite.

—Bem, —disse—. Vou fazer.

— O que custaria-te admitir a verdade, Anita? —perguntou Jean-Claude.

—Não sou sua serva humana. Nunca serei sua serva humana. Desejo que aceite isso e deixe de me ferrar.

Franziu o cenho.

—Ma petite, essa língua.

—Foda-se.

Sorriu então.

— Como quer, ma petite. — sentou-se no bordo da canapé, tailandês pois assim podia ver melhor.

—Yasmineen, quando estiver pronta.

—Esperem —disse. Tirei-me a jaqueta e não estava segura de onde colocaria.

O homem que havia estado dormindo na cama, me deu uma mão de entre a negra gaze.

—Sustentarei-o para você —disse.

Observei-lhe durante um minuto. Estava nu da cintura para acima. Seus braços, estômago e peito mostravam sinais de levantamento de pesos, só o justo, não muito. Tinha um bronzeado perfeito, ou era moreno naturalmente.

O cabelo te caía em uma massa ondulada ao redor dos ombros. Seus olhos eram marrons e muito humanos. Era agradável a vista.

Dei-lhe minha jaqueta. Sorriu, um rápido lampejo de dentes que mostravam em sua cara os últimos sinais de sono. Sentou-se com a jaqueta em uma mão, os braços rodeavam seus joelhos que todavia estavam escondidas sob as mantas negras e vermelhas. Esfregou a bochecha sobre elas e conseguiu parecer encantador.

— Está completamente preparada, ma petite? — A voz do Jean-Claude era divertida, com um indício de risada que não soava a humor absolutamente. Era de brincadeira. Mas se ria de mim ou dele, não sabia.

—Estou preparada, suponho —disse.

—Deixa-a, Yasmeen. Nos deixe ver o que acontece.

—Vinte pelo Marguerite —ouvi ao Stephen dizer.

—Nenhuma aposta. Não posso apostar contra meu próprio servo humano —disse Yasmeen.

—Arrumado 20 que a Sra. Blake vai ganhar. —Isso vinha do homem da cama. Tive um segundo para lhe jogar uma olhada, para lhe ver rir para mim, então veio Marguerite.

Esbofeteou minha cara e a bloqueei com o antebraço. Lutou como uma criança, tudo palmadas e unhas. Mas era rápida, mais rápida que um humano. Talvez o conseguia ao ser uma serva humana, não sei.

Suas unhas arranharam minha cara deixando uma fina linha, dolorosa. Já estava bem, não mais seria a Sra. Agradável.

Mantive-a afastada com uma mão. Cravou seus dentes nela. Acertei com meu punho tão forte como pude, aplicando meu corpo nisso. Era um duro golpe no plexo solar.

Marguerite deixou de morder minha mão e se inclinou, suas mãos cobriram seu estômago. Para esforços para agarrar ar. Bem.

Minha mão esquerda tinha uma impressão sanguenta de seus dentes. Toquei minha bochecha esquerda e notei mais sangue. Maldição doia.

Marguerite se ajoelhou no chão, aprendendo de novo a respirar. Mas me olhava. O olhar em seus olhos azuis dizia que a luta não havia terminado. Logo que recuperasse seu fôlego, começaria outra vez.

—Não se levante, Marguerite, ou lhe farei dano.

Sacudiu sua cabeça.

—Não pode render-se, ma petite, quer o corpo do Yasmeen, não seu coração.

—Não quero seu corpo. Não quero o corpo de ninguém.

—Agora, isso não serve, ma petite —disse Jean-Claude.

—Deixa de me chamar ma petite.

—Leva duas de minhas marcas, Anita. Estas a metade de caminho de ser minha serva humana. Confessa, e ninguém mais tem que sofrer esta noite.

—Sim, bravo —disse.

Marguerite se estava pondo de pé. Não a queria de pé. Movi-me, antes de que pudesse levantar-se e fiz um varrido a seus pés. Forcei seus ombros para trás ao mesmo tempo, e montei a cavalo com ela debaixo.

Apanhei seu braço direito em uma chave conjunta. Tratou de levantar-se. Aumentei a pressão e se deixou cair para trás.

—Deixe de lutar.

—Não. —Era só a segunda coisa coerente que lhe tinha ouvido pronunciar.

—Romperei seu braço.

—Rompa-o, rompa-o! Não me importa. —Sua cara era selvagem, enfurecida. Deus. Não havia nenhum modo de raciocinar com ela. Perfeito.

Usando a chave como alavanca, tombei-a sobre seu estômago, aumentando a pressão até quase a ruptura, mas não completamente. Fraturar o braço não deteria a briga. Queria pará-la.

Usei uma perna e um braço para agüentar a chave, mas me ajoelhei sobre sua parte superior, até que meu peso a manteve imóvel. Tomei um punhado de cabelo loiro e estirei seu pescoço. Liberei seu braço e pus meu braço direito através de seu pescoço, com meu cotovelo diante de seu pomo de adão e o braço apertando as artérias em ambos os lados do pescoço. Coloquei minha mão direita em meu pulso esquerdo e apertei.

Arranhou minha cara, mas escondi os olhos em suas costas, para que não pudesse me alcançar. Fazia pequenos sons, indefesos porque não tinha bastante ar para fazê-los grandes.

Suas mãos arranhavam meu braço direito, mas o suéter era grosso. Fez subir a manga, expondo meu braço nu e começou a triturar a pele com seus unhas. Sepultei minha cara mais profundamente em suas costas e me apertei até que meus braços tremeram e bateram meus dentes. Tudo o que tinha estava naquele braço, pressionando sua garganta.

Suas mãos deixaram de arranhar-me. Golpeavam contra meu braço como agonizantes mariposas.

demora-se muito em levar a alguém à inconsciência. Os filmes o fazem parecer fácil, rápido, limpo. Não é fácil, não é rápido, e seguro como o inferno que não é limpo. Pode sentir o pulso a ambos os lados do pescoço que palpita contra seu braço enquanto aperta a vida. A pessoa luta muito mais que nos filmes. E para afogar a alguém até a morte, melhor agarrar durante muito tempo depois de que deixe de mover-se.

Marguerite se deixou ir devagar, uma parte de seu corpo cada vez. Quando foi um peso morto em meus braços, deixei-lhe ir, lentamente. Encontrava-se imóvel no chão. Não a via respirar. Havia apertado muito tempo?

Toquei seu pescoço e encontrei o pulso forte. Só o justo, não estava morta. Bom.

Levantei-me e voltei andando para a cama.

Yasmeen estava de joelhos ao lado do Marguerite, todavia quieta.

—Meu amor, meu único amor, te fez dano?

—Está inconsciente —disse—, despertará em uns minutos.

— Se a tivesse matado, te teria arrancado a garganta.

Sacudi minha cabeça.

—Não vá começar esta merda outra vez. Tive toda a ostentação que posso agüentar em uma noite.

—Sangra —disse o homem da cama.

O sangue gotejava por meu antebraço direito. Marguerite podia não ter sido capaz de me fazer verdadeiro dano, mas nos arranhões eram bastante profundos, alguns deles até poderiam deixar cicatrizes. Genial, já tinha uma larga cicatriz, fina, na parte traseira de meu braço direito de um punhal. Incluso com nos aranhões, meu

braço direito tinha menos cicatrizes que meu esquerdo. Feridas relacionadas com o trabalho.

O sangue gotejava constantemente do braço, melhor dizendo. Não se aparecia no tapete negro. Uma boa cor se tem planejado sangrar muito em uma habitação.

Yasmeen ajudava ao Marguerite a levantar-se. A mulher se recuperou muito rapidamente. Por que? Porque era um servo humano, é obvio. Claro.

Yasmeen caminhou para o a cama, para mim. Sua encantadora cara se pôs tão pálida que até nos ossos se mostravam. Seus olhos eram brilhantes, quase febris.

—Sangue fresco, e não me aumentei esta noite.

— Controle-se, Yasmeen.

—Não ensinou bons modos a seuua serva, Jean-Claude — disse Yasmeen. Olhava-me com muito pouca amabilidade.

—Deixa-a em paz, Yasmeen. —Jean-Claude estava agora de pé.

—Cada servo deve ser domado, Jean-Claude. Deixaste-a livre muito tempo.

Olhei por cima da ombro do Yasmeen para ele.

—Domar ?

—É uma desafortunada etapa da processo —disse. Sua voz soava neutra, como se falasse da doma de um cavalo.

—Condenado. —Atirei com minha arma. Sustentei-a com as duas mãos em um punho. Ninguém me domaria esta noite.

Pelo canto do olho vi alguém levantar-se ao outro lado da cama. O homem, todavia estava sob as mantas. Era uma delgada mulher, sua pele era da cor de café-com-leite. Seu cabelo negro estava preso atrás de sua cabeça. Estava nua. De onde diabos havia saído?

Yasmeen estava aproximadamente a um metro de mim, sua língua brincava sobre seus lábios, seus caninos reluziam sob a luz

—A matarei, entende, a matarei—disse.

—Tentará.

—Pela diversão e pelo jogos não vale a pena morrer —disse.

—Depois de uns cem anos, isso é tudo pelo que vale a pena morrer.

— Jean-Claude, a menos que queira perdê-la, lhe ordene que detenha o ataque! Minha voz era mais alta do que queria que fora, mas estava assustada.

Com esta variedade de balas, deveria arrancar inteiro seu peito. Se sortisse efeito, não haveria nenhuma ressuscitação para ela como aos não mortos, seu coração se haveria ido. É obvio, tinha mais de quinhentos anos. Um tiro não poderia fazê-lo. Felizmente, tinha mais de uma bala.

Vi o movimento pela extremidade de meu olho. Estava mio virada para alí quando algo me esmagou contra chão. A mulher negra estava em cima de mi. Atire da arma para disparar, não me importava se era humano ou não. Mas sua mão agarrou meus pulsos e começou a apertar. A esmagar meus pulsos. Grunhiu em minha cara, mostrando todos os dentes, um grunhido baixo. O som deveria me haver posto os cabelos de ponta. Não se supunha que as caras humanas olhassem desse modo.

A mulher sacudiu a Browning de minhas mãos como quem agarra um caramelo de um bebê. Sustentou-a de forma incorreta, como se não soubesse onde estava o final da arma.

Um braço agarrou sua cintura e a retirou para trás. Era o homem da cama. A mulher se voltou contra ele, grunhindo.

Yasmeen saltou para mim. Me escapuli para trás, pondo a parede a minhas costas. Sorriu.

—Não é tão valente sem sua arma.

Estava repentinamente ajoelhada diante de mim. Nem sequer a havia visto chegar, um borrão em movimento. Apareceu a meu lado como por arte de magia.

Tinha seu corpo contra meus joelhos, notando à parede. Yasmeen cravou seus dedos na parte superior de meus braços e me sacudiu com força. Sua força era incrível. Para parecer frágil a metamorfa negra.

— Yasmeen, não! — Era Jean-Claude que venha em minha ajuda, por fim. Mas seria muito tarde. Yasmeen encravou os dentes,

levantou seu pescoço para trás, e eu, não podia fazer uma maldita coisa.

Apertou-me contra ela, meus braços fechados com uma chave detrás de minhas costas. Se me tivesse pressionado um pouco mais forte, teria saído pelo outro lado.

Gritei.

— Jean-Claude!

Calor, algo se queimava dentro de meu suéter, sobre meu coração. Yasmeen vacilou. Senti seu estremecimento em todo o corpo. O que diabos acontecia?

Uma língua de chama branca e azul se enroscou entre nós. Gritei e Yasmeen o repetiu. Gritamos juntas quando nos queimamos.

Desapareceu de em cima de mim. A chama branca e azul avançou lentamente sobre sua camisa. As chamas lambiam ao redor de um buraco em meu suéter. Encolhi-me de ombros e me tire o ardente suéter.

Minha cruz todavia se queimava com uma intensa chama branca e azul. Sacudi a corrente e se rompeu. Deixei cair a cruz sobre o carpete, onde as chamas arderam a fogo lento, depois morreram.

Havia uma queimadura cruciforme perfeita em meu peito, justo em cima de meu seio, sobre o pulsado de meu coração.

A queimadura já estava coberta de bolhas. Uma queimadura de segundo grau.

Yasmeen tinha arrancado sua própria blusa. Tinha uma queimadura idêntica, mas mais abaixo, entre seus peitos, porque era mais alta que eu.

Ajoelhei-me no chão, só com meu sutiã e jeans. As lágrimas arrasavam minha cara. Tinha uma cicatriz de queimadura cruciforme maior em meu antebraço esquerdo. Os seguidores humanos de um vampiro me tinham marcado, pensando que era gracioso. Riram-se até o minuto em que os matei.

Uma queimadura é uma merda. Centímetro a centímetro, uma queimadura dói mais que qualquer outra ferida.

Jean-Claude estava de pé, em minha frente. A cruz resplandecia com uma luz candente, sem chama, mas não a tocava.

Tive a satisfação de o encontrar protegendo-os olhos com o braço.

—Guarda-o em seu sítio, ma petite. Ninguém mais lhe danificará esta noite, você o prometo.

— Por que não vai para trás e me deixa decidir o que vou fazer?

Suspirou.

—Fui imprudente por deixar te sair sozinha até agora, Anita. Perdoe-me por minha besteira. —Era difícil tomar a sério a desculpa enquanto se protegia detrás do braço, não atrevendo-se a olhar minha cruz acesa. Mas era uma desculpa. Do Jean-Claude, isso era o bastante.

Recolhi a cruz por sua corrente. Tinha quebrado o broche ao me tirar isso. Necessitaria uma corrente nova antes de que pudesse coloca-la em meu pescoço outra vez. Recolhi o suéter com o a outra mão. Havia um buraco derretido maior que meu punho nele. Justo sobre a área da queimadura. O suéter estava arruinado. Onde esconde-se uma cruz acesa quando não eleva posta uma camisa?

O homem da cama me deu minha jaqueta de couro. Encontrei seus olhos e vi neles preocupação, e um pouco de medo.

Seus olhos marrons estavam muito perto de mim, e muito humanos. Era consolador e não estava segura de porquê.

A coldre de ombro estava tensa ao redor de minha cintura. Encolhi-me de ombros. Sentia-se estranho junto a minha nua pele.

O homem me deu a arma, o extremo primeiro. A metamorfa negra estava de pé ao outro lado da cama, todavia nua, nos fulminando com o a olhar. Não me preocupava como havia conseguido tirar-lhe minha arma. Estava contente só por a ter devolta.

Com o a Browning em sua pistoleira me senti mais segura, embora nunca tivesse tentado levar posta uma pistoleira de ombro sobre o a pele nua. Suspeitei que isso ia irritar me. OH, pois bem, nada é perfeito.

O homem me tendeu um punhado do Kleenex. Os lençóis vermelhos se haviam deslizado para baixo, expondo uma linha nua de seu corpo até aproximadamente o meio músculo. O lençol estava perigosamente perto de cair e mostrar todos seus defeitos.

—Seu braço —disse.

Baixei a vista para meu braço direito. Ainda sangrava um pouco. Doia menos que a queimadura, me havia esquecido dele.

Tomei o Kleenex e me perguntei o que fazia ali. Havia tido sexo com o a mulher nua, a metamorfa? Não a havia visto na cama, Havia estado escondendo-se debaixo da cama?

Limpei meu braço como pude melhor; não queria sangrar muito em minha jaqueta de couro. Pus-me a jaqueta e meti a derretida cruz em meu bolso esquerdo. Uma vez que estivesse escondida, o brilho diminuiria. A única razão pelo a que Yasmeeen e eu nos havíamos queimado, era que a parte superior da suéter havia deixado muita carne descoberta. A carne de vampiro, quando toca uma cruz bendita é sempre muito volátil.

Jean-Claude ficou com o a olhar fixo em meuim, agora que a cruz estava escondida, não havia perigo.

—Sinto muito, ma petite. Não pensei te assustar esta noite — levantou uma mão para mi. A pele era mais pálida que a branca renda que a cobria.

Não fiz caso de sua mão estendida e usei a cama para me ajudar, como suporte.

Baixou sua mão devagar. Seus escuros olhos azuis estavam me olhando, de todos os modos.

—Nunca sorte o efeito que quero contigo, Anita Blake, Por que é assim?

—Talvez deveria agarrar a indireta e me deixar em paz.

Sorriu, um movimento so de lábios.

—Tenho medo que seja muito tarde para isso.

— O que supõe-se que significa?

A porta se abriu de repente, batendo contra a parede. Um homem estava de pé na entrada, nos olhos assustados, o suor impregnava sua cara.

—Jean-Claude... a serpente. —Parecia ter problemas com o a respiração, como se tivesse deslocado todo o tempo até ali.

—O que há com a serpente? —perguntou Jean Claude.

O homem tragou, sua respiração desacelerando.

— Ficou louca.

— O que aconteceu?

O homem negou com a cabeça.

—Não sei. Atacou ao Shahr, sua treinadora. Está morta.

—Está entre a multidão?

—Não mais.

—Teremos que terminar esta discussão mais tarde, ma petite.

Moveu-se para a porta e o resto dos vampiros foram atrás de seus calcanhares. Stephen foi com eles. Estava bem treinado.

A mulher negra deslizou um vestido solto, negro, com flores vermelhas, sobre sua cabeça. Um par de altos saltos vermelhos e estava na porta.

O homem estava fora da cama, nu. Não havia tempo para sentir-se envergonhado. Lutava com umas calças de moletom.

Este não era meu problema, mas e se a cobra se metia entre a multidão? Não era meu problema. Fechei a cremalheira da jaqueta para esconder o fato de que estava nua, mas não tão acima como para que não pudesse tirar a arma.

Saí pela porta aberta, para a brilhante luz da capa, antes de que o anônimo homem se pôs as calças de moletom. Os vampiros e os metamorfos estavam na borda da pista, que se dispersava em um círculo ao redor da serpente. Esta encheu a pequena pista de manchas em branco e negro. As pernas de um homem com um brilhante tanga, desaparecia dentro da garganta da cobra. Era o que tinha salvado à multidão. Demorava tempo em alimentar-se.

Doce Jesus.

As pernas do homem se moveram nervosamente, dando patadas convulsivamente. Não podia estar vivo. Não podia ser. Mas as pernas se moviam freneticamente quando desapareceram. Por favor, Deus, que só seja um reflexo. Não lhe deixe estar vivo. O pensamento era muito pior que qualquer pesadelo que pudesse recordar. E tenho muito material de pesadelos.

O monstro na pista não era meu problema. Não tinha que ser o sangrento herói esta vez. A gente gritava, correndo, com os braços cheios de filhos. Os sacos de pipocas e o algodão doce se esmagaram debaixo dos pés.

Introduzi-me entre a multidão e comecei a me abrir caminho. Uma mulher que levava a um menino caiu a meus pés. Um homem passou por cima deles. Levantei a mulher, levando a bebê de um braço. A gente empurrou diante de nós. Estremecemos-nos tratando de mantemos quietas. Parecíamos uma rocha em meio de um furioso rio.

A mulher me contemplou, com olhos muito grandes para sua cara.

Empurrei ao menino em seus braços e o ninei entre nos assentos. Agarrei nos braços da homem maior próximo, sexista que sou.

—Ajude-os! — disse gritado.

A cara da homem estava assustada, como se eu houvesse falado em outra língua, mas um pouco da pânico desapareceu de sua cara. Tomou o braço da mulher e começou a empurrar procurando um caminho para a saída.

Não podia deixar que a serpente atacasse ao a multidão. Não se podia evitar. Merda. Ia brincar de herói, merda.

Comecei a brigar contra o enjoo ao descer quando todos nos demais subiam. Um cotovelo me golpeou na boca e saboreei o sangue. Quando consegui passar essa desordem, a multidão estava por cima de mim. Meu Deus, esperava que saíssem.

7

Saí da aglomeração como se deixasse de lado uma cortina. Minha pele vibrou com a recordação de apartar e empurrões corpos humanos, mas só me mantive de pé no último passo. A multidão que gritava, estava ainda sobre mim, lutando por sair. Mas aqui, em cima do salão, não havia ninguém. O silêncio se sentia como espessas dobras contra minha cara e mãos. Era difícil respirar no espesso ar. Magia. Mas não sabia se de vampiro ou de cobra.

Stephen, encontrava-se mais perto de mim, sem camisa, magro, e de algum jeito, elegante. Yasmeen tinha uma camisa azul, cobrindo seu torso nu. A camisa seguia até mostrar uma bronzeada extensão de ventre. Marguerite estava de pé ao seu lado. A mulher negra estava de pé ao lado direito do Stephen. Tirou os saltos altos e estava de pé no salão.

Jean-Claude estava de pé no lado oposto do círculo com dois novos vampiros loiros aos lados. Girou e me observou através da distância. Senti o toque mental de sua mão dentro de mim. A garganta me oprimiu; o suor correu por meu corpo. Nada em que no momento teria feito me aproximar dele. Tratava de me dizer algo. Um pouco privado e muito íntimo para dizer com palavras.

Um rouco grito atraiu minha atenção ao centro do salão. Dois homens estavam feridos e sangrando a um lado. A cobra se ergueu sobre eles. Parecia uma torre móvel de músculos e escamas. Assobiou sobre nós. O som era forte, ressonante.

Os homens estão no revisto a sós, paz, Pode... Um deles estava tombado. Estava vivo? Minhas mãos apertaram em punhos até que me doeram os dedos. Estava tão assustada que podia saborear a bÍlis na garganta. Minha pele estava fria. Alguma vez teve esses sonhos onde as serpentes estão em todas partes, tão grossas que não pode andar a menos que seja sobre o Elias? É quase claustrofóbico, o sonho sempre termina comigo estando de pé em meio das árvores com serpentes que se escorrem por meus pés e tudo o que posso fazer é gritar.

Jean-Claude alargou uma magra mão para mim, o encaixe cobriu o tudo, exceto as pontas de seus dedos. Todos outros observavam a serpente. Jean-Claude me observava.

Um dos homens feridos se moveu. Um suave gemido saiu de seus lábios e pareceu rressonar na tenda. Era ilusão ou realmente tinha rressonado o som? Isso não importava. Estava vivo e tínhamos que sair daquele lugar. O que estavam esperando? Olhei fixamente para Jean-Claude, a seus profundos olhos azuis. Sua cara estava completamente pálida, sem de qualquer emoção. Não podia hipnotizar com os olhos. Suas próprias marcas se ocuparam disso, mas os truques mentais, se o tentava, ainda eram possíveis. Ele estava tentando.

Não eram palavras, mas era uma canção. Quis sair. Correr. Sentir o apertão, suave e sólido, de sua mão. A suavidade do encaixe contra minha pele. Apoiei-me contra o corrimão, enjoada. Agarrei para não cair. O que demônios eram estes jogos mentais? Tínhamos outros problemas, verdade. Ele não se preocupava com a serpente? Talvez tudo isso havia sido um truque. Talvez havia dito à cobra que perdesse o controle em um frenesi de violência. Se não, por que?

Cada pêlo de meu corpo se arrepiou, como se algum dedo invisível acabasse de roçá-lo. Tremia e não podia parar.

À parte a vista para um par de botas negras muito agradáveis, altas e suaves. Procurei encontrei os olhos de Jean-Claude. Tinha deixado seu lugar ao redor da cobra para aproximar de mim. Me assustava com o modo que me fez aproximar dele.

—Se una a mim, Anita, e teremos suficiente poder para deter a criatura.

Sacudi a cabeça.

—Não sei sobre o que fala.

Passado as gemas dos dedos por meu braço. Inclusive com a jaqueta de couro podia sentir seu toque como uma linha de gelo, e era de fogo.

—Como pode estar quente e frio ao mesmo tempo? — perguntei.

Sorriu, um leve movimento de lábios.

—Ma Petite, deixa de lutar contra mim e poderemos domar à criatura. Podemos salvar aos homens.

Tinha-me com isso. Um momento de debilidade pessoal pelas vidas de duas pessoas. Que opção.

—Uma vez que te deixe entrar em minha cabeça, será mais fácil entrar numa próxima vez. Minha alma não está disponível em troca da vida de ninguém.

Suspirou.

—Muito bem, é sua eleição. —Começou a afastar-se de mim.

Agarrei seu braço e estava quente, firme e muito, muito real.

Girou-se, os grandes olhos se afogavam nas profundidades como o fundo do oceano, mortais. Seu próprio poder me impediu de cair, eu teria perdido.

Traguei com bastante força para que me doesse e separei minha mão dele. Tive o impulso de limpá-la contra minhas calças, como se houvesse meio que algo mau. Talvez o vice.

— Te farão mau as balas de prata?

Pareceu pensar nisso durante um segundo.

—Não sei.

Respirei fundo.

—Se deixar de tratar de seqüestrar minha mente, ajudarei.

—Você enfrentará melhor com uma arma que comigo? —Sua voz parecia divertida.

—Você conseguiu.

Separo-se por mim e me fez sinal para o meio do salão.

Saltei o corrimão e aterrissei ao seu lado. Ignorei tanto como fui capaz e comecei a caminhar para a criatura. Tirei a Browning. Era agradável e sólida em minha mão. Um peso consolador.

—Os egípcios antigos o adoraram como um Deus, Ma Petite. Era Edjo, a serpente real. Para lhe cuidar, lhe oferecer sacrifícios e lhe adorar.

—Não é um deus, Jean-Claude.

— Como está tão segura?

—Recordo que sou monoteísta. É simplesmente outro monstruoso verme Sobrenatural para mim.

— Como gosta, Ma Petite.

Voltei para ele.

— Como diabo conseguiu passar pela alfândega?

Negou com a cabeça.

— Tem importância?

Joguei uma olhada atrás a essas coisas em metade do salão. A encantadora de serpentes estava em uma poça de sangue a um lado da serpente. Não a havia comido. Era um signo de respeito, afeto, sorte estúpida?

A cobra se arrastou para nós, apertando e afrouxando os anéis do ventre. Fez um som seco, lhe sussurrem, contra o chão do salão.

Tinha razão, não importava como tinha entrado no país. Estava aqui agora.

— Como vamos deter o monstro?

Sorriu abertamente, ensinando as presas.

— Se pudesse inutilizar sua boca, acredito que poderíamos tratar com ela.

O corpo da serpente era mais grosso que um poste telefônico. Sacudi a cabeça.

—Se você o disse?

— Pode fechar essa boca?

Inclinei a cabeça.

— Se as balas de prata trabalham nisso, sim.

—Minha pequena atiradora — disse.

—Pode economizar seu sarcasmo.

Assentiu com a cabeça.

— Se for tentar lhe pegar um tiro, Apressaria, Ma Petite. Uma vez que alcance a água, será muito tarde. —Sua cara era ilegível. Não podia saber se queria que o fizesse, ou não.

Girei e comecei a andar através do salão. A cobra deixou de avançar. Esperou, como uma vibrante torre. Estava de pé, ali, como se algo sem pernas pudesse estar de pé, e me esperava, a língua parecida com uma vara que estalava, provando o ar. Sentindo meu sabor.

De repente, Jean-Claude estava ao meu lado. Não o havia notado se aproximar, não o havia sentido chegar. Outro truque mental. Tinha outras coisas de que me preocupar nesse momento.

Falou, baixo e urgente; acredito que somente eu e você.

—Farei todo o possível para te proteger, Ma Petite.

—Se, estava fazendo um grande trabalho acima no escritório. Deixou de andar. Eu não o fiz.

—Sei que te dá medo, Anita. Seu medo se move por meu ventre, chama-me, suave e débil como o vento.

Sussurrei lhe respondendo, não estava segura se seria capaz de conseguir.

—Permaneça estritamente longe de minha mente.

A cobra me olhou. Segurei a Browning com as duas mãos, apontando à cabeça disso. Calculo que estava a uma distância considerável, mas não estava segura, e que distância é segura para uma serpente maior que um caminhão. Dois ou três estados? Estava bastante perto para ver os aplanados olhos negros da serpente, vazios como os de um boneco.

As palavras do Jean-Claude estalaram em minha mente como pétalas de flor. Até poderia jurar que floresça. Sua voz nunca antes havia levado o aroma do perfume.

—Obriga a ela te seguir e damos as costas antes que dispare.

O pulso em meu pescoço golpeava com tanta força que doía ao respirar. Minha boca estava tão seca que não podia tragar. Comecei a me mover, muito devagar, longe dos vampiros e metamorfos. A cabeça da serpente me seguiu, igual havia seguido à encantadora de serpentes. Se começava a golpear, lhe daria um tiro, mas se movesse comigo, o daria ao Jean-Claude as costas.

É obvio, as balas de prata não podiam lhe fazer dano. De fato, era tão malditamente grande que a munição que eu tinha na Browning não poderia fazer mais que irritá-la. Parecia que tinha apanhado em um desses filmes de monstros, onde o gigantesco monstro de lodo segue aproximando-se sem importar quantos tiros se pegavam. Espero que só seja uma invenção de Hollywood.

Se as balas não lhe faziam dano, a morrer. Recordei a imagem das pernas do homem chutando até desaparecer. O vulto do humano era todavia visível no corpo da serpente, como se ela tivesse se alimentado de um rato realmente grande.

A língua estalou e ofeguei, me tragando um grito. Deus, Anita, te controle. Só é uma serpente. Uma gigantesca serpente cobra que come homens, mas ainda, só uma serpente. Sim, correto.

Cada cabelo de meu corpo estava em pé. O poder que tinha sentido na encantadora de serpentes estava aqui ainda. Não era bastante com que fora venenosa e tivesse dentes bastante grandes para me morder. Tinha que ser mágica, também. Genial, simplesmente genial.

O aroma de flores era mais denso, mais forte e próximo. Não era do Jean-Claude absolutamente. A cobra enchia o ar de perfume. As serpentes não cheiram a flores. Cheiram a morte, e uma vez que sabe como cheiram, nunca o esquece. Nada cheira como elas. O ataúde de um vampiro cheira um pouco melhor que as serpentes.

A cobra girou sua gigantesca cabeça me seguindo.

—Vêem, só um pouco mais longe — eu falava com a serpente.

Que é bastante estúpido, já que são surdas. O aroma de flores era intenso e doce. Caminhei arrastando os pés ao redor do salão e a serpente me seguiu. Talvez era um hábito. Era pequena e tinha o cabelo comprido, escuro, embora não tão longo como a encantadora de serpentes morta. Será que desta vez a besta esperava seguir a alguém?

—Vêem, moça bonita, vêem com mamãe — sussurrei tão baixo que meus lábios apenas se moveram. Só eu, a serpente e minha voz. Não me atrevi a jogar um olhar através do salão ao Jean-Claude. Nada importava, salvo meus pés caminhando sobre a terra, os movimentos da serpente, e a arma em minhas mãos. Parecia uma espécie de baile.

A cobra abriu a boca, sua língua estalava, me dando um sorriso de presas parecidas com uma guiaría. As cobras têm presas fixas, não retrateis como a serpente cascavel. Era agradável saber que recordava algumas coisas de meus estudos de herbologia. Embora apostaria que o doutor Greenburg nunca tinha visto nada como isto.

Tive um terrível impulso de rir nervosamente. Em vez disso, divisei por debaixo de meu braço a boca disso. O perfume de flores era o suficientemente forte para me envolver. Apertei o gatilho.

A cabeça da serpente se sacudiu para trás, o sangue salpicou o chão. Dispare uma e outra vez. As mandíbulas exploraram em partes de carne e osso. A cobra abriu suas destroçadas mandíbulas, vaiando. Acredito que gritava.

Seu corpo de poste telefônico caiu fortemente ao chão, movendo-se daqui para lá. Poderia matar a cobra. Poderia as balas matá-la? Disparei três tiros na cabeça. O corpo se enroscou em um enorme e maravilhoso nó. Os anéis brancos e negros surgiam um sobre o outro, frenéticos, em uma ensangüentada.

Um anel de seu corpo sacudiu meus pernas por debaixo. Coloquei-me de joelhos e apoiado em uma mão, a arma na outra pronta para disparar. Outro anel se enrolou sobre mim. Parecia como ser golpeada por uma baleia. Estava um pouco atordoada debaixo de várias centenas de quilogramas de serpente. Um anel rajado me sujeitou ao chão. A besta se levanto sobre mim, sangue e pálidas gotas de veneno gotejavam de suas destroçadas mandíbulas. Se o veneno me tocava pensei, me mataria. Havia muito.

Apoiei a costas no chão com o a serpente que se retorcia em cima de mim e disparei. Segui apertando o gatilho até que a cabeça me equilibrou.

Algo a golpeou. Algo talhou a pele cravou dentes e garras no pescoço da serpente. Era um homem lobo de peludos braços em forma humana. A cobra me pressionava sob seu peso. Os anéis de seu ventre empurraram a parte superior de meu quase nu corpo como uma gigantesca mão e apertaram. Não para me comer, só para asfixiar até o a morte.

Gritei e disparei ao corpo, a arma fez clic, vazio. Merda!

Jean-Claude apareceu sobre mim. Suas mãos pálidas cobertas de encaixe levantaram o rolo de carne de cima de mim como se não fossem 450 kilos de músculos. Escapuli para trás com as mãos e nos pés. Retrocedi como um caranguejo até que cheguei a borda do salão, então tirei o carregador vazio e peguei um segundo em minha bolsa de esporte. Não me recordava ter disparado treze vezes, mas devia ter feito. Tinha uma nova ronda na câmara e estava à lista para o rock and roll.

Jean-Claude te cravou suas mãos profundamente. Tirou um pedaço da coluna que reluzia com a carne dividindo a serpente.

Yasmeen rasgava a gigantesca serpente como um menino com presentes. Sua cara e corpo estavam cheios de sangue. Tirou um largo pedaço do intestino e deu um nó.

Realmente, nunca tinha visto vampiros usar cada onça de sua força sobre-humana. Sentei-me na borda do salão com a arma carregada e simplesmente observei.

A metamorfo negra estava ainda em forma humana. Tinha conseguido uma faca de algum lugar e trinchava feliz ao ver a serpente.

A cobra moveu a cabeça na terra, enviando ao sujeito homem lobo com o balanceio. A serpente se levantou em duas patas e caiu estrepitosamente sobre o a terra.

Suas destroçadas mandíbulas se afundaram no ombro da mulher negra. Gritou. Uma presa saiu pelas costas de seu vestido, o veneno saiu a jorros, pulverizou-se pelo a terra. Veneno e sangue empaparam as costas de seu vestido.

Avancei com a arma, mas vacilei. A cobra movia a cabeça de um lado a outro, tratando de tirar a mulher, a presa estava profundamente encravado e a boca também estava danificada. A cobra estava machucada, e a mulher também.

Não estava segura de que pudesse acertar a cabeça da serpente sem acertar a ela. A mulher estava gritando, gritando. As mãos estavam impotentes atadas pela serpente. Tinha deixado cair a faca em alguma parte.

Um vampiro loiro agarrou à mulher negra. A serpente se tornou atrás, levantando a mulher em suas mandíbulas, levantando-a como um cão com um brinquedo. Chiou.

O homem lobo saltou ao pescoço da serpente, montando-a como um potro. Não havia agora nenhuma forma de disparar sem atirar em alguém. Merda. Tinha que me manter de pé ali, só olhando.

O homem da cama se encontrava no salão. Ele tinha levado tanto tempo estava de calças de moletom cinza e a jaqueta? A jaqueta estava desabotoada e ondeou quando correu, expondo a

maior parte de seu bronzado assumo. Estava desarmado pelo que podia ver, o que, demônios pensava que poderia fazer? Merda.

Ajoelhou ao lado dos dois homens que tinham estado vivos quando todo o inferno começou. Arrastou um deles para longe da luta. Era uma boa idéia.

Jean-Claude agarrou à mulher. Aferrou a presa que lhe atravessava o ombro e o separou. O som foi intenso como o tiro de um rifle. O ombro da mulher separado de seu corpo, com os ossos e ligamentos. Deu um último chiado e desmaiou. Aproximou-a de mim, pondo-a no chão. Seu braço direito pendurava em fios de músculos. Tinha-a liberado da serpente e tinha estado malditamente perto de levar-se seu braço.

—Ajuda-a, Ma Petite.

Abandonou-a em meus pés, sangrando e inconsciente. Sabia alguma coisa de primeiros socorros, mas Jesus. Não havia nenhuma maneira de pôr um torniquete sobre a ferida. Não podia entalar o braço. Não estava simplesmente quebrado, estava esmigalhado.

Um sopro de vento se filtrou pela tenda. Algo se agitou em meu estomago. Ofeguei e elevei a vista para longe da agonizante garota. Jean-Claude estava de pé, ao lado da serpente. Todos os vampiros lhe rasgavam o corpo, e ainda assim, seguia viva. O vento agitou o encaixe de seu pescoço, as negras ondas de seu cabelo. O vento sussurrou contra minha cara, subindo o coração à garganta. O único som que podia ouvir era os trovões de meu próprio sangue contra meus ouvidos.

Jean-Claude avançou quase brandamente. E senti que algo dentro de mim se movia com ele. Era quase como se sustentara uma corda invisível desde meu coração, pulso, sangue. Meu pulso era tão rápido que não podia respirar, o que acontecia?

Estava ao lado da serpente, as mãos cavavam na carne justo debaixo da boca. Mãos cavando na carne que se retorcia. Minhas mãos que cavavam em osso, rompendo-o. Minhas mãos que se metem quase até o cotovelo. Estava escorregadio, molhado, mas não quente. Nossas mãos empurraram e depois atiraram até que nossos ombros se estiraram com esforço.

A cabeça se rasgou e aterrissou fora do salão. A boca tentava morder o ar vazio, o corpo ainda mexia, mas estava morrendo.

Tinha-me cansado ao sujeito ao lado da mulher ferida. A Browning estava ainda em minha mão, mas isso não me teria ajudado. Podia ouvir outra vez, sentir outra vez. Minhas mãos não estavam cobertas de sangue e vísceras.

Essas tinham sido as mãos do Jean-Claude, não as minhas. Querido Deus, o que em acontecia ? Ainda podia sentir a sangue em as mãos. Era uma memória sensorial incrivelmente poderosa. Deus!

Algo tocou meu ombro. Girei, o arma quase se chocou contra a cara do homem. Era o homem da calça de moletom cinza. Se aproximou do meu lado, as mãos atiradas, seus olhos cravados na arma que havia em minhas mãos.

—Estou de sua parte — disse.

O pulso ainda me esmurrava a garganta. Não confiava em mim mesma para falar, assim simplesmente inclinei a cabeça e deixei de apontar a arma para ele.

Tirou a jaqueta de moletom.

—Talvez podemos parar um pouco o sangue com isto —enrolou a jaqueta e a empurrou contra a ferida.

—Provavelmente esteja em choque — disse. Minha voz soava extra fina, roca.

—Você não parece você mesma.

Tampouco me sentia bem. Jean-Claude tinha entrado em minha mente, meu corpo. Tinha sido como se fôssemos uma mesma pessoa. Comecei a enjoar e não podia parar. Tailandês também estava em Choque.

—Chamei o a polícia e a uma ambulância — disse.

Observei-lhe. Sua cara tinha nas maçãs do rosto muito fortes, altos, a mandíbula quadrada. Mas seus lábios eram mais suaves, lhe dando com ele uma cara muito pormenorizada. Seu ondulado cabelo castanho caiu como uma cortina ao redor de seu rosto. Recordei a outro homem com o cabelo castanho largo. Outro humano que gostava de vampiros. Tinha morrido terrivelmente, não tinha sido capaz de salva-lo.

Avistei ao Marguerite no lado oposto da salão, nos vigiava. Os olhos surpreendidos, nos lábios médio separados, divertia-se. Deus.

O homem lobo se retirou da serpente, o metamórfo parecia uma versão muito elegante de qualquer homem lobo que tinha espreitado alguma vez as ruas de Londres, exceto que estava nu e tinha genitais entre as pernas. Em filmes de homens lobos sempre eram suaves, assexuados, como um pulso Barbie.

A pelugem do homem lobo era de um escuro vermelho. Um homem lobo ruivo. Será? Stephen? Se não o fora, então tinha desaparecido e não acreditei que Jean-Claude o permitisse.

—Todo o mundo quieto — gritou uma voz.

Através do salão vi que eram dois polícias de patrulha com suas armas.

—Jesus Cristo! — sussurrou um de eles.

Guardei minha arma em seu lugar enquanto contemplavam a serpente morta, o corpo ainda se movia nervosamente, mas estava morta, ao corpo de um réptil leva mais tempo saber que está morto que ao resto de nos mamíferos.

Me senti vazia como o ar. Tudo tinha uma calma ligeiramente irreal. Isto não provinha da serpente. Era qualquer outra coisa que Jean-Claude me havia feito. Sacudi a cabeça tratando de desanuviar, pensar. A polícia estava aqui. Tinha coisas que fazer.

Peguei a pequena carteira de identidade de minha bolsa de esporte e o sujeitei ao pescoço de minha jaqueta. Isto me identificava como um membro da Equipe de Investigação Sobrenatural Regional. Era quase tão bom como uma piada.

—Vamos, dirija-se aos policiais antes que comecem a disparar.

—A serpente está morta — disse.

Homem lobo estava rasgando a coisa morta com um focinho bastante perfilado, lhe arrancando talhos de carne a farrapos. Traguei a saliva e apartei a vista.

—Podem pensar que a serpente não é o único monstro no salão.

— OH.

Disse-o muito brandamente, como se o pensamento nunca se te tivesse ocorrido antes, o que diabos estava dizendo com os

monstros?

Andei para o a polícia, sorrindo. Jean-Claude estava de pé ali no meio do caminho, sua camisa branca tão ensangüentada que se aderira a ele como o água, perfilando um duro mamilo contra a teia. O sangue queda, sujando um lado da cara. Os braços estavam vermelhos até nos cotovelos. o vampiro mais jovem, uma mulher, havia salpicado sua cara de sangue da serpente. Estava introduzindo a ensangüentada carne em sua boca e sorvendo-a. Os sons eram de sucção e pareciam mais fortes de o que deveriam ter sido.

—Meu nome é Anita Blake. Trabalho com a Equipe de Investigação Sobrenatural Regional. Tenho ID.

— Quem está com você? —O oficial fez sinal com o a cabeça em direção ao homem. Sua arma todavia apontava vagamente para o salão.

Sussurrei com nos lábios apertados.

— Como se chama?

—Richard Zeeman — disse brandamente.

—Richard Zeeman, só é uma pessoa presente, inocente — disse em voz alta.

Provavelmente era mentira. Como de inocente podia ser um homem que despertava em uma cama rodeada por vampiros e metamorfo?

Mas o oficial assentiu com o a cabeça.

— E o resto?

Joguei uma olhada aonde olhava fixamente. Não se via melhor.

—O gerente e alguns de seu grupo, meteram-se no meio para proteger a multidão.

—Mas não são humanos, verdade ? — disse.

—Não — disse— não são humanos.

—Jesus Cristo, os tipos da central não vão acreditar — disse seu companheiro.

Provavelmente tinha razão. Havia estado aqui e quase não o acreditava. Uma gigantesca cobra que come homens. Jesus Cristo, em efeito.

8

Estava sentada em um pequeno vestíbulo que servia como entrada aos atores à tenda maior. A iluminação era permanentemente débil, como se a algumas das coisas que se moviam por aí não gostassem de muito a luz. Que enorme surpresa!

Não havia nenhuma cadeira e estava um pouco cansada do momento de pé. Fazia uma declaração, primeiro ao oficial, depois ao detetive. Então chegou o RPIT e o interrogatório começou de novo. Dolph me cumprimentou com a cabeça e Zerbrowski me disparou com seu polegar e indicador. Tinha sido a uma hora e quinze minutos. Cansava estar sendo ignorada.

Richard Zeeman e Stephen, o homem lobo, estavam sentados a frente. As mãos do Richard estavam abraçadas ao redor de um joelho. Usava Tênis brancos com um suave azul, e sem meias. Inclusive seus tornozelos estavam bronzeados. Seu espesso cabelo roçava o começo de seus ombros nus. Os olhos estavam fechados. Podia olhar fixamente seu corpo enquanto quisesse. O estômago era plano, com um triângulo de escuro cabelo por cima das calças de moletom. Seu torso era liso, perfeito, sem cabelo, absolutamente. Aprovei.

Stephen estava abraçado no chão, dormido. As contusões apareceram na face esquerda, negro-arroxeadado e vermelho cru de uma contusão realmente má. Seu braço esquerdo estava em uma tipóia, mas tinha rechaçado ir ao hospital. Estava envolto em uma manta cinza que os paramédicos lhe tinham dado. Por isso podia ver, era tudo o que usava. Adivinhei que tinha perdido sua roupa quando se transformou. O homem lobo tinha sido maior do que ele era, e as pernas tinham tido uma forma muito diferente. Assim os justos jeans e as formosas botas de vaqueiro eram história. Talvez por isso a metamorfa negra tinha ido nua. Havia sido isso pelo que também Richard Zeeman estava nu? Era um metamorfo?

Não acreditei. Se fosse, escondia melhor que qualquer um que tivesse encontrado alguma vez. Além disso, se fosse um metamorfo,

por que não se uniu à luta contra a cobra? Fazia uma coisa sensata para um ser humano desarmado; manteve-se afastado do caminho.

Stephen, que tinha começado a noite parecendo delicioso, parecia uma merda. Os largos cachos loiros se pregavam a sua cara molhada pelo suor. Havia escuras manchas sob seus olhos fechados. Sua respiração era rápida e superficial. Seus olhos lutavam sob suas pálpebras cerradas. Sonhava? Tinha pesadelos? Sonhavam os homens lobo com ovelhas transformistas?

Richard ainda parecia delicioso, mas uma cobra gigantesca não lhe tinha estado golpeando contra um chão de concreto.

Abriu os olhos, como se me houvesse sentido lhe observar. Olhou-me fixamente, com seus olhos marrons, vazios. Olhamo-nos o um ao outro sem dizer nada.

Sua cara estava toda cheia de ângulos, maçãs do rosto altas, esculpidas e mandíbula firme. Uma covinha abrandava as linhas da cara e o fazia quase muito perfeito para meu gosto. Nunca me senti cômoda ao redor de homens que são formosos.

Pouco amor próprio, talvez, ou talvez a cara do Jean-Claude, tão encantada me tinha feito apreciar a qualidade muito humana da imperfeição.

—Está bem? — perguntei.

— Quem?

— Stephen.

Jogou uma olhada ao homem adormecido. Stephen fez um pequeno ruído em seu sonho, indefeso, assustado. Definitivamente, um pesadelo.

— Deveria desperta-lo?

— Quer dizer do sonho? — perguntou.

Afirmei com a cabeça. Sorriu.

—É uma boa idéia, mas não despertará durante horas. Poderíamos incendiar o lugar ao seu redor e não se moveria.

— Por que não?

— Realmente quer sabê-lo?

—É obvio, não tenho nada melhor que fazer agora mesmo.

Jogou uma olhada ao silencioso vestíbulo.

—Bom apontamento. —colocou-se para trás, contra a parede, procurando uma posição mais cômoda para seu torso.

— Stephen trocou de homem lobo a humano em um tempo inferior a duas horas. —Disse-o como se aquilo explicasse tudo. Não o explicava.

—E? —perguntei.

—Pelo geral, um metamorfo fica na forma de animal durante oito ou dez horas, depois sofre um colapso e troca a forma humana. Isso consome muita energia de um jovem metamorfo.

Joguei uma olhada para o metamorfo que dormia.

—Então este colapso é normal?

Richard afirmou com a cabeça.

—Estará assim pelo resto da noite.

—Não é um grande método de sobrevivência —disse.

—Muitos homens lobo comem pó depois de sofrer um colapso. Os caçadores humanos os encontram depois de que desmaiam.

—Como sabe tanto de licantropos?

—É meu trabalho —disse—, ensino ciência em uma escola secundária local.

O observei.

—É mestre de ciência de uma escola secundária?

—Sou. —Sorria—. Parece surpreendida.

Sacudi a cabeça.

—O que faz um mestre escolar junto com vampiros e homens lobo?

—Sou afortunado, suponho.

Tive que sorrir.

—Isso não explica como sabe tanto sobre licantropos.

—Tive uma aula no colégio.

Sacudi a cabeça.

—Eu também, mas não sabia nada sobre o colapso dos metamorfo.

—Se graduou em biologia Sobrenatural? —perguntou.

— Sim.

—Eu também.

—Então como sabe mais que eu sobre licantropos? —disse.

Stephen se moveu no sonho, estendendo seu braço bom para fora. A manta se deslizou de seu ombro, expondo o estômago e parte da coxa.

Richard estiro a manta sobre o homem adormecido, lhe cobrindo, como o faria com um menino.

—Stephen e eu somos amigos a muito tempo. É claro que você sabe coisas sobre zumbis que nunca aprendi no colégio.

—Provavelmente —disse— Stephen não é professor verdade ?

—Não —Sorriu, mas não era agradável—, os colégios desaprovam que os licantropos sejam mestres.

—Legalmente não podem lhe deter.

—É certo —disse—, mas queimaram ao último mestre que se atreveu a ensinar a seus preciosos filhos. A licantropia não é contagiosa enquanto se está em forma humana.

—Sei.—disse.

Sacudiu a cabeça.

—Sinto muito, é um tema delicado para mim.

Meu projeto favorito era o dos direitos dos zumbis, por que não deveria Richard ter um projeto favorito? Praticas justas de contrato para os peludos. Funcionou para mim.

—Tem tato, ma petite. Não o teria pensado de ti. —Jean-Claude estava no vestíbulo. Não tinha ouvido que se aproximasse. Mas tinha estado distraída falando com o Richard. Sim, seria por isso.

—Poderia fazer ruído ao caminhar a próxima vez? Ter você movendo sigilosamente a meu redor, me enjoa.

—Não me movia sigilosamente, ma petite. Estava distraída falando com nosso formoso Sr. Zeeman.

Sua voz era agradável, suave como mel e ainda assim havia ameaça nela. Podia-o sentir como frio descendo por minha espinha.

—O que aconteceu Jean Claude? —perguntei.

— O problema? O que estaria mal?— A cólera e alguma amarga diversão fluíram por sua voz.

— Termina, Jean-Claude.

— Qual poderia ser o assunto, ma petite?

—Está enfadado, por que?

—Minha serva humana não conhece meu humor. Vergonhoso. —ajoelhou-se a meu lado. O sangue em sua camisa branca se secou em uma mancha escura que cobria a maior parte da frente da mesma. A renda em suas mangas pareciam enrugadas flores marrons— O seu desejo pelo Richard se deve a que é formoso ou porque é humano?

Sua voz era quase um sussurro, íntimo, como se houvesse dito algo completamente diferente. Jean-Claude sussurrava melhor que qualquer pessoa que conhecia.

—Não o desejo.

—Venha, venha, ma petite. Sem mentiras. —inclinou-se para mim, alargou sua mão de dedos largos para acariciar minha bochecha.

Havia sangue seca em sua mão.

—Tem sangue sob as unhas —disse.

Estremeceu-se, sua mão se converteu em um punho. Ponto para mim.

—Rechaça a cada instante. O que posso fazer contra isso?

—Não sei—disse sinceramente—, sigo esperando que te canse de mim.

— Espero te ter comigo para sempre, ma petite. Não faria a oferta se pensasse que poderia me aborrecer.

—Acredito que me cansaria de ti —disse.

Seus olhos se alargaram um pouco. Acredito que estava realmente surpreso.

—Tenta me enganar.

Me encolhi os ombros.

—Sim, mas ainda assim, é verdade. Estou atraída, mas não te amo. Não temos estimulantes conversações. Não me passo o dia dizendo, devo me lembrar de compartilhar aquela brincadeira com o Jean-Claude, ou lhe dizer sobre o que me passou no trabalho esta noite. Não me preocupa quando me deixa. As únicas coisas que temos em comum são a violência e os mortos. Não acredito que seja muito no que apoiar uma relação.

—Não estamos filosofando esta noite! —Seus olhos azuis meia-noite estavam só a centímetros dos meus. As pestanas pareciam um

cordão negro.

—Só sou honesta.

—Não esperaria menos de ti que honestidade —disse.

— Sei como despreza as mentiras.

Jogou uma olhada ao Richard.

—Igual a você despreza aos monstros.

— Por que está zangado com o Richard?

—Eu? —disse.

—Sabe malditamente bem que está.

—Possivelmente, Anita, sei que há uma coisa que quer e é algo que não posso dar.

— O que quero?

—Que seja humano —disse brandamente.

Sacudi a cabeça.

— Se crê que seu único defeito é ser vampiro, você se equivoca.

— De verdade?

—Sim. É um valentão egoísta e autoritário.

— Um valentão? — Parecia realmente surpreso.

—Me quer, assim não pode acreditar que não te queira. Suas necessidades, seus desejos são mais importantes que o resto.

—É minha serva humana, ma petite. Isso complica nossas vidas.

—Não sou sua serva humana.

—Marquei-te, Anita Blake. É minha serva humana.

—Não —disse. Era um não muito firme, mas meu estômago estava contraído pelo fato de que tinha razão, e nunca estaria livre dele.

Observou-me. Seus olhos eram tão normais como alguma vez foram, escuros, azuis, encantadores.

—Se você não fosse minha serva humana, não poderia ter derrotado à deusa serpente tão facilmente.

—Violou minha mente, Jean-Claude. Não me preocupa porque o fez. Um olhar de repugnância se estendeu por sua cara.

— Escolhe a palavra violação, então sabe que não sou culpado desse delito em particular. Nikolaos te forçou. Ela destroçou sua

mente, ma petite. Se não tivesse levado duas de minhas marcas, teria te destruído.

A cólera borbulhava em meu estomago, estendendo-se por minhas costas e meus braços. Tinha esse horrível impulso de lhe golpear.

—E devido às marcas, pode entrar em minha mente, pode me ter. Disse-me que isso faria os jogos mentais mais difíceis para mim, não mais fáceis. Mentiste também sobre isso?

—Minha necessidade era grande esta noite, Anita. Muitas pessoas teriam morrido se a criatura não tivesse sido detida. Procurei o poder onde podia encontrá-lo.

—De mim.

— Sim, é minha serva humana. Só estando perto de mim aumenta meu poder. Sabe.

O sabia, mas não sabia que podia canalizar o poder através por mim como um amplificador.

— Sei que sou alguma classe de bruxa familiar para você.

— Se me permitisse as duas últimas marcas, seria mais que isso. Seria um matrimônio de carne, sangue e espírito.

—Noto que não disse alma —disse.

Fez um exasperado som com sua garganta.

—É insuportável. —Parecia de verdade zangado.

Bem.

—Não volte a forçar sua entrada em minha mente outra vez.

—Ou o que? As palavras eram um desafio, zangado, aturdido.

Estava de joelhos a seu lado, quase cuspiendo em sua cara, tinha que parar e tomar uns profundos fôlegos para impedir de lhe gritar. Falei muito tranqüilamente, baixo e zangada.

—Se alguma vez me tocar assim outra vez, matarei-te.

—Tentará. —Sua cara pressionava contra a minha. Como se quando inspirasse, me atrairia para ele. Nossos lábios se tocariam. Recordei quão suaves eram seus lábios. Como me sentia ao apertar me contra seu peito. A aspereza de sua queimadura cruciforme sob meus dedos. Sacudi-me com força e me senti quase enjoada.

Isso só tinha sido um beijo, mas a memória daquilo queimava ao longo de meu corpo como cada ruim novela de romance que tinha lido alguma vez.

—Me deixe em paz! —Assobieei em sua cara, formando punhos com as mãos—Te detesto! Detesto!

A porta do escritório se abriu apareceu a cabeça de um oficial.

— Há algum problema aqui fora?

Demo-nos a volta e lhe observamos. Abri a boca para lhe dizer exatamente o que estava mau, mas Jean-Claude falou primeiro.

—Nenhum problema oficial.

Era mentira. Mas qual era a verdade? Que tivesse duas marcas de vampiro em mim e perdesse um pedaço de alma cada vez. Não era algo que realmente quisesse que conhecesse todo mundo. A classe de pessoas que desaprovam às pessoas que tem laços próximos com os monstros.

O oficial nos olhava, esperando. Neguei com a cabeça.

—Não passa nada mau, oficial. Só é tarde. Poderia perguntar ao Sargento Storr se posso ir para casa?

—Qual é seu nome?

—Anita Blake.

— A animadora favorita do Storr?

Suspirei.

—Sim, essa Anita Blake.

—Perguntarei. —O oficial contemplou aos três durante um minuto—. Recordou algo que acrescentar?

Falava-lhe com o Richard.

— Não.

O oficial sinalizou ao Jean-Claude com a cabeça.

—Bem, mantenha-se atento ao se recordar algo que não seja um embotado rugido.

—É obvio. Sempre estou contente de cooperar com a polícia.

Saldou com a cabeça dando obrigado e voltou para o escritório. Ficamos ajoelhados no vestíbulo. O metamorfo ainda estava dormido no chão. Sua respiração fez um tranqüilo ruído que não encheu tanto o silêncio como se esperava. Richard tinha os olhos escuros imóveis contemplando ao Jean-Claude. De repente, era muito

consciente do Jean-Claude e de mim, separados só por uns centímetros. Podia sentir a longitude de seu corpo, o calor contra minha pele. Seus olhos jogaram um olhar a meu corpo. Ainda tinha posto só um sutiã sob a jaqueta desabotoada.

O arrepio apareceu em meus braços e sob meu peito. Meus mamilos se endureceram como se os tivesse roçado. O estômago se contraiu com uma necessidade que não tinha nada que ver com o sangue.

—Para!

—Não faço nada, ma petite. É seu próprio desejo que se desliza por sua pele, não o meu.

Engoli e tive que apartar a vista dele. Está bem, desejava-lhe. Genial, bem, mas não queria dizer nada. De acordo. Situaria-me longe dele, coloquei-me contra a parede, sem lhe olhar quando falei.

—Vim aqui esta noite porque necessito informação, não me esfregar de pé com o amo da cidade.

Richard estava sentado ali, me sustentando o olhar. Não sentia vergonha, só interesse, como se não soubesse completamente que era eu. Não era um olhar pouco amistoso.

—Um favor —disse Jean-Claude.

Não tive que olhar sua cara para ouvir a risada em sua voz.

—Sabe o que quero dizer.

—Nunca ouvi que o chamava de Footsie^{4} antes.

—Deixa de fazer isso.

— O que?

Fulminei-o com o olhar, mas seus olhos brilhavam com a risada. Um lento sorriso tocou seus lábios. Nesse momento parecia muito humano.

— Do que queria falar, ma petite? Deve ser algo muito importante para te aproximar de mim voluntariamente.

Procurei em sua cara mentira ou cólera, ou algo, mas estava tão lisa e agradável como o mármore esculpido. O sorriso, o brilhante humor em seus olhos, parecia uma máscara. Não tinha nenhuma forma de saber o que havia debaixo. Inclusive, não estava segura de que queria sabê-lo.

Respirei fundo e o soltei devagar, pela boca.

—De acordo. Onde estava ontem à noite? —Olhei sua cara, tratando de agarrar qualquer mudança de expressão.

—Aqui —disse.

— Toda a noite?

Sorriu.

— Sim.

— Pode provar?

O sorriso se desmanchou.

—Necessito?

—Talvez —disse.

Sacudiu a cabeça.

—Você acanhada, ma petite. Não faz seu gênero.

Isso por tentar ser ardilosa e tratar de tirar informação ao amo da cidade.

— Está seguro que quer falar em público?

—Quer dizer, Richard ?

— Sim.

—Richard e eu não temos segredos um com o outro, ma petite. Ele é meu humano pela metade, desde que você se recusa a ser.

— O que é esse meio temos?? Pensei que só podia ter a um servo humano de uma vez.

—Então o admite. —Sua voz tinha um ar de triunfo.

—Isto não é um jogo, Jean-Claude. Morreu gente esta noite.

—Me acredite, ma petite, que tomar as últimas marcas e te fazer minha serva em mais que de nome, não é nenhum jogo para mim.

—Houve um assassinato ontem à noite —disse. Talvez, se me concentrasse só no delito, em meu trabalho, poderia evitar os jogos verbais.

—E? —apontou.

— Era uma vítima de vampiro.

—Ah —disse—, minha parte nisto se esclarece.

—Me alegro que o encontre bem —disse.

—Morrer de dentadas de vampiro só é fatal temporalmente, ma petite. Espera até a terceira noite quando a vítima se levante, então lhe pergunte. —O humor se foi de seus olhos— O que não me disse?

—Encontrei ao menos cinco tipos de dentadas diferentes na vítima.

Algo piscou em seus olhos. Não estava segura do que, mas era alguma emoção verdadeira. Surpresa, medo, culpa? Algo.

— Então procura um vampiro mestre fora da lei.

—Sim. Conhece algum?

Riu. Sua cara inteira se iluminou desde o interior, como se alguém tivesse aceso uma vela detrás da sua pele. Por um selvagem momento, foi tão formoso, que me fez doer o peito. Mas não era uma beleza que me fizesse desejar tocar. Recordei a um tigre que havia visto uma vez em um zoológico. Era bastante grande para montar a cavalo, parecido a um pônei. Sua pele era laranja, negra, creme, branco como a casca da ostra branca. Seus olhos eram dourados. Pesadas patas, mais amplas que minha mão estendida marcavam o passo, daqui para lá, daqui para lá, até que fez um caminho na sujeira. Algum gênio havia posto a parede de reclusão tão perto da vala que continha as pessoas, que podia ter esticado o braço e ter tocado ao tigre facilmente. Minhas mãos formavam punhos e os empurrava em meus bolsos para impedir de colocar o braço por aquelas grades e acariciar aquele tigre. Estava tão perto, tão formoso, tão selvagem, tanta... tentação.

Abracei meus joelhos, as mãos entrelaçadas. O tigre me arrancaria a mão, mas ainda ficava aquele pedaço de mim que lamentava não ter metido a mão por as barras.

Olhei a cara do Jean-Claude, senti sua risada como veludo descer por minha espinha. Sempre se perguntaria uma parte de mim o que aconteceria eu acabasse lhe dizendo que sim? Provavelmente. Mas poderia viver com isso.

Me contemplava, a risada morreu de seus olhos, como o último raio de luz que se filtra docéu.

— O que pensa, ma petite.

—Pode deixar de ler minha mente? —perguntei.

—Sabe que não posso.

—Não sei nada sobre ti, Jean-Claude, que não seja sangrento.

—Sabe mais de mim que qualquer um da cidade.

— Yasmeen incluída?

Baixou nos olhos, quase envergonhados.

— Somos muito velhos amigos.

— Quanto de velho?

Encontrou meus olhos, mas sua cara estava vazia, em branco.

—Bastante velho.

—Isso não é uma resposta —disse.

—Não —disse—, é uma evasão.

Assim não a responder minha pergunta. E isso é novo?

— Há algum outro vampiro mestre na cidade a parte de ti?

Malcolm e Yasmeen?

Negou com o a cabeça.

—Não que eu saiba.

Franzi o cenho.

— O que se supõe que significa isso?

—Exatamente o que disse.

—É o amo da cidade. Não supõe-se que o deve saber?

—As coisas estão um pouco instáveis, ma petite

— Explique.

Encolheu os ombros, e até com o a camisa manchada de sangue pareceu elegante.

—Normalmente, como amo da cidade, o resto de vampiros amos menores necessitariam minha permissão para ficar nela, mas — se encolheu de ombros outra vez—há alguns que pensam que não sou o bastante forte para sustenta-la.

—Tem sido desafiado?

—Deixemos simplesmente em que espero ser desafiado.

— Por que? —perguntei.

—Os outros mestres tinham medo do Nikolaos —disse.

—E eles não temem a ti. —Não era uma pergunta.

— Infelizmente, não.

— Por que não?

—Não são tão facilmente impressionáveis como você, ma petite.

Comecei a dizer que não era impressionável, mas não era verdade. Jean-Claude podia cheirar quando eu mentia, assim, para que me incomodar?

—Então, poderia haver outro mestre na cidade sem seu conhecimento.

— Sim.

— Não o sentiria de algum jeito?

—Talvez sim, talvez não.

—Obrigado por esclarecer isso.

Esfregou com os dedos sua frente como se tivesse dor de cabeça. Os vampiros tem dores de cabeça? Não posso assegurar o que não sei.

—O... —procurava uma palavra e não podia encontrar mais— que outros vampiros mundanos podem ser capazes de matar a alguém sem seu permissão?

— Mundanos?

— Só responde ao a maldita pergunta.

—Sim, poderiam.

— Cinco vampiros em grupo sem um vampiro mestre para controlar-los?

Inclinou a cabeça.

—Uma eleição muito agradável dessa palavra, ma petite, e a resposta é não. Somos caçadores solitários, escolhemos essa opção.

Sacudi a cabeça.

—Você, Malcolm, Yasmeen, ou algum misterioso mestre está detrás disto.

—Yasmeen não. Não é tão forte.

—Bem, então você, Malcolm, ou um misterioso mestre.

— Realmente pensa que cruzei a linha? — ria de mim, mas seus olhos mostravam algo mais sério. Importava o que pensasse dele? Esperava que não.

—Não o sei.

— Me enfrentaria, pensando que poderia estar louco? —que indiscreta.

—Se você não gosta da resposta, não deveria fazer a pergunta —disse.

—Muito certo.

A porta do escritório se abriu. Dolph saiu, caderno em mão.

—Pode ir a casa, Anita. Comprovarei amanhã as declarações contigo.

Afirmei.

—Obrigado.

—Né, sei onde vive —sorriu.

Sorri.

—Obrigado, Dolph —me levantei.

Jean-Claude esteve de pé em um suave movimento como se fora uma marionete levantada por invisíveis cordas. Richard se levantou mais devagar, usando a parede como apoio para ficar de pé, como se estivesse rígido. De pé, Richard era mais alto que Jean-Claude em ao menos 7cm. O que fazia ao Richard 16 cm mais alto. Quase muito alto para meu gosto, mas ninguém me perguntava.

—E poderíamos falar com você algo mais, Jean-Claude? —disse Dolph.

—É obvio, detetive. —Caminhou corredor abaixo. Havia rigidez na forma em que se movia. Se machucacam os vampiros? Havia se machucado durante a luta? Isso importava? Não, não, não importava. Em certo modo, o comportamento do Jean-Claude era correto; se houvesse sido humano, até um egotista filho de cadela poderia ter tido possibilidades. Não sou preconceituosa, mas Por Deus! O homem tem que estar ao menos vivo. Cadáveres que andam, não importa como, não são prato de meu gosto.

Dolph sustentou a porta para o Jean-Claude, olhou atrás para nós.

—Também você é livre de ir-se, Sr. Zeeman.

— E meu amigo Stephen?

Dolph jogou uma olhada ao adormecido metamorfo.

—Leve-o para a casa. Deixe dormir. Manhã falarei com ele. — Jogou uma olhada a seu relógio de pulso—Farei isso hoje, mais tarde.

—O direi ao Stephen quando despertar.

Dolph assentiu com a cabeça e fechou a porta. Estávamos sozinhos no vibrante silêncio do vestíbulo. É obvio, talvez isto era só meu próprio zumbido nos ouvidos.

— Agora o que? —disse Richard.

—Nos vamos casa —disse.
— Rashida dirigia.
Franzi o cenho.
— Quem?
— O outro metamorfo, a mulher cujo braço está quebrado.
Inclinei a cabeça.
—Pgue o carro do Stephen.
—Rashida nos trouxe os dois.
Sacudi a cabeça.
—Então está sem saída.
—Visto desse modo.
—Poderia chamar um táxi —disse.
—Não tenho dinheiro. —quase sorriu.
—Bem, te levarei a casa.
— E Stephen?
—E ao Stephen —disse. Sorria e não sabia por que, mas era melhor que chorar.
—Não sabe onde vivo. Podia ser a Cidade de Kansas.
— Se for um passeio de dez horas, o procura você mesmo — disse —. Mas se for razoável, te levarei.
— É razavel ao a altura do Meramec?
— Seguro.
—Me deixe pegar o resto de minha roupa —disse.
—Parece vestido de marca para mim —disse.
—Tenho um casaco por aqui em algum lugar.
—Esperarei aqui —disse.
— Cuirdará do Stephen? —Um pouco parecido ao medo cruzou sua cara e chegou a seus olhos.
— Do que tem medo? —perguntei.
—Aeroplanos, armas, grandes depredadores e vampiros mestres.
—Estou de acordo com dois de quatro —disse.
—Irei procurar meu casaco.
Deslizei-me para baixo para me sentar ao iado da adormecido homem iobo.
— Esperaremos.

—Então irei depressa —sorriu quando o disse. Tinha um sorriso muito agradável.

Richard voltou levando posto um largo abrigo negro. Parecia couro verdadeiro. Ondulando como uma capa ao redor de seu peito nu. Eu gostei do modo em que o couro o emoldurava. Abotoou o abrigo e atou apertado o cinturão de couro. O couro negro ia bem com o cabelo comprido e sua formosa cara; as calças de treinar cinzas e os tênis não o faziam.

Ajoelhou-se e recolheu ao Stephen nos braços, depois se levantou. O couro rangeu sobre seus braços estirados.

Stephen era de minha altura e provavelmente não pesava 9 kilos mais que eu. Richard o levou como se não pesasse nada.

— Vovózinha, que braços tem!

— Com esta cara? o melhor para se sujeitar—manteve a olhar fixamente.

Senti o calor subir sigilosamente até minha cara. Não tinha pensado paquerar, não de propósito.

—Quer uma carona, ou não? —Minha voz soou áspera, zangada pelo a vergonha.

—Quero uma carona —disse cautelosamente.

—Então deixe o sarcasmo.

—Não era sarcástico.

Olhei-lhe. Seus olhos eram completamente marrons, como o chocolate. Não sabia o que dizer, assim é que não disse nada. Uma tática que deveria usar provavelmente mais freqüentemente.

Girei e me afastei, tirando as chaves do carro enquanto caminhava. Richard me seguiu. Stephen soprou contra seu peito, aproximando-se de manta em sonhos.

—Seu carro está muito longe?

—Umas quadras por que?

—Stephen não está vestido para o frio.

Olhei-lhe com o cenho franzido.

— Quer que conduza o carro até aqui e lhe recolha?

—Séria muito agradável —disse.

Abri a boca para dizer não, depois a fechei. A fina manta não era de muito amparo, e algumas das feridas do Stephen eram por

salvar minha vida. Podia conduzir o carro até aqui.

Satisfiz-me com queixa por baixo.

—Não posso acreditar virei um táxi a domicilio para um homem lobo. Richard não me ouviu ou decidiu não fazer caso disso. Professor de ciências alto, elegante, preparado, formoso, com um graduado em biologia sobrenatural, o que mais poderia pedir? Me dê um minuto e já pensaria em algo.

9

O carro andou em seu próprio feixe de luz na escuridão. Os faróis eram um círculo móvel de luz. A noite de outubro se fechou depois do carro como uma porta.

Stephen estava dormido no assento de atrás de minha Nova. Richard se sentou no assento de passageiros, meio inclinado em seu cinto de segurança para me olhar. Era um olhar cortês a alguém quando se dirige a ti. Mas senti estar em desvantagem porque tinha que olhar para a estrada. Tudo o que ele tinha que fazer era contemplar me.

— O que faz em seu tempo livre? —perguntou Richard.

Neguei com a cabeça.

—Não tenho tempo livre.

—Não acredito que tenha tão pouco.

—Deve fazer algo além de lhe pegar tiros na cabeça a grandes serpentes —disse.

Sorri e lhe joguei uma olhada, inclinou-se para mim tanto como o cinto de segurança lhe permitia. Estava sorrindo também, mas havia algo em seus olhos, ou em sua postura, que me disse que era a sério. Estava interessado no que dizia.

—Sou uma ressuscitadora — disse.

Cruzou seus braços, movendo o cotovelo apoiado ao dorso do assento.

—Bem, quando não levanta os mortos, o que faz?

—Trabalho em delitos Sobrenaturais com a polícia, sobre tudo assassinatos.

—E ? —disse.

—E executo a vampiros dementes.

—E?

—E nada — disse. Joguei-lhe uma olhada outra vez. Na escuridão não podia ver seus olhos, sua cor era muito escura, mas podia sentir seu fixo olhar. Provavelmente era minha imaginação. Sim. Tinha estado muito tempo com Jean-Claude. O aroma do casaco de couro do Richard se mesclou com um débil aroma de sua

colônia. Algo caro e doce, estava perfeitamente com o aroma de couro.

—Trabalho. Treino. Saio com amigos. —Encolhi-me de ombros.
— O que faz quando não dá aulas?

—Mergulho com tanques de oxigênio, biología, contemplo as aves, horticultura, astronomia. —Seu sorriso era uma débil brancura na próxima escuridão.

—Deve ter muito mais tempo livre que eu.

—Em realidade, o professor sempre tem mais tarefas que nos estudantes —disse.

—Lamento ouvir isso, encolheu-se de ombros, o couro rangeu e se deslizou sobre seu acento, o couro bom sempre se movia como se todavia estivesse vivo.

— Assisti TV? —perguntou.

—Minha televisão se quebro faz dois anos e nunca a troquei.

—Deve fazer algo para divertir-se.

Pensei em algo.

—Coleciono pingüins de brinquedo.Pensei e lamentei em dizer.
Sorriu-me abertamente.

—Agora estamos chegando a algum lugar. A executora coleciona pingüins de pelúcia. Eu gosto disso.

—Que alegria. —Minha voz me pareceu grossa até para mim.

— Qual é o problema? —disse.

—Não sou muito boa com o a bate-papo —disse.

—Estava expressando bem.

Não, não expressava bem, mas não estava segura de como explicar-lhe. Eu não gostava de falar de meu íntimo. Sobre tudo a íntimos laços com Jean Claude.

— O quer de mim? —disse.

—Só passar o tempo.

—Não, não acredito — Seu cabelo até nos ombros se cansado em torno de sua cara. Era mais alto, mais grosso, mas o contorno me era familiar, parecia com o Philip no escuro sombreado. Phillip era o único outro ser humano que eu tinha visto alguma vez com os monstros.

Phillip se encurvava em nas cadeias. O sangue se verteu em uma brilhante inundação vermelha sob seu peito. Salpicou o seio, como nuvem. A luz da tocha brilhou no osso molhado de sua coluna vertebral. Alguém tinha arrancado a garganta. Cambaleei-me contra a parede como se houvessem me golpeado. Não podia conseguir bastante ar. Alguém seguia sussurrando, Ah, Meu deus, ah, Meu deus, repetidas vezes, e era eu. Deslizei-me com o a costa pressionada contra a parede. Não podia apartar nos olhos dele. Não podia deixar de olhar. Não podia respirar. Não podia gritar.

A luz da tocha alcançou seus olhos, criando uma ilusão de movimento. Um grito se formo em meu estomago e se derramou pelo a garganta.

— Phi11ip!

Algo frio se deslizou por minha costa. Estava sentada em meu carro com o fantasma de minha culpa. Não tinha culpa de que Phillip morrera. Certamente não o matei, mas... mas ainda me sentia culpada. Alguém deveria tê-lo salvado, e já que era eu que tinha alguma possibilidade de fazê-lo, deveria ter sido eu. A culpabilidade é algo grandioso.

— O quer de mim, Richard? —perguntei.

—Não quero nada — respondeu.

—As mentiras são coisas feias, Richard.

— O que faz pensar que minto?

—Instinto sutilmente afiado — disse.

— Quanto tempo aconteceu desde que manteve uma conversação educada com um homem?

Comecei a me girar, mas decidi que não. Para muito tempo.

—A última pessoa que paquerou comigo foi assassinada. Isto faz a uma garota ser um pouco cautelosa.

Esteve tranqüilo durante um minuto.

—Bastante, mas ainda quero saber mais.

— Por o que?

— Por que não?

Tinha-me nesse ponto.

— Como sei que Jean-Claude não lhe disse que se fizesse meu amigo?

— Por que faria isso?
Encolhi-me de ombros.
—Bem, começemos muito pouco. Finja que nos encontramos no ginásio.
— Ginásio ? — disse.
Sorriu.
—Ginásio. Pensei que se veria bem em malhas.
—Moletom — disse.
Sacudiu a cabeça.
—Estava Mona em moletom.
—Eu gosto de parecer grande, melhor.
— Se consigo imaginar em roupa justa, pode parecer grande; o suor só lhes faz bonitos.
— O suficiente.
—Temos uma agradável conversação e a convido a sair.
Tive que olhá-lo.
— Está me convidando para sair?
— Sim.
Sacudi a cabeça e voltei para a estrada.
—Não acredito que isso seja uma boa idéia.
— Por que não? —perguntou.
—Já disse.
— Só porque uma pessoa foi assassinada com você não significa que todos vão ser .
Agarrei o volante com tanta força para ficar com dor nas mãos.
—Tinha oito anos quando minha mãe morreu. Meu pai voltou a casar-se quando tinha dez — sacudi a cabeça — a gente parte e não volta.
—Parece assustada — sua voz era suave e baixa.
Não sabia por que tinha feito isso. Normalmente não falava de minha mãe com desconhecidos, ou com qualquer outro a respeito.
—Assustada — disse sinceramente — poderia dizer assim.
—Se não deixar ninguém se aproximar alguma vez, não é verdade isso?
—Também há muitos homens eventuais dentro de vinte e um a trinta — disse.

Sorriu abertamente.

—Direi algo a você. As mulheres bonitas, inteligentes e independentes, não são muito interessantes como você.

—Pare com os galanteios ou conseguirá me deixar com vergonha.

—Não me parece alguém que se envergonhe facilmente.

Uma imagem cintilou em minha mente. Richard Zeeman nu ao lado da cama, lutando com suas calças de treinar. O qual não me envergonhou nesse momento. Só agora, com ele tão ardente e próximo no carro, pensei nisso. Um rubor de excitação ascendeu sigilosamente por minha cara. Me envergonhei na escuridão e me alegrei de que não pudesse ver. Não queria que soubesse que me imaginava sem sua roupa. Pelo geral, não é algo que faço normalmente. É obvio, normalmente não vejo um homem nu sem ter tido antes uma entrevista. Pensando nisso, nem vejo homens nus nas entrevistas.

—Estamos no ginásio, bebendo um suco de fruta e a convido para sair.

Fique com o olhar fixo no caminho. Seguia vendo a linha suave de sua coxa e coisas que estavam mais abaixo. Era embaraçoso, mas por mais que tentava não pensar nisso, mais nítida aparecia a imagem.

— Cinema e jantar? — disse.

—Não — disse— Algo único. Trilha.

—Quer dizer, caminhar, me arrastando por uma cova em um primeiro encontro?

— Já fez trilha alguma vez?

—Uma vez.

— Gostou disso?

—Estava avançando sigilosamente para capturar algo não muito bom. Não pensei muito em desfrutar disso.

—Então tem que lhe dar outra oportunidade. Faça trilha ao menos duas vezes ao mês. Terá que levar algumas roupas mais velhas porque um realmente se suja e ninguém lhe diz que não para barro.

—Barro? —disse.

- Muita sujeira para você?
- Era ajudante de laboratório no colégio, nada é muito sujo para mim.
- Pelo menos pode dizer que consegue usar sua experiência no trabalho. —Eu vou.
- Certo.
- Uso minha experiência também, mas me ocupei da educação de nós meninos.
- Gosta de dar aulas?
- Muitíssimo. —Aquelas duas palavras encerravam um calor e um entusiasmo que não ouvia com freqüência quando a gente ouvia de seu trabalho.
- Também gosto do meu trabalho.
- Incluindo quando tem que enfrentar vampiros e zumbis? Afirmei com o a cabeça.
- Sim.
- Sentamo-nos na gradeia e acabo de te convidar para sair, o que diz?
- Deveria dizer não.
- Por que?
- Não te conheço.
- Parece desconfiar.
- Sempre — disse.
- Não arriscar-se nunca é dizer que é fracasso, Anita.
- Não ter uma conversa é uma precaução, não um fracasso — sentia uma pequena pontada defensiva.
- Diga que irá fazer trilha este fim de semana.

A Jaqueta de couro se moveu e enrugou quando tratou de se aproximar tanto quanto o cinto de segurança permitia. Poderia ter estendido a mão e me fazer meio doida. Uma parte de mim o desejou, que fosse um tipo embaraçoso.

Comecei a dizer que não, depois compreendi que queria dizer sim. Que era estúpido. Mas desfrutava de sentada na escuridão com o cheiro de couro e colônia. Eu gostava de Richard. Acendi a luz. Tinha passado muito tempo desde que tinha gostado de alguém.

Jean-Claude não contava. Não estava segura do por que, mas não o fazia. Estar morto podia ter algo a ver com isso.

—De acordo, irei na trilha. Quando e onde?

—Genial. Ficamos esperando na frente de minha casa, às dez da manhã no sábado.

— Dez da manhã? —disse.

— Não acorda cedo? —perguntou.

—Não em particular.

—Temos que começar cedo ou não chegaremos ao final da trilha em um dia.

— O que visto?

—Sua roupa mais velha. Colocarei um desses jalecos de trabalho sobre os jeans.

—Tenho jalecos de trabalho.

Não mencionei que usava meus jalecos de trabalho para evitar o sangue em minha roupa. O barro parecia muito mais amigável.

— Genial. Trarei o resto da equipe que necessita.

— O que mais preciso?

—Um calçado, uma lanterna, talvez joelheiras.

—Sonha divertido para ser o primeiro encontro —disse.

—Será sim —disse. Sua voz era suave baixa, e de algum jeito, mais privada que estar sentada só no carro. Não era a mágica voz do Jean-Claude, mas então o que era?

—Vire aqui à direita —disse, sinalando uma rua lateral—. Terceira casa à direita.

Freei, me detendo na casa. A casa estava pela metade construída e de uma pálida cor. Era difícil distingui-lo na escuridão. Não havia nenhuma luz para me ajudar a ver. Alguém se esquece de quão escura pode ser à noite sem eletricidade.

Richard desabotoou o cinto de segurança e abriu a porta.

—Obrigado pelo passeio.

— Precisa de ajuda para lhe colocar para dentro? —minha mão estava na chave quando o perguntei.

—Não, conseguirei. Obrigado, entretanto.

—De nada.

Me observou.

— Disse algo mal?

—Não —disse.

Sorriu, um brilho rápido na escuridão.

—Bem.

Abriu a porta de atrás e saiu do carro, inclinou-se e tomou Stephen nos braços, sustentando a manta perto e caminhando para a casa. Levantou-o com as pernas mais que com suas costas; o levantamento de pesos lhe isso ensina. Um corpo humano é muito mais difícil de levantar que os pesos. Um corpo não é simétrico como uma barra de pesos.

Richard fechou a porta do carro com suas costas. A porta traseira fez clique ao fechá-la, desabotoei meu cinto de segurança, então poderia fechar com chave as portas. Richard me olhava pela porta lateral de passageiros ainda aberta. Sua voz me chegou sobre o ruído do motor do carro.

— Bloqueando ao coco?

—Nunca se sabe —disse.

Inclinou a cabeça.

— Sim.

Há algo a respeito em que uma palavra seja amarga, perde a triste inocência. Era bonito falar com outra pessoa que entendia. Dolph e Zerbrowski compreendiam a violência e a cercania da morte, mas não compreendiam aos monstros.

Fechei a porta e me sentei depois do volante. Coloquei o cinto de segurança e coloquei o carro para andar. Os faróis cintilaram sobre o Richard, o cabelo do Stephen era como um chapinho amarelo em seus braços. Richard ainda me observava. Abandonei-lhe na escuridão diante de sua casa com o canto dos grilos de outono como único som.

Me detive diante de meu edifício passadas 2:00 da madrugada. Tinha planejado estar na cama muito antes. A nova queimadura cruciforme era um novo ardor, doía como ácido. Doía-me todo o peito. Minhas costelas e estômago eram uma chaga, tensa. Acendi a luz interior do carro e desabotoei a jaqueta de couro. As ligeiras contusões floresciam amarelas através de minha pele. Durante um minuto não podia recordar como me tinha machucado; então recordei o esmagante peso da serpente que lentamente avançava para mim. Jesus. Era afortunada de que só fossem contusões e não costelas quebradas.

Apaguei a luz e fechei o zíper da jaqueta. Os suspensórios irritavam minha pele nua, mas a queimadura doía tanto que as contusões e a irritação pareciam um bonito cerzido. Uma boa queimadura tirava da mente todo o resto.

A luz tão freqüentemente utilizada sobre as escadas estava apagada. Não era a primeira vez. Teria que chamar o escritório quando abrisse pela manhã e informar sobre isso. Se não avisasse, não se arrumaria.

Andei três passos antes de que visse o homem. Sentava-se no começo da escada, me esperando. Cabelo loiro curto, pálido na escuridão. As mãos colocadas em cima dos joelhos, mostrava as palmas para demonstrar que não levava arma. Estava bem que não tivesse uma arma nas mãos. Edward sempre tinha uma arma a menos que alguém a tivesse tirado.

Pensando-o bem, eu também.

—Faz muito tempo que não te vejo, Edward.

—Três meses —disse—, o suficiente para que meu braço quebrado se curar completamente.

Afirmei com a cabeça.

—Tirei os pontos faz aproximadamente dois meses.

Sentou-se nos degraus que havia justo debaixo de mim.

— O que quer, Edward?

— Não pode ser uma visita social? — ria de mim, silenciosamente.

—São as duas da manhã, melhor que não seja uma visita social..

— Seria melhor comercial? —sua voz era suave, mas tranqüila. Neguei com a cabeça.

—Não, não.

Nunca pretenderia ter um negócio com o Edward. Especializava-se em matanças de licantropos, vampiros, algo que estava acostumado a ser humano e que já não o era. Aborreceu-se de matar pessoas. Muito fácil.

— É um negócio?

Minha voz era estavel, sem temor. Bem por mim. Podia agarrar a Browning, mas se alguma vez as usássemos um contra o outro de verdade, me mataria. Ser amigo do Edward era parecido a ser amigo de um leopardo domesticado. Podia-se domesticar ao animal e o apreciar, mas no fundo, se alguma vez estivesse o bastante faminto, ou o bastante zangado, te mataria. Te mataria e comeria a carne de seus ossos.

— Só informação esta noite, Anita, nenhum problema.

—Que classe de informação? —perguntei.

Sorriu outra vez. Oh, o amistoso Edward. De acordo.

— Podemos entrar e falar disto? Se congela um aqui fora.

—A última vez que estive na cidade não parecia necessitar convite para entrar em meu piso.

—Tem uma nova fechadura.

Sorri abertamente.

—Não podia força-la, verdade ? —estava realmente contente.

Encolheu os ombros, talvez era pela escuridão, mas se não fosse o Edward, diria que estava envergonhado.

—O chaveiro me disse que era alarme anti-roubo —disse.

—Não trago comigo minha gazua —disse.

—Vamos, farei café.

Rodeei-lhe. Se levantou e me seguiu. Voltei-lhe as costas sem preocupação. Edward me poderia pegar um tiro um dia, mas não o faria pelas costas depois de me dizer que só queria falar. Edward não

era honrável, mas tinha regras. Se planejassem me matar, teria comentado. Haveria me dito quanto te pagavam por me matar. Observando como o medo aparecia em meus olhos.

Sim, Edward tinha regras. Só que tinha menos que a maioria das pessoas. Mas nunca rompia suas regras, nunca traia seu próprio sentido enviesado da honra. Se dizia que estava segura esta noite, era o que queria dizer. Teria sido agradável se Jean-Claude tivesse tido regras.

O vestibulo era o intermédio da noite e o intermédio da semana, tinha a tranqüilidade da manhã. Meus vizinhos com vida diurna estavam todos dormindo em suas camas sem preocupações. Abri as novas fechaduras de minha porta e acompanhei ao Edward.

—Esta é sua nova forma de vestir-se verdade? —perguntou.

—O que?

—O que te aconteceu a sua camisa

—Ah —a de nos lembranças agradáveis, essa sou eu. Não sabia que dizer, ou melhor dizendo, quanto dizer.

—Estiveste jogando com vampiros outra vez —disse.

—O que te faz pensar isso? —perguntei.

—A queimadura cruciforme seu, ahm, peito.

—Ah, isso. Bem.

Desabotoei a jaqueta e a dobrei sobre o encosto do sofá. Estando ali de pé, em sutiã e com o a pistoleira ao ombro, encontrei seus olhos sem me ruborizar. Ponto de garota exploradora para mim. Desfiz o cinturão e me tirei a pistoleira da ombro, depois a levei a cozinha comigo. Pus a arma, todavia em seu pistoleira, na bancada, e peguei os grãos de café do congelador, usando somente meu sutiã os jeans. Frente de qualquer outro macho, vivo ou morto, estaria envergonhada, mas não com o Edward. Nunca houve tensão sexual entre nós. Poderíamos pegamos um tiro o um ao outro um dia, mas nunca dormiríamos juntos. Estava mais interessado na queimadura fresca, que em meus peitos.

—Como ocorreu? —perguntou.

Pus os grãos de café no pequeno moedor elétrico que havia comprado para estes casos. Só o cheiro do café me fez sentir melhor. Pus um filtro em minha Sra. Cafeteira, joguei o café nela,

verti a água e pulsei o botão. Isto era tudo ao que chegavam minhas habilidades na cozinha.

—Vou pôr me uma camisa —disse.

—A queimadura não te gostará que nada a roce —respondeu Edward.

—Então não a abotoarei.

— Vai me dizer como terminou queimada?

— Sim.

Tomei minha arma e caminhei para o dormitório. Dentro da armário tinha uma camisa de manga comprida que havia sido azul uma vez, mas havia descolorido a um lilás suave. Era corte masculino e chegava quase até meus joelhos, mas era cômoda. Subi as mangas até meus cotovelos e a abotoei até a metade. Deixei-a aberta sobre o a queimadura. Joguei uma olhada ao espelho e encontrei que a maior parte de meu decote estava coberto. Perfeito.

Vacilei, mas finalmente pus a Browning em seu pistoleira detrás da cabeceira. Edward e eu não lutaríamos esta noite, e se algo atravessasse a porta com suas novas fechaduras, teria que passar pelo primeiro Edward. Me sentia bastante segura.

Estava sentado no sofá, as pernas cruzadas sobre nos tornozelos. recostou-se os ombros, descansando o braço no canapé.

—Sinta-se como em sua casa —disse.

Sorriu.

— Vai me contar sobre nos vampiros?

—Sim, mas tenho o problema de decidir exatamente quanto te dizer. O sorriso se ampliou.

— Naturalmente.

Preparei duas xícaras, açúcar, e tirei a verdadeira nata da geladeira. O café gotejou na pequena jarra de cristal. O cheiro era rico, quente, e bastante espesso como para envolver braços ao redor.

—Como você gosta de o café?

—Prepara-o como o teu.

Joguei-lhe um olhar.

— Nenhuma preferência?

Negou com o a cabeça, que ainda descansava no respaldo do sofá.

—Bem.

Servi o café em xícaras, coloquei três torrões de açúcar e muita nata a cada um, aproximei-me e me sentei com elas na mesa de café.

—Não vai me trazer isso?

—Não se bebe café em um sofá branco —disse.

—Ah. —aproximou-se com um suave movimento, todo graça e energia. Teria sido muito impressionante se não tivesse passado a maior parte da noite com vampiros.

Sentamo-nos um frente ao outro. Seus olhos eram da cor do céu da primavera, esse quente azul claro tão estático que parece frio. Sua cara era agradável, seus vazios olhos observavam todo o que fazia.

Falei sobre o Yasmineen e Marguerite. Excluí ao Jean-Claude, o assassinato de vampiros, a cobra gigantesca, Stephen o homem lobo e Rick Zeeman. O que fez que fora uma história muito curta.

Quando terminei, tinha ao Edward sentado aí, bebendo a sorvos seu café e me observando.

Bebi a sorvos o meu e recordei o que tinha passado.

—Realmente, isso explica a queimadura —disse.

—Genial —disse.

—Mas excluiu muito.

—Como o sabe?

—Porque te seguia.

Contemplei-lhe, me afogando em meu café.

—O que? —perguntei quando pude falar sem me engasgar.

—Te segui. —disse. Seus olhos eram ainda vazios, seu sorriso ainda agradável.

— Por que?

—Fui contratado para matar ao amo da cidade.

—Foi contratado para isso faz três meses.

—Nikolaos está morta, o novo mestre não.

—Você não matou ao Nikolaos —disse—, o fiz eu.

— Certo, quer, a metade do dinheiro?

Sacudi a cabeça.

—Então qual é a queixa? Consegui um braço quebrado te ajudando a matar-la.

—E eu consegui quatorze pontos, e ambos uma dentada de vampiro.

—E os limpamos nós mesmos com água bendita —disse Edward.

—Eu gosto que me queime o ácido —respondi.

Edward afirmou com a cabeça, bebeu a sorvos seu café. Algo se movia atrás de seus olhos, algo líquido e perigoso.

Sua expressão não tinha trocado, juraria, mas de repente, tudo o que podia fazer era manter seu olhar.

— Por que me seguia, Edward?

—Disseram-me que te encontraria com o novo amo esta noite.

— Quem disse-lhe isso?

Negou com a cabeça, com um inescrutável sorriso curvando seus lábios.

—Estava dentro do Circo esta noite, Anita. Vi com quem estava. Jogou com os vampiros, depois foi a casa, assim um deles tem que ser o amo.

Lutei para manter minha cara em branco, muito em branco, o esforço se mostrou, mas o pânico não. Edward tinha estado me seguindo e não sabia. Conhecia a todos os vampiros que havia visto esta noite. Não era uma grande lista. Calcularia.

—Espera um minuto —disse—. Me deixou lutar contra aquela serpente sem me ajudar?

—Entrei depois de que a multidão saiu correndo. Estava quase terminado quando joguei uma olhada dentro da carpa.

Bebi o café e tratei de pensar em um modo de fazê-lo melhor. Tinha um contrato para matar ao amo e lhe tinha conduzido direito a ele. Tinha traído ao Jean-Claude. Por que me incomodou sabê-lo?

Edward observava minha cara, como se a estivesse memorizando. Esperava que minha cara me traísse. Esforcei-me em mantê-la em branco e inescrutável. Sorriu amplamente, como o sorriso do gato que se come ao canário. Divertia-se. Eu não.

—Só vi quatro vampiros esta noite: Jean-Claude, o escuro exótico quem deve ser Yasmeen e os dois loiros. Conseguiste nome para os loiros?

Neguei com a cabeça.

Seu sorriso se ampliou.

— Me diria?

—Talvez.

—Os loiros não são importantes. —disse—. Nenhum era um vampiro mestre.

Observei-lhe, me obrigando a manter neutra minha cara, agradável, atenta, em branco. Em branco não é uma de minhas melhores expressões, mas talvez se praticasse o bastante...

—Isto deixa ao Jean-Claude e ao Yasmeen. Yasmeen é nova na cidade, só fica Jean-Claude.

—Realmente pensa que o amo da cidade estaria tão louco para mostrar-se assim?

Pus todo o desprezo que pude encontrar em minha voz. Não era a melhor atriz do mundo, mas talvez poderia aprender.

Edward me contemplou.

—É Jean-Claude, verdade ?

—Jean-Claude não é o bastante capitalista para sustentar a cidade. Sabe. Tem o que, um pouco mais de duzentos? Não é o bastante velho.

Olhou-me de cenho franzido. Bem.

—Não é Yasmeen.

— Certo.

— Não estiveste com nenhum outro vampiro esta noite?

—Pode me haver seguido ao Circo, Edward, mas não escutou detrás da porta quando me encontrei com o amo. Não pode ter feito. Os vampiros ou o metamorfo lhe teriam ouvido.

Reconheceu-o com uma inclinação.

—Vi ao amo esta noite, mas não era ninguém de nos que baixou a lutar contra a serpente.

—O amo deixou a sua gente arriscar as vistas e não ajudou? — voltou a sorrir.

—Sabe que o amo da cidade não precisa estar fisicamente presente para emprestar seu poder.

—Não —disse—, não o sei.

Encolhi-me de ombros.

—Por estranho que possa parecer —rezei, por favor, que me cria. Franzia o cenho.

— Geralmente não é boa mentirosa.

—Não minto. —Minha voz parecia tranqüila, normal, franca. Somos honestos.

— Sim, Jean-Claude realmente não é o amo? Então sabe quem é? Era uma armadilha. Não podia responder sim a ambas as perguntas, mas

maldição, tinha estado mentindo por que parar agora?

—Sim, sei quem é.

—Diga me disse isso.

Neguei com o a cabeça.

—O amo me mataria se soubesse que falei contigo.

—Podemos matar-lo juntos como fizemos com o último —Sua voz soava terrivelmente razoável.

Pensei em nisso durante um minuto. Pensei em dizer a verdade. Humanos Primeiro não estavam ao a altura de dar conta do amo, mas era Edward. Podíamos matar-lo juntos, uma equipe. Minha vida seria muito mais simples. Sacudi a cabeça e suspirei. Merda.

—Não posso, Edward.

—Não pode —disse.

Neguei com o a cabeça.

—Não posso.

—Acredito-te, Anita, isso significa que necessito o nome do amo. Isso significa que é o único humano que conhece esse nome.

—As amistosas brincadeiras desapareceram de sua cara como o gelo quando se derrete. Seus olhos estavam tão vazios e desumanos como um céu de inverno. Não havia ninguém na casa ao que pudesse acudir—. Não quer ser o único humano que conhece o nomeie, Anita.

Tinha razão. Não queia, porém o que podia dizer?

—Toma-o ou deixa-o, Edward.

—Liberaria-te de muito dor, Anita; me diga o nome —o acreditaria. Fodido mal nascido. Baixei os olhos a meu café, assim não veria o desejo de triunfo em seus olhos. Quando voltei a olhar, tinha total controle sobre minha cara. Eu e Meryl Streep.

—Não cedo ante ameaças, sabe.

Sacudiu a cabeça. Terminou seu café e sotaque a taça no centro da mesa.

—Farei o que seja necessário para terminar este trabalho.

—Nunca duvidei disso —disse.

Precisava de tortura para me tirar a informação. Pareceu quase arrependido, mas isso não te pararia. Uma das régias básicas do Edward era sempre termino um trabalho. Não deixaria que uma coisa insignificante como a amizade arruinasse seu perfeito índice.

—Salvou minha vida e salvei a tua —disse—. Isso não te serve agora. Entende?

Afirmei.

— Entendo.

—Bem.

Levantou-se. Levantei-me. Olhamo-nos. Sacudiu a cabeça.

—Encontrarei-te esta noite e perguntarei outra vez.

—Não me intimidará, Edward.

Me fazia um pouco de louca. Tinha entrado aqui com o a petição de informação; agora me ameaçava. Deixei a atuação de cólera. Não a necessitava.

— É resistente, Anita, mas nem tanto.

Seus olhos estavam vazios mas cautelosos, como nos daquele lobo que tinha visto uma vez na Califórnia. Acabava de andar ao redor de uma árvore e ali estava, em posição. Congelei-me. Nunca tinha entendido o que significava neutro até então. Ao lobo não importava se me fazia dano ou não. Era minha eleição. Ameaça-o, e atacaria. Daria espaço para correr, e correria. Mas ao lobo não te importava; era qualquer cara da moeda. Foi o pulso de minha garganta, tão alarmada que tinha deixado de respirar. Contive o alento e me perguntei o que decidiria o lobo.

Finalmente andou a passo sustentado através das árvores.

Tinha aprendido a respirar de novo e retorne ao camping. Havia estado assustada, mas ainda podia fechar os olhos e ver os pálidos olhos cinzas do lobo. A sensação de contemplar a um grande predador sem nenhuma jaula nos separando havia sido maravilhosa.

Olhei ao Edward agora e sabia que este, também, era maravilhoso a sua maneira. Se sabia ou não a informação, não a diria. Ninguém me intimidava. Ninguém. Era uma de minhas regras.

—Não quero ter que te matar, Edward.

Sorriu então.

— Você me mataria? — ria de mim.

—Aposta —disse.

A risada desapareceu de seus olhos, seus lábios, sua cara, até que pregou os vazios olhos em mim, olhos de predador.

Traguei e me lembrei de respirar devagar, tomando fôlegos. Me mataria. Talvez. Talvez não.

— O amo vale o bastante como para que morra um de nós?

—Isto é um assunto de princípios —disse Edward.

—Para mim, também.

—Sabemos onde estamos, então —disse.

— Sim.

Andou para a porta. Segui-lhe e a abri para ele. Fez uma pausa na entrada.

—Tem até o anoitecer desta mesma noite.

—A resposta será a mesma.

—Sei—disse.

Saiu andando sem olhar atrás. Olhei-lhe até que desapareceu pela escada. Então fechei a porta e girei a chave. Apóiei as costas contra a ela tratando de encontrar uma saída.

Se o dissesse ao Jean-Claude, poderia ser capaz de matar ao Edward, mas não lhe entregava pessoas aos monstros. Sob nenhum conceito. Podia contar ao Edward sobre o Jean-Claude. Até podia ser capaz de matar ao amo. Até podia lhe ajudar.

Tratei de imaginar o perfeito corpo do Jean-Claude perfurado pelas balas, cheio de sangue. Sua cara arrebatada por uma escopeta. Sacudi a cabeça. Não podia fazê-lo. Não sabia exatamente por que, mas não podia entregar ao Jean-Claude ao Edward.

Não podia trair a nenhum deles. O que deixava meu traseiro metido profundamente entre jacarés. Qual era a novidade?

//

Estava de pé na rua sob uma negra sombra de árvores. O lago negro rodeava e vagava pela escuridão. A lua pendurava enorme e chapeada no céu. A luz da lua originava brilhantes desenhos na água.

Jean-Claude se elevou da água. A água corria como linhas de prata pelo cabelo e a camisa. Seu curto cabelo negro formava condensados cachos ao estar molhados. A camisa branca se aderiu a seu corpo, definindo perfeitamente seus claros mamilos apertando-se duros contra o tecido. Estendeu-me a mão.

Tinha posto um comprido vestido escuro. Era pesado e dava voltas a mim ao redor como um peso. Algo dentro da saia a fez mover-se de um lado para o outro sem lhe dar forma, como um diminuto aro mau formado. Uma pesada capa estava colocada sobre meus ombros. Era outono e a lua estava enche.

—Vêm a mim —disse Jean-Claude.

Descendi pela borda e me afundei na água. Isso encheu a saia e empapou a capa. Tirei-me isso, deixando-a afundar-se até desaparecer. A água estava quente como a água de um banho, quente como o sangue. Levantei minha mão para a luz da lua e o líquido que correu por ela era espesso e escuro, nunca tinha sido água.

Estava de pé com um vestido que nunca tivesse imaginado, em uma borda que não conhecia e contemplava a um formoso monstro que se dirigia para mim, elegante e talher de sangue.

Despertei fazendo esforços por tomar ar, minhas mãos agarravam os lençóis como uma corda de salvamento.

—Prometeu não entrar em meus sonhos, é um filho de cadela.

O relógio do rádio ao lado da cama apontava 14:00. Tinha dormido durante dez horas. Deveria me haver sentido melhor, mas não foi assim. Me sentia como se tivesse estado correndo de pesadelo em pesadelo, e em realidade não tivesse conseguido descansar. O único sonho que recordava era o último. Se todos tinham sido assim, não queria recordá-los.

Por que visitava Jean-Claude meus sonhos outra vez? Tinha-me dado sua palavra, mas talvez sua palavra não valia nada. Talvez.

Despi-me diante do espelho do banheiro. Minhas costelas e meu estômago estavam talheres de profundas contusões, quase moradas. Meu peito estava oprimido quando respirei, mas não fraturado. A queimadura de meu peito era de primeiro grau, a pele enegrecida onde não estava coberta de ampolas. Uma queimadura dói profundamente, como se a dor fizesse uma toca sob a pele até o osso. Uma queimadura é a única ferida que me convence que ainda tenho terminações nervosas ao mesmo nível . Se não. Como demônios podia doer tanto?

Me encontraria com o Ronnie no ginásio às três. Ronnie era o diminutivo de Verônica. Dizia que se a gente assumia que era homem, a ajudava a conseguir mais trabalho como detetive privado. Triste mas certo. Levantaríamos pesos e correríamos. Coloquei-me um prendedor negro de esporte com muito cuidado sobre o a queimadura, o elástico apertou as contusões, mas todo o demais estava bem. Esfreguei a queimadura com um anti-séptico e coloquei um pedaço de gaze sobre o machucado. A camiseta vermelha de homem com as mangas e pescoço recortado combinava com todo o demais. Calças negras de motorista, meias para correr com uma fina raia vermelha e as Nike negras combinavam com o restante. A camisa mostrava a gaze, mas escondia as queimaduras. A maior parte dos clientes habituais do ginásio estavam acostumados que chegara com moletoms. Já não faziam perguntas. Ronnie diz que sou cafona com eles. Muito bem por mim. Eu gosto de estar sem companhia.

Levara meu casaco e a bolsa de ginástica na mão quando o telefone tocou. Pensei, mas finalmente atendi.

—Fale —disse.

— Sou Dolph.

Meu estômago se contorceu. Outro assassinato?

— O que há Dolph?

—Conseguimos uma pista da pessoa que viste.

— Uma vítima de vampiro?

— Sim.

Soltei um suspiro que tinha estado contendo. Não mais assassinatos e avançávamos, o que poderia ser melhor?

—Calvin Barnabas Rupert, os amigos lhe chamavam Cal. Vinte e seis anos. Vinte e seis anos, casado com o Denise Smythe Rupert durante quatro anos. Sem filhos. Era corredor de seguros. Não fomos capazes de encontrar alguma conexão com o a comunidade vampiresca.

—Talvez o Sr. Rupert só estava no lugar errado no momento errado. Violência.

—Aleatório? — converteu-o em pergunta.

—Talvez.

—Se for arbitrário, não conseguiremos nenhum padrão, nada para procurar.

—Me pergunta se posso averiguar se Cai Rupert tem a alguma conexão com nos monstros?

—Sim — disse.

Suspirei.

—Me mantenha informado. Algo mais? Ligo mais tarde essa conversa é tudo, me chame se averiguar algo. —Sua voz parecia verdadeiramente séria.

—Me dirá se encontrasse outro corpo, verdade ? —deu um bufo de risada.

—Farei você baixar e medir as malditas dentadas, sim. Por quê?

—Sua voz parece séria.

A risada se deslizou por sua voz.

—É que disse que haveria mais corpos. Entendeu a idéia? Quis dizer, sim, troquei de opinião, mas não o fiz.

—Se houver um grupo de vampiros maníacos, veremos mais corpos.

— Pode pensar em algo mais que poderia ser, além de vampiros?

Pensei nisso durante um minuto e sacudi minha cabeça.

—Não há uma maldita coisa.

—Bem, até mais tarde.

O telefone ficou mudo em minha mão antes de que eu pudesse dizer algo mais. Dolph não era feito para dizer olá e adeus.

Tinha minha arma de reserva, a 9 mm Firestar, no bolso de minha jaqueta. Não havia nenhuma forma de levar posta num coldre com roupa esportiva. O Firestar só tinha oito balas contra as treze da Browning, mas a Browning cabia em meu bolso e fazer que as pessoas me olhassem fixamente. Além disso, se não podia matar aos assassinos com oito balas, outras cinco provavelmente não ajudariam. É óbvio, tinha um cartucho suplementar no bolso com cremalheira de minha bolsa de ginásio. Uma garota não pode ser muito cautelosa nestes tempos.

Ronnie e eu fazíamos uma sessão musculação no Vic Tanny. Havia duas salas cheias de máquinas e sem filas de espera às 3:14 de uma quinta-feira pela tarde. Para exercícios na máquina de adutoras. Puxas uma alavanca na lateral e a máquina coloca-se em diferentes posições. A posição de adução de quadril parecia vagamente obscena, como um dispositivo de tortura ginecológico. Esse era um dos motivos pelo qual nunca uso shorts quando levantamos pesos. Ronnie tampouco.

Concentrava-me em manter minhas coxas juntas sem fazer tilintar os pesos. Os pesos tilintam se não controlar o exercício, o que significa que trabalha com muito peso. Usava 27 quilogramas. Não era muito pesado.

Ronnie se encontrava sobre seu estômago usando o peso de perna, dobrando as panturrilhas sobre as costas, os calcanhares quase tocando seu traseiro. Os músculos de suas panturrilhas se esticavam sob sua pele. Nenhuma de nós duas é musculosa, mas estamos duras. Imagina a Linda Hamilton no Terminator 2.

Ronnie terminou antes e caminhava ao redor das máquinas, me esperando. Deixei com facilidade os pesos, com um tinido leve. Está bem tilintar os pesos quando terminaste.

Estiramo-nos depois e começamos a correr pela pista oval. Ao lado da pista havia uma parede de cristal que mostrava uma piscina de água azul. Um solitário homem dava braçadas com óculos e gorro negro. Na outra parede se via a sala de musculação e a de aeróbicos. Ao final da pista havia espelhos, onde podia ver-se a correr. Durante os dias maus podia fazer sem me olhar; durante os dias bons era divertido. Um modo de te assegurar que a pernada estava igualada ao bombeamento dos braços.

Contei a Ronnie sobre a vítima de vampiro enquanto corríamos. O que significava que não corríamos muito rápido. Aumentei o ritmo e todavia podia falar, quando habitualmente faz 6.44 Km... Fora, com o calor do St. Louis, a pista acolchoada no Vic Tanny não era

um grande desafio. Demos duas voltas e voltamos para as máquinas.

— Como disse que era o nome da vítima? — soou normal, sem tensão. Aumentei nosso passo para terminar a carreira. Toda conversação cessou.

Esta vez escolhi as máquinas de braços. A rotina normal era primeiro máquina para o Ronnie, então duas voltas na pista, depois mudança de máquinas.

Quando pude falar, respondi sua pergunta

—Calvin Rupert —disse.

Fiz doze séries com 45 quilogramas. De todas as máquinas, esta é a mais fácil para o Mim. Estranho? Será?

— Cal Rupert? —perguntou.

—Assim é como seus amigos o chamavam —disse—. Por que?

Ela sacudiu a cabeça.

—Conheço Cal Rupert.

Olhei-a e deixei a meu corpo fazer o exercício sem mim. Continha o folego, mau assunto.

—Me diga —disse quando me lembrei de respirar.

—Quando fazia perguntas sobre Humanos Contra Vampiros durante aquela sucessão de mortes de vampiro. Cal Rupert pertenceu ao HCV.

— Descreve-o.

—Loiro, olhos azuis ou cinzas, não muito alto, bem constituído, atrativo.

Podia haver mais de um Cal Rupert no St. Louis, porém quais eram as probabilidades de que eles fossem tão parecidos?

—Farei com que Dolph o comprove, mas se fosse um membro do HCV, isso poderia significar que sua morte foi uma execução.

— O que quer dizer?

—Alguns HCV pensam que vampiro bom é um vampiro morto.

Pensava em Humanos Primeiro. O pequeno grupo do Jeremy Ruebens, Haviam eles matado a um vampiro. Esta era a vingança?

—Tenho que saber se Cal era todavia um membro do HCV ou se havia afiliado a um novo grupo radical, chamado Humanos Primeiro.

—Pegajoso —disse Ronnie.

— Pode averiguá-lo para mim? Se eu for fazendo perguntas, queimarão-me na pira.

—Sempre é bom ajudar a minha melhor amiga e a polícia ao mesmo tempo. Um detetive privado nunca sabe quando pode ser prático ter a polícia lhe devendo uma.

—Certo —respondi.

Consegui esperar ao Ronnie esta vez. Nas máquinas de pernas, ela era mais rápida. A parte superior da corpo era minha área.

—Chamarei o Dolph logo que tenhamos terminado aqui. Talvez seja um patrão? Uma maldita coincidência se não o for.

Começamos ao redor da pista.

—Então já decidiu que vai vestir para a festa de véspera de Todos os Santos da Catherine? — disse Ronnie

Lhe joguei uma olhada, que quase me faz tropeçar.

—Merda —disse.

—Tomo isso por resposta, se esqueceu, só faz dois dias estava amaldiçoando isso.

—Estive um pouco ocupada, tudo bem ? —disse.

Mas não era bom. Catherine Masón-Gillett era uma de minhas melhores amigas. Usei um vestido rosado de baile de graduação com mangas bufantes no seu casamento. Tinha sido humilhante. Tínhamos contado a grande mentira de todas as damas de honra. Que poderíamos cortar o vestido e levá-lo posto durante a vida normal. De maneira nenhuma. Ou que poderia levá-lo posto na seguinte ocasião formal a que fora convidada. A quantos atos formais se é convidado uma vez que lhe graduas no colégio? Nenhum. Ao menos nenhum onde teria posto voluntariamente um vestido rosado, com mangas bufantes, rodeado por um aro, nenhum que fosse como o do E o Vento Levou. Catherine dava sua primeira festa desde seu casamento. A festa começava muito antes do anoitecer para que pudesse fazer ato de presença. Quando alguém se molesta tanto, não pode negar. Merda.

—Tenho um encontro no sábado —disse.

Ronnie deixou de correr e me contemplou no espelho. Segui correndo; se queria me perguntar teria que me agarrar primeiro. Me

alcançou.

—Disse uma entrevista?

Afirmei com a cabeça, expulsando meu fôlego ao correr.

—Conta-me Anita. —Sua voz me ameaçava vagamente.

Sorri abertamente e lhe dava uma versão corrigida de minha reunião com o Richard Zeeman. Não exclui muito, sem embaraço.

—Estava nu em uma cama a primeira vez que lhe viu? — estava alegremente ofendida.

Afirme com a cabeça.

—Realmente encontra homens nos sítios mais interessantes. Corríamos pela pista outra vez.

— Quando foi a última vez que encontrei a um homem?

—E John Burke?

—Além dele. —Os idiotas não contam.

Pensou nisso durante um minuto. Sacudiu a cabeça.

— Muito tempo.

—Sim —disse.

Estávamos em nossa última máquina, as duas últimas voltas, depois estiramentos, duchas e pronto. Realmente eu não gostava de treinar. Nem Ronnie também. Mas tínhamos que estar em boas condições para poder escaparmos dos tipos maus, ou tombá-los. Embora ultimamente não tinha deslocado detrás de muitos bandidos. Parecia haver mais fuga.

Caminhamos para a área aberta, perto dos degraus de tênis e os solário. Era o único lugar com bastante espaço para esticar-se. Sempre me estirava antes e depois de fazer exercício. Tinha tido muitas lesões para não ser precavida.

Comecei a fazer girar o pescoço devagar, Ronnie me seguiu.

—Adivinho que terei que desmarcar o encontro.

—Não te atreverá —disse Ronnie—. lhe convide a festa.

—Olhei-a.

—Tem que estar brincando. Uma primeira entrevista rodeada por gente que ele não conhece.

—A quem conhece além do Catherine? —perguntou. Tinha razão.

—Conheci a seu novo marido.

—Estava na bodas —disse Ronnie.

—Ah, sim.

Ronnie me olhou seriamente.

—Seja séria, te pergunta sobre a festa e fazem planos para a espeleologia na próxima semana,

— Dois encontros com o mesmo homem? —Sacudi minha cabeça—. E se nós não gostarmos?

—Nenhuma desculpa —disse Ronnie—. É o mais próximo que estiveste perto de uma entrevista em meses. Não a arruíne.

—Não tenho entrevistas porque não tive tempo até agora.

—Não tem tempo para dormir, tampouco, mas o dirige —disse.

—Farei, mas pode dizer não a festa. Embora prefira não ir.

— Por que não?

Jogue-lhe um comprido olhar. Pareceu bastante inocente.

—Sou uma reanimadora, uma amante dos zumbis. Me ter em uma festa de Véspera de Todos nos Santos é redundante.

—Não tem que dizer a todos o que faz para ganhar a vida.

—Não estou envergonhada disso.

—Não disse que o estivesse —disse.

Sacudi minha cabeça

—Esquece. Farei a proposta ao Richard, então iremos.

—Quererá um traje atrativo para o a festa —disse.

—Não o quero —disse.

Riu.

—Se o fizer.

—Bem, bem, um traje sexy, se puder encontrar um de meu tamanho três dias antes da véspera de todos os Santos.

—Ajudarei-te. Encontraremos algo.

Ajudaria-me. Encontraríamos algo. Isto parecia um desastre. Sofria dos nervos. Quem eu?

CAPÍTULO 13

Eram as 5h15 dessa tarde e havia falado por telefone com o Richard Zeeman.

—Olá, Richard, é Anita Blake.

—Que agradável ouvir sua voz. —Sua voz sussurrava por o telefone, quase podia sentir.

—Esqueci que tenho uma festa na Véspera de Todos nos Santos no sábado à tarde. Começarão a festa durante o dia para que possa assistir. Não, não posso faltar.

—Entendo — disse. Sua voz era cuidadosamente indiferente, indiferente e alegre.

— Quer me acompanhar na festa? Tenho que trabalhar durante o a noite da Véspera de Todos nos Santos, é obvio, é o dia mais poderoso.

— E a Trilha?

—Teremos de deixar para outro dia — disse.

—Dois encontros, isto está ficando sério.

—Você ri de mim — disse.

— Às vezes.

—Merda, quer ir ou não?

—Se promete ir à trilha na próxima semana.

—Palavra de honra — disse.

—Trato feito.

Esteve tranqüilo no telefone durante um minuto.

— Tenho que colocar um disfarce para essa festa?

—Infelizmente, sim — disse.

Suspirou.

—Posso-me jogar atrás.

—Não, mas me deve dois encontros por humilhante frente de estranhos.

Sorri abertamente e me alegrei de que não pudesse lombriga, estava muito contente.

— Negociaremos.

— O que coloco? —perguntou.

—Não sei ainda. Falei que me esqueci da festa.

—Hum —disse.

—Pense em uma roupa que combine com a ocasião, está bem

?

— Estamos perto da véspera, teríamos sorte de encontrar algo de nosso estilo.

Serio.

—Poderia ter um às nas mangas

—O que ?

Se nó outra vez.

—Não esteja tão malditamente suspicaz. Tenho um amigo que tem uma fantasia da Guerra Civil. Ele e sua esposa fazem reconstrução.

— Quer dizer que se fantasiam?

— Sim.

— Qual altura apropriada deles?

— De que altura é o vestido que irá colocar?

Era uma pergunta pessoal para alguém que nunca me tinha beijado.

—Sete — disse.

—Teria pensado que menor.

—Tenho um peito muito grande para ser um seis e não se fazem seis e meio.

—Assumo que são grandes, woo, woo.

—Para.

—Infelizmente, não o posso resistir — disse.

Minha bipe soou.

— Merda.

— O que é esse som?

—Minha bipe — disse.

Pressionei o botão e me mostrou o número: a polícia.

—Tenho que retornar. Pode aguardar alguns minutos, Richard?

—Esperarei com o coração entrecortado.

Olhe com cenho o telefone.

—Espero que veja isto.

—Obrigado por me deixar. Esperarei aqui, junto ao telefone, me chame quando tiver feito seu trabalho.

—Divirta-se, Richard.

— O que fiz?

—Adeus, Richard, falaremos logo.

—Estarei esperando —disse.

—Adeus, Richard.

Desliguei antes de que pudesse me fazer mais brincadeiras lamentáveis. A parte realmente triste era que pensava que era bonito, me amordace.

Chamei o número de Dolph.

— Anita ?

— Sim.

— Encontramos a outra vítima de vampiro, da mesma forma que primeiro, exceto que é uma mulher.

—Maldição —disse brandamente.

—Sim, terminamos aqui no DeSoto.

Isso é mais ao sul que Arnoid —pensei

—O que? —disse.

—Nada, só me dê à direção.

Anotei.

— Levarei pelo menos uma hora —disse.

—O cadáver não irá a nenhuma parte, e nós tampouco.

Pareceu sarcástico.

—Anime-se, Dolph, pode que tenha encontrado uma pista.

— Me conte.

—Verônica Sims reconheceu o nome do Cai Rupert, partindo da descrição.

— O que faz falando com uma detetive particular?

Pareceu suspeitar.

— É minha companheira de treinamento, e já que nos deu nossa primeira pista, se fosse você, seria um pouco mais agradecido.

—Sim. Agora me conte.

— Cal Rupert era um membro do HCV faz aproximadamente dois meses. A descrição bate.

— Assassinatos por vingança? —perguntou.

—Talvez.

—Uma parte de minha espera que seja um patrão. ao menos teríamos algum lugar para procurar.

Fez um som entre uma risada e um suspiro.

—Direi ao Zerbrowski que encontrou uma pista. Ficaré feliz.

—Todos nos Dick Tracy farão lingo5 com o a polícia — respondeu.

— Lingo policial?

(Lingo ou Potro.- Jogo infantil, onde uns se inclinam com as mãos nas joelhos e outros saltam por cima)

Podia sentir a sincera sorriso por o telefone.

—Se encontrar mais pistas, diga-nos isso Sim.

—Um novo comentário sarcástico —disse.

—Por favor, sempre uso comentários sarcástico afrescos, não posso evitar.

Gemeu.

—Simplesmente, vêm aqui para que todos nos possamos ir a casa.

O telefone emudeceu. Pendurei.

Richard Zeeman respondeu na segunda chamada.

—Olá.

— É Anita.

—O que passa?

—A mensagem era da policia. Precisam que vá visitar uma cena.

— Um crime Sobrenatural? —perguntou.

— Sim.

— É perigoso?

—Para a pessoa que morreu, sim.

—Sabe que isso não é o que quis dizer —disse.

—É meu trabalho, Richard. Se não poder tratar com ele, talvez não deveríamos sair.

—Ouça, não se ponha na defensiva. Só queria saber se estaria em perigo.

Sua voz soou indignada.

—Bem. Tenho que ir.

— E os trajes.Quer que chame meu amigo?

— Claro.

—Confia em mim para escolher seu disfarce? —perguntou.

Pensei nisso durante um tempo.Confiava nele para conseguir um disfarce? Não tenho tempo para buscá-lo sozinha?

Provavelmente não.

—Por que não? —disse— a boa fome não há pão duro se molhar em vinho puro.

— Sobreviveremos à festa e depois, na próxima semana, iremos engatinhar pelo barro.

—Não posso esperar —disse.

Sorriu.

—Nem eu.

—Tenho que ir, Richard.

—Terei os disfarces em sua casa para a inspeção.

A dava.

—Espero que você goste de seu disfarce.

—Também eu, me ligue mais tarde.

Desliguei o fone e o contemplei. Tinha sido muito fácil. Muito singelo. Provavelmente escolheria um terrível disfarce para mim. Ambos teríamos uma conversa miserável e estaríamos apanhados em um segundo encontro o um com o outro. Eek!

Ronnie me deu uma lata de suco de frutas e tomou um sorvo do dela. Ela tinha o de uva e eu tinha o de morango. Não podia ter o de uva.

— Será que vai levar um bolo?

—Por favor não lhe chame assim —disse.

encolheu-se de ombros.

—Sinto muito, foi um deslize. —Tinha a graça de parecer envergonhada.

—Perdôo-te por esta vez.

Sorriu abertamente, sabia que não estava arrependida. Tinha-me rido freqüentemente de suas conversas.

O trocar era um jogo justo. A retribuição é uma cadela.

O sol se afundava em uma cicatriz carmesim como uma fresca ferida, sangrenta. As nuvens negras se amontoavam para o Oeste. O vento era forte e cheirava a chuva.

A viela do Ruffo era um estreito caminho de cascalho. Apenas o bastante amplo para que dois carros passassem um ao lado do outro. O avermelhado cascalho soou sob meus pés. O vento fez ranger a seca e alta erva dininha da sarjeta. O caminho desaparecia na ascensão de uma colina. Havia muitas colinas no Condado do Jefferson. Os carros patrulhas, marcados e simples, estavam alinhados ao longo de um lado do caminho, por isso podia ver.

Estava vestida já com um macacão limpo, Tênis negros e luvas cirúrgicas, quando souo o procura. Tive que abrir o zíper e levar-lo a agonizante luz. Não precisei ver o número. Sabia que era Bert. Só ficava meia hora até que obscurecesse totalmente. Meu chefe se perguntava onde estava e por que não estava no trabalho. Perguntei-me se Bert realmente me despediria. Fiquei com o a olhar fixo no cadáver, não acredito que lhe importasse.

A mulher estava encolhida sobre um flanco, seus braços protegendo os peitos nus como se até na morte fora modesta. A morte violenta é a última invasão. Séria fotografada, gravada em vídeo, medida, cortada, aberta e costurada outra vez. Nenhuma parte dela, dentro ou fora, ficaria sem tocar. Estava mau. Deveríamos ter sido capazes de colocar uma manta e deixa-la na paz, mas isso não nos ajudaria a impedir o seguinte assassinato. E haveria um próximo, o segundo corpo era a prova disso.

Joguei uma olhada ao redor da polícia e da equipe da ambulância, estavam esperando para levar o corpo. Exceto pelo cadáver, eu era a única mulher. Pelo geral era assim, mas esta noite, pelo a razão que fora, isso me incomodava. Seu cabelo comprido até o a cintura se estendia sobre a grama como em uma pálida inundação. Outro loiro. Era coincidência? Ou não? Duas era uma pauta bastante pequena. Se a seguinte vítima fosse loira, então teríamos uma tendência. Se todas as vítima fossem caucásicas,

loiras e membros de Humanos Contra Vampiros, tínhamos nosso patrão. Os patrões ajudam a solucionar o delito. Eu esperava um patrão.

Sustentei uma lanterna em minha boca e medi as marcas dos caninos. Esta vez não havia nenhuma marca de caninos nos pulsos. Em troca, havia queimaduras de corda. Tinham-na amarrado, talvez a haviam pendurado no teto como um pedaço de carne de vaca. Não existe nenhum vampiro bom que não se alimente de humanos. Nunca creia que um vampiro só tomará um pouco. Que isso não doerá. É como acreditar que sua entrevista chegará a tempo. Só confia nele.

Sim, correto.

Tinha uma limpa ferida de espetadas a ambos os lados do pescoço. Faltava um pouco de carne sobre seu peito esquerdo, como se algo a tivesse mordido justo em cima do coração. A curva do braço direito estava rasgada. A união do mesmo estava quebrada sob o feixe de luz. Os rosáceos ligamentos se esforçavam por manter o braço unido.

O último caso de assassinato múltiplo no qual havia trabalhado havia destrocado às vítimas em pedaços. Havia caminhado pelo tapete tão empapado em sangue que chapinhava sob meus pés. Sustentei pedaços do intestino na mão procurando pistas. Era o pior que tinha visto alguma vez.

Apartei a vista da mulher morta e me alegrei de que ela não tivesse sido rasgada. E não era porque pensasse que tinha tido uma morte mais fácil, embora o desejasse. Não era porque houvesse mais pistas, porque não as havia. Era só que não queria ver mais gente assassinada. Tinha tido minha cota para todo o ano.

Existe toda uma arte para sujeitar a lanterna na boca e medir as feridas sem babar. Eu podia. O segredo era chupar o final da lanterna de vez em quando.

A magra luz da lanterna brilhou sobre suas coxas. Queria ver se tinha uma ferida na virilha como o homem. Queria estar segura de que este era o trabalho dos mesmos assassinos. Seria uma maldita coincidência se houvesse dois grupos de vampiros caçando por separado, mas era possível. Tinha que estar tão segura como

pudesse que só tínhamos um grupo de assassinos. A gente era suficiente, dois era um pesadelo. Certamente, Deus não seria tão pouco benévolo, mas no caso de... Quis ver sua virilha para ver se tinha uma ferida. As mãos do homem não tinham mostrado nenhuma marca de corda. Os vampiros se mostravam mais organizados ou era um grupo diferente.

Os braços tinham sido cruzados sobre o peito, fixados aí pelo rigor mortis. Nada a não ser um machado poderia mover suas pernas, não antes de que o rigor partisse, que seria em quarenta e oito horas mais ou menos. Não podia esperar dois dias, mas tampouco queria cortar o corpo em pedaços.

Descendi engatinhando até o cadáver. Pedi perdão pelo que estava a ponto de fazer, mas não podia pensar em algo melhor.

A magra linha da lanterna tremeu sobre as coxas, eu gosto de usar um diminuto foco. Toquei sobre a zona iluminada, apartei suas pernas e apalpe sobre essa zona, tentando sentir com a ponta dos dedos se havia alguma ferida ali.

Devi ter procurado provas sobre o corpo, mas não podia pensar uma forma mais digna de fazer-lo. Olhei para cima, medindo para não sentir o quão parecido a borracha fundida era sua pele. O sol era, simplesmente, um salpico carmesim no oeste, como moribundos carvões. A noite escorregou sobre o céu como uma inundação de tinta. E as pernas da mulher se moveram sob minhas mãos.

Saltei. Quase engulo a lanterna. Nervosa eu? A carne da mulher era suave. Não era assim fazia um momento. Seus lábios se separam. Não tinham estado fechados antes?

Isto era loucura. Incluso se tivesse sido um vampiro, não se levantaria até o terceira a noite depois de sua morte. E ela tinha morrido de múltiplas dentadas em um maciço banquete de sangue. Estava morta, só morta.

Sua pele branca brilhou na escuridão. O céu era negro, se a lua se encontrava sobre aquelas nuvens roxas, eu não podia vê-la. Ainda assim, sua pele brilhou como se tivesse sido tocada pelo a luz da lua. Não brilhava exatamente, mas estava perto. Seu cabelo resplandeceu tenuemente como teia de aranha estendida sobre a grama. Estava morta fazia um minuto, agora ela era... formosa.

Dolph se elevou sobre mim. Seus 17 cm a mais apareceram quando me levantava, estando agachada, parecia gigantesco. Levantei-me, tire-me uma luva cirúrgica e a lanterna da boca. Nunca toque nada que provavelmente porá em sua boca depois de tocar as feridas abertas de um estranho. AIDS, já sabe. Guardei a lanterna no bolso do macacão de trabalho. Tirei-me a outra luva e as embolei, colocando-os em um bolso.

—Bem? —disse Dolph.

—Te parece diferente? —perguntei.

Franziu o cenho.

— O que?

—O cadáver, te parece diferente? —pousou a vista no pálido corpo.

—Agora que o menciona. Parece que está dormindo —sacudiu a cabeça.

—Vamos ter que chamar uma ambulância e fazer que um médico certifique a morte.

—Não respira.

— Quer dizer que o feito de que não respire é a única razão?

Pensei nisso durante um minuto.

—Não, suponho que não.

Dolph folheou seu caderno.

—Disse que uma pessoa que morre de múltiplos dentadas de vampiros não pode elevarse como um deles —repetia minhas próprias palavras.

—É verdade na maioria dos casos.

Apartou a vista da mulher.

—Mas não neste.

—Infelizmente, não —disse.

—Explique-me isso Anita —não parecia feliz. Não o culpei.

—Às vezes, até uma dentada pode converter um cadáver em um vampiro. Só tenho lido um par de artigos sobre isso. Ocasionalmente, uma vampiresa mestre, muito poderosa, pode poluir cada cadáver que toca.

— De onde tira esses artigos?

—Do The Vampire. Cada três meses.

—Nunca ouvi sobre isso —disse ele.

Encolhi-me de ombros.

—Sou graduada em biologia Sobrenatural, devo estar na lista de alguém para receber material como esse. —O pensamento que me veio não era agradável absolutamente

—Dolph?

— Sim.

—O homem, o primeiro cadáver, esta é sua terceira noite.

—Não brilhou na escuridão —disse Dolph.

—O cadáver da mulher tinha má cara até que esteve completamente escuro.

— Pensa que o homem vai elevar se? —perguntou.

Afirmei.

—Merda—me disse.

— Exatamente — disse.

Sacudiu a cabeça.

—Espera um minuto. Ainda pode nos dizer quem lhe matou.

—Não voltará como um vampiro normal —assegurei—. Morreu de múltiplas feridas, Dolph, voltará-se mais animal que humano.

—Explica isso.

—Se levaram o corpo ao Hospital da cidade do St. Louis, então estará seguro na câmara de aço reforçado, mas se me fizeram conta, então está no depósito de cadáveres. Chama o depósito e lhes diga que evacuem o edifício.

— Diz isso a sério? —perguntou ele.

—Absolutamente.

Não discutiu. Eu era sua perita em Sobrenatural e o que dizia era mais ou menos o evangelho até que se provasse o contrário. Dolph não pedia sua opinião a menos que estivesse preparado para atuar. Era um bom chefe. instalou-se em seu carro o mais perto possível da cena do crime e chamou o depósito de cadáveres.

Apareceu pela porta aberta do veículo.

— O corpo foi enviado ao Hospital da cidade do St. Louis, é o habitual com todas as vítimas de vampiros. Embora nossa perita Sobrenatural nos diga que está segura —me sorriu quando o disse.

—Chame-os e que lhe assegurem que colocaram o corpo na camara.

— Por que transportariam o corpo ao depósito e não foram colocar o na câmara reforçada? —perguntou-me.

Neguei com a cabeça.

—Não sei. Mas me sentirei melhor depois de que os chame. Respirei fundo e o deixei ir.

—Bem —retornou ao telefone e marcou o número de cor. Demonstra o tipo de ano que Dolph estava tendo.

Estava de pé junto à porta aberta do carro e escutei. Não havia muito que ouvir. Ninguém respondeu.

Dolph se sentou à espera de resposta. Olhou-me. Seus olhos me fazendo uma pergunta.

—Alguém deveria estar ali —disse.

—Sim —me respondeu.

—O homem se levantará como uma besta —disse—, matará tudo o que encontre em seu caminho a menos que o mestre que o fez volte para recolhê-lo, ou até que esteja realmente morto. Chamam-nos vampiros animalísticos. Não há nenhum término familiar para eles. São muito estranhos para isso.

Dolph pendurou o telefone e se levantou do carro.

—Zerbrowski! —gritou

—Aqui, sargento. —Zerbrowski chegou apressado. Quando Dolph grita, você vem correndo, ou como seja.

— Como vai isto, Blake?

O que supõe-se que tinha que dizer eu? Terrível? Encolhi-me de ombros.

—Bem —disse.

Meu bip soou outra vez.

— Merda, Bert!

—Fala com seu chefe —disse Dolph—. Diga que se foda. — Pareceu-me boa idéia.

Dolph partiu gritando ordens. Os homens corriam para lhe obedecer.

Entrei no carro do Dolph e chamei ao Bert. Respondeu à primeira chamada, não era uma boa sinal.

—Espero que esteja melhor, Anita.

—E se não? —o perguntei.

— Onde diabos está?

—Na cena de um assassinato com um corpo fresco —disse. Isso o deteve durante um segundo.

—Vai perder a primeira entrevista.

— Sim.

—Não vou gritar.

—Estas sendo razoável —o disse—. O que vai mau?

—Nada, salvo que o novo membro da Empresa de Animadores, levará suas duas primeiras entrevistas. Seu nome é Lawrence Kirkland. Só lhe encontre na terceira entrevista, pode tomar as últimas três e o ensina como vai isto.

— Contratou a alguém? Como o encontrou tão rápido? Os reanimadores são bastante estranhos. Sobre tudo um que possa levantar dois zumbis em uma noite.

— É meu trabalho, encontrar talentos.

Dolph entrou no carro, eu me deslizei ao assento de passageiros.

—Diga a seu chefe que você tem que ir.

—Tenho-me que ir, Bert.

—Espera, tem a um vampiro que estacar de emergência no Hospital da Cidade do St. Louis. —Meu estômago se contraiu.

— Como chama-se?

Fez uma pausa lendo o nome.

— Calvin Rupert.

— Merda.

— O que passa? —me perguntou.

— Quando entrou a chamada?

—Ao redor das três desta tarde, por que?

—Merda, merda, merda.

—O que passa, Anita? — perguntou Bert.

— Por que não me chamou urgentemente?

Zerbrowski se sentou no assento de atrás do condutor. Dolph pôs o carro em marcha e acendeu de repente as sirenes e as luzes.

Um carro patrulha se colocou detrás de nós, suas luzes estroboscópicas iluminando a escuridão.

Luzes e sirenes, wowee.

—Rupert tinha uma dessas últimas vontades —disse Bert—. Se algum dia se convertesse em vampiro, queria ser estacado.

Era coerente em alguém que havia sido membro do HCV. Inferno, eu mesma o tinha em meu testamento.

—Temos a ordem judicial de execução?

—Só a necessita depois de que o tipo se eleve como vampiro. Temos a permissão do familiar mais próximo, só vai e lhe crave a estaca.

Agarrei-me ao painel quando saltamos sobre o estreito caminho. O cascalho produziu um som metálico contra a parte baixa do carro. Embalei o telefone entre o ombro e o queixo, e coloquei o cinto de segurança.

—Estou de caminho ao depósito de cadáveres —disse.

—Enviei ao John na frente quando não pude te encontrar — disse Bert.

— Quando?

—Chamei-o depois de que não respondesse ao procura.

—Chama-o e diga que não vá.

Deveu sentir algo em minha voz.

— O que vai mal, Anita? — perguntou

—Não conseguimos que ninguém nos responda no depósito de cadáveres, Bert.

—O que ?

—O vampiro pode haver-se levantado e já ter matado a cada um, e John estará entre eles.

—Chamarei-lhe —disse Bert.

A comunicação se cortou e baixei o telefone quando entramos na nova Estrada 21.

—Podemos matar ao vampiro quando chegarmos ali —disse.

—Isso é assassinato —me respondeu Dolph.

Neguei com o a cabeça.

—Não se Caivin Rupert tinha uma última vontade.

—E tem?

— Sim.

Zerbrowski golpeou com seu punho na espalda do assento.

— Então faremos arrebentar ao filho de cadela.

— Sim — disse.

Dolph só assentiu com o a cabeça.

Zerbrowski sorria abertamente. Tinha uma escopeta entre as mãos.

— Isso tem balas de prata? — perguntei-lhe.

Zerbrowski jogou uma olhada ao arma.

— Não.

— Por favor, me diga que não sou a única neste carro com balas de prata.

Zerbrowski sorriu abertamente.

— A prata é mais cara que o ouro. A cidade não tem essa classe de dinheiro — disse Dolph.

Sabia, mas esperava estar equivocada

— O que fazem quando vão por vampiros e licantropos?

Zerbrowski se recostou no assento de atrás.

— Quão mesmo fazemos quando vamos por uma quadrilha com pistolas Uzi.

— O que? — perguntei.

— Correr — me respondeu. Não parecia feliz por isso. Eu não estava muito feliz, tampouco. Esperava que os assistentes do depósito de cadáveres pudessem correr e saíssem, mas não contava com isso.

Minha equipe contra vampiros incluía uma escopeta com balas de prata, estacas, maço e, muitas cruces e água benta suficiente para afogar um vampiro. Infelizmente, isso encontrava no armário de meu dormitório.

Estava acostumada a levar no porta-malas, menos a escopeta, que sempre era ilegal. Se tivesse pego a equipe de vampiros sem uma ordem judicial de execução comigo, seria uma entrada automática ao cárcere. A nova lei tinha sido promulgada só semanas antes. Pretendia impedir a certos verdugos muito entusiastas, matar a alguém e dizer, caramba, sinto muito. A propósito, não sou uma das mais entusiastas. É certo.

Dolph tinha apagado as sireias aproximadamente a 1km e meio do hospital. Seguíamos pelo escuro e tranqüilo estacionamento.

O carro que atrás de nós tinha seguido nosso exemplo. Havia já um carro patrulha que nos esperava. Os dois oficiais estavam em costados ao lado do carro com as armas nas mãos.

Descemos dos carros escuros com as armas à vista. Parecia tirado de um filme do Clint Eastwood.

Não podia ver o carro do John Burke. O que significava que John comprovava sua busca mais freqüentemente que eu. Se o vampiro não causava perigo depois das paredes metálicas, prometi responder todas as mensagens que procura imediatamente.

—Por favor, só não deixe que haja flanco vistas. Amém.

Um dos oficiais que tinha estado nos esperando veio para o Dolph.

—Não se moveu nada desde que chegamos aqui, sargento — disse.

Dolph saldou com a cabeça.

—Bem. As forças especiais estarão aqui quando puderem. Estamos na lista.

—O que quer dizer com que estamos na lista? —perguntei.

Dolph me olhou.

—As forças especiais têm balas de prata e irão vir assim que puder.

— Vamos esperá-los? —perguntei.

— Não.

— Sargento, supõe-se que esperamos às forças especiais quando entram em uma situação Sobrenatural —disse o policial.

—Não se for da Equipe de Investigação Sobrenatural da Região — respondeu Dolph.

—Deveria ter balas de prata —disse.

—Tenho uma somente —disse Dolph.

—Uma, isso é verdadeiramente proveitoso.

—É civil. Tem que esperar fora. Assim não se faça de heroína.

—Também sou a executora legal de vampiros para o Estado do Missouri. Se tivesse respondido minha busca em vez de não lhe fazer caso para irritar ao Bert, o vampiro já estaria estacado e não estaríamos fazendo isto. Não me pode tirar. É meu trabalho ao igual ao teu.

Dolph me contemplou durante um minuto ou dois, depois assentiu com a cabeça muito lentamente.

—Deveria ter mantido a boca fechada —disse Zerbrowski— E podia esperar no carro.

—Não quero esperar no carro.

Só me olhou.

—Eu gostaria.

Dolph começou a caminhar para as portas. Zerbrowski lhe seguiu. Cobri a retaguarda. Era a perita Sobrenatural da polícia. Se as coisas saíam mau esta noite, ganharia uma entrevista com o advogado.

Trazem para todas as vítimas de vampiros ao porão do velho Hospital do St. Louis, inclusive aqueles que morrem em um condado diferente. Não há muitos depósitos de cadáveres equipados para dirigir a vampiros recentemente levantados.

Aqui têm uma câmara especial, reforçada com aço e cruces colocadas por fora da porta. Há até um depósito alimentício para saciar aquela primeira luxúria de sangue. Ratos, coelhos, coelhinhos de índias. Só um bocado para acalmar aos recém levantados.

Em circunstâncias normais, o corpo do homem teria estado na câmara de vampiros e não teria havido nenhum problema, mas eu lhes tinha assegurado que ele era seguro. Eu era a perita, a que chamavam para estacar aos mortos. Se dizia que um corpo era seguro, acreditavam. E se tinha equivocado. Deus me ajudasse, tinha-me equivocado.

O Hospital da cidade de St. Louis se assentava como um gigante redondo de tijolo no centro de uma zona de combate. Caminhando alguns blocos para o sul, podia-se ver em direto os musicais ganhadores dos prêmios Tony da Broadway. Mas aqui podíamos estar no bairro baixo da lua. Se a lua tivesse bairros baixos.

As janelas rotas decoravam o chão como destroçados dentes. O hospital, como a maioria dos hospitais centrais de uma cidade grande, tinha perdido dinheiro, assim que o tinham enclausurado. Mas o depósito de cadáveres permaneceu aberto porque não podiam permitir o luxo de mover a câmara de vampiros.

Tinha sido desenhado nos inícios de 1900 quando a gente ainda pensava que podiam encontrar um padre para o vampirismo. Encerravam a um vampiro, observando-o despertar e tratando de curá-lo. Muitos vampiros cooperaram porque queriam curar-se. O Doutor Henry Mulligan tinha promovido a busca de um padre. O programa foi interrompido quando um dos pacientes comeu a cara do doutor.

Isso pôs fim ao programa de ajuda ao pobre vampiro incompreendido.

Mas a câmara ainda era usada para guardar a maior parte das vítimas de vampiros. Sobre tudo por precaução, porque nestes dias, quando um vampiro despertava, encontrava-se com que havia um conselheiro de vampiros à espera de transformar ao recém-nascido vampiro de um ser violento a um civilizado.

Tinha-me esquecido do conselheiro de vampiros. Este era um programa pioneiro que só tinha estado ativo pouco mais de um mês. Seria capaz um vampiro maior de controlar a um vampiro animalístico, ou necessitaria a um vampiro mestre para controlá-lo? Não sabia. Desconhecia-o.

Dolph tinha sua arma preparada. Mas sem balas chapeadas, era melhor cuspir ao monstro. Zerbrowski sustentou a escopeta como sabia usá-la. Havia quatro oficiais uniformizados detrás de

mim. Todos com armas, todos preparados para lhe despedaçar o traseiro ao não-morto. Então porque não me sentia cômoda? Porque ninguém mais tinha as terroríficas balas de prata.

As portas duplas de cristal sussurraram ao abrir-se automaticamente. Sete armas a apontaram quando esta se moveu.

Meus dedos estavam todos apertados tentando não dar um tiro à maldita porta.

Um dos oficiais engoliu um risinho. Nervosos? Quem nós?

—Bem —disse Dolph—, há civis aqui. Não atirem em nenhum deles.

Um dos polícias era loiro. Seu companheiro era negro e grande. Os outros dois oficiais teriam uns vinte anos; um magro e alto com uma proeminente pomo do Adão, o outro baixo, com a pele pálida e os olhos quase vítreos pelo medo.

Cada policial tinha uma cruz presa à gravata. Era o último estilo em uniforme para a polícia de St. Louis. As cruzes ajudariam, talvez até os manteriam com vida.

Não tinha tido tempo de substituir a corrente de meu crucifixo, levava posto um bracelete desses em que pendiam diminutas cruces, também levava posta uma corrente no tornozelo, não porque isto fizesse jogo com o bracelete, mas sim porque se algo estranho se passava esta noite, queria ter uma reserva.

Era como escolher entre cara ou cruz, com qual eu não gostaria de viver, cruz ou arma. Melhor ter ambas.

—Nos aconselha sobre como deveríamos fazê-lo, Anita? — perguntou Dolph.

Até pouco tempo a polícia não ajudava absolutamente. Em épocas antigas, deixavam aos vampiros a um punhado de exclusivos peritos. Eram tempos em que podia estacá-los e terminar o trabalho. Eu tinha sido uma desses poucos, a orgulhosa, a valente, a executora.

—Poderíamos formar um círculo, as armas apontando para fora. Isto aumentaria nossas possibilidades de não ser atacados de superesa.

—Não os ouviremos quando chegarem? — perguntou o loiro.

—Os não mortos não fazem nenhum ruído — assinalei.

Seus olhos se alargaram.

—É uma brincadeira, oficial —expliquei.

—Ouça —disse ele brandamente. Pareceu ofendido. Acredito que não lhe culpei.

—Desculpe—disse.

Dolph franziu o cenho.

—Disse que o sinto.

—Não faça brincadeiras aos novatos —disse Zerbrowski—. Apostaria que este é seu primeiro vampiro. — O policial negro fez um som entre uma risada e um grunhido—. É seu primeiro dia ativo.

—Jesus —disse— Pode esperar no carro?

—Posso me cuidar —assinalou o loiro.

—Não digo o contrário, porém não existe uma espécie de regra sindical de não brigar contra vampiros durante o primeiro dia de trabalho ativo?

—Posso fazê-lo —assegurou ele.

Sacudi a cabeça. Seu primeiro dia de merda. Deveria estar dirigindo o tráfico em algum lugar, não jogando com um morto andante.

—Tomarei a frente—disse Dolph— Anita a minha direita. — Assinalou com dois dedos ao negro e ao loiro.

—Vocês dois a minha esquerda. —Assinalou aos dois últimos oficiais—Detrás da Sra. Blake. Zerbrowski, toma a retaguarda.

—Caramba, obrigado sargento —resmungou ele.

Quase lhe deixei ir, mas não pude fazer.

—Sou a única com munição de prata. Deveria ir a frente — disse.

—É uma civil, Anita —respondeu Dolph.

—Não sou civil há anos e você o sabe. —Olhou-me durante um comprido segundo, depois sacudiu a cabeça—. Toma o frente, mas se acabar morta, meu traseiro acabará na erva. Sorri.

—Tratarei de recordá-lo.

Dei um passo ao frente, um passo a diante dos outros. Formaram um círculo compacto detrás de mim. Zerbrowski me fez sinal com seus polegares. Fez-me sorrir. Dolph fez uma breve

inclinação de cabeça, era hora de entrar. A hora de caçar ao monstro.

As paredes eram de dois tons em verde. Caqui escuro de fundo com verde vômito em cima. Verde institucional, tão encantador como uma dor de dente. Os tubos de vapor eram enormes, estavam colocados por cima de minha cabeça, e cobriam as paredes. Os tubos estavam pintados também de verde, estreitaram-se no vestíbulo convertendo-o em um estreito corredor.

Os dutos elétricos estavam pintados com solvente em um prateado que produziam um sombreado nos tubos de vapor. Difícil pôr eletricidade em um edifício que nunca foi desenhado para isso.

As paredes estavam cheias de grumos onde pintou sem ter raspado primeiro. Se cavasse nas paredes, encontraria capa detrás de capa de diferentes cores, como os estratos que um arqueólogo cava. Cada cor contava sua própria história, suas próprias lembranças dolorosas.

Parecia-me estar no ventre de um grande navio. Com a diferença de que em vez do rugido de motores, sentia o batimento do coração de um silêncio quase perfeito. Existem alguns lugares onde o silêncio pendura em pesadas dobras, o Hospital da Cidade do St. Louis era um daqueles lugares.

Se tivesse sido supersticiosa, coisa que não sou, haveria dito que o hospital era o lugar perfeito para os fantasmas.

Existem diferentes classes de fantasmas. A classe regular são os espíritos dos mortos atrasados que permanecem quando deveriam ter ido ao Céu ou ao Inferno. Os teólogos tinham discutido sobre o que a existência de fantasmas significou para Deus e a igreja durante séculos. Não penso que a Deus em particular lhe incomode, mas à igreja sim.

Muitas pessoas tinham morrido neste lugar para carregá-lo com verdadeiros fantasmas, mas nunca tinha visto nenhum pessoalmente. Até que um fantasma envolva seus frios braços em mim, não acreditaria, espero que não aconteça logo.

Mas há outra classe de fantasmas. As impressões psíquicas, emoções fortes, que empapam as paredes e os pisos de um edifício.

Parece-se com um telefone magnético emocional. Às vezes com imagens de vídeo, às vezes só som, às vezes somente um tremor sob sua coluna vertebral quando toca certo ponto.

O velho hospital era pesado com zonas frias. Pessoalmente, nunca tinha visto ou tinha ouvido nada, mas caminhando pelo vestíbulo, sabia que em algum lugar, próximo, havia algo. Algo esperando justo fora de minha vista, fora do alcance de meu ouvido, simplesmente fora de alcance. Esta noite isso era possivelmente um vampiro.

Os únicos sons eram o arrasto de nossos pés, o roce da tela, nós em movimento. Não havia nenhum outro som.

Quando está realmente tranquilo, começa a ouvir coisas até se for simplesmente o zumbido do sangue que palpita em seus ouvidos.

A primeira esquina surgiu ameaçadora a minha frente. Era a primeira. Tinha-me devotado em ser a primeira. Tinha que dar a volta primeiro. Independentemente de o que estivesse ao outro lado da curva, era melhor. Odeio quando banco a heroína.

Agachei-me sobre uma perna, minha arma sustentada por ambas as mãos, apontando. Isso não serve para que aparecesse primeiro a minha arma no canto da esquina. Não podia dar um tiro ao que não podia ver. Há distintas formas de não rodear as esquinas às cegas, nenhuma delas era infalível. É importante sobretudo se tiver medo de receber um tiro ou ser apanhada. Já que era um vampiro, estava mais preocupada com ser apanhada e ter minha garganta arrancada.

Pressionei meu ombro direito contra a parede, respirei fundo, e me lancei para frente. Não fiz um rolamento lipo no vestíbulo. Simplesmente caí sobre meu lado esquerdo com o arma sustentada por ambas as mãos em frente a mim. Confie em fazer isso já que era o modo mais rápido de ser capaz de apontar ao outro lado do canto. Necessariamente, não o recomendaria se os monstros devolvessem os disparos.

Estava no vestíbulo, meu coração palpitando em meus ouvidos. As boas notícias eram que não havia nenhum vampiro. As más, que havia um corpo.

Ajoelhei-me, ainda procurando no sombreado vestíbulo indícios de movimento. Às vezes, com um vampiro não vê nada, não o ouve até que o sente sobre seus ombros, detrás de ti, sobre as finas veias de sua nuca. Nosso corpo responde a ritmos mais antigos que o pensamento. De fato, pensar em lugar de atuar pode às vezes te matar.

—Está vazio —disse.

Ainda me encontrava agaixada em meio do vestíbulo, minha arma pronta para o uso.

— Por que rodou pelo piso? — perguntou Dolph.

Percorri-lhe com o a olhar, então, observe de novo o vestíbulo. Não havia nada ali. Isso estava bem. Realmente bem.

O corpo levava posto um uniforme azul claro. Uma etiqueta dourada e negra no bolso dizia SEGURANÇA. o cabelo do homem era branco. Mandíbulas fortes, nariz grosso, pestanas como cinzas cordões contra suas pálidas bochechas. Sua garganta estava aberta.

Havia uma arma na mão direita da homem. Pus minhas costas contra a parede esquerda e olhei ao corredor de um lado a outro até que as esquinas cortaram minha visão. Deixei a polícia investigar o corpo. Meu trabalho esta noite era mantenos vivos.

Dolph ficou agaixado ao lado do corpo. Inclinou-se fazendo uma flexão, levando sua cara perto da arma.

—foi disparada.

—Não vestígio de pólvora perto do corpo —disse.

Não olhei ao Dolph quando o disse. Meu olhar estava muito ocupada revisando o corredor em busca de movimento.

—A arma foi disparada —repetiu.

Sua voz pareceu áspera, afogada.

Joguei-lhe uma olhada. Seus ombros estavam tensos, seu corpo rígido com uma espécie de dor.

—O conhece? —disse.

Dolph assentiu com o a cabeça

—Jimmy Dugan. Foi meu companheiro durante uns meses quando era mais jovem do que você é agora. retirou-se e não podia viver de sua pensão, então conseguiu um trabalho aqui. —Dolph sacudiu a cabeça.

Merda, o que poderia dizer? Sinto muito, não era suficiente, sinto como o inferno, estava um pouco melhor mas ainda não era suficiente.

Nada no que pudesse pensar em dizer era adequado. Nada que pudesse fazer o faria sentir-se melhor. Então, mantive-me ali, de pé no corredor salpicado de sangue e não fiz nada, não disse nada.

Zerbrowski se ajoelhou ao lado do Dolph. Colocou uma mão em seu braço. Dolph elevou a vista. Havia um desejo de um pouco de forte emoção em seus olhos; cólera, dor, tristeza. Todo o anterior, nenhuma das anteriores. Apartei a vista. Fiquei com o olhar fixo no homem morto, o arma ainda sujeita fortemente em sua mão e pensando em algo útil que dizer.

— Dão aos guardas daqui balas de prata? —Dolph me jogou olhada. Não adivinhei desta vez, seu olhar estava cheio de cólera

— Por que?

—Os guardas deveriam usar balas de prata. Um de vocês, a pegaria e teremos duas armas com balas de prata.

Dolph contemplou o arma.

— Zerbrowski.

Zerbrowski tomou o arma brandamente, como se tivesse medo de despertar ao homem. Mas esta vítima de vampiro não ia levantar. Sua cabeça se ajeitou a um lado, músculos e tendões quebrados. Parecia que alguém tinha tirado a carne e a pele ao redor de seu pescoço com uma colher grande.

Zerbrowski comprovou o cilindro

— Prata.

Fez rodar o cilindro no revólver e se levantou, o arma em sua mão direita. A escopeta a sujeitou facilmente com sua mão esquerda.

— Munição suplementar? —perguntei.

Zerbrowski começou a procurar mas se deteve, Dolph sacudiu sua cabeça. Procurou no morto. Suas mãos se cobriram de sangue coagulado quando o fez. Tratou de limpar o sangue seca em um lenço branco, mas o sangue manchou as palmas de suas mãos, sob suas unhas. Só o sabão e água o tirariam.

—Sinto muito, Jimmy —disse brandamente.

Ainda não tinha gritado. Eu teria gritado. Mas as mulheres têm mais produtos químicos em seus condutos lacrimais. Faz-nos expressarmos mais facilmente que aos homens. Palavra.

—Não há munição extra. Penso que Jimmy pensou que cinco eram suficientes para um estúpido trabalho de segurança.

Sua voz era violenta pela cólera. A cólera era melhor que o pranto. Se puder maneja-la.

Segui comprovando o corredor, mas meus olhos seguiam voltando ao morto. Estava morto porque não havia cumprido com meu trabalho. Se não te houvesse dito ao condutor da ambulância que o corpo era seguro, te teriam posto na câmara e Jimmy Dugan não teria morrido.

Odeio quando as coisas são por minha culpa

—Vamos — disse Dolph.

Tomei a frente. Havia outra esquina. Fiz minha pequena rotina agachar e rolar outra vez. Ponho a metade em meu corpo, com a arma nas duas mãos apontando o vestíbulo. Nada se movia no comprido vestíbulo verde. Havia algo no chão. Vi primeiro a parte inferior do guarda. Pernas em azul claro, o sangue empapando nas calças. Uma cabeça com uma comprida gola de cabelo castanho se perfilava a um lado do corpo, como um conglomerado esquecido de carne.

Fiquei de pé, minha arma ainda se movia, procurando algo para apontar. Nada se movia exceto o sangue que ainda gotejava por as paredes. O sangue goteja devagar como a chuva ao final do dia, espessamente, coagulando-se quando se movia.

—Jesus! —Não estava segura de que polícia o havia dito, mas estive de acordo.

A parte superior de seu corpo tinha sido destroçada como se o vampiro tivesse submerso ambas as mãos em seu peito e tivesse puxado. Sua coluna vertebral havia se quebrado como uma marionete. Os pedaços de carne, sangue e osso orvalhavam o vestíbulo como nos horripilantes pétalas de uma flor.

Podia saborear a bilis por minha garganta. Respirei através da boca em profundos fôlegos. Engano. O ar teve sabor de sangue, grosso, espesso, quente e ligeiramente salgada. Havia uma acidez

subjacente onde o intestino superior e o estômago tinham sido abertos à força. A morte fresca cheira como uma mescla entre um matadouro e um privada. A merda e a sangue é ao que a morte cheira.

Zerbrowski explorava o vestíbulo, com a arma emprestada na mão. Tinha quatro balas. Eu tinha treze, mais um clipe suplementar em minha bolsa de esporte, Onde estava a arma do segundo guarda.

— Onde está sua arma? — perguntei.

Os olhos do Zerbrowski me olharam, depois ao cadáver, então retornaram explorando o vestíbulo.

— Não a vejo.

Nunca tinha encontrado a um vampiro que usasse uma arma, mas sempre há uma primeira vez.

— Dolph, onde está a arma do guarda?

Dolph se ajoelhou sobre o sangue e tratou de revistar o corpo. Moveu de um lado a outro a ensangüentada carne e os pedaços de tecido, como se o batesse com uma colher. Uma vez a visão disto me fez perder meu almoço, mas não o fez mais. Era um mau aviso que não vomitasse mais sobre os cadáveres? Talvez.

— Explorem, procurem a arma — disse Dolph.

Os quatro policiais se estenderam procurando, o loiro estava pálido e tragava convulsivamente, mas o fazia. Bom para ele. O alto com a proeminente pomo de adão foi o que se quebrou primeiro. Deslizou-se sobre um pedaço de carne e caiu sobre seu traseiro em uma piscina de sangue coagulado. Ajoelhou-se e vomitou contra a parede.

Tomava fôlegos rápidos, pouco profundos. O sangue e o açougue não tinha sido suficiente, mas o som de alguém mais vomitando podia sê-lo.

Pressionei meus ombros contra a parede e me movi para a seguinte esquina. Não vomitarei. Não vomitarei. Ah, Deus, por favor não me deixe vomitar. Tratou alguma vez de apontar uma arma lançando suas tripas pela boca? É malditamente impossível. Está indefesa até que termina. Depois de ver os guardas, não quis estar indefesa.

O policial loiro se apoiava contra a parede. Sua cara estava brilhante com um suor doentio. Olhou-me e podia lê-lo em seus olhos.

—Não o faça —sussurrei—, por favor, não o faça.

O novato caiu de joelhos e isso foi tudo. Perdi todo que tinha comido esse dia. Ao menos, não vomitei no cadáver. Fazia isso uma vez e Zerbrowski nunca deixou que o esqueça. Naquele caso particular, a queixa era que tinha manipulado as provas.

Se tivesse sido o vampiro, teria aparecido enquanto a metade de nós vomitava nossas tripas. Mas nada se deslizou pela esquina.

Nada vira gritando da escuridão. Fomos afortunados.

—Se tiverem acabado —disse Dolph—, temos que encontrar sua arma e ao que fez isto.

Limpei minha boca na manga de meus macacões de trabalho. Suava, mas não havia tempo para me tirar isso meus tênis negros se pegaram ao piso com pequenos sons de squeegee. Havia sangue nas revestidas de meus sapatos. Talvez, o macacão de trabalho não era uma idéia tão má.

O que queria era um pano molhado. O que obtive foi continuar caminhando pelo vestíbulo verde, deixando pequenas pegadas ensanguentadas detrás de mim. Esquadrinhei o chão e ali havia rastros afastando do corpo, para a parte traseira do vestíbulo, em direção ao primeiro guarda.

—Dolph?

—Vejo-as —disse.

As débeis pegadas se dirigiam através do açougue dobrando a esquina, afastando-se de nós. Parecia-me bem, mas tinha melhor critério. Devíamos aproximamos. Caramba.

Dolph se ajoelhou ante o pedaço maior do corpo.

— Anita.

Aproximei-me, evitando os sangrentos rastros. Nunca piso nas pistas. À polícia não gosta disso.

Dolph assinalou um enegrecido pedaço de tecido. Ajoelhei-me com cuidado, contente que levava ainda meu bonito macacão. Podia me ajoelhar sobre tudo o sangue que queria sem sujar a roupa. Sempre preparada, como uma boa exploradora.

A camisa da mulher estava carbonizada e enegrecida. Dolph tocou o material com a ponta de seu lápis. O tecido gretado em grossas capas, quebrando-se como pão queimado. Dolph empurrou por uma das capas em um buraco. desmoronou-se. Um estalo de cinza e um agudo aroma acre surgiu do corpo.

—Que demônios aconteceu? —perguntou Dolph.

Traguei, ainda saboreando o vômito detrás de minha garganta. Isto não ajudava.

—Isto não é o tecido.

—Então o que é?

— Carne.

Dolph me olhou. Sujeitou o lápis como se fosse quebra-lo.

—Sério.

—Queimadura de terceiro grau —disse.

— O que a cousou?

—Posso tomar emprestado seu lápis? —perguntei.

Deu-me isso sem dizer uma palavra.

Cavei no que ficava de seu peito. A carne estava tão chamuscada que sua camisa se derreteu com ela. Apartei as camadas, cavando para baixo com o lápis. O corpo humano, ao contato com o a Luz, incendeio-se e rangeu como a pele queimada de uma galinha. Quando tinha submerso a metade da lápis na queimadura, toquei algo sólido. Usei o lápis para abrir alavancando para cima. Quando estava quase na superfície situei meus dedos dentro da buraco e atirei de um conglomerado de metal enroscado na queimada carne.

—O que é isso? —perguntou.

—É o que sobrou de sua cruz.

O pedaço de prata derretida cintilou na cinza negra.

—Isto era sua cruz, Dolph. derreteu-se em seu peito, incendiando sua roupa, o que não entendo é por que o vampiro manteve contato com o metal ardente. O vampiro deveria estar quase tão queimado como ela, mas não está aqui.

—Explica —disse.

—Os vampiros animalísticos são como nos viciados em PCP, não sentem dor. Acredito que o vampiro esmagou seu peito, a cruz

te roçou, irrompeu em chamas e o vampiro ficou unido a ela, rasgando-a enquanto se queimavam. Ante qualquer vampiro normal, ela teria estado segura.

—Então as cruzes não podem deter este —disse.

Contemplei a massa de metal.

—Pelo visto, não.

Os quatro policiais olhavam o escuro vestíbulo, inegavelmente frenéticos. Não tinham contado com que as cruzes não funcionassem. Eu tampouco. O ato de não sentir dor tinha sido uma pequena nota ao pé da página de um artigo. Ninguém tinha teorizado que isto significasse que as cruzes não lhe protegiam. Se sobrevivia, teria que escrever um pequeno artigo para o a revista trimestral o Vampiro, cruzes que se derretem sobre o a carne, wow.

Dolph se levantou.

—Mantenham-se juntos, meninos.

—As cruzes não funcionam —disse um policial.

—Temos que voltar e esperar a equipe especial.

Dolph só te olhou.

—Pode voltar se quiser.

Jogou uma olhada ao guarda morto.

—Isto é um trabalho. Outros saiam e esperem às equipes especiais.

O policial alto saldou com o a cabeça e tocou o braço de seu companheiro.

Seu companheiro trágou com força, seus olhos dividindo a olhar entre o Dolph e o corpo rangente do desafortunado guarda.

Deixou que seu companheiro o arrastasse pelo corredor. De retorno a segurança. Não teria sido agradável se pudéssemos ir? Mas não podíamos deixar que algo como isto escapasse. Inclusive se não tivesse tido uma ordem de execução, nós teríamos que matá-lo, em vez de nos arriscar a que algo assim escapasse.

— E você e o novato? —Dolph te perguntou ao policial negro.

—Nunca escapei dos monstros. Ele é livre para voltar com nos demais.

O loiro negou com o a cabeça, arma em mão, dedos apertados em tensão.

—Fico.

O outro policial te dedicou um sorriso que significou mais que mil palavras. Tinha optado pelo a opção de homem. Essa era a eleição de um adulto? Independentemente de se ficava ou não.

—Uma esquina mais e a câmara deveria estar a vista —disse.

Dolph jogou uma olhada ao a última esquina. Seus olhos se encontraram com os meus e me encolhi de ombros. Não sabia o que ia acontecer ao dar a volta na esquina. Este vampiro fazia coisas que haveria dito que eram impossíveis. As regras tinham mudado e não a nosso favor.

Vacilei contra a parede da esquina mais próxima. Pressionei minhas costas contra a parede e me deslizei devagar por ela, rodeando a esquina. Fiquei com o olhar fixo no pequeno e reto vestíbulo. Havia uma arma no meio do mesmo. A arma do segundo guarda? Talvez.

Na parede esquerda deveria ter estado a grande porta de aço com cruzes soldadas nela. O aço havia estalado para fora em uma massa de prata. Tinham metido o corpo humano na câmara depois de tudo.

Não tinha matado aos guardas. Deveriam ter estado a salvo. Nada se moveu. Não existia iluminação na câmara. Era, simplesmente, a maldita escuridão. Se houvesse um vampiro esperando na habitação, não o poderia ver. É obvio, não estava tão perto, tampouco. Não parecia uma boa idéia.

—Está livre pelo que posso ver —disse.

—Não parece segura —disse.

—Não o estou —respondi.

Olhei furtivamente que ficava da câmara. Ele também jogou uma olhada. Soltou um suave zumbido.

—Jesus! —disse Zerbrowski.

Inclinei a cabeça.

— Sim.

— Isso está aí? —perguntou.

—Acredito que sim.

— É nossa especialista. Por que não parece estar segura?

— Se me tivesse perguntado se um vampiro podia passar por entre um metro e meio de aço com cruces de prata soldadas por todo o maldito lugar, haveria dito que não há maneira.

Olhei fixamente o buraco negro.

—Mas aqui está.

—Significa isso que está tão surpreendida como o estamos nos demais? —perguntou Zerbrovski.

— Sim.

—Então, estamos em merda profunda —disse.
Lamentavelmente, estive de acordo.

A câmara surgiu ante nós. Escura como a boca de um lobo, com um vampiro louco que nos esperava dentro, só necessito uma xícara de chá. De acordo.

—Tomarei a frente agora —disse Dolph.

Tinha a arma do segundo guarda em sua mão. Sua própria arma estava escondida. Agora tinha balas de prata; iria primeiro. Dolph era bom nisso. Nunca ordenaria que um de seus homens fizesse algo que ele não faria. Desejei que Bert fosse como ele. Bert, com maior probabilidade, prometeria a seu filho primogênito, depois perguntaria se estava de acordo.

Dolph vacilou na boca aberta da câmara. A escuridão era bastante espessa para cortá-la. Era a escuridão absoluta de uma cova. A classe da qual, pode tocar seus olhos com os dedos e não piscar.

Indicou-nos com a arma que avançássemos, mas se moveu para a escuridão, à parte mais longínqua do vestíbulo. Os ensangüentados rastros ingressavam na escuridão e saíram dela. Rastros ensangüentados dirigindo-se para a esquina, rodeando-a, muito perto. Estava cansada das esquinas.

Zerbrowski e eu nos deslocamos para nos colocamos ao lado do Dolph. A tensão se deslocou ao longo de meu pescoço e ombros.

Respirei fundo e o soltei, lentamente. Melhor. Veja, minha mão não treme.

Dolph não rodou pelo chão para rodear a esquina. Andou pegado à parede, o objetivo nas suas mãos, preparado para a presa.

—Não disparem, não estou morto —disse uma voz.

Eu conhecia essa voz.

—É John Burke. Está comigo.

Dolph jogou uma olhada detrás de mim.

—Recordo-lhe.

Encolhi-me de ombros, era melhor estar a salvo que pedir desculpas depois. Confiava no Dolph de que não daria um tiro ao John por acaso, mas havia dois policiais aos que não conhecia.

Sempre extremo as precauções quando trabalho com armas de fogo. Palavra de uma sobrevivente.

John era de compleição magra, escuro, alto. Seu curto cabelo era absolutamente negro com uma ampla raia branca à frente. Isto era uma alarmante combinação. Sempre foi formoso, mas agora que se barbeou, parecia-se menos com um bandido de Hollywood e mais a um homem imponente. Alto, escuro e formoso, e, além disso, sabia matar vampiros, o que mais posso pedir? Suficiente, essa é outra história.

John chegou sorrindo pela esquina. Tinha uma arma, e ainda melhor, tinha seu equipamento de vampiro na mão.

—Vim na frente para me assegurar de que o vampiro não escapava enquanto vinha de caminho.

—Obrigado, John —disse.

Ele se encolheu os ombros.

— Só protegendo o bem-estar público.

Esta era minha oportunidade para me encolher de ombros.

—Se você diz.

— Onde está o vampiro? —perguntou Dolph.

—Estava-o rastreando —disse John.

—Como ? —perguntei.

— Pegadas nuas ensangüentadas.

Pegadas nuas. Jesus. O cadáver não tinha sapatos, mas John o tinha entendido. Girei para o a câmara. Muito tarde, muito lenta, muito muito malditamente mal.

O vampiro saiu da escuridão, movendo-se muito rápido para ver-lo. Era um borrão que lançou ao novato contra a parede. Ele gritou, sua arma pressionada o peito do vampiro. Os disparos soavam forte no vestíbulo, ressonando no corredor. As balas saíram pelas costas do vampiro como se tivessem atravessado a névoa.

Avancei tratando de apontar sem golpear ao novato. Ele gritava, um contínuo som.

O sangue orvalhado como uma chuva cálida. Disparei na cabeça da coisa mas se moveu, incrivelmente rápido, sacudindo ao homem contra a outra parede, despedaçando-o. Havia muitos gritos e movimento, mas tudo parecia ocorrer desde muito longe, muito

lento. Tudo terminaria de um momento a outro. Era a única que estava o suficientemente perto com balas de prata. Intervim, meu corpo roçando ao vampiro, e coloquei o cano da pistola na parte traseira de seu crânio. Um vampiro normal não me teria deixado fazer-lo. Apertei o gatilho, mas o vampiro girou, levantando ao homem sobre seus pés, lançando-o sobre mim. A baía errou o branco e nos estatelamos contra o chão. O ar foi extraído de mim durante um segundo com o peso de dois homens adultos sobre meu peito. O novato estava sobre mim, gritando, sangrando, morrendo.

Empunhei de novo a arma contra a parte traseira da crânio da vampiro e disparei. Sua nuca explorou em uma aspensão de sangue, ossos, coisas pesadas e molhadas. O vampiro seguiu rasgando a garganta da homem. Deveria ter morrido, mas não o estava.

O vampiro se levantou de volta, o sangue filtrando-se entre seus dentes, coagulando-se. Era como se tivesse feito uma pausa, como um homem deixando acontecer o ar entre compridos suspiros. Empurrei o cano dentro de sua boca. Os dentes chiaram contra o metal. Sua cara explorou desde o lábio superior até o a tampa dos miolos. Os dentes inferiores se moveram no ar, mas não podiam conseguir uma dentada. O corpo sem cabeça se apoiou sobre suas mãos, como se tentasse levantar-se. Coloquei o arma em seu peito e apertei o gatilho. A esta distância, deveria ser capaz de destruir seu coração. Nunca, realmente, tinha tratado de tirar-lhe a um vampiro com uma pistola. Perguntei-me se funcionária. Perguntei-me que me passaria se isto não o fazia.

Um estremecimento lhe transpassou o corpo. Exalou em um comprido suspiro, mudo.

Dolph e Zerbrowski o arrastavam para trás. Acredito que já estava morto, mas no caso de, a ajuda foi apreciada. John salpicou ao vampiro com água bendita. O líquido borbulhou e borbulhou sobre o agonizante vampiro. Morria. Realmente o fazia.

O novato não se movia. Seu companheiro o separou de mim, carregando-o contra seu peito como a um menino.

O sangue tingiu o cabelo loiro de sua cara. Os olhos pálidos estavam totalmente abertos, sem olhar nada. Os mortos sempre estão cegos, de uma ou outra forma.

Tinha sido valente, um bom menino, embora não fora muito mais jovem que eu. Mas me senti como tivesse aproximadamente um milhão de anos mais ao olhar fixamente sua cara pálida, morta. Estava morto, assim como assim. Ser valente não te salva dos monstros. Só melhora suas possibilidades.

Dolph e Zerbrowski tinham tendido ao vampiro no solo. John se sentava escarranchado sobre o corpo com uma estaca e um maço na mão. Eu não usava uma estaca fazia anos. Minha opção era a escopeta. Mas para isso, era uma insensível assassina de vampiros.

O vampiro estava morto. Não tinha que ser estacado, mas me apoiei contra a parede e olhei. Mais vale acautelar que lamentar. A estaca entrou mais fácil do que o normal porque tinha feito um buraco para ela. Minha arma todavia estava em minha mão. Não tinha necessidade de guardaria ainda. A câmara estava às escuras, onde havia um vampiro, freqüentemente havia mais. Mantinha minha arma fora.

Dolph e Zerbrowski foram a câmara destruída, com as armas na mão. Deveria ter levantado e ter ido com eles, mas agora mesmo, pareceu-me muito importante só respirar. Podia sentir o sangue passando repetidamente por minhas veias, cada pulso em meu corpo era forte. Sentia-me bem por estar viva, horrível por não ter sido capaz de salvar ao menino.

Sim, horrível.

John se ajoelhou a meu lado.

—Está bem?

Assenti com o a cabeça.

— Claro.

Olhou-me como se não me acreditasse, mas me deixou ir. Homem preparado.

A luz cintilou na câmara. Rica, amarela, quente como um dia de um verão.

—Jesus! —disse Zerbrowski.

Levantei-me e quase caí; minhas pernas eram instáveis. John agarrou meu braço e lhe contemplei até que me deixou ir.

Concedeu-me um meio sorriso

—Um osso duro.

—Sempre —disse.

Tivemos duas entrevistas. Engano. Fez com que ao trabalhar juntos fôssemos mais torpes, e não podia enfrentar-se comigo sendo uma versão feminina dele. Tinha essa velha idéia do sul de como deveria ser uma dama. Uma dama não deveria levar uma arma e passar a maior parte de seu tempo coberta de sangue e cadáveres. Eu tinha duas palavras para aquela atitude. Sim, essas são as palavras.

Havia um grande aquário destroçado contra uma parede. Tinha tido porquinhos da Índia, ou ratos, ou coelhos. Tudo o que tinha agora eram brilhantes poças de sangue e pedaços de pele. Os vampiros não comem carne, mas se puser pequenos animais em um contêiner de cristal e depois os lança contra a parede, está jogando ao jogo de dados com pequenos animais. Não havia o suficiente para recolher com uma colher.

Havia uma cabeça perto dos cristais, provavelmente homem, a julgar pelo cabelo curto e estilo. Não me aproximei para comprová-lo. Não quis lhe ver a cara. Eu tinha sido valente esta noite. Não tinha nada mais que demonstrar.

O corpo era apenas um pedaço. Parecia que o vampiro tinha metido ambas as mãos no peito, agarrado um punhado de costelas e atirado. O peito estava quase rasgado em dois, mas uma cinta de malha de rosado músculo e intestino o mantinha unido.

—A cabeça tem presas —disse Zerbrowski.

—É o conselheiro de vampiros —disse.

—O que aconteceu?

Encolhi-me de ombros.

—Em uma conjetura, acredito que o conselheiro se inclinava para o vampiro quando este se elevou. Matou-lhe, rápido e mesquinho.

— Por que matou ao conselheiro de vampiros? —perguntou Dolph.

Encolhi-me de ombros.

— Era mais animal que humano, Dolph. Despertou em um estranho lugar com um estranho vampiro que se inclinava sobre ele. Reagiu como qualquer animal apanhado, e se protegeu.

— Por que o conselheiro não pôde controlá-lo? É paraisso que estava aqui.

—A única pessoa que pode controlar a um vampiro animalístico é o mestre que o criou. O conselheiro não era o bastante poderoso para controlá-lo.

—E agora, o que faremos? —perguntou John. Tinha guardado sua arma. Eu ainda não o tinha feito. Me sentia melhor com ela em minhas mãos, pela razão que fora.

—Agora vou cumprir minha terceira entrevista de reanimação da tarde.

—Justo como isto?

Elevei a vista, pronta para me zangar com alguém.

— O que quer que façamos, John, cair ao chão e gritar? Isso não devolverá aos mortos e me zangaria como o inferno.

Suspirou.

—Sei só correspondi a sua aparência.

Guardei minha arma no coldre do ombro, ri dele.

—Foda-se — disse.

Sim, essas são as palavras.

Tinha lavado a maior parte do sangue de minha cara e mãos no quarto de banho do depósito de cadáveres. Os macacões de trabalho manchados de sangue estavam no porta-malas. Estava limpa e apresentável, ou tão apresentável como deveria estar esta noite.

Bert me tinha indicado onde encontrar ao novato para o terceiro trabalho da noite. O Cemitério do Oakglen, às dez.

A idéia era que o novato levantava dois zumbis, eu me ocuparia de levantar só ao terceiro. Estava de acordo.

Passavam uns minutos de 10:35 quando chequei ao Cemitério Oakglen. Tarde. Maldição. Não causará uma grande impressão no novato, sem contar com o meu cliente. A Sra. Doughal era uma viúva recente. Fazia cinco dias. Seu marido não tinha deixado testamento. Sempre tinha tido a intenção de fazê-lo, mas já conhece como é, foi postergando. Devia levantar o Sr. Doughal ante dois advogados, duas testemunhas, os três filhos dos Doughals e uma perdiz em uma pereira. Tinham pronunciado uma sentença o mês passado na qual a pessoa que houvesse falecido fazia uma semana ou menos, poderia ser levantada e verbalmente fazer seu testamento. Isso salvaria a herança dos Doughals. Menos os honorários dos advogados, é obvio.

Havia uma linha de carros estacionados a um lado do estreito caminho de cascalho. Os pneus jogavam inferno com a grama, mas se não estacionasse longe a um lado do caminho, ninguém poderia usá-lo. Supostamente quantas pessoas tinham que usar o caminho do cemitério às 10:30 de noite? Reanimadores, sacerdotes de vodu, adolescentes fumantes, necrófilos, discípulos de Satã. Tinha que ser membro de uma religião legítima e ter permissão para celebrar uma missa em um cemitério depois do anoitecer. Ou ser um reanimador. Não necessitamos permissão. Principalmente, porque não temos a reputação de realizar sacrifícios humanos. Umas maçãs más deram ao vodu um mau nome. Sendo cristã, desaprovo o satanismo. Quero dizer, eles são, depois de tudo, os tipos maus certo?

Logo que desci e me pus a caminho, senti. Magia. Alguém tratava de levantar os mortos e estava muito perto de consegui-lo.

O novato tinha levantado já a dois zumbis. Poderia levantar um terceiro?

Charles e Jamison só podiam fazer dois em uma noite. Onde Bert tinha encontrado alguém tão poderoso em tão pouco tempo?

Passei por cinco automóveis, sem contar o meu. Havia quase uma dúzia de pessoas ao redor da tumba. As mulheres levavam trajes com saia; todos os homens levavam gravatas. Era assombroso quantas pessoas tinham se vestido para ir ao cemitério. A única razão pelo que a gente visita um, é para um enterro. Uma boa quantidade de clientes se vestiram em primeiro lugar, em semi-formal, o negro básico

Se ouviu a voz de um homem guiando a nos dolentes em um crescente cântico.

—Andrew Doughali, levante se. Venha a nós, Andrew Doughal, venha.

A magia se erigiu no ar até que esta se apertou contra mim como um azulejo. Era difícil respirar. Sua magia subiu no ar, era forte, mas incerta. Podia sentir sua vacilação como um ar frio. Era poderoso, mas também era jovem. Sua magia estava sem uso, indisciplinada. Se não tinha menos de vinte e um, comeria meu chapéu.

Assim era como Bert lhe tinha encontrado. Era nato, um poderoso nato. E levantava a seu terceiro zumbi da noite. Maldito inferno.

Fiquei nas sobras das altas árvores. Era pequeno, talvez 5 cm mais alto que eu, o que lhe fazia de 1,65 M. no melhor de nos casos. Levava posta uma camisa branca de marca e calças escuras. O sangue se secou na camisa produzindo manchas quase negras, teria que ensina-lo como vestir-se, como Manny me havia ensinado. A reanimação era todavia uma fase informal. Não existe nenhum curso na universidade para ensinar-te como levantar a nos mortos.

Estava muito sério quando começou a chamar da tumba ao Andrew Doughal. A multidão de advogados e parentes estavam situados ao pé da mesma. Não havia nenhum membro da família

dentro do círculo de sangue com o novo reanimador. Normalmente, colocas a um membro de família detrás da lápide sepulcral e então ele ou ela podiam controlar ao zumbi. Desta forma, só o reanimador podia controlá-lo. Mas não era um descuido, era a lei. Os mortos podiam ser levantados para solicitar e ditar uma vontade, mas só se o reanimador, ou algum partido neutro, tinha o controle dele.

O montículo de flores se estremeceu e uma mão pálida saiu da terra para cima, agarrando o ar. Duas mãos, a parte superior de uma cabeça. O zumbi saiu da tumba como se tivesse sido puxado por cordas.

O novo reanimador tropeçou, caiu de joelhos na suave sujeira e as agonizantes flores. A magia vibrou, vacilante. Tinha mordido a um zumbi com mais de o que podia mascar. O morto ainda lutava na tumba, tratando de liberar suas pernas, mas não havia ninguém controlando-o. Lawrence Kirkland havia levantado ao zumbi, mas não podia controlá-lo.

O zumbi estaria só sem ninguém para enfrentar os zumbis descontrolados dão a nós reanimadores má fama.

— Tudo bem? — perguntou um dos advogados

Lawrence Kirkland assentiu com a cabeça, mas estava muito esgotado para falar. Compreendeu neste instante o que tinha feito? Não acreditei. Não parecia muito assustado.

Aproximei-me do grupo agachado.

—Sra. Blake, a sentíamos sua falta —disse o advogado— seu... sócio parece estar doente.

Ofereci-lhes meu melhor sorriso profissional. Não via nada incorreto. O zumbi não estava a ponto de voltar-se frenético. Confia em mim.

Caminhei pela borda do círculo de sangue. Podia senti-lo como um vento que me empurrava para trás. O círculo estava fechado e eu estava fora. Não podia entrar em menos que Lawrence me convidasse a passar.

E estava engatinhando, suas mãos perdidas entre as flores da tumba. Sua cabeça pendurava para baixo, como se estivesse muito cansado para fazê-lo.

—Lawrence —disse brandamente—, Lawrence Kirkland.

Girou sua cabeça com um lento movimento. Inclusive na escuridão podia ver o esgotamento em seus olhos pálidos. Seus braços tremiam. Deus, ajude-nos.

Inclinei-me muito perto, assim o público não poderia ouvir o que iria lhe dizer. Trataria de guardar a ilusão de que este é um trabalho normal como de costume, enquanto pudesse manter as aparências. Se tínhamos sorte, o zumbi vagaria longe. Se não a tínhamos, faria dano a alguém. Os mortos são, pelo geral, bastante indulgentes com a vida, mas não sempre. Se Andrew Doughal odiava a um de seus parentes, séria uma larga noite.

—Lawrence, tem que romper o círculo e me deixar entrar — disse.

Solo cravou os olhos em mim, seus apagados olhos, sem uma tênue luz de compreensão. Merda.

—Rompe o círculo, Lawrence, agora.

O zumbi estava livre até seus joelhos. Sua camisa de marca branca brilhava contra a escuridão do traje do enterro.

Incômodo para toda a eternidade. Doughal parecia bastante bem para estar morto. Estava pálido com grosas rugas. A pele era pálida, mas não tinha nenhum sinal de putrefação. O menino tinha feito um bom trabalho com o terceiro zumbi da noite. Agora, se pudesse controlá-lo, iríamos a casa.

— Lawrence, rompe o círculo, por favor!

Disse algo, muito baixo para ouvi-lo. Inclinei-me tão perto como o sangue me deixava.

—O que? —perguntei.

—Larry, diga Larry.

Sorri, era muito ridículo. Estava preocupado porque lhe havia chamado Lawrence em vez do Larry ante o zumbi que saía da sujeira. Talvez se quebrou sob o a pressão. Naw.

—Abre o círculo, Larry.

Avançou lentamente, engatinhando, quase caindo de cara entre as flores. Arrastou sua mão sobre da linha de sangue. A magia se rompeu. o círculo de poder se foi, de qualquer jeito. Agora éramos só ele e eu.

—Onde está seu punhal?

Tratou de olhar para trás sobre seu ombro, mas não podia pega-lo. Vislumbrei do outro lado da tumba o lampejo da lâmina sob o a luz da lua.

—Só descansa —disse —, encarregarei-me dele.

Sofreu um colapso, abraçando-se com seus braços como se tivesse frio. Deixei-lhe ir, por o momento.

O primeiro tinha que ser o zumbi.

O punhal estava ao lado da estripada galinha que tinha usado para chamar ao zumbi. Agarrei o punhal e confrontei ao zumbi sobre o a tumba. Andrew Doughal se apoiava contra sua própria lápide, tratando de orientar-se.

É duro para uma pessoa despertar estando morta; requer-se alguns minutos para juntar os ermos neurônios. A mente realmente não acredita que deve trabalhar. Mas o consegue, eventualmente.

Empurrei para trás a manga de minha jaqueta de couro e respirei profundamente. Era a única forma, mas eu não gostava de fazer isto. Cortei com o a lâmina meu pulso. Uma fina linha escura apareceu. A pele se dividiu e o sangue gotejou, quase negro sob o a luz da lua. A dor era aguda, mordaz. As pequenas feridas sempre se sentiam piores que as grandes... ao princípio.

A ferida era pequena e não deixaria cicatriz. Sem o corte de meu pulso, ou de alguém mais, não poderia refazer o círculo de sangue. Estava muito avançada a cerimônia para matar a outra galinha e começar de novo todo o ritual. Tinha que continuar esta cerimônia, ou o zumbi seguiria livre, sem amo. Os zumbis sem amos usualmente comem a gente.

O zumbi ainda se sentava sobre sua lápide. Não contemplava nada com seus vazios olhos. Se Larry tivesse sido o bastante forte, Andrew Doughal poderia ter sido capaz de falar, de raciocinar. Agora era só um cadáver que esperava ordens, ou um vago pensamento.

Subi ao montículo de gladiolos, crisântemos e cravos. O perfume das flores se mesclou com o envelhecido cheiro do cadáver. Estava de pé, afundada até as joelhos em moribundas flores e agitei meu sangue no pulso diante da cara do zumbi.

Os olhos pálidos seguiram minha mão, plana e morta como o pescado do dia. Andrew Doughal não estava em casa, mas algo o

estava, esse algo cheirou a sangue e conhecia seu valor.

Sei que nos zumbis não têm almas. De fato, só posso levantar a nos mortos depois de três dias. É tempo suficiente para que a alma parta. A propósito, é o mesmo tempo que requerem os vampiros para levantar. Imagine isso.

Mas se não ser a alma o que reanima o cadáver, então o que é? Magia, minha magia ou a do Larry. Talvez. Mas havia algo no cadáver. Se a alma não estava, algo preenchia o vazio. Ao falar de uma reanimação, a magia é o que o preenchia? Agora não sabia. Não estava segura se queria saber. O que importava isso enquanto tirei as mãos da fogo? Sim. Talvez se eu seguisse repetindo isso, até acreditaria.

Ofereci ao cadáver meu pulso ensangüentada. Vacilou durante um segundo. Se negava-se, não teria mais opções.

O zumbi me observou. Deixei cair o punhal e apertei a pele ao redor da ferida. O sangue fluiu, espesso e viscosa. O zumbi tentou agarrar minha mão. Suas pálidas mãos estavam frias e eram fortes. Sua cabeça se dobrou sobre a ferida, sua boca chupou. Alimentou-se de meu pulso, suas mandíbulas trabalhando convulsivamente, tragando com força e tão rápido como podia. Ia ter o pior machucado do mundo. Mas ao menos não doeu.

Tratei de apartá-lo de minha mão, mas o zumbi chupou mais forte. Não queria soltarme. Fabuloso.

—Larry, pode ficar de pé? —perguntei brandamente. Todavia tratávamos de fingir que não sucedia nada estranho. O zumbi havia aceito a sangue. O controlava agora, se pudesse conseguir que me deixasse ir, sairia bem.

Larry me contemplou com um lento movimento.

—Claro— disse. Ficou em pé usando a tumba como apoio.

—Agora, o que faço? — perguntou quando estive em pé.

Boa pergunta.

—Me ajude a soltar-me.

Tratei de puxar para liberar meu pulso, mas se resistia a soltar-me.

Larry colocou seus braços ao redor do cadáver e puxou. Não adiantou.

—Tenta a cabeça —disse.

Tratou de puxar seus cabelos, mas os zumbis não sentem dor. Larry usou seu dedo como alavanca ao lado da boca da cadáver, rompendo a sucção com uns pequenos sons gasosos, Larry olhou como se fosse adoecer. Pobre dele, mas isso era meu braço.

Limpou o dedo em suas calças como se houvesse feito algo sujo. Eu não era pormenorizada.

A ferida do punhal já estava vermelha. Seria um inferno de roxo amanhã. O zumbi esteve de pé sobre sua tumba, me contemplando. Havia vida nos olhos; alguém estava em casa. A piada era, teria alguém dieito?

—Você é Andrew Doughal? —perguntei.

—Sou —lambeu seus lábios quando o disse.

Essa era uma voz áspera. Uma voz para dar ordens às pessoas. Não estava impressionada. Era meu sangue a que lhe dava a voz. Os mortos, realmente, são mudos, esquecem quem foram, o que são, até que provam sangue fresco. Homero tinha razão; faz direito em perguntar o que era verdade na Ilíada.

Fiz pressão sobre a ferida com minha outra mão e retrocedi me afastando da tumba.

— Ele responderá suas perguntas agora — disse —. Mas as façam simples. esteve a maior parte do dia morto.

Os advogados não sorriram. Adivinha, não os culpei. Avançaram agitados. Eles ficaram atrás.

Advogados delicados? Certamente não.

A Sra. Doughal empurrou a seu advogado no braço.

— Siga com isso. Custa-nos uma fortuna.

Comecei a dizer que não cobrávamos antes do minuto, mas me detive, sabia que Bert havia feito os acertos para que enquanto maior fora o tempo que o cadáver estava levantado, mais caro fosse. Certamente, era uma boa idéia. Andrew Doughal estava bem esta noite. Respondeu as perguntas com sua voz cultivada, articulada. Se não fizesse caso do modo em que sua pele reluzia à luz da lua, pareceria estar vivo. Mas lhe dê uns dias, ou semanas. apodreceria, todos eles se apodreciam. Se Bert tivesse calculado uma forma de

fazer clientes postergando aos mortos em suas tumbas antes de que os pedaços começassem a cair, o negócio seria um tanto melhor.

Havia poucas coisas tão tristes como a família que devolve à querida velha mamãe ao cemitério com o caro perfume cobrindo o aroma de decomposição. O pior foi a cliente que banhou a seu marido antes de devolvê-lo. Teve que trazer a maior parte de sua carne em uma bolsa de lixo. A carne acabava de deslizar do osso pela ação da água quente.

Larry se moveu para trás, tropeçando com um vaso de barro. Agarrei-lhe e se apoiou em mim, ainda instável.

Sorriu.

—Obrigado... por tudo.

Contemplou-me, nossas caras próximas. Um fio de suor desceu pela sua cara na fria noite de outubro.

— Tem um casaco?

—Em meu carro.

—Pegue o e use, poderá morrer suando com este frio.

Sorriu com um amplo sorriso.

—O que diga, chefe.

Seus olhos estavam mais amplos que o que deveriam ter estado, muita área branca.

—Trouxe-me de volta ao caminho. Não o esquecerei.

—A gratidão é genial, menino, mas consegue seu casaco. Não pode trabalhar se estiver doente com a gripe em casa.

Larry assentiu com a cabeça e caminhou devagar para os carros. Parecia ainda instável, mas se movia. O fluxo de sangue quase se deteve em meu pulso. Perguntei-me se tinha uma atadura no carro o bastante grande para cobri-la. Encolhi-me de ombros e comecei a seguir ao Larry para os carros. As profundas vozes dos advogados encheram a escuridão da noite de outubro. Palavras que ressonavam contra as árvores. A quem demônios tratavam de impressionar? Ao cadáver não lhe importava.

Larry e eu nos sentamos sobre a fresca erva de outono olhando aos advogados preparar o testamento.

—São tão sérios —disse.

—É seu trabalho ser sérios —respondi.

— Ser advogado significa que não pode ter senso de humor?

—Absolutamente —disse.

Sorriu abertamente. O encaracolado cabelo curto era de um vermelho brilhante, quase laranja. Os olhos eram azuis e suaves como um céu primaveril. Os havia visto a luz do teto de nossos carros. Detrás, na escuridão, parecia ter os olhos cinzas e o cabelo castanho. Lamentaria ter que dar uma descrição como testemunha de alguém que só visse na escuridão.

Larry Kirkland tinha aquela cútis pálida como a leite de alguns ruivos. Uma orvalhada de douradas sardas compietava a visão. Parecia uma marionete muito crescida de Doody. Quero dizer de uma forma linda.

Sendo pequeno, realmente pequeno para um homem, estava segura que não gostaria que o chamassem de lindo. Era um dos carinhosos apelidos mais desagradáveis. Acredito que se toda a gente pequena pudesse votar, a palavra linda séria apagada da língua inglesa. Isso conseguiria meu voto.

— Durante quanto tempo foste reanimador? —perguntei. Jogou uma olhada ao a esfera luminosa de seu relógio.

—Aproximadamente, oito horas.

O contemplei.

— Este era seu primeiro trabalho?

Assentiu com a cabeça.

— Não falou-te o Sr. Vaughn por mim?

—Bert só disse que havia conseguido outro reanimador chamado Lawrence Kirkland.

— Estou estudando meu último ano na universidade de Washington, e este é meu semestre de trabalho de campo.

—Que idade tem?

—Vinte por que?

—Não tem idade legal para fazê-lo —disse.

—Então não posso beber ou entrar em cinemas pornô. Não é uma grande perda a menos que o trabalho me leve a sítios assim — olhou e se apoiou em mim— O trabalho nos cinemas pornô? — sua cara era neutramente agradável e não podia saber se estava brincando ou não. Pensei no que fazia.

—Vinte está bem —sacudi a cabeça.

—Não parece ter vinte —disse.

—Não é sua idade o que me incomoda —disse.

—Mas algo te incomoda.

Não estava segura como pô-lo em palavras, mas havia algo agradável e gracioso em sua cara. Era uma cara que ria mais freqüentemente do que gritava. Parecia radiante e limpo como um centavo novo e não queria que isto trocasse. Não queria ser quem o obrigasse a baixar à sujeira e rodar.

— Já perdeu alguma vez a alguém próximo? Familiar, quero dizer. O humor desapareceu de sua cara. Parecia uma crinaça solene.

—Fala a sério.

— Terrivelmente — disse.

Sacudiu a cabeça.

—Não entendo.

—Só responde. Perdeste alguma vez a alguém próximo? Sacudiu a cabeça outra vez.

— Ainda tenho a todos meus avós.

— Já viu alguma vez algum ato de violência próximo e pessoal?

—Meti-me em brigas na escola secundaria.

—Por que?

Sorriu abertamente.

—Pensavam que pequeno significava débil.

Tive que sorrir.

—E lhes mostrou que não era assim.

—Demônios, não, me moeram a golpes durante quatro anos — sorriu.

— Alguma vez ganhou uma briga?

—Algumas vezes —disse.

—Mas ganhar não é o importante —respondi.

Fixou em mim seu olhar sério.

—Não, não o é.

Houve um momento de quase perfeito entendimento entre nós. Uma história compartilhada de ser o menino menor da classe. Anos de ser o último escolhido para os esportes. Ser a vítima automática para os valentões. O que significava ser desço de estatura. Estava segura que nos entendemos o um ao outro, mas sendo mulher, tinha que expressá-lo com palavras. Os homens realizam muito essa merda de ler o pensamento, mas às vezes se equivocam. Tinha que sabê-lo.

—A parte importante é receber a surra e não render-se —disse. Sacudiu a cabeça.

—Receber a surra e seguir tiquetaqueando.

Agora que tinha quebrado nosso primeiro momento de perfeito entendimento nos fazendo expressar com palavras nossos pensamentos, era feliz.

—Além de lutas escolares, nunca viu violência?

—Vou a shows.

Neguei com a cabeça.

—Não é o mesmo.

— O que quer dizer? —perguntou.

—Nunca deveria ter tratado de levantar ao terceiro zumbi.

—Está falando de verdade?

Parecia inofensivo, mas segui adiante. Quando tenho algo que dizer, posso não ser elegante, mas sou implacável.

—Levantou-o e perdeu o controle. Se não tivesse aparecido, o zumbi haveria se liberatado e haveria atacado a alguém.

—É só um zumbi. Eles não atacam às pessoas.

Contemplei-o, tratando de ver se brincava. Mas não fazia. Merda.

—Realmente não o sabe, verdade?

—Saber o que?

Cobri a cara com as mãos e contei até dez, devagar. Não era o Larry que estava louco, era Bert, mas Larry era tão conveniente para

escutar meus gritos. Teria que esperar até manhã para gritar ao Bert, mas Larry estava aqui mesmo. Que afortunado.

—O zumbi se libertou de seu controle, Larry. Se não tivesse chegado e o tivesse alimentado com meu sangue, haveria encontrado sangue por sua conta. Entende?

—Não penso assim.

Suspirei.

—O zumbi haveria atacado a alguém. Dando uma dentada de alguém.

—Os zumbis que atacam às pessoas são superstição, histórias de fantasmas.

— É o que os ensinam no colégio agora? —perguntei impaciente.

— Sim.

—Te emprestarei algumas cópias do REANIMADOR. Confia em mim, Larry, os zumbis, efetivamente, atacam às pessoas. Vi pessoas assassinadas por eles.

—Trata só de me assustar —disse.

—Assustado seria melhor que estúpido.

—O levantei, o que quer de mim? —pareceu completamente aturdido.

—Quero que entenda o que quase aconteceu esta noite. Quero que entenda que isto, o que fazemos, não é um jogo. Não são brincadeiras de salão. Que é real e pode ser perigoso.

— Bem — respondeu.

Tinha cedido com muita facilidade. Realmente não me acreditava. Simplesmente, seguia-me a corrente. Mas há coisas que não pode lhe dizer a alguém. Têm que as aprender por si mesmos. Lamentava não poder envolver ao Larry em celofane e guardá-lo em um suporte, em uma caixa forte segura e intocável, mas a vida não é assim.

Se permanecesse neste negócio o suficiente, os novos se iriam. Mas não lhe pode dizer isso a alguém que cumpriu os vinte e nunca foi acariciado pela morte. Não acreditam no coco.

A meus vinte, eu havia acreditado em tudo. De repente me senti velha.

Larry tirou um pacote de charutos do bolso de seu casaco.

—Por favor, me diga que não fuma —disse.

Elevou a vista para meu, seus olhos amplos e surpreendidos.

— Não fuma?

— Não.

—Você não gosta que a gente fume a seu redor? —perguntou.

—Não —respondi.

— Olhe, neste momento me sinto horrível. Preciso o cigarrinho, tudo bem?

— Precisa?

—Sim, preciso-o. —Tinha um magro cigarro branco entre dois dedos da mão direita. O pacote havia desaparecido no bolso e apareceu um acendedor descartável. Olhou-me fixamente. As mãos tremiam um pouco.

Merda. Tinha levantado três zumbis durante sua primeira noite e eu a falar com o Bert sobre a sabedoria de enviar sozinho o Larry.

Além disso, estávamos ao ar livre.

— Continua.

— Obrigado.

Acendeu o cigarro e aspirou um profundo fôlego de nicotina e alcatrão. A fumaça se frisou ao redor de sua boca e nariz, como pálidos fantasmas.

—Sinto-me melhor agora —disse.

Encolhi os ombros.

— Simplesmente, não fume no carro comigo.

—Não há problema —disse. A ponta do cigarro se tornou alaranjada na escuridão quando absorveu. Olhou detrás de mim.

—Estão-nos chamando —disse, enquanto soltava uma esteira de fumaça pelos lábios.

Troquei de direção e sem dúvida alguma, os advogados nos saudavam com as mãos. Me senti como um empregado da limpeza quando o chamam para cumprir com suas obrigações. Fiquei de pé e Larry me seguiu.

—Realmente se sente o bastante bem para isto? —perguntei.

—Não poderia levantar uma formiga morta, mas acredito que estou em condições de olhar enquanto o fazem. —Haviam contusões

sob seus olhos e a pele estava muito estirada ao redor da boca, mas se queria dar uma de macho, quem era eu para deter?

—Bem, façamos.

Tirei o sal da maleta. Era absolutamente legal levar provisões para levantar zumbis. Suponho que o facão que uso para degolar nos galinhas poderia ser usado como arma, mas o resto das coisas eram consideradas inofensivas. Demonstra o que o sistema legal sabe sobre zumbis.

Andrew Doughal havia se recuperado. Todavia parecia um pouco pálido, mas sua cara estava séria, afetada, viva. Deslizou uma mão sob o a elegante lapela de seu casaco. Baixou a cabeça e me olhou, não porque era mais alto, mas porque não era hábil com esse tipo de olhares. Algumas pessoas têm um verdadeiro talento para ser condescendentes.

—Sabe o que acontece, Sr. Doughal? —perguntei ao zumbi.

Percorreu-me com o a olhar sob seu estreito nariz de patrício.

—Vou para casa com minha esposa.

Suspirei. Odiava quando os zumbis não compreendiam que estavam mortos. Atuando assim... como humanos.

—Sr. Doughal, sabe por que está em um cemitério?

—O que acontece? —perguntou um de nos advogados.

—Esqueceu que está morto —disse brandamente.

O zumbi me contemplou, absolutamente arrogante devia ser uma verdadeira dor no traseiro quando estava vivo, mas até os ilhós são compassivos de vez em quando.

—Não sei que está balbuceando —disse o zumbi—, obviamente, sofre de alucinações.

—Pode expilcar por que está aqui, no cemitério? —perguntei.

—Não tenho que te explicar nada.

— Sabe como chegou?

—Nós... nós conduzimos, é obvio. —Essa primeira amostra de inquietação fez vacilar sua voz.

—Eu... Eu... —olhou a sua esposa, a seus filhos adultos, mas se dirigiam para nos carros. Ninguém olhou para trás.

Estava morto, não aceitava isso, mas a maioria das famílias não partiam dando meia volta. Podiam estar horrorizados, tristes ou até

doentes, mas nunca eram frios. Doughals havia assinado o testamento e eles partiam. Tinham sua herança. Deixem ao velho retornar a sua tumba.

— Emily? — chamou

Ela vacilou, duvidando, mas um de seus filhos agarrou seu braço e a levou depressa para os carros. Aí estava ele, envergonhado ou assustado?

—Quero ir para casa —gritou para eles. A arrogância havia ficado atrás, todo o que ficava era medo e isso o punha doente, desesperado sem poder acreditar. Se sentia tão vivo. Como podia estar morto?

Sua esposa deu meia volta.

—Andrew, sinto-o —seus filhos a empurraram ao carro mais próximo, foram-se tão rápido que podiam ter passado por ladrões de banco que fugiam.

Os advogados e os secretários partiram tão rápido como as foi possível. Cada um tinha o que tinha vindo a procurar. Terminaram com o cadáver. O problema era que o cadáver nos olhava fixamente como um menino que deixaram no escuro.

Por que não podia deixar de soluçar?

—Por que me abandonam? —perguntou.

—Você morreu, Sr. Doughal, faz quase uma semana.

—Não, não é verdade.

Larry se colocou a meu lado.

—Realmente, está morto, Sr. Doughal. Eu mesmo o levantei entre os mortos.

Olhou a ambos fixamente. Começava a ficar sem desculpas.

—Não me sinto morto.

—Confie em nós, Sr. Doughal, está morto —disse.

— Vai doer?

Muitos zumbis perguntavam o mesmo, vai doer voltar para a tumba?

—Não, Sr. Doughal, não dói. Prometo.

Tomou fôlego profundamente, temeroso, e sacudiu a cabeça.

— Estou morto, realmente, morto?

— Sim.

—Então, me devolva, por favor. —Havia reunido e encontrado sua dignidade. Era uma pesadela quando um zumbi rechaçava acreditar. Podia coloca-los para descansar, mas os clientes tinham que os sujeitar na tumba enquanto gritavam. Tinha tido que fazer isso duas vezes, mas recordava como se tivesse acontecido ontem à noite. Algumas coisas não diminuem com o tempo.

Joguei sal contra seu peito. Soou como uma nevasca golpeando o teto.

—Com sal lhe obrigo a voltar para sua tumba.

Todavia tinha o ensangüentado punhal na mão. Limpei o sangue coagulado das bordas. Não se afastou. Confiou.

—Com sangue e aço ligo a sua tumba, Andrew Doughal. Descanse em paz e não caminhe mais.

O zumbi se colocou sobre o montículo de flores. As flores pareceram fluir sobre ele como areias movediças e foi absorvido pelo a tumba.

Permanecemos um minuto no cemitério vazio. Os únicos sons provinham do vento que suspirava alto nas árvores e da melancólica canção dos últimos grilos do ano. Na estrada de Charlotte, os grilos cantavam, o verão se acabava. Vai acaba, vai. O verão morria. Na primeira geada forte os grilos morrerão. Pareciam-se com o João Mentiroso, que dizia a todo mundo que o céu caía, exceto que neste caso, os grilos tinham razão.

Pararam de repente como se alguém tivesse pulsado um interruptor. Contive o fôlego me esforçando por ouvir.

Era só o vento, e ainda assim... meus ombros estavam tão tensos que doíam..

—Larry? —olhou-me com inocentes olhos.

— O que?

Ali, três árvores a nossa esquerda, a figura de um homem se destacou contra a luz da lua. Pela extremidade do olho notei um movimento na esquina, do lado direito. Mais de um. A escuridão se sentiu viva, com olhos. mais de dois.

Usei o corpo do Larry para me proteger de seus olhos, tirando minha arma, sustentando-a ao longo de minha perna, então, não seria óbvia.

Os olhos do Larry se alargaram.

—Jesus, o que acontece? —sua voz era um rouco sussurro. Não nos delatou.

Bom para ele. Comecei a levá-lo para os carros, devagar, só um amistoso passeio de dois reanimadores que tinham terminado o trabalho por esta noite e que foram casa a um merecido descanso.

—Tem gente aqui.

—Atrás de nós?

—Estão atrás de mim, provavelmente —disse.

—Por que?

Sacudi a cabeça.

—Não há tempo para explicações. Quando der o sinal, corre como um louco para os carros.

—Como sabe que pensam nos fazer dano? —seus olhos continham muito branco, agora, também os viu. Sombras aproximando-se, gente na escuridão.

—Como sabe que não pensam nos fazer dano? —perguntei.

—Bom ponto—disse.

Sua respiração era rápida e superficial. Estávamos, talvez, a seis metros dos carros.

—Vá —disse.

—O que? —sua voz pareceu assustada.

Agarrei seu braço e o empurrei para os automóveis. Apontei a arma para a terra, ainda esperando que quem quer que fosse não estivesse preparado para ela.

Larry corria sozinho, com um pouco de medo, soprando como fumante, além disso, não acreditava que corresse nem quatro milhas a cada dois dias.

Um homem caminhava ante os carros. Levava um revólver grande. A Browning já se movia.

Disparei antes que meu objetivo ficasse estável. O cano ficou brilhante na escuridão. O homem saltou, não gostou que lhe disparasse. Seu tiro assobiou na escuridão a nossa esquerda. Congelou-se durante os segundos que necessitei para apontar e disparar outra vez. Então caiu a terra e não se levantou mais.

—Merda —Larry soltou um suspiro.

—Ela tem uma arma —gritou uma voz.

—Onde está Martín?

—Ela lhe disparou.

Adivinho que Martín era o que tinha a arma. Ainda não se movia. Não sabia se lhe tinha matado ou não. Não estava segura de que me preocupasse, enquanto não se levantasse e disparasse contra nós outra vez.

Meu carro era o mais próximo. Lancei as chaves do carro às mãos do Larry.

—Abre a porta, abre a porta lateral de passageiros, depois arranca o carro entende?

Assentiu com a cabeça, as sardas se destacam no pálido círculo que era sua cara. Tive que confiar que não entraria em pânico e iria sem mim. Não o faria por malícia, só por medo.

As figuras se aproximavam de todas as direções. Eram uma dúzia ou mais. Com o vento chegou o som de pés que corriam e sussurravam na erva.

Larry passou por cima do corpo. Deu um chute na 45 para longe mão. A arma se deslizou fora da vista, sob o carro. Se não tivesse estado mal de tempo, teria comprovado seu pulso. Sempre eu gosto de saber se havia matado a alguém. Faz com que o informe policial não tenha problemas.

Larry abriu a porta do carro e se inclinou para abrir a porta lateral de passageiros. Apontei a uma das figuras que corriam e apertei o gatilho. A figura tropeçou, caiu e começou a gritar. Outros vacilaram. Não estavam acostumados a receber tiros. Pobres criaturas.

—Dirige, dirige, dirige —gritei enquanto me deslizava no carro.

Arrancou deixando uma esteira de cascalho. O carro derrapava, os faróis se balançavam loucamente.

—Não nos estatele contra uma árvore, Larry.

Olhou-me.

—Sinto muito.

O carro acelerou a uma velocidade que deixou meu estômago revoltado e fez que me sujeitasse a maçaneta da porta. Circulávamos entre as árvores, já era algo.

Os faróis saltavam entre eles, as lápides resplandeciam brancas. O carro patinou em uma curva, cuspiu cascalho. Um homem estava de pé emoldurado no meio do caminho. Jeremy Ruebens de Humanos Primeiro estava de pé, pálido e brilhante ante as luzes. Encontrava-se em meio de uma extensão plana do caminho. Se pudéssemos dar a volta além dele, estaríamos na estrada, e seguros.

O carro reduzia a velocidade.

— O está fazendo? —perguntei.

—Não posso atropelar-lo —disse Larry.

— Infernos, pode.

—Não posso! —sua voz denotava medo.

—Joga ao covarde conosco, Larry, se moverá.

—Está segura? —era a voz de um menino que pergunta se realmente há um monstro no armário.

—Estou segura, agora acelera e consegue sair daqui.

Pisou no acelerador. O carro saltou avançando, precipitando-se para a pequena figura do Jeremy Ruebens.

—Não se move —repetiu.

—Moverá-se —disse.

—Está segura?

—Confia em mim.

Seus olhos se fixaram no caminho.

—Melhor que esteja segura —sussurrou.

Acreditei que Ruebens se moveria. Honestamente. Acreditei que Ruebens se moveria. Palavra. Mas ainda se ele não alardeava, a única saída se encontrava detrás dele ou através dele. Era eleição do Ruebens.

Os faróis dianteiros o banharam com a deslumbrante luz branca. Seus pequenos rasgos escuros nos observava furiosamente. Não se movia.

—Não se move —disse Larry.

—Moverá-se —disse.

—Merda —sussurrou.

Não podia ter estado mais de acordo com ele.

Os faróis banharam ao Jeremy Ruebens e se afastou a um lado. Houve um som de tecido rasgado quando seu casaco roçou todo a lateral do carro. Perto, malditamente perto.

Larry acelerou e nos levou de o a última esquina e extensão de terra. Derrapamos na estrada em uma chuva de cascalho, fazendo girar nos pneus. Mas estávamos fora do cemitério. Tínhamos conseguido. Graças a Deus.

As mãos do Larry estavam brancas no volante.

—Pode relachar agora —disse— Estamos a salvo.

Tragou o suficientemente forte para ouvi-lo, depois inclinou a cabeça. O carro começou a baixar gradualmente o limite de velocidade. Sua cara estava banhada de suor que não tinha nada que ver com o fresco ar de outubro.

— Está bem?

—Não sei —a voz soou oca. Em choque.

—Atuou bem ali.

—Pensei que ia atropelar-lo. Pensei que ia matá-lo com o carro.

—Ele o pensou também ou não se teria movido —disse.

Me olhou.

— E se não se moveu?

—Moveu-se.

—Mas e se não o tivesse feito?

—Então teríamos passado sobre ele e estaríamos na estrada, a salvo.

—Teria deixado que o atropelasse, verdade ?

—A sobrevivência é o nome do jogo, Larry. Se não puder tratar com isso, encontra outro trabalho.

—Os reanimadores não disparam às pessoas.

—Aqueles eram membros de Humanos Primeiro, um grupo fanático direitista que odeia algo Sobrenatural.

Excluí a visita pessoal do Jeremy Ruebens. O que o menino não sabia não podia machucá-lo.

Cravei os olhos em sua cara pálida. Tinha os olhos afundados. Tinha conhecido ao dragão, um pequeno dragão, mas uma vez que viu a violência não é o mesmo. A primeira vez que tem que se decidir, viver ou morrer, nós ou eles, muda para sempre. Não há

volta. Olhei fixamente a cara comocionada do Larry e desejei que tivesse sido diferente. Desejei havê-lo mantido radiante, inocente e espectador. Mas como minha avó Blake estava acostumada a dizer, se os desejos fossem cavalos, todos nós iríamos de carro.

Larry tinha saboreado pela primeira vez meu mundo. A única pergunta era: Quereria uma segunda dose ou correria?.

Corre ou vete, fique ou briga, as perguntas são muito antigas. Não estava segura para onde queria que Larry escolhesse. Poderia viver mais tempo se saía disto, mas de todas formas, talvez não o faria. Cara, eles ganham, cruz, você perde.

—E meu carro? —perguntou Larry.

Encolho os ombros.

—Tem seguro, verdade?

—Sim, mas...

—Como não nos podem maltratar a golpes, podem decidir maliciosamente te destroçar o carro.

Olhou-me como se não estivesse claro que brincava. Não estava.

Uma bicicleta apareceu repentinamente diante de nós, na escuridão. A cara pálida de um menino brilhou intermitentemente ante os focos dianteiros.

—Tome cuidado!

Os olhos do Larry voltaram a olhar a estrada a tempo para ver os assustados olhos do menino. Os freios chiaram e o menino desapareceu do estreito arco das luzes. Houve um rangido e um golpe antes de que o carro parasse fazendo um derrape. Larry respirava nervosamente, eu não respirava absolutamente.

O cemitério estava a nossa direita. Não devíamos parar muito perto, mas... mas, merda, era um menino.

Olhei fixamente pelo guichê traseiro. A bicicleta era uma confusão enrugada. O menino jazia muito quieto como um novelo. Deus, por favor, que não esteja morto.

Não pensei que Humanos Primeiro tivesse a suficiente imaginação de trazer um menino como isca. Se era uma armadilha, era uma muito boa porque não podia deixar a diminuta figura estendida no caminho.

Larry agarrava o volante com tanta força que seus braços tremiam. Se havia pensado que estava pálido antes, me havia equivocado. Parecia um fantasma, doente.

—Está ferido... ? —sua voz soava rouca e amarga ao bordo das lágrimas. Não era ferido o que queria dizer. Não podia resignar-se a usar a grande palavra com M. Ainda não, não se podia evitá-lo.

—Fica no carro —disse.

Não respondeu. ficou ali, contemplando-as mãos. Não me olhava. Mas, caramba, isto não era minha culpa. O fato que tivesse perdido sua cabeça esta noite não era minha culpa. Então por que me sentia como se o fosse?

Saí do carro, a Browning preparada se por acaso os loucos decidiam nos perseguir pela estrada. Podiam ter conseguido o 45 e vir nos dar um tiro.

O garoto não se moveu. Via subir e baixar seu peito ao longe. Sim, ali estava. Estava, talvez, a uma jarda de distância.

Por favor, que esteja vivo.

Encontrava-se convexo sobre seu estômago com um braço apanhado debaixo, provavelmente quebrado. Explorei o escuro cemitério quando ajoelhei a seu lado. Nada de loucos correndo na escuridão.

Estava vestido claramente com roupa de menino, camisa a raias, calça curta e diminutos sapatos de correr.

Quem o havia vestido do verão durante esta fria noite? Sua mãe o havia vestido, alguma mulher o havia amado, tinham lhe enviado para morrer?

Seu encaracolado cabelo castanho era como a seda, fino como o de um bebê. A pele do pescoço estava frio ao tato. Estaria em estado de choque? Era muito cedo para que estivesse frio pela morte. Esperei sentir o pulso em seu pescoço, mas não senti nada. Estava morto. Por favor, Deus, por favor.

Sua cabeça se elevou e um suave som saiu de sua boca. Vivo. Obrigado, Meu Deus.

Tratou de ficar de barriga para cima, mas caiu contra o chão. Lançou um grito.

Larry estava fora do carro e vinha até nós.

— Está bem?

—Está vivo —disse.

O pequeno estava decidido a dá-la volta, assim que agarrei seus ombros e o ajudei. Tratei de lhe manter o braço direito pego a seu corpo. Vislumbrei uns enormes olhos marrons, a redonda cara de bebê e na mão direita sustentava uma faca maior que ele.

—Lhe diga que venha a ajudá-la a me mover. —sussurrou. As diminutas presas se mostraram entre seus lábios de pirralho. A faca pressionou meu estômago sobre a bolsa esporte. A ponta se deslizou por debaixo da jaqueta de couro até tocar a camisa. Tive um desses momentos onde tudo se congela, quando o tempo se estende em um lento pesadelo. Tive todo o tempo do mundo para me decidir, trair ao Larry ou morrer. Nunca entregue a ninguém aos monstros, é uma regra.

—Corre! —abri a boca e gritei.

O vampiro não me apunhalou. Simplesmente, congelou-se. Me queria viva, por isso usava a faca e não as presas. Fiquei de pé e o vampiro me olhou fixamente. Não tinha um segundo plano. Fantástico.

O carro aguardava, as portas abertas derramavam luz na escuridão. Os faróis criaram um amplo cenário melodramático. Larry estava de pé, congelado, indeciso.

—Entra no carro! —gritei.

Correu para a porta aberta do carro. Havia uma mulher ali, visível contra a deslumbrante luz dos faróis. Estava vestida com um comprido abrigo branco aberto sobre uma perna, deixando ver um terninho cor nata e marrom muito agradável. Abriu a boca e grunhiu sob a luz mostrando o brilho de seus caninos

— Atrás de você! — gritei e ao mesmo tempo, corri.

Larry fixou seu olhar em mim e a seguir, mais à frente. Seus olhos se alargaram. Podia ouvir o som de pequenos pés detrás de mi. O terror se estendeu por sua cara. Era o primeiro vampiro que via em sua vida?

Tirei minha arma, mas ainda corria. Não pode acertar a nada quando corre. Tinha um vampiro a frente e outro atrás. Lancei uma moeda.

O vampiro feminino saltou sobre o capô do carro e se impulsionou em um comprido salto elegante, que a levou até o Larry e nos enviou rolando pela estrada.

Não podia acertar um tiro nela sem arriscar ao Larry. Girei no último segundo e coloquei categoricamente o arma na cara da menina-vampiro.

Seus olhos se alargaram. Apertei o gatilho. Algo me golpeou. O disparo se descontrolou e caí ao chão, apertando meu estômago com algo maior que um cesto sobre mim.

O ar foi expulsado fora de mim. Mas me girei, tratando de apontar o arma por detrás ao que estava às minhas costas. Se não fizesse algo agora, nunca teria que me preocupar de respirar outra vez.

O garoto subiu sobre mim, o punhal brilhando para baixo. A arma trocava de direção, mas muito devagar. Teria gritado se tivesse tido ar. O punhal se enterrou na manga de minha jaqueta. Senti a dentada da lâmina no braço. Meu braço foi imobilizado. Apertei o gatilho e o tiro se perdeu longe na escuridão sem fazer dano.

Inclinei meu pescoço para tratar ver quem, ou que, ultrapassava-me. Era o que. No avermelhado resplendor das luzes traseiras da carro, sua cara tinha maçãs do rosto altas, com estreitos olhos estreitos, quase enviesados e cabelo comprido. Se tivesse sido mais étnico, teria estado esculpido em pedra, teria estado rodeado de serpentes e deuses astecas.

Alcançou-me e rodeou minha mão direita, a que estava apanhada, a que ainda sustentava a arma. Oprimiu nos ossos de minha mão contra o metal. Sua voz era profunda e suave.

—Deixe cair o arma ou esmagarei sua mão —apertou até que fique sem ar.

Larry gritou, alto e doloroso.

Gritas quando não tem nada melhor que fazer. Rasguei minha manga esquerda contra o solo, expondo meu relógio e a pulseira. As três cruces diminutas apareceram na luz da lua. O vampiro assobiou, mas não soltou minha mão com a arma. Arrastei a pulseira através de sua mão. Um cheiro acre de carne queimada impregnou o ar, então usou sua mão livre para segurar minha manga esquerda. Sustentando-a, me a imobilizaria, assim não poderia tocar-lo com as cruces.

Se tivesse sido um morto recente, só a vista das cruces te teria feito fugir gritando, mas não era só um velho morto, era antigo. Ia requerer mais que cruces benditas para que deixasse de incomodar. Larry gritou outra vez.

Gritei também, porque não podia fazer nada mais exceto sujeitar a arma e lhe fazer esmagar minha mão. Não era muito produtivo. Não me queriam morta, mas me fazer dano, ou me machucar estava bem. Podia converter minha mão em uma polpa sangrenta. Deixei minha arma, gritei e atirando a faca que mantinha meu braço apanhado, tratei de sacudir minha manga esquerda de seu agarre, assim poderia cravar as cruzes em sua carne.

Um tiro estalou por cima de nossas cabeças. Congelamo-nos e olhamos fixamente para trás, ao cemitério. Jeremy Ruebens e companhia haviam recuperado suas armas e nos disparavam. Pensavam que estávamos associados com os monstros. Lhes preocupava a quem disparava?

—Alejandro, me ajude! —O grito provinha de nossas costas, de uma mulher. O vampiro as minhas costas desapareceu repentinamente. Não sabia por que e não me preocupei. Abandonaram-me com o monstruoso menino surgindo ameaçadoramente sobre mim, me contemplando com seus enormes olhos escuros..

—Não está doendo? —perguntou.

Era uma pergunta tão inesperada que lhe respondi.

— Não.

Pareceu decepcionado. Agachou-se a meu lado, as mãos sobre seus pequenos coxas.

—Tinha a intenção de feri-la, assim poderia lambe o sangue — sua voz era todavia a voz de um menino, sempre séria a voz de um menino, mas o conhecimento de seus olhos sacudia minha pele como a febre. Era mais velho que Jean-Claude, muito mais velho.

Uma bala rompeu a luz traseira de meu carro, justamente, por cima da cabeça do garoto. Girou-se para os fanáticos com um grunhido não muito infantil. Tentei de tirar a faca da estrada, mas estava encravado. Não a podia mover.

O garoto avançou lentamente na escuridão e desapareceu como uma corrente de ar. A para os fanáticos. Que Deus lhes ajude.

Olhei para trás por cima de meu ombro. Larry estava sobre a terra com a mulher de cabelo comprido castanho agitando-se sobre ele. O homem que havia estado sobre mim, Alejandro, e outra

mulher, lutavam contra a vampira que se encontrava sobre o Larry. Queria matá-lo e tratavam de detê-la. Parecia um bom plano para mim.

Outra bala gemeu para nós. Não se aproximou. Um grito meio estrangulado e depois não mais disparos. Haviam alcançado ao garoto. Estava Larry ferido? E que demônios poderia eu fazer para lhe ajudar e me ajudar?

Os vampiros pareceram estar muito ocupados. Independentemente do que fosse fazer, agora era o momento. Tratei de me desabotoar a jaqueta de couro com minha mão esquerda, mas esta ficou a metade de caminho. Genial. Mordi o lado da jaqueta usando os dentes em lugar da mão apanhada. Abri o zíper. Agora, faria o que?

Tirei a manga de minha mão esquerda com os dentes e depois a coloquei sob meu quadril, movi-me sobre ela. Liberar a mão direita da manga abotoada foi a parte fácil.

Alejandro elevou à mulher de cabelo castanho e a lançou sobre o carro. Desapareceu na escuridão, mas não ouvi seu golpe ao cair. Talvez pudesse voar. Se podia, não o quis saber.

Larry estava quase perdido depois de uma cortina de pálido cabelo. A segunda mulher se inclinava como um príncipe ao conceder o beijo mágico. Alejandro apanhou um punhado daquele cabelo comprido e a arrastou a seus pés. Jogou-a no lado do carro. Cambaleou-se, mas não o deixou, tentando mordê-lo como um cão a uma corda.

Errei o branco em torno deles, lhes tendendo as cruzes diante como em um filme antigo dos que alguma vez viu. Mas nunca tinha visto uma caçadora de vampiros com um bracelete desses.

Larry estava sobre suas mãos e joelhos, balançando-se muito ligeiramente. Sua voz soava alta, quase histérica.

—Estou sangrando, estou sangrando —repetia.

Toquei seu braço e saltou como se lhe tivesse mordido. Seus olhos reluziam brancos.

O sangue fluía sob seu pescoço, negro à luz da lua. Tinham mordido ele, Jesus nos ajude, tinham mordido-o.

A pálida fêmea ainda brigava por chegar ao Larry.

—Não pode cheirar o sangue? —foi uma súplica.

—se controle, ou o farei por ti —a voz do Alejandro era um grito baixo. A cólera de sua voz se cortava em rodelas. A pálida mulher ficou em silêncio.

— Estou bem agora — sua voz denotava medo.

Nunca tinha ouvido que um vampiro estivesse assustado A... morte por outro.

Deixa-os resolvê-lo a golpes. Tinha coisas melhores para fazer. Como calcular como escapar dos outros vampiros e chegar ao carro.

Alejandro separou de um empurrão à fêmea com uma mão que se golpeou contra o carro. Minha arma estava a sua esquerda. Rompi o bracelete das cruces do tornozelo que faziam jogo. Não pode te aproximar às escondidas a um vampiro. Inclusive os novos, são mais nervosos que um gato de larga cauda em uma habitação cheia de cadeiras de balanço. Já que não tinha oportunidade de me aproximar às escondidas, tentei a aproximação direta.

—Lhe mordeu, filho de puta. Lhe mordeu! —atirei da parte traseira de sua camisa para obter sua atenção. Deixei cair as cruces por suas costas.

Gritou.

Rocei por sua mão as cruces da pulsera. Deixou cair a arma. Apanhei-a. Uma língua de chama azul lambeu suas costas. Arranhou e engatinhou, mas não podia alcançar as cruces. Arde, carinho, arde.

Girou, chiando. Sua mão aberta me agarrou por o lado da cabeça. Fui lançada ao chão. Caí de golpe para trás sobre a estrada. Tratei de frear tanto como pude da impacto com meus braços, mas minha cabeça se balançou para trás, batendo contra o chão.

O mundo se inundou em pontos negros. Quando minha visão se limpou, vi uma pálida cara, o comprido cabelo branco amarelado da cor do milho caiu sobre minha bochecha quando a vampira se ajoelhou para alimentar-se.

Todavia tinha a Browning em minha mão direita. Apertei o gatilho. Seu corpo se sacudiu para trás como se alguém a tivesse empurrado. Retrocedeu no caminho, a sangue emanava de um

buraco em seu estômago que não era nada comparado com o a ferida em suas costas. Esperei ter quebrado sua coluna vertebral.

Cambaleei-me.

O vampiro macho, Alejandro, arrancou sua camisa. As cruces caíram ao chão em um pequeno brilho azul de fogo fundido. Suas costas estava queimada, negra, com bolhas aqui e ali mudando decor. Girou para mim, te peguei um tiro no peito. O disparo foi apressado e não o sentiu.

Larry agarrou o tornozelo do vampiro. Alejandro seguia aproximando-se, arrastando ao Larry através da estrada como um menino. Agarrou o braço do Larry, sacudindo-o a seus pés. Larry lançou uma corrente sobre o a cabeça do vampiro. Pesada-a cruz de prata estalou em chamas. Alejandro gritou.

Gritei

—Entra no carro, agora!

Larry se deslizou no assento do condutor e seguiu deslizando-se até que esteve no assento de passageiros. Fechou de golpe e com chave a porta lateral de passageiros. Que serviria para que!? O vampiro rasgou a corrente e a lançou zangado para nas árvores de bordo da estrada. A cruz piscou fora da vista como uma estrela caída.

Deslizei-me no carro fechando de golpe a porta e lhe jogando a chave. Pus o cinto e coloquei Browning entre minhas pernas.

O vampiro, Alejandro, se agachou dolorido, muito machucado para nos perseguir nesse momento. Que bom!

Coloquei apressadamente a marcha e acelerei. O carro se sacudiu. Acelerei a velocidade da luz e me meti na estrada. Tragamo-nos o escuro túnel em um círculo de luz e oscilantes sombras.

Ao final de nosso túnel havia uma figura de branco com o comprido cabelo castanho ao vento.

Era a vampira que havia saltado sobre o Larry. Estava ali, no meio do caminho. Simplesmente ali. Estávamos a ponto de averiguar se os vampiros eram covardes. Estava a ponto de levar a cabo meu próprio conselho. Apertei a fundo o acelerador. O carro deu

inclinações bruscas para frente. A vampira, simplesmente, agüentava ali enquanto acelerávamos.

No segundo último compreendi que não a mover se, e não daria tempo. Estávamos a ponto de provar minha teoria sobre os carros e a carne vampira, Onde há um carro de prata quando o necessita?

Os faróis caíram sobre o a vampira como um foco. Tive uma visão da cara pálida, o cabelo castanho, e nos caninos amplamente estirados. A golipeamos indo a sessenta. O carro se estremeceu. Rodou em câmara lenta sobre o cascalho, e ainda estava muito rápido para fazer algo. Ela golpeou o pára-brisa com um som agudo, arranhando. O metal rangeu.

O pára-brisa se quebrou como uma massa de gretas de teia de aranha. De repente, tratava de ver através de um prisma quebrado. O vidro de segurança tinha feito seu trabalho. De haver-se quebrado, nos teria talhado em tirinhas. Acabava-se de ir tudo ao diabo e não podia ver por onde ia. Pisei nos freios. Um braço passou como um relâmpago pelo destroçado vidro, pulverizando pedaços de vidro quebrado sobre o Larry.

Este gritou. A mão se fechou sobre sua camisa, aproximando-o para o pára-brisa quebrado.

Girei a roda para a esquerda tão forte como pude. O carro deu voltas fora de controle tudo o que pude fazer foi desliga-lo, não tocar nos freios e esperar que se detivesse.

Larry se segurava fortemente ao apoio de braços da porta e aoencosto de cabeça. Gritava, lutando para não ser levado ao vidro denteado. Rezei uma rápida oração e soltei o volante. O carro girou inutilmente. Empurrei a cruz contra a mão. Jogou fumaça e borbulhou. A mão soltou ao Larry e desapareceu pelo buraco do desmoronado vidro.

Sujeitei o volante, mas era muito tarde. O carro derrapou fora da estrada para a sarjeta.

O meta rangeu quando algo sob o carro se rompeu, algo grande. Caí contra a porta lateral do condutor. De repente, Larry se encontrava sobre mim; ao seguinte, ambos caíamos para o outro lado. Então tudo acabou.

O silencio era alarmante. Como se eu tivesse ficado surda. Havia um grande rugido em meus ouvidos.

—Graças a Deus —disse alguém; as palavras provinham de mim.

A porta lateral de passageiros foi arrancada de coalho como a casca de uma noz. Engatinhei o mais devagar possível pela abertura.

Larry ficou surpreso e olhando fixamente. Foi tirado abruptamente do carro. Deslizei-me no assoalho dianteiro, apontando para onde tinha desaparecido.

Olhava o corpo do Larry, uma escura mão o sujeitava oprimindo fortemente sua garganta, não sabia se ele podia respirar. Apartei o olhar do cano de minha arma para a escura cara da vampiro, Alejandro.

—Arrancarei sua garganta —disse, sua cara ilegível.

— Arrancarei sua cabeça —disse.

Uma mão chegou medindo através da pára-brisa quebrado.

— Se renda ou perderá essa cara bonita.

—Morrerá primeiro —disse o vampiro.

Mas a mão desapareceu atrás pelo buraco. Ouvia-se outro som de alguma linguagem no inglês do vampiro. A emoção te dava um estranho acento.

Os olhos do Larry eram muito grandes, estava muito branco. Respirava entrecortado e muito rápido. Hiperventilaria, se vivesse a isto por muito tempo.

—Renda-se —disse o vampiro. Sua voz era plana, completamente vazia. Os olhos do Larry cheios de terror eram o suficientemente elouquentes para ambos.

Coloquei a trava da minha arma e a entreguei sobre sua mão estendida. Foi um engano, o soube, mas também soube que não podia me sentar e ver como a garganta do Larry era arrancada. Há coisas que são mais importantes que a sobrevivência física. Que fazem que possa te olhar ao espelho por as manhãs. Entreguei minha arma pelo a mesma razão pela que protege a um menino. Não tinha eleição. Era uma de nos bons tipos. Os bons tipos se sacrificam. tratava-se de uma regra escrita em alguma parte.

A cara do Larry era uma sangrenta máscara. Nenhum corte parecia grave mas nada sangra mais que uma ferida no couro cabeludo. O vidro de segurança não tinha sido desenhado a prova de vampiros. Talvez podia escrever-lhes e sugerir. O sangue gotejou sobre a mão do Alejandro que todavia agarrava a garganta do Larry. O vampiro tinha guardado minha arma detrás de sua calça. Dirigiu a arma como se soubesse usa-la. Que lástima. Alguns vampiros tinham aversão ao a tecnologia. Isso me havia dado vantagem, às vezes.

O sangue do Larry fluiu sobre a mão da vampiro. Pegajoso e denso como gelatina apenas sólida. O vampiro não reagiu ao sangue. Autocontrole de ferro. Olhei fixamente seus olhos quase negros e senti o puxão dos séculos como asas monstruosas que saíam de seus olhos. O mundo nadou. O interior de minha cabeça se afundava, incrementando-se. Estirei-me para tocar algo, algo que evitasse minha queda. Uma mão segurou a minha. A pele era fresca e suave. Joguei-me para trás caindo contra o carro.

— Não me toque! Não me toque nunca!

O vampiro ficou inseguro de pé, sustentava ao Larry com uma mão na garganta debruada de sangue e enquanto, oferecia-me a outra mão. Foi um gesto muito humano. Os olhos do Larry se abriam desorbitadamente.

—Está estrangulando ele—disse.

—Sinto-o —disse o vampiro e o soltou.

Larry caiu de joelhos, ofegando. Seu primeiro alento foi um grito sibilante no ar.

Quis perguntar como se encontrava mas não o fiz. Meu trabalho era conseguir sair dali, vivos, se fosse possível.

Além disso, tinha idéia de como se sentia Larry. Machucado. Não era necessário fazer perguntas estúpidas.

Bem, talvez uma pergunta estúpida.

—O que você quer? —perguntei.

Alejandro me olhou e lutei contra o impulso de olhá-lo enquanto dirigia a ele. Era difícil. Terminei por contemplar o buraco que minha bala tinha feito ao lado de seu peito. Era uma espetada e tinha já deixado de sangrar. Se curava rápido. Merda. Contemplei a ferida com tanta intensidade como pude. Lutava contra o impulso de fazer contato com seus olhos. É difícil resistir quando contemplos o peito de alguém. Mas tinha tido anos de prática antes de que Jean-Claude decidisse compartilhar seu presente comigo. A prática faz... bem, você o sabe.

O vampiro não me tinha respondido, então perguntei outra vez, com voz estavel e baixa. Não soei como alguém que tem medo. A assassina.

—O que você quer?

Senti seu olhar sobre mim, como se tivesse passado um dedo por meu corpo. Tremi, não podia me deter. Larry avançou trabalhosamente para mim, sua cabeça pendendo, jorrando sangue cada vez que se movia.

Ajoelhei a seu lado. E antes de que pudesse me deter, a estúpida pergunta saiu de repente com um pequeno som explosivo.

— Está bem?

Seus olhos me olharam através de uma máscara de sangue.

—Nada que uns pontos não possam curar —disse finalmente.

Tratava de brincar. Quis abraçá-lo e lhe prometer que o pior havia passado. Nunca faça promessas que não possa cumprir.

O vampiro não se moveu mas algo atraiu minha atenção novamente para ele. Estava de pé metido até os joelhos na erva má do outono. Meus olhos estavam ao nível da fivela do cinturão, o qual fala sobre minha estatura. Pequeno para um homem. Branco, anglo-saxão, um homem do século vinte. A fivela do cinturão cintilou em dourado e foi esculpida em um bloco com uma estilizada figura humana. A talha, como a cara do vampiro, era similar a um calendário asteca.

O impulso de olhar para cima e encontrar seus olhos avançou lentamente sobre minha pele. Meu queixo, realmente, se havia elevado uma polegada antes de que compreendesse para o que. Merda. O vampiro jogava com minha mente e não podia senti-lo.

Inclusive agora, sabendo algo, não podia senti-lo. Estava cega e surda igual a qualquer turista.

Bem, talvez não como um turista. Não havia sido marcada ainda, o que provavelmente significava que queriam algo mais que sangue. Estaria morta em outra parte, e Larry também. É obvio, todavia levava postas minhas cruces bezidas. O que poderia me fazer esta criatura uma vez que eu fora despojada de minhas cruces? Não queria averiguá-lo.

Estávamos vivos. Isto significava que queriam algo que não podíamos lhes dar mortos. Mas, o que?

— Que demônios você quer?

Sua mão apareceu. Oferecia-a para me ajudar a me pôr em pé. Levantei-me sem sua ajuda, frente a ele, diante do Larry.

—Me diga quem é seu mestre, moça, e não te farei dano.

—E o que mais, depois? —perguntei.

— Garota inteligente, mas juro que te partirá daqui segura se me disser isso.

—Em primeiro lugar, não tenho um mestre. Não estou segura de ter um. —Opsu-me ao desejo de percorrer sua cara com o olhar e ver se caiu na piada. Jean Claude o haveria entendido.

— Está parada diante de mim contando piadas? —sua voz soou assombrada, quase indignada.

—Não tenho um mestre —disse. Os vampiros mestres podem cheirar a verdade ou as mentiras.

—Se realmente cre nisso, você se engana. Leva duas marcas do mestre. Me dê o nome e o destruirei por ti. Liberarei-te deste... problema.

Vacilei. Era mais velho que Jean-Claude. Muito mais velho. Podia ser capaz de matar ao amo da cidade.

É obvio, isso deixaria a este vampiro mestre com o controle da cidade. Ele seus três ajudantes. Quatro vampiros, um menos que os que assassinavam às pessoas, mas estava disposta a apostar que havia um quinto vampiro por aqui em algum lugar. Não podias ter a tantos vampiros à margem funcionando ao redor de uma cidade de tamanho médio sem um vampiro mestre que os controlasse.

Qualquer vampiro mestre que matasse a civis era uma coisa má a ter em conta ao ser responsável por todos os vampiros na área. Tive um mau pressentimento.

Neguei com a cabeça.

—Não posso.

—Quer te desfazer dele, não?

—Muitíssimo.

—Me deixe te liberar, Sra. Blake. me deixete ajudar.

— Como ajudou ao casal que assassinou?

—Não os assassinei—disse. Sua voz soou muito razoável. Seus olhos eram o suficientemente poderosos para me afogar, mas com a voz não era tão bom. Não havia nenhuma magia em sua voz. Jean-Claude era melhor. Ou Yasmineen, em realidade. É agradável saber que o talento não vem indistintamente com o tempo. Ser antigo não o era tudo.

—Então não deu o golpe mortal, o que mais dá? Seus lacaios cumprem sua vontade, não as suas próprias.

—Surpreenderia-te de quanto livre-arbítrio temos.

—Para —disse.

— O que?

—Deixa de parecer tão malditamente razoável.

Houve risada em sua voz.

— Você fica sem vontade?

Sim, realmente, mas não o disse em voz alta.

—Não te darei o nome. E agora o que?

Fazia vento a minhas costas. Tratei de dar a volta, confrontar o vento. A mulher de branco se precipitou sobre mim. As presas esforçando-se, mãos que agarravam, salpicando o sangue de outra gente, a vampira se equilibrou sobre mim.

Caímos de costas sobre a erva, com ela em cima. lançou-se para meu pescoço como uma serpente. Empurrei meu pulso esquerda contra sua cara. Uma cruz roçou seus lábios. Um brilho de luz, o fedor da carne queimada e a vampira desapareceu gritando na escuridão. Nunca tinha visto nenhum vampiro mover-se assim tão rápido. Era enganada pela magia? Havia me enganado tanto, inclusive com uma cruz benzida? A quantos vampiros de mais de

quinhentos anos se pode ter em um grupo? Dois, esperei. mais que isso e nos superariam em número.

Engatinhei. O vampiro mestre estava sobre suas mãos e joelhos ao lado de meu carro.

Larry não estava à vista. Uma revoada de pânico deu pontadas em meu peito. Depois notei que Larry tinha engatinhado sob o carro, assim o vampiro não poderia tomar lhe de refém novamente. Quanto todo o resto fracassa, te esconda. Isso funciona para os coelhos.

As costas com bolhas do vampiro estava dobrada em um ângulo doloroso, tentava tirar o Larry de debaixo do carro.

— Te arrancarei o braço, se não vir aqui!

—Soa como se tivesse um gatinho sob a cama —disse.

Alejandro girou. Sobressaltou-se de dor. Muito bem.

Senti algo mover-se detrás de mim. Não discuti com a sensação. Eram os nervos, girei-me com as cruzes listas. Dois vampiros estavam detrás. Uma era a mulher com o pálido cabelo. Adivinhei que o tiro para sua coluna vertebral tinha falhado, lástima.

O outro vampiro poderia ter sido seu gêmeo. Ambos vaiaram e se encolheram ante as cruzes. Era agradável ver que alguém era vexado.

O mestre se aproximou de mim pelas costas, mas o ouvi. A queimadura o deixava torpe ou as cruzes me ajudavam. Estive em pé a meio caminho entre os três vampiros, as cruzes apontadas a ambos os grupos.

Os loiros jogaram uma olhada entre seus braços mas as cruzes os assustavam de verdade. O mestre nunca vacilou. Veio como uma rajada, veloz. Dava marcha atrás tentando me proteger e manter as cruzes entre nós, mas agarrou meu antebraço esquerdo. Com as cruzes a centímetros de sua carne, agarrou-me.

Me soltei, conseguindo tanta distância dele como pude, depois tentei golpeá-lo no plexo solar com todas minhas forças. Fez um som de umph, depois estalou a mão sobre meu rosto. Joguei-me atrás e senti o sangue. Havia-me atordoado apenas mas tinha demonstrado seu poder. Se queria intercambiar golpes, faria merda

O golpeei na garganta. Respirou fortemente e com dificuldade, feito que o deixou assombrado. Golpeá-lo no nariz era muitíssimo melhor que ser mordida. Melhor morta antes que ter seus bicudos dentes.

Seu punho encerrava meu punho direito, apertando so o suficiente para me deixar sentir sua força. Ainda tratava de me advertir que podia me fazer dano. Valentão.

Levantou os braços, me pondo mais perto de seu corpo. Não queria estar mais perto, mas não podia fazer nada para evitá-lo. A menos que, é obvio, os vampiros tivessem testículo.

O golpe na garganta tinha doído. Joguei uma olhada a sua cara, que se encontrava o suficientemente perto para me beijar. Afastei-me dele, conseguindo tanto espaço como podia. Seguiu me sujeitando mais perto. Seu próprio ímpeto me ajudou.

Meu joelho o golpeou com força. Isto não foi grande. Dobrou-se para frente mas não soltou minhas mãos. Não me soltou, mas era um começo e eu tinha respondido uma pergunta histórica.

Os vampiros, realmente, tinham Pelotas.

Levou minhas mãos para trás e as sujeitou atrás de minhas costas, me amoldando a seus braços e seu corpo. O qual pareceu de madeira, rígido e inflexível como a pedra. Tinha estado quente, suave e lastimavel só um segundo antes. O tinha acontecido?

—Tira as coisas de seu pulso —disse. Não se dirigia a mim.

Tratei de estirar o pescoço e girar a cabeça para ver que acontecia detrás. Mas não podia ver nada. Os dois vampiros ainda estavam encolhidos ante as cruces nuas.

Algo tocou meu pulso. Sacudi-me, mas me sustentou ainda.

— Se lutas, se cortará.

Girei a cabeça até onde pude e olhei fixamente os redondos olhos do jovem vampiro. Tinha recuperado sua faca e a usava para romper o bracelete.

As mãos do vampiro mestre apertaram meus braços até que pensei que se abririam de repente com um pequeno som explosivo de pressão como um refrigerante sacudido. Devo ter feito algum som.

—Não tinha intenção de machucá-la esta noite —disse, sua boca pressionada contra de minha orelha, perdida em meu cabelo — foi sua eleição.

O bracelete se rompeu com um pequeno estalo. Senti que desaparecia entre a grama. O vampiro mestre suspirou profundamente, como se fosse mais fácil respirar agora. Era só uma polegada ou dois mais alto que eu mas sustentava ambas as pulsos com uma mão, com dedos que me sujeitavam para as manter apertadas. Isso doía e lutei por não fazer indefesos sons.

Acariciou com sua mão livre meu cabelo, depois pegou um punhado e jogou para trás de minha cabeça, então me olhou aos olhos. Os seus eram duros, de um negro absoluto, o branco de seus olhos tinha desaparecido.

—Terei seu nome, Anita, de uma ou outra forma.

Cuspi-lhe à cara.

Gritou, aumentando o apertão em meus pulsos até que lancei um grito.

—Podia ter feito isto agradável, mas agora penso que quero que sofra. Observa meus olhos, perigo e desesperança. Olhe neles e não haverá nenhum segredo entre nós —sua voz diminuiu ao mais desço de nos sussurros —. Possivelmente beberei de sua mente como outros bebem a sangue e não deixarei nada, somente a casca vazia.

Olhei fixamente a escuridão que eram seus olhos e me senti cair, avançando, impossível retroceder, derrotada, em uma escuridão imaculada e total, e que nunca conheceria a luz.

Olhava fixamente um rosto que não conhecia. A frente estava coberta por um ensangüentado trapo. Cabelo curto, olhos pálidos, sardas.

—Olá Larry —disse. Minha voz soou distante e estranha. Não podia recordar por que.

Estava escuro todavia. A cara do Larry se achava um pouco limpa, mas a ferida todavia sangrava. Não podia me haver desacordado por muito tempo. O que tinha me acontecido? Todo que podia recordar eram esses olhos, olhos negros. Sentei-me muito rápido. Larry me segurou o braço ou teria caído.

—Onde estão os...

—Vampiros —acabaram por aqui.

— Sei — sussurrei, me inclinei brandamente.

Havia gente a nosso redor na escuridão, reunidos em pequenos grupos susurrantes. As luzes de uma patrulha iluminavam a escuridão. Dois oficiais se encontravam de pé silenciosamente ao lado do carro, falando com um homem cujo nome não recordava.

—Karl —disse.

—Karl Inger —O homem alto que se dirigia a polícia. Larry assentiu com um movimento de cabeça.

—É.

Um homem pequeno, escuro, se agachou ao nosso lado. Jeremy Ruebens, de Humanos Primeiro, de quem quão último sabia era que nos tinham estado disparando, o que demônios acontecia?

Jeremy chegou perto de mim. Pareceu genuíno.

— O que fez a meu amigo?

O sorriso se alargou.

—O salvamos.

Apartei ao Larry para me sentar por mim mesma. Senti um breve enjôo, e ao momento estava bem. Sim, de acordo.

—Larry estava comigo.

Percorreu com o olhar ao Jeremy Ruebens, depois, retorno para mim.

—Nos salvaram.

— Como?

—Lançaram água benta na que me mordeu. —Tocou sua garganta com a mão, foi um gesto inconsciente, mas notou meu olhar.

— Terá controle sobre mim?

— Entou em sua mente ao mesmo tempo que lhe mordida?

—Não sei—disse—.Como posso saber?

Abri a boca para explicá-lo, depois afechei. Como explicar o inexplicável?

—Se Alejandro, o vampiro mestre, tivesse-me mordido e ao mesmo tempo entrado em minha mente, estaria sob seu poder agora.

— Alejandro?

— É ao que nos outros vampiros chamaram mestre.

Sacudi a cabeça, mas o mundo se inundou em manchas negras e tive que tragar com força para não vomitar. O que acontecia comigo, o que? O que tinha feito comigo? Tinha tido antes jogos mentais nos quais se aproveitaram de mim, mas nunca tinha tido uma reação como esta.

—A ambulancia está chegando—disse Larry. —Não necessito de uma.

—Esteve inconsciente durante mais de uma hora, Sra. Blake — disse Ruebens—. Fizemos que a polícia chamar a uma ambulancia quando não pudemos desperta-la.

Ruebens estava o bastante perto para estender minha mão e tocario. Parecia amistoso, positivamente radiante, como uma noiva durante seu grande dia. Por que, de repente, era sua pessoa favorita?

— Em aque momento lançaram água benta sobre a vampira que que o mordeu? —O que aconteceu então? —perguntei ao Larry.

—Afugentaram ao resto deles com cruces - disse.

Ruebens tirou uma corrente com dois livros de tampa metálica em miniatura que se ligavam a ela. Ambos os livros podiam caber na palma de minha mão ficando espaço suficiente.

—Esses não são cruzes, Larry. São diminutos livros Santos judeus.

—Pensei que era uma estrela de Davi.

—A estreila não funciona porque é um símbolo racial, não é realmente um símbolo religioso.

—Então se parece com uma Bibila em miniatura?

Arqueei as sobancelhas.

— O Torah contém o antigo testamento, então sim, parece uma Bibila em miniatura.

— Funcionaria uma Bibila cristã conosco? Não o sei. Provavelmente, nunca fui atacada por vampiros levando uma Bibila.

Era provavelmente minha falha. Defato, quando foi a última vez que li a Bibila. Estava me convertendo em um cristão domingueiro? Preocuparia sobre a minha alma mais tarde, depois de que meu corpo se sentisse um pouco melhor.

— Cancele a ambulância, estou bem.

—Não está bem —disse Ruebens. Estendeu a mão como se fosse tocar me. Olhei-o. deteve-se o meio movimento.

—Nos deixeajuda-la, Sra. Blake. Temos inimigos comuns.

A polícia caminhava para nós sobre a escura gramaerva. Kari Inger também vinha, falando brandamente com eles conforme avançavam.

— Disse a polícia que nos dispararam primeiro?

Algo passou pela cara do Ruebens.

—Não sabem, verdade?

—A salvamos, Sra. Blake, de um destino pior que a morte. Equivoquei-me em tentarmachuca-la. Você levanta os mortos, mas se for realmente inimiga dos vampiros, então somos aliados.

— O inimigo de meu inimigo é meu amigo?

Assentiu com a cabeça.

A polícia se encontrava perto, quase ao alcance de meu ouvido.

—Bem, mas se alguma vez aponta uma arma para minha outra vez, esquecerei que me salvou.

—Nunca passará outra vez, Sra. Blake, tem minha palavra.

Quis desacreditá-lo, mas a polícia estava ali. Ouviriam-no. Não a delatar ao Ruebens e a Humanos Primeiro, assim que tinha que

guardar meus comentários sabichões para usá-los depois. Conhecendo o Ruebens, teria outra oportunidade.

O menti a polícia a respeito do que Humanos Primeiro havia feito e ele mentiu sobre o que Alejandro queria de mim. Foi, simplesmente, outro desses ataques irrefletidos que tinham ocorrido duas vezes já. Mais tarde, ao Dolph e Zerbrowski, diria-lhes a verdade, mas neste momento não me senti com ânimo para explicar a desordem completa a desconhecidos.

Não estava segura de que Dolph obtivera a história completa. Ao igual ao fato de que quase era, certamente, a serva humana do Jean Claude.

Não havia nenhuma necessidade de mencioná-lo.

O carro do Larry era um modelo Mazda antigo. Os vampiros tinham mantido a Humanos Primeiro tão ocupados que não tinham tido tempo de destroçar o carro. Afortunado, já que meu carro ficou na miséria. Ah, teria que passar pela companhia de seguros e lhes dizer que o carro estava acabado, havia algo grande quebrado sob o carro, filtravam-se fluídos mais escuros que o sangue. A parte dianteira parecia que tinha sido golpeada por um elefante. Sabia que estava acabado quando o vi.

Ultimamente passávamos várias horas no departamento de emergência do hospital. Os assistentes da ambulância insistiram em que fosse a um médico, Larry necessitou três pequenas pontos na frente. Seu cabelo alaranjado caiu sobre sua frente e escondeu a ferida. Sua primeira cicatriz. A primeira de muitas se ficava neste negócio se caminhava junto a mim.

—Trabalhou o que, quatorze horas? O que acha? —perguntei.

Jogou-me uma olhada e olhou para trás, ao caminho. Sorriu, mas não pareceu divertido.

—Não sei.

— Quer ser reanimador quando se graduar?

—Pensei que queria —disse ele.

Honestidade, um estranho talento.

—Não está seguro agora?

— Não, realmente.

Deixei-o descansar alí. Minha intenção era a de lhe fazer trocar de opinião. Lhe dizer que procurasse algum trabalho são, normal.

Mas sabia que o levantar os mortos não era uma opção de trabalho. Se seu talento era o suficientemente forte, teria que levantar os mortos ou arriscar-se a que o poder saísse em inesperados momentos. O termo 'fracassado' lhe sugeria algo? Significava algo para minha madrasta Judith. É obvio, ela não estava contente com meu trabalho. Pensava que era espantoso. O que podia lhe dizer? Tinha razão.

—Há outras opções de trabalho para quem tem graduação em biologia Sobrenatural.

— O que? Um exterminador zoológico?

—Professor— disse —. Além de guarda-florestal, naturalista, biólogo de campo, investigador.

—E qual desses empregos pode fazer ganhar esta quantidade de dinheiro? —preguntou.

— Essa é a única razão pela que quer ser reanimador? —estava desiludida.

—Quero fazer algo para ajudar as pessoas. Qual melhor maneira de usar minhas habilidades especiais que liberar ao mundo dos perigosos não mortos?

Contemplei-o. Tudo o que podia ver era seu perfil no escurecido carro, sua cara iluminada pela luz do tabuleiro de instrumentos.

—Quer ser um executor de vampiros, não um reanimador — não tratei de esconder a surpresa em minha voz.

—Meu objetivo final, sim.

— Por que?

— Por que o faz?

Sacudi a cabeça.

— Responde a pergunta, Larry.

—Quero ajudar às pessoas.

—Então seja policial, necessitam gente que conheçam criaturas Sobrenaturais.

—Pensava que o tinha feito bastante bem esta noite.

—Fez-o.

—Entonces, o que está mau?

Tratei de pensar em como expressá-lo, em cinqüenta palavras convincentes ou menos.

—O que passou esta noite foi horrível, mas será pior.

—As oliveiras estão a frente, que caminho escolho?

— Esquerda.

O carro tomou a saída e se deslizou no caminho da curva. Ajustamo-nos à luz com a seta o piscando na escuridão.

—Não sabe no que te metes—disse.

—Então diga me isso.

—Farei algo melhor que isso. Te mostrarei.

— O que supõe-se que significa isso?

—Dá a volta à direita na terceira luz.

Entramos no estacionamento.

—Primeiro edifício à direita.

Larry estacionou no único espaço aberto que pôde encontrar. Meu lugar no estacionamento. Meu pobre Nova não retornaria.

Tirei-me a jaqueta na escuridão do carro.

—Acende a luz interior —disse.

Fez o que lhe disse. Era melhor seguindo ordens que eu. Então, sempre e quando seguisse minhas ordens, estaria bem.

Mostrei-lhe as cicatrizes de meus braços.

—A queimadura cruciforme é de uns servos humanos que pensavam que seria gracioso. O montículo da malha cicatricial na curva de meu braço é onde um vampiro me despedaçou.

O fisioterapeuta diz que é um milagre que recuperasse o uso pleno dele. Quatorze pontos de um servo humano, e isto, só em meus braços.

—Tem mais? —sua cara pareceu pálida e estranha sob a luz do teto.

—Um vampiro cravou o final quebrado de uma estaca em minhas costas.

O jovem se estremeceu.

—E minha clavícula se rompeu ao mesmo tempo que meu braço era mastigado.

—Trata de me assustar.

—Claro que sim —disse.

—Não me espantará.

Esta noite deveria haver-se espantado sem lhe mostrar minhas cicatrizes. Mas não o fez. Raios, ficaria se não era assassinado primeiro.

—Bem, fica para o resto do semestre, bem, mas me promete que não irás caçar vampiros sem mim.

—Mas o Sr. Burke...

— Ele ajuda a executar vampiros, mas não os caça somente.

— Qual é a diferença entre uma execução e uma caça?

—Uma execução só significa um corpo que precisa estacar-se, ou um vampiro todo agradável e encadeado à espera do detalhe final.

—Então, o que é uma caça? —perguntou.

—Quando fui depois dos vampiros que quase nos matam esta noite, isso é uma caça.

— E não confia no Sr. Burke para ensinarme a caçar?

—Não confio no Sr. Burke para te manter com vida.

Os olhos do Larry se alargaram.

—Não quero dizer que ele te faça dano deliberadamente. Quero dizer que não confio em ninguém, só confio em mim para te manter com vida.

— Pensa que se reduzirá a isso?

— Estivemos condenadamente perto.

Esteve tranqüilo durante um par de minutos. Apartou a vista para suas mãos que se moviam daqui para lá sobre o volante.

—Prometo ir caçar vampiros só contigo —me contemplou, olhos azuis que estudavam meu rosto—. Nem com o Sr. Rodríguez? O Sr. Vaughn me disse que lhe ensinou.

—Manny me ensinou, mas já não caça vampiros.

— Por que não?

Encontrei seus leais olhos.

—Sua esposa tinha muito medo e tem quatro filhos —disse.

—Você e o Sr. Burke não estão casados e não têm filhos.

—Assim é.

—Eu tampouco —disse.

Tive que sorrir. Havia estado alguma vez tão impaciente? Não.

—A ninguém gosta de um sabichão, Larry.

Sorriu abertamente e isso o fez parecer ter treze anos. Jesus, por que não estava correndo a esconder-se depois desta noite. Por que eu não o estava? Não tinha resposta, ao menos, nenhuma que tivesse sentido. Por que o faço? Porque sou hábil nisto, é a resposta. Talvez Larry também poderia ser hábil. Talvez, ou talvez morreria.

Saí do carro e me inclinei para o a porta aberta.

— Vá diretamente para casa, e se não ter uma cruz suplementar, compra-a pela manhã.

—Bem —disse.

Fechei a porta em sua cara, solene, séria. Caminhei e não olhei para trás. Não o vi ir-se, todavia vivo, todavia impaciente depois de seu primeiro encontro com os monstros. Era só quatro anos maior do que era ele. Quatro anos. Pareceram-me séculos. Nunca havia estado tão verde. A morte de minha mãe quando tinha oito anos me havia preparado para isto. Perder a um pai cedo tira a borda de brilhante resplendor.

Ainda a tratar de dissuadir ao Larry de ser um caçador de vampiros, mas se todo o resto falhava, trabalharia com ele. Há só duas classes de caçadores de vampiro: os bons e os mortos. Talvez poderia fazer do Larry um dos bons. Era infernalmente melhor que a outra alternativa.

Eram 3:34, viemos pela manhã. Tinha sido uma comprida semana. Por suposto, quando é que não tinha tido uma semana larga este ano? Havia dito ao Bert que conseguisse mais ajuda. Encontrou ao Larry. Por que isso não me fez feliz? Porque Larry era só outra vítima em espera do monstro correto. Por favor, manten a salvo, Deus, por favor. Levava nas costas as mortes de muitos inocentes, tantos como podia suportar.

O vestíbulo estava solitário a meia noite. Os únicos sons eram a sigilosa calefação e o som amortecido de meus Nike Airs no chão. Era muito tarde para mim, muito tarde para me deitar e muito cedo para meus vizinhos levantar-se. Duas horas antes do amanhecer se consegue privacidade.

Lancei minha jaqueta no aparador da cozinha. Estava muito suja para deixá-la no sofá branco. Tinha barro e pedaços de grama pregados. Mas muito pouco sangue, a noite tinha resultado bem.

Estava me tirando o coldre de ombro quando o senti. A corrente de ar se moveu, como se algo a tivesse deslocado. Então compreendi que não estava sozinha.

Minha mão estava no extremo da arma quando a voz do Edward saiu da escuridão de meu dormitório.

—Não o faça, Anita.

Vacilei, meus dedos tocando o arma.

—E se o fizer?

—Te darei um tiro. Sabe que o farei.

Sua voz era como o som de um depredador, suave, seguro. Tinha-lhe visto usar o lança-chamas quando sua voz soava assim. Suave e tranqüila como o caminho do diabo. Mantive os dedos longe da arma. Edward me pegaria um tiro se lhe obrigava a fazê-lo. Melhor não obrigá-lo, ainda.

Ainda.

Coloquei as mãos em cima da cabeça sem esperar a que me dissesse isso. Talvez conseguiria pontos extras de garota exploradora por detento cooperativo. Não.

Edward avançou na escuridão como um loiro fantasma. Vestia tudo de negro à exceção de seu cabelo curto e sua cara pálida. Suas mãos cobertas com luvas negras sustentavam uma Beretta 9 mm apontando diretamente a meu peito.

—Nova arma? —perguntei.

O fantasma de um sorriso curvou os lábios.

—Sim, como soube?

—A Beretta é uma arma agradável, mas me conhece.

—Uma admiradora da Browning —disse.

Ri dele. Só dois velhos amigos falando da trabalho. Pressionou o cano da arma contra meu corpo enquanto me tirava a Browning.

—Se incline e te estenda.

Inclinei-me no respaldo da sofá enquanto me revistava para baixo. Não havia nada que encontrar, mas Edward não o sabia. Nunca era descuidado. Era um de nos motivos por nos que ainda estava vivo. Isso, e o feito de que era muito, muito bom.

—Disse-me que não podias abrir minha fechadura —disse.

— Traje melhores ferramentas — respondeu.

—Então não é alarme anti-roubo.

—O séria para a maioria das pessoas.

—Mas não para ti.

Observou-me, nos olhos tão vazios e mortos como o céu do inverno.

—Não sou como a maioria das pessoas.

Tive que sorrir.

—Pode apostar.

Me olhou com o cenho franzido.

—Me dê o nome do mestre e não teremos que fazer isto. A arma nunca vacilou.

Meu Browning sobresaía da frente de seu cinturão. Esperava me haver lembrado de pôr o seguro. Ou talvez não.

Abri a boca, a fechei, e simplesmente te olhei. Não podia entregar ao Jean-Claude. Era a Executora, mas nos vampiros chamavam ao Edward de Morte. Ganhou o apelido.

—Pensei que me seguiria esta noite.

—Fui para casa depois de verte levantar ao zumbi. Assumo que devia ter ficado pelos arredores. Quem golpeou-te na boca?

—Não vou dizer-te nenhuma maldita coisa. Sabe.

—Todos se quebram, Anita, todo o mundo.

—Inclusive você?

Aquele esboço de sorriso estava de volta outra vez.

—Inclusive eu.

—Elguém superou a Morte? Conta, conta.

O sorriso se alargou.

—Em algum outro momento.

—É agradável saber que haverá outro momento —disse.

—Não estou aqui para te matar.

— Só para me assustar ou me torturar e revelar o nome do mestre, verdade?

—Correto —disse, com voz suave e baixa.

— Esperava que dissesse incorreto.

Quase se encolheu de ombros.

—Me dê o Mestre da Cidade, Anita, e partirei.

—Sabe que não posso fazer isso.

—Sabe que tenho que fazer, ou esta será uma noite compridíssima.

— Então será uma comprida noite porque não vou te dar uma merda.

—Não te assusta —disse.

—Não!

Sacudiu a cabeça.

—Se vire, apóie a cintura contra o sofá e ponha suas mãos para trás.

— Para que?

— Só faça.

— Para que possa me atar as mãos?

—Faça, agora.

—Não acredito que o faça.

O cenho franzido regressou.

— Quer que te atire?

—Não, mas tampouco vou estar aqui de pé enquanto me ata.

— Vou te atar não duele.

—É o que vem depois o que me preocupa.

— Soube o que faria se não cooperava.

—Então o fiz—disse.

—Não coopera.

—Sinto-o tanto.

— Anita.

—Não aceito ajudar a pessoa que vai torturar me. Embora não veja nenhum bambu ou espetos. Como pode torturar a alguém sem espetos de bambu?

—Para —parecia enojado.

—Por que? —aumentei os olhos e tratei de parecer inocente e inofensiva, eu e a rã Gustavo.

Edward soltou um rizinho suave que se difundiu ampliando-se até que se agachou no chão a arma suelta na mão, me olhando fixamente. Seus olhos estavam brilhantes.

— Como posso te torturar quando segue me fazendo rir?

—Não pode, isso era o que eu queria.

Negou com o a cabeça.

—Não, não o era. É preparada. Sempre são preparados.

—Me alegro que o notasse.

Sustentou a mão.

—Não mais, por favor.

—Farei-te rir até que me rogue piedade.

—Só me diga o maldito nome. Por favor, Anita. Cooperava. —A risada desapareceu dos olhos, como o sol desaparecia no céu. Vi a risada, a humanidade, escapulir-se, até que os olhos se voltaram frios e vacios como os de uma pulso—. Não me obrigue a te fazer dano.

Acredito que era o único amigo do Edward, mas isso não o impediria de me fazer dano. Edward tinha uma regra: fazer o necessário para terminar o trabalho. Se lhe obrigasse a me torturar, o faria, mas não queria fazê-lo.

—Agora que perguntaste amavelmente, tenta a primeira pergunta outra vez —disse.

Seus olhos se entrefecharam

—Quem golpeou-te na boca? —disse.

—Um vampiro mestre —disse brandamente.

—Me diga o que aconteceu. —aproximava-se o suficiente a uma ordem para eu gostar, mas em realidade, ele tinha ambas as armas.

Disse-lhe tudo o que tinha passado. Tudo sobre o Alejandro. Alejandro que parecia tão velho dentro de minha cabeça, que me moeu os ossos. Adicionai uma pequena mentira, dentro de toda aquela verdade. Disse-lhe que Alejandro era o amo da cidade. Uma de minhas melhores ideias, né ?

—Em realidade não sabe onde descansa durante o dia verdade? Sacudi a cabeça.

—Diria-lhe isso se soubesse.

— Por que trocou de opinião?

—Tratou de me matar esta noite. Todas as apostas estão fechadas.

—Não te acredito.

Foi muito, uma mentira muito boa para desperdiçá-la, assim tratei de salvá-la.

—Também está à margem da lei. Ele e seus lacaios são os que estiveram matando a cidadãos inocentes.

Edward sorriu com inocente satisfação, mas o deixei passar.

—Um motivo altruísta, acredito. Se não tivesse um maldito coração sangrando, seria perigosa.

—Mato minha razão, Edward.

Os olhos vazios, azuis me contemplaram, depois afirmou com a cabeça, devagar.

— Certo.

Devolveu-me a arma pelo extremo. Uma bola apertada, apertada em meu estômago se dissolveu. Podia respirar profundamente, durante um tempo suspirei de alívio.

—Se averiguar onde dorme este Alejandro, quer participar?

Pensei a respeito disso por um minuto. Queria ir detrás cinco vampiros à margem da lei, dois deles com mais de quinhentos anos de idade? Não queria. Queria enviar ao Edward Somente atrás deles? Não, não queria. O que significava...

—Sim, quero um pedaço deles.
Edward sorriu, amplo e brilhante.
—Amo meu trabalho.
Sorri.
—Eu, também.

Jean-Claude estava no centro de uma cama com lençóis brancos. Sua pele era ilgeramente menos branca que as lençóis. Estava vestido com uma camisola de noite. A renda caía pelo pescoço a baixo, formando uma cortina ao redor do pescoço. A renda brotava das mangas, quase escondendo as mãos. Deveria ter parecido feminino, mas Jean-Claude o fazia completamente masculino. Como podia um homem ficar uma camisola de renda branca e não parecer tolo?

É obvio, não era um homem. Devia ser isso. O cabelo negro se frisava no pescoço de renda. Palpavel. Sacudi a cabeça. Não, nem em meus sonhos. Estava vestida com algo antigo e sedoso. Era de um azul quase tão escuro como seus olhos. Meus braços pareciam muito brancos contra isso. Jean Claude ficou de joelhos e me estendeu a mão. Um convite.

Sacudi a cabeça.

—É só um sonho, ma petite. Não virá até aqui?

—Contigo, isto nunca é só um sonho. Sempre significa mais.

A mão caiu nos lençóis, as pontas de nos dedos acariciando as franhas.

— O que está fazendo comigo, Jean-Claude?

Observou-me atentamente.

—Te seduzindo, é obvio.

É obvio. Que parva sou.

O telefone ao lado da cama soou. Era um de aqueles telefones brancos com adornos de ouro como para uma princesa. Um segundo antes não havia telefone. Este soou outra vez e o sonho se fez migalhas. Despertei para agarrar o telefone.

—Olá.

—Olá, te despertei? —perguntou Irving Griswold.

Olhei piscando o telefone.

—Sim que horas são?

—São as dez em ponto. Sei que é melhor não chamar tão cedo.

— O que quer, Irving?

—Que sucetível.

—Deitei-me tarde. Podemos deixar o sarcasmo?

—Seu amigo o fiel repórter te perdoará esse temperamento resmungão se responder umas perguntas.

—Perguntas ? — Sentei-me, abraçando o telefone.—.O que acontece?

—É verdade que Humanos Primeiro te salvou ontem à noite, como proclamam?,

—Proc1aman? Pode falar em frases completa, Irving?

—As notícias esta manhã incluíam ao Jeremy Ruebens. Canal cinco.

Afirmou que ele e Humanos Primeiro lhe salvaram a vida ontem à noite. Te salvaram do Vampiro mestre da Cidade.

—Ah, não acredito.

—Posso citar-lhe?

Pensei nisso durante um minuto.

— Não.

—Necessito uma entrevista para o periódico. Trato de te dar uma possibilidade de refutar.

— Refutar?

—Ouça, me graduei em Língua Inglesa.

—Isso o explica.

—Pode me contar seu lado da historia, ou não?

Pensei nisso durante um minuto. Irving era um amigo e um bom repórter. Se Ruebens estava nas notícias matutinas com a historia, tinha que contar minha versão.

— Pode me dar quinze minutos para preparar um café e me vestir?

—Por uma exclusiva, feito.

—Falarei contigo depois. —Pendurei e fui diretamente a cafeteira.

Levava postos shorts para correr, jeans e uma camiseta extra grande com o a que estava dormindo quando Irving chamou. Tinha uma fumegante taça de café na mesinha de noite ao lado da

telefone. Café de avelã com canela da loja especializada V. J. Chá na rua das Oliveiras. As manhãs nunca eram melhores sem isso.

—Bem, me fale disso —disse.

—Caramba, Irving, nenhuma introdução?

—Passo disso, Blake, tenho uma hora limite.

Contei-lhe tudo. Tive que confessar que Humanos Primeiro haviam salvado minhas costelas Raios.

—Não posso confirmar que o vampiro que fizeram fugir fora o Mestre da Cidade.

—Ouça, sei que Jean-Claude é o mestre. O entrevistei, recorda ?

— Lembro.

—Sei que esse tipo índio não era Jean-Claude.

—Mas Humanos Primeiro não sabe isso.

—Uma dupla exclusiva, wow.

—Não, não diga que Aiejandro não é o mestre.

— Por que não?

—Se estivesse em seu lugar, primeiro o consultaria com o Jean-Claude.

esclareceu-se a voz.

— Sim, Má idéia — pareceu nervoso.

— Jean-Claude te dá problemas?

—Não, por o que o pergunta?

—Para ser um repórter de memórias fatais.

—Jean-Claude e eu temos negócios juntos. Não lhe concernem, Executora.

—Bem, só te guarde as costas, vale ?

—Sinto-me adulado de que esteja preocupada comigo, Anita, mas confia em mim, posso dirigi-lo.

Não discuti com ele. Devia estar de bom humor.

—Se você o diz, Irving.

Deixei-o ir, assim também o fiz eu. Ninguém poderia dirigir ao Jean Claude, mas não era meu assunto. A entrevista com o Irving tinha estado ao vermelho vivo. Portanto, adicionar cláusulas ao relatório não seria uma grande surpresa, mas não era de minha incumbência.

—Isto sairá na primeira página do periódico matutino. Perguntarei ao Jean-Claude sobre se terá que mencionar que este novo vampiro não é o mestre.

—Realmente, apreciaria se pudesse fazer isso.

— Por que? —sou suspeito.

—Talvez não seria tão má idéia lhe fazer acreditar em Humanos Primeiro que Alejandro é o amo.

— Por que?

—Assim não matariam ao Jean Claude —disse.

—Ah —respondeu.

—Sim —disse.

—Terei isso em conta —comentou.

— Deveria fazê-lo.

—Tenho que pendurar, tenho chamadas que fazer antes da hora limite.

—Bem, Irving, falamos depois.

—Adeus, Anita, obrigado —pendurou.

Bebi a sorvos o café que ainda fumegava, lentamente. A primeira taça do dia devia desfrutar-se. Se pudesse fazer acreditar em Humanos Primeiro a mesma mentira que Edward se acreditou, então ninguém caçaria ao JeanClaude. Caçariam ao Alejandro. O mestre que matava às pessoas. Ponha à polícia sobre o tabuleiro e superaríamos em número aos vampiros proscritos. Sim, eu gostei.

O problema era, no que acreditaria todo mundo? Nunca saberia até que não o tentasse.

Tinha terminado a taça de café e tinha conseguido me vestir quando o telefone soou outra vez. Uma dessas manhãs.

—Sim —disse

—Sra. Blake? —A voz soou muito insegura.

—Sim, fala.

— Sou Karl Inger.

—Lamento se fui brusca, o que ocorre, Sr. Inger?

—Disse que falaríamos outra vez quando tivéssemos um plano melhor. Tenho um plano melhor —afirmou.

—Para matar ao amo da cidade? —perguntei.

— Sim.

Inspirei profundamente e expirei lentamente, longe do telefone. Não queria que pensasse que respirava sobre ele.

—Sr. Inger...

—Por favor, me escute bem. Salvamos você ontem à noite. Isso deve servir de algo.

Bom ponto.

—Qual é o seu plano, Sr. Inger?

—Prefiro falar em pessoa.

—Não irei ao a escritório dentro de algumas horas.

—Poderia ir a sua casa?

—Não. —Era algo automático.

—Não eleva trabalho a casa?

—Não quando posso escolher—disse.

— Sempre suspeitando.

—Sempre —disse.

—Podemos encontrar-nos em outra parte? Há alguém a quem quero que conheça.

— Quem e por que?

—O nome não lhe dirá nada.

—Tente.

—Sr. Oliver.

— E seu nome próprio?

—Não sei.

—Bem, então, por que deveria me encontrar com ele?

—Tem um bom plano para matar ao amo dacidade.

—Que seria?

—Não, acredito que será melhor que o Sr. Oliver o explique em pessoa. É muito mais persuasivo que eu.

—Faz bem —disse.

— Então me acompanhará?

—Claro, por que não?

—Fantástico. Sabe onde fica o Arnold?

— Sim.

—Há um lago de pesca fora do Arnold na estrada Tesson Ferry. Conhece?

Tive a impressão que ter conduzido por ela, a caminho dos dois assassinatos. Todas as estradas conduziam ao Arnold.

— Posso encontrar.

— Quando podemos nos ver? — perguntou.

—Uma hora.

—Bem, esperarei.

— O Sr. Oliver vai estar no lago?

—Não, guiarei-a desde lá.

— Por que tanto segredo?

—Não é segredo —disse em voz baixa, envergonhado—. Não me dá muito bem dar direções. Será mais fácil se a levar.

—Posso lhe seguir em meu carro.

— Por que? Sra. Blake, não acredito que confie plenamente em mim.

—Não confio plenamente em ninguém, Sr. Inger, não é algo pessoal.

— Nem sequer nas pessoas que salvaram sua vida?

—Não, nem sequer.

Deixou passar, provavelmente com a melhor intenção.

—Verei-a no lago em uma hora —assinalou.

—Claro.

—Obrigado por vir, Sra. Blake.

—O devo. Assegurou-se que me dê conta disso.

—Parece estar à defensiva, Sr. Blake. Não tratava de ofendê-la. Suspirei.

—Não estou ofendida, Sr. Inger. Só que eu não gosto de estar em dívida.

—Sua visita ao Sr. Oliver hoje saldará a conta entre nós. Prometo.

— O farei cumprir, Inger.

—Verei-a em uma hora —repetiu.

—Estarei ali —disse.

Penduramos o telefone. Maldição. Me tinha esquecido que não tinha comido ainda. Se o tivesse recordado, haveria-lhe dito 2 horas. Agora teria que conseguir algo pelo caminho, literalmente. Ódio comer no carro. Bom, e o que!, E um pequeno encontro entre amigos. Entre as pessoas que salvaram sua vida. Por o que me incomodava tanto estar em dívida com o Inger?

Porque era um partidário da asa direita. Um fanático. Eu não gosto de fazer entendimentos com fanáticos. E certamente, eu não gostava de lhe dever minha vida a um.

Ah bem, me reuniria com ele e então voltaríamos para a normalidade. Ele tinha dito. Então, por que não acreditei?

O lago media aproximadamente um quarto de hectare de água artificial rodeada por uma borda, também artificial. Havia uma pequena loja que vendia ninharias e comida. Estava rodeado por um estacionamento de cascalho. Um carro de modelo antigo estava estacionado perto do caminho, tinha um letreiro no que se lia, VENDE-se. O preço do lago de pesca e do carro usado combinavam, que inteligente.

Havia uma extensão de erva à direita do estacionamento. Um pequeno abrigo desmantelado e o que parecia pertencer a um grande andaime industrial. Uma franja de bosque bordeaba a esquerda do lago. Parecia gracioso gozar de ar livre tão perto do lago artificial.

Havia só três carros no estacionamento nesta fresca tarde de outono. junto a um brilhante Chrysler O Barão borgonha se encontrava Inger. Um pufiado de pescadores havia colocado uns postes e os tinham metido na água. A pesca devia ser boa para tirar às pessoas com o frio.

Estacionei ao lado do carro do Inger. Caminhou para mim a grandes passos, sorrindo como um vendedor de moradias que sabe que vieste a ver a propriedade. Independentemente do que vendesse, não o queria. Estava quase segura disso.

—Sra. Blake, estou tão feliz de que tenha vindo. —Envolveu minha mão com as suas em uma cordial saudação, bondoso, fingido.

— O que quer Sr. Inger? — o sorriso se desvaneceu de seus lábios.

—Não sei que quer dizer, Sra. Blake.

—Sim, sabe.

—Não, realmente o não sei.

Olhei fixamente seu perplexo rosto. Talvez passo muito tempo com pessoas desprezíveis. depois de um tempo, alguém se esquece de que não todos são repulsivos. Economiza tempo pensar o pior.

—Sinto muito, Sr. Inger... passei muito tempo procurando criminosos. Isso me fez cínica.

Ainda se via perplexo.

—Não importa, Sr. Inger, só me leve a ver esse Oliver.

—Sr. Oliver —me corrigiu.

— Seguro.

—Vamos em meu carro? Fez sinal para ele mesmo.

—Seguirei-lhe no meu.

—Não confia em mim. —Pareceu ofendido. Acredito que a maioria das pessoas não estão acostumadas a sentir-se suspeitas de ter feito algo mau antes de que o tenham feito realmente. A lei diz que alguém é inocente até não ser declarado culpado, mas a verdade é que se vir suficiente dor e morte, a gente é culpado até não ter provado ser inocente.

—Bem, você conduz.

Pareceu muito contente. Comovedor.

Além disso, ilevaba dois punhais, três cruces e uma arma. Inocente ou culpado, estava preparada. Esperava não necessitar meu armamento com o Sr. Oliver, mas poderia necessitar mais tarde. Era o momento de ir armada até nos dentes, ilstos para um urso, um dragão, ou um vampiro.

Inger conduziu pela velha estrada 21 para oeste o rumo ao Rock Creek. Rock Creek era um caminho estreito e sinuoso, apenas o suficientemente largo para que dois carros pudessem passar. Manobrou lentamente pelas curvas, mas o bastantemente rápido para não te aborrecer.

Haviam granjas que estavam ali fazia anos, e casas novas subdivididas onde a terra se via tosca e avermelhada como uma ferida. Inger se dirigiu a uma de aquelas subdivisões. Estava cheia de casas grandes, pareciam caras e muito modernas. Compridas e delgadas árvores se encontravam atadas a estacas situadas a o longo do caminho de cascalho.

Os lamentáveis árvores tremitavam com o vento outonal, algumas surpreendidas folhas todavia se sujeitavam aos finos ramos do tronco em delgadas copas.

Esta zona tinha sido um bosque antes de que chegaran as escavadoras. Por que derrubaram as velhas árvores para plantar novas que não se veriam bem em décadas?

Detivemo-nos frente de uma cabana de falsos troncos que era maior que qualquer cabana autêntica na que tivesse estado alguma vez. Muito estranho, o pátio estava sujo e desprovido, se via da cor do ferruje. O cascalho branco que aparecia no caminho de acesso tinha que ter sido gasto desde muito tempo. O original era tão vermelha como o óxido.

Pareceu-me que Inger começou a rodear o carro para abrir minha porta. Abri minha própria porta. Pareceu um pouco perdido, mas se recuperaria. Nunca admiti que gente perfeitamente sã não abra sua própria porta. Especialmente as portas onde o homem tem que dar a volta ao redor do carro e a mulher simplesmente espera como um... um burro.

Mostrou-me o caminho para o alpendre. Era agradável, o suficientemente amplo para sentar-se durante as tardes do verão.

Neste momento era tudo de madeira, havia um enorme janela com as cortinas fechadas, tinham em vermelho o desenho de um

vagão com rodas de celeiro desenhadas por toda parte. Muito rústico.

Golpeou a porta de madeira esculpida. Um vitral laminado decorava o centro da porta, alta e brilhante, mais por decoração que para ver através dela. Não esperou a que a porta se abrisse, usou uma chave e entrou. Parecia não esperar resposta, então por que golpeou?

A casa realmente simulava um agradável crepúsculo rodeada pelas cortinas grossas, tudo fechado contra opressiva luz do sol. O puido solo de madeira estava completamente nu. O duro suporte da chaminé estava vazio, o fogão apagado.

O lugar cheirava a novo e sem usar, como os brinquedos novos em natal.

Inger não duvidou. O seguiu para o vestíbulo de madeira. Não olhou para trás para ver se o seguia. Pelo visto, como não lhe deixei abrir minha porta, tinha decidido que não era necessária nenhuma cortesia.

Estava de acordo.

Havia portas situadas a grandes intervalos com o passar do vestíbulo. Inger chamou à terceira porta à esquerda.

—Entre —disse uma voz.

Inger abriu a porta e entrou. Sustentou a porta ficando de pé frente à mesma. Não era por cortesia. Estava de pé como um aplicado soldado. Quem havia na habitação para que Inger se comportasse dessa forma? Tinha que averiguá-lo.

Entrei.

Uma fileira de janelas se achavam situadas para o norte, pesadas cortinas penduravam sobre elas. Uma fina linha de luz solar se filtrava através da habitação, dividindo em dois um grande escritório, limpo. Um homem estava sentado detrás deste em uma grande cadeira.

Era um homem pequeno, quase anão, ou um miúdo. Queria dizer anão, mas não tinha a mandíbula ou os braços curtos. Tinha bom aspecto sob o traje feito a medida. Quase não tinha queixo e sim uma frente inclinada, o que fazia chamar minha atenção sobre o largo nariz e a sobrelanceira proeminente. Havia algo familiar em seu

rosto, como se o tivesse visto antes em outro lugar. Embora sabia que nunca me tinha encontrado com alguém como ele. Tinha uma cara muito singular.

Olhei-o fixamente, envergonhei-me e eu não gostei nada. Observei seus olhos, eram totalmente marrons e alegres. Seu escuro cabelo tinha um corte minucioso, caro e trabalhado com secador. Sentou-se sobre a cadeira atrás do gentil e limpo escritório, e me sorriu.

—Sr. Oliver, esta é Anita Blake —disse Inger, ainda parado rigidamente na porta.

Desceu da cadeira e rodeou o escritório para me oferecer sua pequena e perfeitamente arrumada mão. Media 1,20 M. Nem um centímetro mais. Seu apertão era firme e muito mais forte do que parecia. Um breve apertão e podia sentir a força de seu pequeno braço. Não parecia muito musculoso por excesso de exercício, mas a força estava ali, em sua cara, em sua mão e em sua postura.

Era pequeno, mas ele não pensava que fora um defeito. Eu gostei disso. Senti o mesmo.

Sorriu reservadamente e se reclinou na grande cadeira. Inger trouxe outra cadeira da esquina e a colocou frente a escrivaninha. Sentei-me. Inger permaneceu de pé, junto à porta agora fechada. Mantinha-se definitivamente em alerta. Respeitava ao homem da cadeira. Estava disposta a gostar. Era minha primeira impressão. Tenho o costume de desconfiar imediatamente de alguém que eu gosto.

Dava-me conta de que estava sorrindo. Senti como se fosse meu confiável tio favorito. Olhei-o seriamente, o que demônios me passava?

—O que acontece? —perguntei.

Sorriu, seus olhos brilhavam carinhosamente.

— Que quer dizer, Sra. Blake? —sua voz era suave, humilde e enriquecedora, como a nata no café. Quase podia saboreá-lo. Um calor reconfortante nos ouvidos. Só conhecia outra voz que poderia fazer coisas similares.

Contemplei o fino fio de luz solar só a umas polegadas do braço do Oliver. Era luz de pleno dia. Não podia ser. Podia ele...?

Contemplei sua cara vivaz. Não havia nenhum rastro disso que os vampiros emitiam. E ainda assim sua voz, esse sentimento acolhedor e afetuoso não era natural. Nunca confiei nem gostei de alguém ao instante. Não ia começar agora.

—Você é bom —disse—. Muito bom.

— Ao que se refere Sra. Blake? —um podia aconchegar-se na cálida sensação de sua voz como se fora sua manta favorita.

— Pare com isso.

Olhou-me astutamente, como se estivesse desconcertado. A atuação era perfeita e compreendi por que, isto não era um ato. Tinha estado ao redor de vampiros anciões, mas nunca de um que fora capaz de fazer-se passar por humano, não como este. Podia conhecê-lo em qualquer lugar e ninguém o tivesse sabido. Bem, quase ninguém.

—Acredite, Sra. Blake, não trato de lhe fazer nada. —Engoli com força. Era real? Era tão malditamente poderoso que automaticamente enganava sua mente com a voz? Não, se Jean-Claude podia controlá-la, este também podia.

—Corte com os truques mentais e contenha a voz, ok? Se quer falar de negócios, fale, mas detenha os jogos.

Seu sorriso se alargou, mas não o suficiente para mostrar as presas. Depois de várias centenas de anos, devia fazê-lo realmente bem para conseguir um sorriso assim.

Então se viu, era maravilhoso, como cálida água caindo de uma grande altura. A gente podia saltar e banhar-se nela e sentir-se bem.

— Pare, pare já!

As presas brilharam quando terminou de rir entre dentes de mim.

—Não são as marcas de vampiro as que permitiram que visse através do que você chama jogos. É um talento natural, verdade ?

—A maioria dos reanimadores o têm.

—Mas não ao grau que você o faz, Sra. Blake. Tem poder também. Esse poder balança lentamente ao longo de minha pele. Você é uma necromante.

Comecei a negá-lo, mas me detive. Mentir nisto era inútil. Era mais velho que algo com a que houvesse sonhado, mais velho que

qualquer pesadelo que tivesse tido alguma vez. Mas não me causou dor, me para sentir bem, melhor que Jean-Claude, melhor que algo.

—Poderia ser uma necromante. Elegi que não seria.

—Não, Sra. Blake, os mortos lhe respondem, todos os mortos. Inclusive sinto o chamado.

— Quer dizer que também tenho alguma espécie de poder sobre os vampiros?

— Se pudesse aprender a implementar seus talentos Sra. Blake, sim, tem um certo poder sobre todos os mortos, em muitos aspectos.

Quis perguntar como fazer, mas me contive. Um vampiro mestre provavelmente não me ajudaria a ganhar poder sobre seus seguidores.

—Graceja de mim.

—Lhe asseguro, Sra. Blake, que estou sendo muito sério. É o potencial de seu poder o que conduziu ao amo da cidade para você. Quer controlar esse emergente poder, mas tem medo que se volte em seu contrario.

—Como sabe?

—Posso saborear as marcas que pôs sobre você.

Só lhe olhei. Podia saborear ao Jean-Claude. Merda.

— O que quer de mim?

—Muito direta, eu gosto assim. Vidas humanas são muito curtas para gastar em trivialidades.

Era uma ameaça? Não podia saber só olhando fixamente sua sorridente cara. Seus olhos ainda brilhavam e eu ainda tinha um sentimento afetuoso muito forte para ele. Contato visual. Sabia o que era isso. Olhei fixamente em cima de sua escrivaninha e me senti melhor, ou pior. Podia me assustar agora.

—Inger disse que tinha um plano para acabar com o amo da cidade. Qual é? —perguntei e contemplei sua escrivaninha. Minha pele queimava com o desejo de elevar a vista. Encontrar seus olhos para deixar entrar em mim a cordialidade e o bem-estar. Fazia todas as decisões fáceis.

Neguei com o a cabeça.

—Mantenha-se afastado de minha mente ou terminamos esta entrevista.

Se fez outra vez, afetuoso e real. Me arrepiou a pele dos braços.

—Realmente me surpreende. Não encontrei um humano em séculos que rivalizasse com você. Uma necromante, compreende, quão estranho é esse talento?

Realmente não compreendia.

—Sim —disse.

—Não me minta, Sra. Blake, por favor não se incomode.

—Não estamos aqui para falar de mim. Exponha seu intuito ou vou embora.

—Sou o intuito, Sra. Blake. Pode sentir meus poderes, o fluxo e vazante de mais séculos dos que seu pequeno amo há sonhado alguma vez. Sou mais velho mesmo que o tempo.

Não acreditava, mas deixei passar. Era bastante velho, não a discutir com ele, não se podia me ajudar.

—De-me a seu mestre e a liberarei de suas marcas.

Joguei-lhe uma olhada e rapidamente baixei a vista. Continuava rindo, mas o sorriso não parecia verdadeiro. Era uma atuação como todo o resto. Só uma muito boa atuação.

—Se pode sentir as marcas de meu mestre, porque, não o encontra você?

—Posso perceber seu poder, julgar quão digno inimigo é, mas não sei seu nome e não sei onde está escondido. —Sua voz era muito séria agora, não tratava de enganar-me. Ou ao menos, pensei que não o fazia, embora talvez também isso era um truque.

—O que quer de mim?

— Seu nome e seu lugar de descanso.

—Não conheço o lugar onde descansa durante o dia. —Alegrei-me que fora verdade porque cheiraria uma mentira.

—Então seu nome, me diga seu nome

— Por que deveria fazê-lo?

—Desejo ser o amo da cidade, Sra. Blake.

— Por que?

—Tantas perguntas. Não é suficiente com que a libere de seu poder?

Neguei com a cabeça.

— Não.

— Por que deveria preocupar-se com o que acontecer com outros vampiros?

—Não me preocupa, mas antes de que lhe dê o poder de controlar a cada vampiro nesta zona, eu gostaria de saber que intenção tem para todo esse poder.

Riu outra vez. Esta vez era só uma risada. Tentava-o.

— É o humano mais obstinado que encontrei em muito tempo. Eu gosto de gente obstinada, fazem bem as coisas.

—Responda a minha pergunta.

—Penso que está mal ter aos vampiros como cidadãos legais. Desejo voltar as coisas a como eram.

— Por que quereria que os vampiros fossem caçados outra vez?

— São muito poderosos para lhes permitir crescer desenfreadamente. Assumirão o controle da raça humana muito mais rapidamente pelo a legislação e o direito a votar de o que o fariam através da violência.

Recordei à Igreja da Vida Eterna, a agrupamento que mais rápido crescia no país.

—Digamos que estou de acordo, como os deteria?

—Proibindo a nos vampiros votar, ou participar de qualquer tipo de legislação.

—Há outros vampiros mestres na cidade.

—Fala do Malcolm, o líder da Igreja da Vida Eterna.

— Sim.

—Observei-o. Não será capaz de seguir sua cruzada individual para fazer vampiros legítimos. Proibirei-o e desmantelarei sua igreja. Certamente você, como eu, vê a igreja como um perigo maior.

Estava de acordo, mas lamentava estar com um ancião mestre vampiro. De alguma maneira, parecia incorreto.

—St. Louis é um celeiro de atividade política e vampiros empresários. Devem ser detidos. Somos depredadores, Sra. Blake,

nada que façamos pode trocar isso. Devemos voltar a ser caçados ou a raça humana estará condenada. Certamente o vê.

Realmente o via. Acreditava nele.

—Por que te preocupa que a raça humana esteja condenada? Não forma parte dela.

— Como o vampiro vivo mais velho, é meu dever manter o controle, Sra. Blake. Os novos direitos se descontrolam e devem ser detidos. Somos muito poderosos para que nos permita mandar em liberdade. As pessoas tem o direito a serem humanas. Antigamente, só nos vampiros mais fortes, mais fortes ou mais afortunados, sobreviviam. Os caçadores de vampiros eliminavam aos estúpidos, aos descuidados e aos violentos. Sem aquele sistema de controle e equilíbrio, temo o que passará em umas décadas.

Estava de acordo, definitivamente, era muito impressionante. Concordava com a criatura mais velha que tivesse conhecido alguma vez. Tinha razão. Poderia entregar ao Jean-Claude. Deveria da-lo ao JeanClaude?

— Estou de acordo com você Sr. Oliver, mas não posso entrega-lo de qualquer jeito. Não sei por que, realmente, mas não posso.

—Lealdade, admiro isso. Pense sobre isso, Sra. Blake, mas não se tome muito tempo. Tenho que pôr meu plano em ação quanto antes.

Assenti.

—Entendo... Darei-lhe uma resposta dentro de um par de dias. Como o localizo?

—Inger te dará um cartão com um número. Pode falar-lhe sem perigo sobre mim.

Me girei e olhei ao Inger, que todavia se mantinha firme junto à porta.

—É seu servo humano, verdade?

—Tenho essa honra.

Neguei com a cabeça.

—Preciso sair agora

—Não fique mal por não ter reconhecido ao Inger como meu servo humano. Não é uma marca que se note a simples vista. Como

poderiam ser os humanos nossos ouvidos, olhos e mãos, se todo mundo soubesse que são nossos?

Era um bom argumento. Tinha muitos bons argumentos. Levantei-me. Também ele se levantou e me ofereceu a mão.

—Sinto muito, mas sei que o roce faz os jogos mentais mais fáceis. A mão caiu atrás, a seu lado.

—Não tenho que tocá-la para efetuar truques mentais, Sra. Blake. A voz era maravilhosa, alegre e brilhante como uma manhã de Natal. Minha garganta estava oprimida e o calor das lágrimas invadiu meus olhos. Merda, merda, merda, merda.

Fui para a porta, Inger a abriu para mim. Iam deixar me sair. Não iam violar minha mente e conseguir o nome. Efetivamente, me deixava ir. Isso fazia provar mais que era um bom tipo que qualquer outra coisa. Podia ter forçado minha mente e deixá-la vazia. Mas me deixou ir.

Inger fechou a porta atrás de nós, devagar, reverentemente.

—Que idade tem? —o perguntei.

—Não sabe?

Neguei com a cabeça.

—Que idade?

Inger sorriu.

—Tenho mais de setecentos anos, o Sr. Oliver já era ancião quando o encontrei. Tem mais de mil anos.

— Por que o diz?

—Encontrei uma vampira que tinha pouco mais de mil anos. Era aterradora, mas não tinha essa aura de poder.

Sorriu.

—Se deseja saber sua verdadeira idade, deveria lhe perguntar. Olhei sua sorridente cara durante um momento. Recordei onde tinha visto uma cara como a do Oliver. Tive uma aula de antropologia no colégio. Havia um desenho que era como Oliver. Era uma reconstrução do crânio de um homo erectus. O que convertia ao Oliver em um vampiro de aproximadamente um milhão de anos.

—Deus! —disse.

—O que passa-lhe Sra. Blake?

Neguei com a cabeça.

—Não pode ser tão velho.

— Que idade acredita que tem?

Não queria dizê-lo em voz alta, como se ao dizer fizesse verdadeiro. Um milhão de anos. Quanto de poderoso seria um vampiro dessa idade?

Uma mulher se aproximou de nós pelo vestíbulo, vindo do mais recôndito da casa. rebojava sobre seus pés nus, as unhas dos dedos dos pés pintados de um brilhante escarlate que para jogo com as unhas de suas mãos. Seu vestido ajustado com uma correia combinava com a cor do esmalte. Suas pernas eram compridas e pálidas, mas era a classe de palidez que prometia um bronzado se alguma vez conseguia bastante luz solar. Seu cabelo caía até sua cintura, espesso e totalmente negro. Sua maquiagem era perfeita, seus lábios carmesins. Sorriu para mim, as presas apareceram debaixo de seus lábios.

Mas não era uma vampira. Não sabia que demônios era, mas sabia o que não era. Joguei uma olhada ao Inger. Não parecia feliz.

—Deveríamos sair? —perguntei.

—Sim —me respondeu.

Dirigiu-se para a porta principal e caminhei detrás dele. Nenhum dos dois tirou a vista da beleza que se aproximava pelo corredor para nós.

Deslizou-se com um fluido movimento muito rápido para seguir. Os licântropos podiam mover-se assim, mas tampouco era um deles.

Estava perto do Inger, vinha para mim. Deixei de estar calma e corri para a porta principal. Mas era muito rápida para meu, muito rápida para qualquer ser humano.

Agarrou meu antebraço direito. Parecia estar confusa. Podia sentir a capa da faca em meu braço. Não parecia saber o que era. A Executora de vampiros,.

—O que você é? —minha voz era estável. Sem medo. Simule ser a grande executora de vampiros. Sim, de acordo.

Abriu mais a boca, a língua acariciava suas presas. Eram mais compridos que os de um vampiro, nunca seria capaz de fechar completamente a boca com elas.

— Aonde vão as presas quando fecha a boca? — quis saber.

Piscou, o sorriso abandonou sua cara. Passou a língua sobre eles, estes se recolheram.

—Presas retrateis, bravo —assinalei.

Sua cara era muito solene.

—Me alegro que desfrutasse do espetáculo, mas há mais para ver.

As presas se desdobraram outra vez. Alargou suas mandíbulas, como se bocejasse, as presas brilharam com os débeis raios do sol que entravam através das cortinas.

—Ao Sr. Oliver não gostará que a ameace —advertiu Inger. — Ela ficou débil e sentimental. — Seus dedos se cravaram em meu braço mais forte do que deveria ter sido. Sustentava meu braço direito, assim não podia tomar a arma. As facas estavam descartadas por motivos similares. Talvez deveria trazer mais armas.

Vaiou, uma violenta explosão de ar que nenhuma garganta humana podia produzir. A língua que estalou estava bifurcada.

—Doce Jesus, o que é?

Sorrii, mas não parecia normal. Talvez pela língua. Suas pupilas se estreitaram, sua íris trocou a um amarelo dourado enquanto a observava.

Atirei fortemente de meu braço mas seus dedos eram como o aço, caí ao chão. Baixou meu braço mas não o soltou. Reclinei-me para a esquerda, atraí as pernas por debaixo de mim e lhe chutei a rótula direita com tudo o que podia. A perna se dobrou. Gritou e caiu ao chão, mas soltou meu braço.

Algo acontecia com seus pernas. Pareciam unir-se, a pele estendendo-se, nunca tinha visto nada como isso e não queria vê-lo agora.

—Melanie, o que faz? A voz soava detrás de nós. Oliver estava de pé no vestíbulo a salvo da luz mais brilhante da sala de estar. Sua voz era como o som de queda de rochas, ruptura de árvores. Uma tormenta que era simplesmente um aviso, mas parecia cortar e esfaquear.

A coisa no chão se encolheu para ouvir a voz. A parte inferior de seu corpo se estava voltando serpentina. Uma serpente de alguma classe. Jesus!

—É uma lambia —disse brandamente. Retrocedi, situando a porta exterior a minhas costas, com a mão nopescoço—. Pensei que estavam extintas.

—É a última —disse Oliver—. A mantenho comigo porque temo o que possa fazer se a abandono a seus próprios desejos.

—A criatura a que pode chamar, o que é? —perguntei.

Suspirou e senti os anos de tristeza naquele som. Um pesar muito intenso para as palavras.

— Serpentes, posso chamar serpentes.

Assenti.

— Seguro.

Abri a porta e saí ao ensolarado pórtico. Ninguém tratou de me deter.

A porta se fechou detrás por mim, Inger saiu ao cabo de uns minutos. Estava rígido pela ira.

—Pedimo-lhe humildemente perdão pelo que aconteceu. É um animal.

—Oliver tem que mantê-la com a corda mais apertada.

—Tenta-o.

Assenti com a cabeça. Sabia sobre intentos. Fazer todo o possível. Mas o que poderia controlar a uma lambia poderia jogar com minha mente todo o dia e nunca saber. Quanta de minha confiança e bons desejos eram reais e quantos deles tinham sido criados pelo Oliver?

—Levarei-a.

—Por favor.

E fomos longe. Tinha-me encontrado com meu primeira lambia e

O telefone soava quando abri a porta de meu apartamento. Empurrei-a com o ombro e corri ao telefone. Tomei a quinta chamada e quase gritei.

—Alo!

—Anita? —era Ronnie quem fez a pergunta.

—Sim, sou eu.

— Está sem ar.

—Tive que correr até o telefone, o que acontece?

—Recordei de onde conhecia o Cal Rupert.

Levou-me um minuto recordar de quem falava. A primeira vítima de vampiro. O havia esquecido durante um momento, havia uma investigação de assassinato em progresso. Me senti um pouco envergonhada.

—Diga Ronnie.

—Trabalhava para um escritório local de advogados no ano passado. Um de nos advogados se especializava em preparar testamentos agônicos.

— Sei que Rupert havia feito um testamento. Assim foi como pude lhe estacar sem esperar uma ordem de execução.

—Mas também soube que Reba Baker havia feito um testamento com o mesmo advogado?

—Quem é Reba Baker?

—Pode ser a vítima feminina.

Meu estômago se contraiu. Uma pista, uma verdadeira pista.

— Por que pensa isso?

—Reba Baker era jovem, loira e não foi a um encontro. Não responde a seu telefone. Trataram de procurar em seu trabalho e não foi em dois dias.

—O tempo que pode levar morta —disse.

— Exatamente.

—Chama ao sargento Rudolf Storr. E conte o que me disse. Usa meu nome para contatar com ele.

— Não quer comprovar?

—Nem te ocorra. Isto é assunto da polícia. São hábeis nisso. Deixa-os ganhar seus salários.

—Raios, não é divertida.

—Ronnie, chama ao Dolph. Fala com a polícia. Encontrei os vampiros que mataram a essas pessoas. Não queremos nos converter em objetivos.

—Você, o que!

Suspirei. Havia esquecido que Ronnie não o sabia. Conte-lhe a versão mais curta que pudesse ter algum sentido.

—Porei-te a par de tudo no sábado pelo a manhã quando nos encontrarmos.

—Estará bem?

—Até agora, tudo vai bem.

—Cuida seu de suas costas de acordo?

—Sempre, você também.

—Nunca tenho a tanta gente atrás de minhas costas como você.

—Agradece-o —disse.

—Faço-o. —Desligou.

Tínhamos uma pista. Talvez um padrão, exceto pelo ataque a minha pessoa. Isso não encaixava em nenhum padrão. Tinham vindo a mim para conseguir ao Jean-Claude. Todos queriam o cargo do Jean Claude. O problema era que não podia renunciar, só podia morrer. Eu gostei do que Oliver me havia dito. Estava de acordo com ele, porém poderia sacrificar ao Jean-Claude em altares do sentido comum? .

Caramba. Não sabia.

O escritório do Bert era pequeno e estava pintado de azul claro. Pensava que era calmante para os clientes. Eu penso que é frio, mas isso também o parecia bem ao Bert. Media 1,82 M. com amplos ombros e a constituição de um ex-jogador de futebol universitário. Em seu estômago oscilava uma pequena barriga devida a muita comida e pouco exercício, mas se via bem em trajes de setecentos dólares. Por aquela quantidade de dinheiro em trajes, poderia ter ido ao Taj Mahal.

Estava moreno, tinha olhos cinzas e o cor do cabelo era quase branco. Não por velhice, era a cor natural de seu cabelo.

Sentava-me em seu escritório com a roupa do trabalho. Uma saia vermelha fazendo jogo com o blazer e uma blusa que estava tão perto do escarlata que havia tido que me pôr um poquito de maquiagem para que minha cara não resultasse fantasmal.

O blazer era feito sob medida para que meu coldre não se notasse.

Larry se sentou na cadeira do lado com um traje azul, camisa branca e gravata azul. A pele ao redor dos pontos se converteu em uma contusão multicolorida através do rosto. Não podia esconder o curto cabelo vermelho. Parecia que alguém lhe tinha golpeado na cabeça com um taco de beisebol.

—Poderia ter lhe matado, Bert —disse.

—Não estava em perigo até que você apareceu. Os vampiros queriam a ti, não a ele.

Tinha razão, e eu não gostei.

—Tratou de levantar um terceiro zumbi.

Os pequenos olhos frios do Bert se encendiam.

— Pode fazer três em uma noite?

Larry teve a graça de parecer envergonhado.

— Quase.

Bert franziu o cenho.

—Ao que te refere com quase?

—Refere-se a que o levantou, mas perdeu o controle. Se não tivesse estado ali para arrumar as coisas, teríamos tido um zumbi violento para nos ocupar.

Inclinou-se avançando, as mãos dobradas em sua escrivaninha, seus pequenos olhos muito serios.

—É verdade, Larry?

—Tive tanto medo, Sr. Vaughn.

—Podia ter sido muito sério, Larry. Entende?

—Sério? —disse—. Teria sido um sanguento desastre, o zumbi podia haver-se comido a um de nossos clientes!

—Já, Anita. Não há nenhuma razão para assustar ao moço. Levantei-me.

—Sim a há.

Bert me olhou seriamente.

—Se não houvesse chegado tarde, não haveria tratado de levantar ao último zumbi.

—Não, Bert. Não o converterá em meu engano. Enviou-o só em sua primeira noite. Só, Bert.

—E se dirigiu bem —disse Bert.

Lutei contra o impulso de gritar porque isso não me ajudaria.

—Bert, é um estudante de universidade de vinte anos. Este é um curso prático focado em uma especialidade que gosta. Se te matas, vai parecer alguma classe de sortilégio.

— Posso dizer algo? —perguntou Larry.

—Não —disse.

—É obvio —respondeu Bert

—Sou um menino grande. Posso me cuidar.

Quis crer, mas ao olhar diretamente a seus inocentes olhos não poderia assegurar. Tinha vinte anos. Recordei meus vinte. Sabia tudo aos vinte. Necessitei outro ano para me dar conta de que não sabia nada. Todavia esperava aprender algo antes de cumprir nos trinta, mas não continha o fôlego.

—Que idade tinha quando começou a trabalhar para mim? —disse Bert.

— O que?

—Que idade tinhas?

—Vinte e um, acabava de me graduar na universidade.

— Quando completará vinte e um, Larry? —perguntou Bert.

—Em março.

—Vê, Anita? É só uns meses mais jovem. Tem a mesma idade que você tinha.

—Era diferente.

—Por que? —disse Bert.

Não podia expressar com palavras. Larry ainda tinha vivos a todos seus avós. Nunca tinha visto a morte e tido a violência perto, e de maneira pessoal. Eu a tinha visto. Ele era inocente, e eu não era inocente fazia anos. Porém como explicar isto ao Bert sem ferir os sentimentos do Larry? A nenhum homem de vinte anos gosta de ouvir que uma mulher sabe mais sobre o mundo que ele. Algumas lendas culturais morrem com força.

—Enviou-me com o Manny, não estava só.

—Supunha-se que ia contigo, mas tinha um assunto que atender com a polícia.

—Isto não é justo, Bert, e sabe.

Encolheu os ombros.

—Se tivesse estado fazendo seu trabalho, ele não teria ido sozinho.

—Foram dois assassinatos, o que supõe-se que tenho que fazer? Que lhes diga, sinto agente, tenho que fazer de babá de um novo reanimador. Sinto que não possa lhes ajudar com os assassinatos.

—Ninguém tem que fazer de babá—disse Larry.

Ninguém fez conta.

—Tem um trabalho a tempo completo aqui, com o Reanimators. SA.

—Já o discutimos antes, Bert.

—Muitas vezes —disse.

—É meu chefe, Bert. Faz o que cria melhor.

— Não me tente.

—Escuta —disse Larry—, tenho a impressão de que me usam como desculpa para discutir.

Ambos o fulminamos com o olhar. Ele não nos menosprezou. Somente nos observou. Ponto para ele.

—Se você não gostar do modo em que faço meu trabalho, Bert, me despeça, mas deixa de puxar com força de minha corrente.

Bert se levantou, devagar, como um gigante que se eleva sobre as ondas.

— Anita...

O telefone soou. Contemplamos durante um minuto. Bert finalmente o atendeu.

—Sim quem é? —grunhiu.

Escutou durante um minuto, depois me fulminou com o olhar.

—É para ti. —Sua voz era incrivelmente suave quando disse—. Sargento de polícia Storr, assuntos policiais.

A cara do Bert sorria, a manteiga não se teria derretido em sua boca.

Estendi a mão para o telefone sem outra palavra. Deu-me o auricular. Ainda sorria, seus diminutos olhos cinzas exaltados e brilhantes. Era uma má sinal.

—Olá, Dolph, o que está passando?

— Estamos no escritório do advogado que sua amiga Verônica Sims nos deu. Encantado que chamasse a ti primeiro e não a nós.

—Chamou-te em seguida, verdade?

— Sim.

—O que averiguaste? —Não me incomodei em baixar a voz. Se sou reservada, a conversação não é sincera.

—Reba Baker é a mulher assassinada. Foi identificada pelas fotos do depósito de cadáveres.

—Um modo agradável de terminar a semana de trabalho — disse.

Dolph não fez caso do comentário.

—Ambas as vítimas eram clientes com testamentos expirantes. Se morriam por dentadas de vampiro, queriam ser estacados e depois cremados.

—Soa a uma pauta —disse.

—Porém como averiguaram os vampiros que tinham testamentos expirantes?

—É uma pergunta em brincadeira, Dolph? Alguém o disse.

—Sei—disse. Parecia enojado.

Me perderia algo.

— O que quer de mim, Dolph?

—Perguntei a todos e juraria que diziam a verdade. Poderia alguém ter estado dando informação e não saber que a deu, ou algo assim?

—Quer dizer que um vampiro poderia ter usado jogos mentais, para que o traidor não soubesse depois?

—Genial —disse.

—Seguro —contestei.

— Pode vir para saber que vampiro foi?

— Se alguém tiver estado dando informação a nos vampiros, podem não recordar, mas um bom hipnotizador seria capaz de recuperar essa memória.

—O advogado grita sobre seus direitos e autorizações. Só conseguimos uma autorização para os arquivos, não para suas mentes.

—Lhe pergunte se quer ser responsável do assassinato de um de seus próprios clientes na noite passada.

—Ela, o advogado é uma mulher —disse.

Como irritante e sexista que eu era.

—Lhe pergunte se quiser explicar a família de seu cliente por que dificultou a investigação.

—Os clientes não o saberão a menos que o digamos —disse.

—Certo —respondi.

— Seria chantagem, Sra. Blake!

—E sem embargo, não é isso? —disse.

—Deve ter sido um diabinho em uma vida anterior —disse—, é muito retorcida para não sério.

—Obrigado pelo cumprimento.

—Algum hipnotizador que me recomende?

—Alvin Thormund. Espera um segundo e te conseguirei o telefone.

Tirei meu finoporta cartões. Tento guardar só os cartões com os quais quero falar de vez em quando. Tínhamos usado ao Alvin

para vários casos de vítimas de vampiro com amnésia. Dava ao Dolph o número.

— Obrigado, Anita.

— Me conte o que averiguar. Poderia ser capaz de identificar ao vampiro implicado.

— Quer estar ali quando os apanharmos?

Joguei uma olhada ao Bert. Sua cara todavia estava relaxada, era agradável. Bert em seu lado mais perigoso.

— Não acredito. Somente grava a sessão. Se a necessitar, escutarei-a mais tarde.

— Mais tarde pode significar outro corpo —disse—. Seu chefe se preocupa outra vez?

— Sim —disse.

— Quer que eu fale com ele? — perguntou Dolph.

— Não é uma boa idéia..

— Ele está comportando-se como um verdadeiro bastardo?

— O habitual.

— Bem, chamarei a este Thormund e analisarei as sessões. Avisarei-te se averiguarmos algo.

— Me envie uma mensagem ao bip.

— Farei-o. —Pendurou. Não me incomodei em dizer adeus. Dolph nunca o para.

Devolvi o telefone ao Bert. Pendurou-o, me observando todavia com olhos agradáveis, ameaçadores.

— Tem que ir esta noite com a polícia?

— Não.

— E a quem devo esta honra?

— Corta o sarcasmo, Bert. —Girei-me para o Larry—. Pronto para sair?

— Que idade tem? —perguntou.

Bert sorriu abertamente.

— Que diferença há? —perguntei.

— Responde a pergunta.

Encolhi-me de ombros.

— Vinte e quatro.

— Só é quatro anos maior. Não me chame menino.

Tive que sorrir

—Feito, mas é melhor irmos. Temos mortos que levantar, dinheiro que ganhar.

Joguei uma olhada ao Bert. Que inclinava-se para trás em sua cadeira, as mãos com os dedos entrecruzados sobre o ventre. Sorria abertamente.

Quis limpar esse sorriso da cara com um murro. Resisti o impulso. Quem diz que não tenho nenhum autocontrole?

Era uma hora antes da alvorada. Quando todos os que eram QUEM estavam em suas caminhas dormindo sem medo. Sinto muito, equivoque-me de livro, falso. Se consigo manter desperta até o alvorada, farei-o a base de bofetadas. Devia manter desperta toda a noite para ensinar ao Larry como ser um bom reanimador cuidadoso com a lei. Não acreditaria que fora provável que Bert apreciasse o último, mas soube que o faria.

O cemitério era pequeno. Uma intriga familiar com pretensões. Um caminho com duas estreitas veredas que girava sobre uma colina, e de repente ali estava, uma linha de cascalho ao lado do caminho. Tinha poucos segundos para decidir se me virava ou continuava, aqui estávamos. As lápides estavam sobre a colina. O ângulo era tão escarpado, que parecia que os ataúdes deveriam haver-se deslizado costa abaixo.

Estávamos de pé na escuridão com o sussurro das árvores. Os bosques eram espessos a ambos os lados do caminho. O pequeno terreno, era só um espaço estreito ao lado do caminho, mas era importante para eles. Membros da família, todavia, pagavam a manutenção. Não quis imaginar como chegaram a ladeira. Talvez usaram um sistema de corda e polia para assegurar-se que a segadeira não tombasse e acrescentasse outro cadáver.

Nossos últimos clientes da noite acabavam de ir para a civilização. Tinha levantado cinco zumbis. Larry tinha levantado um. Sim, poderia ter levantado dois, mas justo ficamos às escuras. Não toma muito tempo levantar um zumbi, ao menos para mim, mas o tempo dos traslados estava incluído. Em quatro anos só tinha tido a dois zumbis no mesmo cemitério durante o a mesma noite. A maior parte do tempo conduzia como uma possessa para cumprir e terminar todas as entrevistas.

Meu pobre carro tinha sido removido a uma estação de serviço, mas as pessoas do seguro ainda não o tinha visto. Isto levaria dias ou semanas até que me dissessem a quantidade total. Não tive tempo de alugar um carro pela noite, assim Larry conduzia. Teria

vindo comigo ainda se tivesse tido meu carro. Queixava-me por não contar com ajuda, assim decidi treiná-lo. Penso que é o justo.

O vento se moveu entre as árvores. As folhas secas se formaram redemoinhos através do caminho. A noite estava cheia de pequenos e apressados sons. Apressar, apressar, fazia. O que... ? Halloween. Podia sentir a Véspera de Todos os Santos no ar.

—Adoro noites como esta —disse Larry.

Observei-lhe. Estávamos de pé com as mãos nos bolsos e olhando fixamente a escuridão. Gozando a tarde. Também estávamos sujos de sangue seco de galinha. Era uma noite agradável, normal.

Meu bip soou. O agudo bip pareceu desconjuntado na tranqüila noite, açoitada pelo vento. Pressionei o botão. Misericordiosamente, o ruído se deteve. Um pouco de luz indicou um número telefônico. Não reconheci o número. Esperei que não fosse Dolph, porque um número desconhecido tão tarde de noite, ou de madrugada, significava outro assassinato. Outro corpo.

—Venha, temos que conseguir um telefone.

— Do que se trata?

—Não estou segura. —Comecei a baixar a colina.

Me seguiu.

—Quem pensa que é? —perguntou.

—Talvez a polícia.

— Dos assassinatos nos quais trabalha?

Joguei uma olhada para trás e me golpeei o joelho em uma lápide. Estive de pé ali durante uns segundos, sustentando o fôlego enquanto a dor me transpassava.

—Caramba! —disse brandamente e com sentimento.

—Está bem? —Larry me sujeitou do braço.

Soltei-me de sua mão e me deixou. Eu não gosto do toque ocasional.

—Estou bem. De verdade.

Não estava, todavia doia, porém, que demônios? Tinha que falar ao telefone e a dor passaria conforme caminhasse. Certo.

Olhei meticulosamente para frente para evitar outros objetos espinhosos.

— O que sabe sobre os assassinatos?

—Que ajuda a polícia em um delito Sobrenatural e que isto suporta o uso de reanimação.

—Bert lhe disse isso.

—O Sr. Vaughn, sim.

Estávamos no carro.

—Olhe Larry, se for trabalhar para o Reanimators. SA, tem que deixar tudo isto de Sr. e de Sra. Não somos mestres. Somos companheiros de trabalho.

Sorriu, um brilho branco na escuridão.

—Bem, Sra... Anita.

—Isso está melhor. Agora, vamos procurar um telefone.

Conduzimos para o Chesterfield pensando que, ao ser a cidade mais próxima, teria o telefone mais próximo. Terminamos junto a uma fila de cabines telefônicas no estacionamento de uma estação de serviço fechada. A estação brilhava brandamente na escuridão, mas uma luz halogênia emitia luz sobre as cabines telefônicas, convertendo a noite em dia. Os insetos e as traças dançavam ao redor da luz. As sombras rápidas de morcegos revoando e nadando na luz, comendo insetos.

Marquei o número enquanto Larry esperava no carro. Ganhou um ponto como discreto. O telefone soou duas vezes.

—Anita, é você? —disse uma voz.

Era Irving Griswold, repórter e amigo.

—Irving, em que infernos te colocou para me chamar a esta hora?

—Jean-Claude quer verte esta noite, agora. —Sua voz soava apressada e insegura.

—Por que me entrega a mensagem? —Temia que não fosse gostar de me a resposta.

—Sou um homem lobo —disse.

— Que isso tem que ver?

—Não soube? —parecia assombrado.

—Saber o que? —zanguei-me. Ódeio aos concursos das vinte perguntas.

—O animal que controla Jean-Claude é o lobo.

Isso explicava que tanto Stephen como a mulher morena fossem homens lobos.

—Por que não estava ali a outra noite, Irving? Te deixou sem correia?

—Isso não é justo.

Tinha razão. Não o era.

—Sinto muito, Irving. Sinto-me culpado porque lhes apresentei aos dois.

—Queria entrevistar ao amo da cidade. Consegui minha entrevista.

—Esse era o preço? —perguntei.

— Sem comentários.

—Essa é minha frase.

Sorriu

—Pode vir ao Circo dos Malditos? Jean-Claude tem informação sobre o vampiro mestre que lhe atacou.

— Alejandro ?

— O mesmo.

—Estaremos ali logo que possamos, mas maldição se pudermos chegar até o Riverfront antes da alvorada.

— Quem vêm?

—Um novato em treinamento, ele conduz. —Vacilei—. Diga ao Jean Claude que sem violência esta noite.

— Diga-lhe você.

— Covarde.

—Sim, senhora. Verei-te logo que possa chegar até aqui. Adeus.

—Adeus, Irving.

Sustentei o auricular durante uns segundos, depois pendurei. Irving era o mascote do Jean-Claude.

Jean-Claude podia chamar aos lobos da mesma forma que o Sr. Oliver chamava as serpentes. Igual a Nikolaos havia chamado aos ratos e aos homens ratos. Todos eram monstros. Só era uma variedade de sabores.

Me meti no carro.

—Querias mais experiência com vampiros, verdade? —
Grampeei-me o cinto de segurança—. Bem, vais conseguir a esta
noite.

— O que quer dizer?

—Explicarei-lhe isso enquanto conduz. Não temos muito tempo
antes do alvorecer.

Larry pôs o carro na marcha e saiu do estacionamento. Parecia
ansioso sob o escuro resplendor do tabuleiro de instrumentos.
Impaciente e muito, muito jovem.

O Circo dos Malditos tinha fechado de noite, ou séria ao chegar da manhã? Estava ainda escuro, mas quando estacionamos diante da depósito se percebia certa sensação de ligeireza. Uma hora antes não haveria nenhuma vaga livre no estacionamento perto do Circo. Mas os turistas se vão quando os vampiros desaparecem na noite.

Joguei uma olhada ao Larry. Sua cara estava coberta de sangue seco, até agora não me havia ocorrido encontrar algum sítio para nos limpamos primeiro. Joguei uma olhada ao céu e sacudi a cabeça. Não havia tempo. A alvorada chegava.

Os palhaços com caninos ainda apareciam e giravam sob a carpa, mas era um cansado baile. Ou talvez era eu a que estava cansada.

—Segue meu exemplo, Larry. Nunca esqueça que são monstros, não importa quão humanos pareçam, não o são. Não te tire a cruz, não lhes deixe te tocar e não lhes olhe fixa e diretamente aos olhos.

— Conheço essas precauções da universidade. Fiz dois semestres em Estudos Vampiricos.

Sacudi a cabeça.

—A universidade não é nada, Larry. Isto é real. As lições sobre isso não lhe preparam para isto.

—Tínhamos conferencistas convidados. Alguns eram vampiros.

Suspirei e o deixe passar. Teria que aprender sozinho. Como faziam outros. Como fiz eu.

As portas grandes estavam fechadas com chave. Chamei. A porta se abriu um momento depois. Irving apareceu ali, de pé. Não sorria. Parecia um rechonchudo querubim com o cabelo suave, frisando-se ao a altura de suas orelhas e um grande ponto calvo em meio da cabeça. Por aí, os óculos emoldurados de arame se posavam em um pequeno nariz redondo. Os olhos se alargaram um pouco quando passamos. O sangue ressaltou quando nos ilumino a luz,

— O que estiveste fazendo esta noite? — perguntou.

—Levantando mortos —respondi.

—Esse é o novato.

—Larry Kirkland, Irving Griswold. É repórter, assim que todo que diga pode ser usado em seu contrário.

—Ouça, Blake, nunca te citei quando me diz que não. Tenha isso em conta.

Afirmei com o a cabeça.

—Terei-o.

—Ele te espera abaixo —disse Irving.

— Abaixo ? —perguntei.

— É quase alvorada, precisa estar clandestinamente.

Ah.

—Claro —disse, mas meu estômago se apertou com força. A última vez que tinha ido ao Circo tinha sido para matar ao Nikolaos. Houve muitos mortos essa manhã. Muito sangue. Algo dela era meu.

Irving nos mostrou silenciosamente o caminho. Alguem te tinha dado ao interruptor e as luzes estavam apagadas. Os jogos tinham acabado e se fecharam as jaulas de nos animais, jogando as lonas por cima. O perfume do milho e o algodão de açúcar impregnavam o ar como aromáticos fantasmas, mas os cheiros eram débeis e esfumados.

Passamos a casa enfeitada com o a bruxa de tamanho natural situada no mais alto, de pé, silenciosa e olhando fixamente com olhos saltados.

Era verde e tinha uma verruga na nariz. Nunca tinha encontrado uma bruxa que parecesse normal. Certamente não eram verdes e as verrugas sempre poderiam ser cirurgicamente tiradas.

A casa de cristal era a seguinte. Obscurecida a roda Ferris se elevou sobre os demais.

—Sinto-me como ela, que caminha so a um passo do banquete no deserto, cujas luzes se extinguem, cujas guirlandas estão mortas, e todos exceto ele se foram —recitei.

Irving me jogou uma olhada para trás.

—Thomas Moore, Garoto na noite tranqüila.

Sorri. Não podia recordar o título nem para salvar-me.

—Terei que estar de acordo contigo.

—Graduei-me em jornalismo e literatura Inglesa.

—É claro que a forma calçou bem com o repórter —disse.

—Ouça, introduzo um pouco de cultura quando posso — pareceu ofendido, mas sabia que fingia.

Senti-me melhor sabendo que Irving brincava comigo. Era agradável e normal. Necessitava todo o agradável que pudesse conseguir esta noite.

Faltava uma hora para a aurora. Quanto dano poderia fazer em uma hora Jean-Claude? Melhor não perguntar.

A porta na parede era pesada, de madeira com um cartaz nela: SÓ PESSOAL AUTORIZADO A PARTIR DESTE PONTO. Por uma vez, lamentava estar autorizada.

O pequeno espaço mais à frente era um diminuto armazém com uma nua lâmpada que pendurava do teto. Uma segunda porta conduzia para baixo, por uma escada. A escada era quase o suficientemente ampla para que nós três pudéssemos andar em paralelo. Irving andou na frente de nós, como se todavia o necessitássemos. Só se podia ir para baixo. Que profético.

Uma súbita curva apareceu nas escadas. Houve um som de teias, a sensação de movimento. Tirei minha arma e estava preparada. Nenhum movimento desnecessário, justo graças a um montão de prática.

—Não necessitará isso —disse Irving.

—Isso diz você.

—Pensava que o amo era seu amigo —disse Larry.

—Os vampiros não têm a amigos.

—E os mestres de ciência da escola intermediária?

Richard Zeeman estava à volta da esquina. Tinha posto um florestal suéter verde com um desenho de um bosque verde e café. O suéter pendurava quase até os joelhos. Em mim, isso teria sido um vestido. As mangas estavam enroladas sobre os antebraços. Os jeans e o mesmo par do Tênis brancos completavam a equipe.

—Jean-Claude enviou a te esperar.

—Para que? —perguntei.

Encolheu os ombros.

—Parece nervoso. Não fiz perguntas.

—Homem inteligente —disse.

—Sigamos baixando —disse Irving.

—Parece nervoso também, Irving.

— Ele chama, eu obedeco, Anita. Sou seu mascote.

Estirei-me até tocar o braço do Irving, mas se afastou.

—Pensei que poderia parecer humano, mas ele me demonstra que sou um animal. Só um animal.

—Não lhe deixe te fazer isso —disse.

Observou-me, os olhos cheios de lágrimas.

—Não posso detê-lo.

—Melhor que sigamos em movimento. É quase a alvorada — disse Richard. Fulminei-o com o olhar por falar. encolheu-se de ombros.

—Será melhor se não fazemos esperar ao mestre. Sabe. Realmente sabia. Afirmei com a cabeça.

—Tem razão. Não tenho nenhum direito a me zangar contigo.

— Obrigado.

Assenti com a cabeça.

— Façamo-lo.

—Pode guardar a arma —disse.

Contemplei a Browning. Eu gostava de tê-la. Por segurança, era melhor que um ursinho de pelúcia. Guardei a arma. Sempre podia tirá-la de novo mais tarde.

Ao final das escadas apareceu a última porta, mais pequena, arredondada com um pesado ferrolho de ferro. Irving tirou uma enorme chave negra e a deslizou na porta. O ferrolho pegou um estalo bem azeitado, e a empurrou para diante. Irving era ao que lhe tinha crêdulo a chave do

final das escadas. Quanto estaria misturado, e como lhe poderia lhe tirar disso?

—Espera um minuto —disse.

Todos me olharam. Era o centro de atenção, fantástico.

—Não quero que Larry encontre ao amo, ou sequer saiba quem é.

—Anita... —começou Larry.

—Não, Larry, fui atacada duas vezes por informação. Isto é definitivamente necessário. Não tem que conhecê-lo.

—Não necessito que me proteja —disse.

—Escuta-a —disse Irving—. Ela me disse que me afastasse da amo. Disse que poderia me dirigir. Estava equivocado, equivoquei-me.

Larry cruzou os braços sobre seu peito, obstinado com as bochechas avermelhadas.

—Posso me cuidar.

—Irving, Richard, necessito que me prometam isto. Quanto menos conheça, mais seguro estará.

Ambos afirmaram com a cabeça.

— Não interessa a ninguém o que penso? — perguntou Larry.

—Não —disse.

— Caramba, não sou um menino.

—Podem discutir mais tarde —disse Irving—. O Mestre nos espera. Larry começou a dizer algo, levantei a mão.

—Lição número um, nunca deixe esperando a um Vampiro mestre.

Larry abriu a boca para discutir, depois se deteve.

—Bem, discutiremos mais tarde.

Não esperava com ilusão discutir mais tarde com o Larry sobre se era muito protetora, pensando no inferno que estava além da porta. Isso sabia. Larry não, mas estava a ponto de aprendê-lo e não havia uma maldita coisa que pudesse fazer para detê-lo.

O teto se elevava na escuridão. As enormes cortinas de sedoso material caíram pelas paredes formadas por tecidos brancos e negros, as cadeiras minimalistas em negro e prata formavam um pequeno espaço de conversação. A mesa com o centro de madeira e cristal era escura, estava colocada no centro da habitação. Um floreiro negro com um ramo de lírios brancos era a única decoração. A habitação parecia meio terminada, como se necessitasse quadros pendurados nas paredes. Porém como pendura pinturas em paredes de tecido?

Acredito que Jean-Claude, seguro o resolveria provisoriamente.

Sabia que o resto da habitação era um enorme depósito cavernoso feito de pedra, mas a única coisa que me sobressaía era o teto alto. Havia um atapetado negro no chão, suave e acolchoado.

Jean-Claude estava sentado em uma das cadeiras negras. Descansava nela, seus tornozelos cruzados, as mãos cruzadas sobre seu estômago. Sua camisa branca era clara, uma simples camisa de etiqueta salvo que se encontrava desabotoada e aberta. A linha de botões, punhos e pescoço era sólida, mas o peito estava nu, envolto por um filme de gaze. A cicatriz de sua queimadura cruciforme era marrom e notória sobre sua pálida pele.

Marguerite se sentou a seus pés, a cabeça posta em seu joelho como um cão obediente. Seu cabelo loiro, e traje de blazer e calça rosada pálida, parecia estar desconjurado na habitação em branco e negro.

—O decoraste —disse.

—Algumas comodidades —disse Jean-Claude.

—Estou lista para conhecer ao amo da cidade —disse.

Seus olhos se alargaram, uma pergunta formando-se em sua cara.

—Não quero que meu novo companheiro de trabalho conheça o amo. Parece ser informação perigosa agora.

Jean-Claude não se moveu. Contemplou-me, sua mão distraidamente esfregava o cabelo de Marguerite. Onde estava

Yasmeen? Em um ataúde em algum sítio, guardado sem perigo, longe do alvorecer próxima.

—Levarei-te a sós para te encontrar com... o amo —disse por fim. Sua voz soava vazia, mas podia descobrir uma risada evasiva sob suas palavras. Não era a primeira vez que Jean-Claude me tinha encontrado graciosa e provavelmente não seria a última.

Levantou-se com um elegante movimento, deixando a Marguerite ajoelhada ao lado da cadeira vazia. Pareceu molesta. Riu-me dela e me fulminou com o olhar. Rir de Marguerite foi infantil mas me fez sentir melhor. Todo mundo necessita um passatempo.

Jean-Claude apartou as cortinas para mostrar a escuridão.

Compreendi então que havia uma discreta luz elétrica na habitação, a iluminação indireta se projetava nas paredes. Havia somente uma piscada de lâmpadas além das cortinas. Parecia que o pedaço de tecido encerrava o mundo moderno com todas suas comodidades, além da pedra, o fogo e os segredos melhor guardados na escuridão.

— Anita? — chamou-me Larry. Pareceu duvidoso, talvez até assustado. Mas eu levava a coisa mais perigosa da habitação comigo. Estaria seguro com o Irving e Richard. Não pensava que Marguerite fosse um perigo sem Yasmeen para sustentar sua correia.

—Fica aqui Larry, por favor, estarei de volta logo que possa.

—Tome cuidado —disse.

Sorri.

— Sempre.

Sorriu abertamente.

— Sim, seguro.

Jean-Claude me fez um sinal e fui, fez um gesto com sua pálida mão. A cortina baixou atrás de nós cortando a luz. A escuridão se fechou a nosso redor como um punho. As luzes faiscaram contra a longínqua parede mas não chegava a tocar a crescente escuridão.

Jean-Claude me mostrou o escurecido caminho.

—Não queremos que seu companheiro de trabalho nos ouça por acaso. —Sua voz sussurrou na escuridão crescendo como o vento para golpear contra as cortinas.

Meu coração martelou contra meu tórax. Como diabos tinha feito isso?

—Guarda o dramatismo para alguém a quem pode impressionar.

—Palavras valentes, ma petite, mas degusto o batimento do coração de seu coração em minha boca. —A última palavra foi sorte sobre minha pele como se seus lábios tivessem roçado meu pescoço. A pele de meus braços se arrepiou.

—Se quer jogar estes jogos quando se aproxima o amanhecer, parece-me bem, mas Irving me disse que tinha informação sobre o vampiro mestre que me atacou. É verdade o que disse ou era mentira?

—Nunca te menti, ma petite.

—Ah, vamos.

—As meias verdades não são o mesmo que mentiras.

—Adivinho que depende de como se olhe —disse.

Reconheceu isto com aprovação.

— Nós sentaremos na parede afastados de onde possam nos ouvir?

—De acordo.

Ajoelhou-se sob o círculo de luz que provia de uma tocha. Era-me benéfica e o apreciei. Mas não tinha nenhum sentido dizê-lo.

Sentei-me frente a ele, contra a parede.

—De acordo, o que sabe sobre o Alejandro? —cravava os olhos em mim com um peculiar olhar em sua cara.

—O que? —perguntei.

—O que passou ontem à noite, ma petite, conta-me o tudo sobre o Alejandro.

Soou mais a uma ordem que a um pedido para meu gosto, mas havia algo em seus olhos, em sua cara, inquietação, quase medo, que me confundiu. O que tinha Jean-Claude que temer do Alejandro? O que realmente? Contei-lhe tudo o que recordava.

Sua cara era, exatamente, um espaço vazio, belo e irreal como uma pintura. Os cobres ainda estavam ali, mas a vida, o movimento, tinha escapado. Pôs um dedo entre seus lábios e lentamente o

deslizou fora de minha vista. O dedo veio reluzindo de retorno à luz. Estendeu esse dedo molhado para mi. Me escapuli longe dele.

— O que está tratando de fazer?

—Tirar o sangue de sua bochecha. Nada mais.

—Não acredito.

Suspirou, o mais solitário dos sons, mas se deslizou sobre minha pele como o ar.

—Faz-o tudo tão difícil.

— Estou contente de que o note.

—Tenho que te tocar, ma petite. Acredito que Alejandro te tem feito algo.

— O que?

Sacudiu sua cabeça.

—Algo impossível.

—Chega de adivinhações Jean-Claude.

—Acredito que te marcou.

O contemplei.

— O que quer dizer?

—Marcou-te, Anita Blake, marcou-te com a primeira marca, como fiz eu.

Sacudi a cabeça.

—Isso não é possível. Dois vampiros não podem ter ao mesmo servo humano.

—Exatamente —disse. moveu-se para mim—. me Deixe provar a teoria, ma petite, por favor.

— O que significa provar a teoria?

Sussurrou algo áspero em francês. Eu nunca tinha ouvido que blasfemasse antes.

—É quase o amanhecer e estou cansado. Suas perguntas podem converter um simples dia em um sangrento. —Havia verdadeira cólera em sua voz, mas baixo isso, cansaço e aquele fio de medo. Seu medo me assustou. Supõe-se que era um monstro intocável. Os monstros não tinham medo de outros monstros.

Suspirei. Era melhor terminar o de uma vez? Talvez.

—Bem, em interesse da hora. Mas me dê alguma idéia do que tenho que esperar. Sabe que eu não gosto das surpresas.

—Devo te tocar para procurar primeiro minha marca, depois, as suas. Não deveria ter cansado tão facilmente sob seus olhos. Não deveria ter passado.

—Faça - disse.

— Meu contato é tão repulsivo que deve te preparar como se fosse doloroso?

Já que era quase exatamente o que fazia, não estava segura que lhe dizer.

—Faça, Jean-Claude, antes de que troque de opinião.

Deslizou o dedo entre seus lábios outra vez.

— Tem que fazê-lo assim?

—Ma petite, por favor.

Retorci-me contra a parede de pedra fresca.

—Bem, não mais interrupções.

—Bom. —ajoelhou-se ante mim. Seu dedo riscou o contorno de minha bochecha direita, deixando uma linha úmida sobre minha pele. O sangue seca se sentia arenosa sob seu toque. inclinou-se para mim como se fora a me beijar. Coloquei minhas mãos sobre seu peito para lhe impedir de me tocar. Estava duro e suave sob a gaze da camisa.

Sacudi-me com força e golpeei minha cabeça contra a parede.

—Caramba.

Sorriu. Seus olhos cintilaram azuis sob a luz da tocha.

—Confia em mim —seus lábios se abateram sobre minha boca —. Não lhe machucarei. —As palavras foram sussurraram sobre minha boca, um suave impulso de ar.

—Sim, de acordo —disse, mas as palavras saíram suaves e inseguras. Seus lábios roçaram meus, então pressionaram brandamente contra minha boca. O beijo se deslocou de meus lábios a minha bochecha.

Seus lábios eram suaves como a seda, suaves como pétalas de malmequer, quentes como o sol do meio-dia. Descenderam pouco a pouco por minha pele, até que sua boca se abateu sobre o pulso de meu pescoço.

— Jean-Claude?

—Alejandro já existia durante o Império Asteca, unicamente, era um sonho —sussurrou contra minha pele—. Se encontrava ali para dar a bem-vinda aos espanhóis e viu a queda dos astecas. sobreviveu quando outros morreram ou perderam a razão. —Sua língua estalou, cálida e úmida.

—Detenha —lhe empurrei.

Senti o batimento do coração de seu coração em minhas mãos. Pressionei minhas mãos sobre sua garganta. O forte pulso palpitou contra minha pele. Coloquei um polegar sobre a suavidade de uma de suas pálpebras.

—Toca-o ou perde-o —disse. Minha voz soava entrecortada por o pânico e algo pior... desejo.

A sensação desse corpo contra o mim, sob minhas mãos, seus lábios me tocando, uma parte oculta em meu o desejava. Buscava-o. Assim ansiava ao amo. O que? Nada novo. Seu olho se estremeceu sob meu polegar e me perguntei se poderia fazer. Podia destruir um desses círculos azuis como a meianoite. Podreria cega-lo?

Seus lábios se moveram sobre minha pele. Os dentes a roçaram, os duros caninos acariciando minha garganta. E a resposta era, de repente, sim. Estiquei-me interiormente e se retirou como um sonho, ou um pesadelo.

Estava de pé frente a mim, me olhando, seus olhos completamente escuros, sem mostrar o branco. Seus lábios tinham retrocedido ante os dentes mostrando uns reluzentes caninos. Sua pele branca como o mármore pareceu brilhar por dentro, e ainda assim, era formoso.

—Alejandro te deu primeira a marca, ma petite. Compartilhamo-lhe. Não sei como, mas o fizemos, duas marcas mais e você será minha, três mais e será dele. Não seria melhor ser minha?

Ajoelhou-se em minha fernte outra vez, mas cuidou de não me tocar.

—Deseja-me como uma mulher deseja a um homeme. Não é isso melhor que algum desconhecido a tome pela força?

—Não me perguntou nem teve minha permissão para realizar as duas primeiras marcas. Não tive eleição.

—Peço-te permissão agora. Me deixe compartilhar contigo terceira a marca.

— Não.

— Prefere servir ao Alejandro?

—Não vou servir a nenhum —disse.

—É uma guerra, Anita. Não pode te manter neutra.

— E por que não?

Levantou-se e caminhou para o círculo de luz.

—Não entende? As matanças são um desafio a minha autoridade e a marca em ti é outro desafio. Afastará-te de mim se puder.

—Não te pertença, ou a ele.

—Tentei obrigarte a acreditar, a aceitar que morderá sua garganta.

—Então, estou em meio de uma guerra de não-mortos devido a suas marcas. —Piscou, abriu sua boca, a fechou. Finalmente disse—. Sim.

Levantei-me.

—Muito obrigado. —Caminhei diante dele—. Se tiver mais informações sobre o Alejandro, envie-me isso por correio.

—Não partirá só porque o deseja.

Parei-me frente da cortina.

—Demônios, sabia que não. Desejei com bastante força que me deixe em paz.

—Sentiria minha falta de se não estivesse aqui.

—Não te iluda.

—E não minta, ma petite. Eu lhe daria uma sociedade. Ele te dará escravidão.

—Se realmente acreditasse nesta merda de sociedade não teria forçado minhas duas primeiras marcas. Teria perguntado. Que eu saiba, a terceira marca não pode ser dada sem minha cooperação. —O contemplei—. É verdade? Necessita minha ajuda ou algo pelo estilo para a terceira marca. É diferente às outras duas. Filho da puta.

—A terceira marca sem sua ajuda..., séria como uma violação em lugar de fazer o amor. Odiaria-me para toda a eternidade se tomasse pela força.

Voltei-lhe as costas e agarrei a cortina.

—Acertou nisso.

—Ao Alejandro não importará se lhe odeia. Só quer me machucar. Não te pedirá permissão. Simplesmente tomará.

—Posso cuidar de mim.

— Como cuidou-te ontem à noite?

Alejandro me tinha apanhado e não o tinha sabido até agora. Que amparo tinha contra algo assim? Neguei com a cabeça e fui dando tombos até a cortina. A luz era tão brilhante que me cegou. Estive de pé sob a deslumbrante luz à espera de que meus olhos se adaptassem. A fresca escuridão soprou a minhas costas. A luz era quente e intrusiva depois da esmagante escuridão, mas era melhor que os sussurros da noite. Cegada pela luz ou cegada pela escuridão, escolheria a luz sempre.

Larry estava no chão, sua cabeça estava colocada sobre o regaço do Yasmineen. Sustentava seus pulsos. Marguerite lhe sujeitava o corpo com o dele. Lambia a sangue de sua cara com pausados e persistentes toques de sua língua.

Richard jazia como um enrugado novelo, o sangue corria por sua cara. Algo no chão que se movia e retorcia. A pele cinza fluiu dele como o água. Uma mão se elevou para o céu, depois se encolheu como uma agonizante flor, o brilho de ossos se sobressaindo pela carne. Os dedos se encolheram, carne estendendo-se sobre protuberâncias de carne. Tudo era carne crua, sem sangue. Os ossos se deslizaram entre eles com úmidos sons, absorvendo. Gotas de claro fluido salpicaram o carpete negro. Mas sem sangue.

Extraí a Browning e me movi apontando entre Yasmineen e essa coisa no chão. Estava com as costas para a cortina, mas me afastei dela. Muito fácil para ser alcançada por detrás.

—Deixa-o ir, agora.

—Não o machucamos—disse Yasmineen.

Marguerite se inclinou sobre o corpo do Larry com uma mão colocada sobre sua virilha, massageando-o.

—Anita! —seus olhos estavam dilatados, a pele pálida, as sardas destacavam como pontos de tinta.

Disparei a umas polegadas da cabeça do Yasmineen. O som foi repentino e ressonou. Yasmineen me grunhiu.

—Posso arrancar-le a garganta antes de que aperte esse gatilho outra vez.

Apontei a cabeça de Marguerite, diretamente sobre um dos olhos azuis.

—O mata, e mato a Marguerite. Esta de acordo em fazer um intercâmbio?

—Yasmineen, o que está fazendo? —Jean-Claude entrou por trás de mim. Meus olhos se desviaram para ele e depois retornaram ao Marguerite. Com o Jean-Claude não havia perigo, não agora.

A coisa do chão se elevou sobre quatro tremulas patas e se sacudiu como um cão depois de um banho. Era um enorme lobo.

Uma grossa pelagem cinza parda cobria ao animal, meio molhado e meio seco como se o lobo tivesse sido frescamente banhado e secado a um golpe. O líquido formava um denso atoleiro sobre o tapete. Os pedaços de roupa estavam atirados por toda parte. o lobo tinha saído de uma desordem recém estabelecida, renascido.

Uns óculos redondos estavam colocados sobre o cristal da mesa de café, dobrados com esmero, Irving?

O lobo fez um som entre grunhido e ladrido. Era isso um sim? Sabia que Irving era um homem lobo, mas vê-lo era algo completamente incrível. Até esse momento não o havia acreditado, não realmente. Olhando fixamente os pálidos olhos castanhos do lobo, acreditei.

Marguerite estava agora no chão atrás do Larry, os braços colocados ao redor de seu peito, as pernas envolvendo sua cintura. A maior parte dela se encontrava escondida atrás dele, protegida.

Passei muito tempo olhando fixamente ao Irving e agora não podia acertar um tiro ao Marguerite sem arriscar a vida do Larry. Yasmeen se ajoelhou ao lado deles, uma mão agarrava um punhado de cabelo do Larry.

—Romperei seu pescoço.

—Não o danificará, Yasmeen —disse Jean-Claude. Estava de pé ao lado da mesa do centro. O lobo avançou a seu lado, grunhindo brandamente. Seus dedos acariciaram a cabeça do lobo.

—Afasta a seus cães, Jean-Claude, ou este morre. —Estirou a garganta do Larry em um ângulo reto para enfatizar suas palavras. A bandagem que havia estado escondendo a dentada do vampiro havia sido retirada. A língua do Marguerite estalou, roçando a carne estirada.

Apostaria a que podia pegar um tiro ao Marguerite na frente enquanto lambia o pescoço do Larry, mas Yasmeen enquanto isso poderia romper seu pescoço. Não podia aceitar esse risco.

—Faz algo, Jean-Claude —disse—. É o Amo da cidade. supõe-se que segue suas ordens

—Sim, Jean-Claude, ordena me.

— O que está acontecendo aqui, Jean-Claude? —perguntei.

—Me põe a prova.

—Por que?

—Yasmeen quer ser o Amo da cidade. Mas não é bastante forte.

—Fui o bastante forte para impedir que você e sua serva ouvissem os gritos dele. Richard te chamou e você não ouviu nada porque me garanti disso.

Richard estava de pé detrás do Jean-Claude. O sangue brotava da esquina de sua boca. Havia um pequeno corte em sua bochecha direita que gotejava sangue por sua cara.

—Tratei de detê-la.

—Não o tentou com suficiente força —disse Jean-Claude.

—Discutam mais tarde —disse—. Agora mesmo, temos um problema.

Yasmeen riu. O som ziguezagueou por minha coluna vertebral como se alguém tivesse derramado uma lata de vermes. Estremeci e decidi em seguida que primeiro dispararia ao Yasmeen. Inteiraríamos se um vampiro mestre é realmente mais rápido que uma bala a máxima velocidade.

Soltou ao Larry com um sorriso e ficou em pé. Marguerite todavia se agarrava a ele. Colocou-se sobre suas mãos e joelhos, com a mulher cavalgando sobre ele como sobre em um cavalo, seus braços e pernas, todavia sujeitos como braçadeiras ao redor dele. Ela ria, beijando seu pescoço.

Dei-lhe uma patada na cara com tanta força como pude. Deslizou-se do Larry e caiu aturdida ao chão. Yasmeen começou a avançar e lhe disparei ao peito. Jean-Claude golpeou meu braço e o tiro se desviou.

—Necessito-a viva, Anita.

Afaste-me dando tombos dele.

—Está louca.

—Mas necessita minha ajuda para combater a outros mestres— disse Yasmeen.

—Te trairá se puder —disse.

—Mas ainda a necessito.

— Se não poder controlar ao Yasmeen, então como demônios vais lutar contra Alejandro?

—Não sei—isso dosse – É o que queria ouvir? Não sei.

Larry todavia estava agachado a nossos pés.

— Pode levantar?

Elevou a vista, seus olhos brilhando com lágrimas não derramadas. Usou uma das cadeiras para apoiar-se e quase caiu. Agarrei seu braço, a arma em minha mão direita.

—Venha Larry, saiamos daqui.

—Parece-me bem. —Sua voz estava incrivelmente ofegante, esforçando-se por não chorar.

Dirigimo-nos para a porta, ajudando ao Larry a caminhar, minha arma seguia apontando vagamente a tudo na habitação.

—Vá com eles, Richard. Conduz-os com segurança até seu carro. E não me falta outra vez como fez hoje.

Richard não fez caso da ameaça e deu a volta a nosso redor para manter a porta aberta. Caminhamos mas sem dar as costas aos vampiros ou ao homem lobo. Quando a porta se fechou, soltei o fôlego que não sabia que estava contendo.

—Posso andar agora —disse Larry.

Soltei seu braço. Colocou uma mão sobre a parede, pelo resto, parecia estar bem. Uma primeira lágrima sulcou lentamente sua bochecha.

—Só me tire daqui.

Guardei minha arma. Isso não ajudaria agora. Richard e eu dissimulamos não notar as lágrimas do Larry. Eram muito silenciosas. Se não tivesse estado lhe olhando diretamente, não teria notado que chorava.

Tentei pensar que dizer, qualquer coisa. Porém o que podia dizer? Havia visto aos monstros e havia ficado aterrorizado. Eram aterradores como uma merda para mim. Aterrorizam a todo o mundo. Agora Larry isso sabia. Talvez valeu a pena. Talvez não.

Fora na rua, a temprana luz da manhã era intensa e dourada. O ar era fresco e nebuloso, não podia ver o rio daqui, mas podia senti-lo, essa sensação de água no ar para cada fôlego mais fresco, mais limpo.

Larry tirou suas chaves do carro.

— Se encontra bem para conduzir? —perguntei.

Assentiu com a cabeça, as lágrimas se secaram deixando finos sulcos em sua cara. Não se havia incomodado de apagar.

Já não chorava, tinha o rosto sombrio, tanto como se podia ter, e uma aparência tranqüila, como um menino que cresceu vendo Howdy Doody⁹, abriu a porta e entrou deslizando-se para abrir o lado do passageiro.

Richard estava ali, de pé. O fresco vento lhe fez voar o cabelo pela cara. Passou os dedos para apartar-lhe O gesto resultava dolorosamente familiar. Phillip sempre para isso. Richard me sorriu e não era o sorriso do Phillip. Era alegre e sincera, e não havia nada escondido atrás de seus olhos marrons.

O sangue havia começado a secar-se na esquina de sua boca e em sua bochecha.

—Sai enquanto ainda pode, Richard.

—Do que?

—Vai ter uma guerra dos não-mortos. Não quererá estar no meio.

—Não acredito que Jean-Claude me deixe afastar, —disse ele, não sorria. Não podia decidir se seu sorriso o para mais formoso ou sério.

—Às pessoas não lhe faz bem estar entre monstros, Richard. Sal se puder.

— És humano.

Me encolhi os ombros.

—Algumas pessoas o põem em dúvida.

—Eu não. —Estendeu as mãos para me tocar, mantive minha posição e não me movi, seus dedos acariciaram um lado de minha

cara, quentes e muito vivos.

—Verei-te as três da tarde, a menos que se sinta muito cansada. Neguei com a cabeça e seus dedos se afastaram de minha cara.

—Não é necessário.

Sorriu outra vez. Seu cabelo era um emaranhado sobre a frente. Mantenho o meu o suficientemente curto de maneira que fique afastado de meus olhos a maior parte da tempo. O laquê é uma coisa maravilhosa.

Abri a porta lateral de passageiros.

—Verei-te esta tarde.

—Trarei seu traje comigo.

— Do que vou vestida?

—Uma noiva da guerra civil —disse ele.

— Significa isso que levo merinaque?

— Provavelmente.

Franzi o cenho.

—E do que vai você?

—De oficial confederado.

—Se conseguir levar postas as calças —disse.

—Não acredito que o vestido me sirva.

Suspirei.

—Não é que não esteja agradecida, Richard, porém...

— Os merinaques não são seu estilo?

—Não, sinto muito.

—Minha oferta era nos sujar e cobrimos de todo o barro que pudéssemos nos arrastando lentamente. A festa é tua idéia.

—Liberaria-me dela se pudesse.

—Poderia valer a pena simplesmente para verte com vestido, tenho a sensação que isso é muito raro.

— Podemos ir logo? Necessito um cigarro e dormir —disse Larry, inclinando-se através do assento.

—Estarei ali —me voltei para o Richard, mas sem saber que dizer—. Até logo.

Assentiu com o a cabeça.

—Até logo.

Entrei no carro e Larry arrancou antes que colocasse meu cinto de segurança.

— Que pressa tem?

— Quero afastar-me deste lugar tanto como possa.

Olhei-lhe. Todavia parecia pálido.

— Está bem?

— Não, não estou bem.

Olhou-me, seus olhos azuis brilhavam com cólera.

— Como pode estar tão tranqüila depois de o ocorrido?

— Esteve tranqüilo a última noite. Deixou-te enganar.

— Mas era diferente —disse—. Aquela mulher bebeu da dentada. ela... —Suas mãos sujeitavam tão forte o volante que tremiam.

— Foi mais ferido a noite passada, o que faz esta mais difícil?

— A última noite foi perigosa, mas não era... pervertida. Os vampiros queriam algo. O nome do mestre. Os desta noite não queriam nada, só eram...

— Cruéis —disse.

— Sim, cruéis.

— São vampiros, Larry. Não são humanos. Não têm as mesmas régras.

— Ela me teria matado esta noite por capricho.

— Sim, o teria feito —disse.

— Como pode suportar estar perto de eles?

Encolhi-me de ombros.

— É meu trabalho.

— E o meu também.

— Não tem que ser, Larry. Só rechaça trabalhar em casos de vampiros. A maior parte de nos reanimadores o fazem.

Sacudiu a cabeça.

— Não, não me renderei.

— Por que não? —perguntei.

Não disse nada durante um minuto. dirigiu-se em direção ao sul.

— Como pode falar de sua entrevista para esta tarde depois do que passou?

—Tem que ter uma vida, Larry. Se deixar a este negócio te comer vivo, nunca o fará. —Estudei sua cara—. E nunca respondeu minha pergunta.

— Que pergunta?

— Por que não deixa a idéia de ser um executor de vampiros?

Larry vacilou, concentrando-se na condução. De repente parecia muito interessado em nos carros que passavam. Conduzimos sob uma ponte de ferrovia com depósitos a ambos os lados. Muitas das janelas estavam quebradas ou ausentes. A ferrugem se filtrava sob o passo elevado da ponte.

—A parte agradável da cidade —disse ele.

— Foge da pergunta por que?

—Não quero falar disso.

—Perguntei por sua família, disse-me que estavam vivos. E os amigos. Perdeste algum para os vampiros?

Percorreu-me com uma olhada.

— Por que o pergunta?

— Conheço nos sinais, Larry, está decidido a matar a os monstros porque tem rancor não?

Encurvou nos ombros e olhou fixamente para o frente. Os músculos de sua mandíbula se esticavam com força e depois se soltaram.

—Me fale, Larry —disse.

—O povo do que provento é pequeno, mil quinhentas pessoas. Enquanto estive fora durante meu primeiro ano na universidade, doze pessoas foram assassinadas por um grupo de vampiros. Não nos conhecia, a nenhum deles, realmente, conhecia-os de vista, mas isso era tudo.

— Continua.

Percorreu-me com o olhar.

—Fui aos enterros nas férias de Natal. Todos aqueles ataúdes, todas aquelas famílias. Meu pai era médico, mas não podia lhes ajudar. Ninguém podia lhes ajudar.

—Lembro do caso —disse—. Elbert, Wisconsin, faz três anos, verdade?

—Sim, como sabe?

—Doze pessoas são muitas para que ser a matança de um único vampiro, li os periódicos, Brett Colby era o caçador de vampiros ao que lhe atribuíram o trabalho.

—Nunca o conheci, mas meus pais me falaram dele. Fizeram-lhe parecer como um vaqueiro que monta a cavalo e chega à cidade para eliminar aos tipos maus. Encontrou e matou a cinco vampiros. Ajudou à cidade quando ninguém mais pôde.

— Se quer ajudar às pessoas, Larry, te converta em trabalhador social ou médico.

—Sou reanimador, tenho uma resistência natural aos vampiros. Penso que Deus me destinou para caçá-los.

—Santa Luisa, Larry, não faça uma cruzada Santa ou terminará morto.

—Pode ensinar-me.

Sacudi a cabeça.

—Larry, isto não é pessoal. Isto não pode ser pessoal. Se deixar que suas emoções lhe dominem, estará morto ou te voltará louco.

— Aprenderei, Anita.

Contemplei seu perfil. Parecia tão obstinado.

—Larry... —me detive. O que podia-lhe dizer? O que nos fez metermos neste trabalho?

Pode que suas razões fossem tão boas como as minhas, talvez melhores. Não era só amor pela exterminação, como com o Edward. E o céu sabia que necessitaria ajuda. Havia muitos vampiros só para mim.

—Bem, te ensinarei, mas fará o que diga, quando lhe disser isso. Nada de discussões.

—O que diga, chefe. —Sorriu-me brevemente, depois voltou para a estrada. Parecia decidido e aliviado, e jovem.

Mas todos fomos jovens alguma vez, passa como com a inocência e o sentido da justiça. O único necessário ao final, é o instinto de sobrevivência. Poderia ensinar a Larry? Poderia ensinar-lhe como sobreviver? Por favor, Deus, me deixe ensiná-lo e não lhe deixe morrer.

Larry me deixou diante de meu bloco de apartamentos às 9:05, era muito mais tarde que minha hora de me deitar, tirei minha bolsa de ginásio do assento traseiro, não queria deixar meu equipamento de trabalho. Fechei com chave a porta, depois me apoiei na porta lateral de passageiros.

—Verei-te esta noite às cinco, Larry. Será meu novo condutor até que consiga um carro novo.

Assentiu com a cabeça.

— Se me atrasar em chegar, não deixe que Bert te envie. Sozinho, de acordo?

Olhou-me, sua cara expressava algum pensamento profundo que não podia ler.

— Acredita que não posso me cuidar?

Sabia que não podia cuidar-se, mas não o disse em voz alta.

—É só sua segunda noite no trabalho. Demos um descanso a ambos, te ensinarei como caçar aos vampiros, mas nosso principal trabalho é levantar os mortos. Tenta recordá-lo.

Inclinou a cabeça.

—Larry, se tiver pesadelos, não se preocupe. Tenho-os continuamente.

—Seguro —disse.

Colocou o carro em marcha e fechei a porta. Pensei que não queria falar disso, nada do que tínhamos visto me daria pesadelos, mas queria que Larry estivesse preparado, como se as meras palavras pudessem preparar a alguém para o que fazemos.

Uma família carregava uma caminhonete cinza com um isopor e um cesto de picnic. O homem sorriu.

—Não acredito que tenhamos muitos dias como hoje.

—Acredito que tem razão. —Uma agradável conversa mantida com pessoas cujos nomes não conhece, mas cujas caras se seguem vendo. Somos vizinhos, dizemo-nos olá e adeus o um ao outro, mas nada mais, é a forma que mais eu gosto. Quando chega a casa, não quer a ninguém te pedindo uma taça de açúcar.

A única exceção que fiz foi à Sra. Pringle, a qual compreendeu minha necessidade de privacidade.

O apartamento estava quente e tranqüilo em seu interior. Joguei o ferrolho à porta e me apoiei contra ela. Por fim em casa, ah, lancei a jaqueta de couro à parte traseira do sofá e cheirei o perfume. Era florido e delicado com uma qualidade que só os caros realmente têm. Não era minha marca.

Tirei a Browning e coloquei minhas costas contra a porta. Havia um homem à volta da esquina da zona da copa. Era alto, magro, com o cabelo negro e curto, com um estilo moderno, estava de pé ali, apoiando-se contra a parede, os braços cruzados sobre seu peito, rendo-se de mim.

Um segundo homem se aproximou desde atrás da poltrona, mais curto, mais musculoso, loiro e sorridente. Sentou-se no mesmo, as mãos onde pudesse as ver. Nenhum tinha armas, ou nenhuma que pudesse ver.

— Quem demônios são?

Um homem alto e negro saiu do dormitório. Tinha um bigode impecável e uns escuros óculos de sol escondiam seus olhos.

A lambia apareceu a seu lado. Estava em sua forma humana, com o mesmo vestido vermelho que ontem. Levava saltos altos escarlates, mas não tinha trocado nada mais.

—Estivemos esperando-a, Sra. Blake.

— Quem são eles?

—Meu harém.

—Não entendo.

—Pertencem-me. —Arrahou com suas vermelhas unhas a mão do homem negro com bastante força deixando uma magra linha de sangue. Ele só sorriu.

— O que quer?

—O Sr. Oliver quer verte. Enviou-nos para te levar.

— Sei onde está a casa, posso chegar até ali por minha conta

—Ah, não, tivemos que mudar —disse, rebolando pela habitação —Certo caça-recompensas tentou matar ao Oliver.

— Que caça-recompensas?

Havia sido Edward?

Ela agitou uma mão.

—Nunca fomos formalmente apresentados. Oliver não me deixou matá-lo, escapou e tivemos que mudar.

Parecia razoável, porém...

— Onde está agora?

—A levaremos, temos um carro esperando fora.

— Porque não veio Inger por mim?

Ela se encolheu de ombros.

—Oliver dá as ordens e eu as sigo.

Um olhar de ódio percorreu sua preciosa cara.

— Quanto tempo faz que é seu amo?

—Muito —disse.

Contemplei a todos, o arma pronta mas sem apontar a ninguém, não haviam prometido me fazer dano. Então por que não queria apontar minha arma? Havia visto no que lamia se converteu e isso me havia aterrorizado.

— Por que Oliver quer ter comigo tão logo?

—Quer saber sua resposta.

—Não decidi ainda se darei ao Amo da cidade.

—Todo o que sei, é que me disseram que a levasse. Se não o fizer, zangará-se. Não quero ser castigada, Sra. Blake, por favor venha conosco.

Como castigava-se a uma lamia? Só havia um modo de averiguar.

— Como te castiga?

A lamia me contemplou.

—É uma pergunta muito pessoal.

—Não quis que fosse assim.

—Esqueça.—aproximou contornando—Então nós vamos? — deteve-se diante de mim o bastante perto para me tocar.

Começava a me sentir idiota com a arma, então a guardei. Ninguém me ameaçava. Um novo enfoque, normalmente, ofereceria segui-los em meu carro, mas meu carro estava destruído. Raios... se queria encontrar ao Oliver, teria que ir com eles.

Queria ver o Oliver. Não estava disposta a dar ao Jean-Claude, mas queria dar ao Alejandro. Ou ao menos necessitava sua ajuda

contra Alejandro. Também queria saber se foi Edward o que tinha tentado matar.

Não somos muitos no negocio, Quem mais poderia ser?

—Bem, vamos —disse. Agarrei minha jaqueta de couro da poltrona e abri a porta. Fiz sinal para que se movessem para ali, nos homens saíram sem dizer uma palavra, a lamia foi a última em sair.

Fechei com chave detrás de nós. Esperaram-me pacientemente no corredor. A lamia tomou ao braço do negro alto e sorriu.

—Moços, um de vós, ofereça a Sra. seu braço.

O loiro e o de cabelo negro giraram para me olhar. O de cabelo negro sorriu. Não havia estado com tanta gente sorridente desde que comprei meu último carro usado.

Ambos me ofereceram seus braços, como em um filme antigo.

—Sinto-o meninos, não necessito escolta.

—Estou lhes ensinado a ser cavalheiros, Sra. Blake; aproveite-o. Há poucos cavalheiros gentis nestes dias.

Não podia discutir isso, mas não necessitava ajuda para descer as escadas.

— Obrigado, mas estou bem.

—Como gostar, Sra. Blake. —dirigiu-se a nos dois homens—. Vós dois devem cuidar da Sra. Blake. —voltou-se para mim—. Uma mulher sempre deveria ter mais de um.

Lutei contra o impulso de me encolher de ombros.

—Se você o diz.

Proporcionou-me um radiante sorriso e se pavoneou pelo corredor de braço dado com seu homem. Os outros dois me flanquearam.

A lamia falou sobre seu ombro.

—Ronald é meu favorito, não o compartilho, sinto muito.

Tive que sorrir.

— Está bem, não sou avarenta.

Riu, um som encantadoramente agudo um com toque de risada nervosa.

—Não é avara, ah, isso está muito bem, Sra. Blake, ou posso chamar-te Anita?

—Anita está bem.

—Então deve me chame Melanie.

—Claro —disse.

A segui a ela e ao Ronald pelo corredor, o loiro e sorridente se colocaram me flanqueando, algum poderia tropeçar e arrancar-se de raiz um dedo do pé. Nunca chegaríamos abaixo se algum de nós caía. Recorri ao loiro.

— Acredito que tomarei seu braço — sorri ao sorridente — Poderíamos ter um pouco de espaço aqui?

Franziu o cenho, mas retrocedeu. Deslizei minha mão esquerda por seu braço ao a espera do loiro. Seu musculoso antebraço se inchou sob minha mão. Não podia saber se o fliexionava ou era só por excesso de exercícios, mas conseguimos baixar a escada sem perigo com o solitário sorridente nos cuidando as costas.

A lamia e Ronald nos esperavam em um grande Lincoln Continental negro, Ronald sustentou a porta para o a lamia, depois se deslizou no assento do condutor.

Sorridente se apressou a me abrir a porta, como sabia que o faria? Por geral me queixava de coisas assim, mas tudo era muito estranho. Se o pior que me tivesse passado hoje tivesse que ver com homens muito entusiastas me abrindo portas, estaria bem.

O loiro se deslizou no assento a meu lado deixando-me ao centro. O outro se moveu ao redor e entrava por o outro lado. Ia terminar em meio deles. Não me surpreendeu.

A lamia chamada Melanie girou em seu assento, apoiando o queixo em seu braço.

— Sinta-se em liberdade de fazer durante o caminho. São muito bons.

Olhei fixamente seus alegres olhos. Parecia séria. Sorridente passou o braço pelas costas do assento, acariciando meus ombros. O loiro tratou de tomar minha mão, mas o evitei. Conformou-se tocando meu joelho.

Nada de avanços.

—Eu não gosto de sexo em público —disse. Movi a mão do loiro para seu próprio regaço.

A mão de sorridente se deslizou ao redor de meu ombro. Afastei-me de ambos no assento.

—Detenha-os —disse.

—Moços, ela não está interessada.

Os homens se afastaram de mim, tanto como o carro os permitia, suas pernas ainda tocavam brandamente as minhas, mas ao menos não tocavam nada mais.

—Obrigada —disse.

— Se trocar de opinião durante o passeio, diga. Adoram receber ordens não é certo, meninos?

Os dois homens assentiram com o a cabeça e sorriram.

— Não somos um pequeno grupo feliz?

—Não acredito que troque de opinião.

A lamia se encolheu de ombros.

—Como queira, Anita, mas os meninos estarão profundamente decepcionados se não os dá ao menos um beijo de despedida.

Isso era estranho, peculiar.

—Nunca beijo no primeiro encontro.

Sorriu.

—Ah, eu gosto disso. Não é assim moços? —Os três homens fizeram satisfeitos sons. Tinha o pressentimento de que se teriam mantido inativos e haveriam implorado que os mencionasse. Arf, arf. Me amordace com uma colher.

Conduziram pelo a 270 ao sul, as escarpadas sarjetas estavam cobertas de erva e as pequenas árvores bordejavam o caminho. Havia casas idênticas situadas em as colinas, que separavam uma pequena maçã da seguinte pequena maçã, as árvores altas tinham mais de cem metros.

A 270 era a estrada principal que cruzava St. Louis, mas quase sempre tinha uma aparência de verde natureza, espaços abertos, o suave rodar na terra nunca se perdeu completamente.

Tomamos a 70 Oeste que se dirigia para o St. Charles. Havia espaços abertos a ambos os lados com campos largos e planos. O milho crescia alto e dourado, pronto para ser colhido. Detrás do acampo havia um moderno edifício de cristal que anunciava pianos, e uma quadra de esportes de golf interior. A venda ao por maior de um missil terra-ar abandonado e um lote de carros usados nos conduziram até o ponte Bianchette.

O lado esquerdo do caminho estava entrecruzado por diques cheios de água para impedir que a terra de transbordar. A indústria havia trasladado aos altos edifícios de cristal, o Hotel Omni com fonte incluída era o mais próximo ao caminho.

Um lance de bosque, que todavia se transbordava freqüentemente sendo cortado e convertido em edifícios, limitava com o lado esquerdo do caminho até que as árvores se encontravam com o Rio Missouri. As árvores continuavam pelo a outra borda quando entramos no St. Charles.

St. Charles não se transbordou, assim havia blocos de apartamentos, alamedas, um supermercado para mascotes de luxo, um cinema, o Empório da Medicina, o Velho Escrivão do País e Appleby. A terra desaparecia detrás das placas publicitárias e estalagens de tetos vermelhos. Era difícil recordar que o rio Missouri estava detrás de nós. E que uma vez foi um bosque. Era difícil ver a terra com os edifícios.

Me sentando no caloroso carro com apenas o som das rodas no pavimento e o murmúrio de vozes do assento dianteiro, dava-me

conta o quão cansada que estava. Sentada entre nos dois homens, estava pronta para uma sesta. Bocejei.

— Estamos perto? —perguntei.

A lamia se girou em seu assento.

— Aborrecida?

—Não dormi ainda. Só quero saber quanto tempo mais vai durar o passeio.

—Lamento te incomodar —disse—. Não está muito perto não é assim, Ronald?

Negou com o a cabeça. Não havia dito nenhuma palavra desde que o havia visto. Podia falar?

—Exatamente, aonde vamos? —Não pareceram querer responder minha pergunta, mas talvez se o expressasse de distinta forma.

—Aproximadamente a quarenta e cinco minutos de St. Peters.

—Perto de Wentzville? —perguntei.

Ela assentiu com o a cabeça.

Uma hora para chegar ali e quase duas horas para retornar, o que faria com que chegasse em casa perto da 1:00h.

Duas horas de sono perdido. Fantástico.

Deixamos St. Charles para trás e reapareceram nos campos de terra a ambos os lados atrás as cercas bem cuidadas de arame de puás. Gado pastando nas colinas baixas, movendo-se, o único sinal da civilização era um posto de gasolina perto da estrada. Havia uma casa grande perto do caminho com uma extensão perfeita de grama que se estirava até a estrada. Cavalos trotando elegantemente sobre ela. Tinha a esperança de que entrássemos em uma das elegantes fazendas, mas as passamos longe.

Finalmente, giramos em um estreito caminho com um sinal de rua tão oxidado e dobrado, que não pude ler. O caminho era rústico e estreito, as sarjetas se apinhavam a ambos os lados, a grama, o mato, o último caule dourado do ano, se erguiam a grande altura e davam ao caminho um aspecto selvagem. Um campo de murchos feijões secos e amarelos esperando a ser recolhidos. Os estreitos caminhos de acesso apareceram entre o mato como oxidadas caixas demonstrando que havia casas. Mas a maior parte eram vistas só

através das árvores. Os celeiros descendiam e se inundavam no caminho. O pavimento terminou repentinamente, patinando o carro sobre a sobrecarga.

O miúdo cascalho golpeava sob o carro, as colinas cheias de árvores lotavam o caminho. Havia ainda algumas casas ocasionais, mas eram poucas e longínquas entre si. Aonde íamos?

O cascalho terminou e o caminho era uma árida sujeira, só com grandes rochas avermelhadas cravadas entre ela, nos profundos sulcos se tragaram nos pneus do carro. O carro saltou e lutou com o caminho sob a sujeira. Este era seu carro. Se queriam destroça-lo conduzindo por este caminho, era seu problema.

Ao fim, o caminho de terra terminou em um escarpado círculo de rochas. Algumas eram quase tão grandes como o carro. Detivemo-nos, estava aliviada de que houvesse coisas sobre as que até o Ronald não conduziria de carro.

A lamia girou para me confrontar. Sorria, positivamente radiante. Estava malditamente alegre.

Algo a mau. Ninguém estava tão alegre a menos que quisesse algo. Algo grande. O que. queria a lamia? O que queria Oliver?

Saiu do carro. Os homens a seguiram como cães treinados. Vacilei, mas tinha chegado tão longe para saber o que Oliver queria. Sempre podia dizer que não.

A lamia tomou o braço do Ronald outra vez, levando saltos altos sobre terra rochosa era uma precaução lógica, com meus pequenos Tênis não necessitava ajuda, o loiro e o sorridente me ofereceram um braço cada um, fiz que não vi. Chega desse jogo. Estava cansada e eu não gostava de ser arrastada ao fim do mundo. Inclusive Jean-Claude nunca me tinha levado a alguma área apartada e abandonada da região, era um moço de cidade. É obvio, Oliver me tinha parecido ser um moço de cidade, também. Isso demonstrava que não se podia julgar a um vampiro em um único encontro.

A rochosa terra nos conduziu até uma ladeira. Mais cantos rodados se estrelaram abaixo, ao lado da colina e formavam montões esmiuçados, quebrados, Ronald realmente levantou Melanie e a carregou pelo pior do caminho.

Detive os homens antes que pudessem oferecer-se.

—Posso fazê-lo eu mesma, obrigado de todos os modos.

Pareceram decepcionados.

—Melanie nos há dito que devemos cuidá-la. Se caminhar e cair sobre as rochas, estará desgostada conosco —disse o loiro.

O moreno afirmo com a cabeça.

—Estou bem moços, de verdade.

Fui diante deles, esperando não ver o que faziam, a terra era traiçoeira com pequenas rochas. Subi sobre uma rocha maior que eu, os homens estavam atentos detrás por mim, as mãos se estenderam prontas para me agarrar se caía. Nunca tinha tido uma entrevista assim paranóica.

Alguém blasfemou e me girei para ver que o moreno caiu ao chão, tive que sorrir. Não esperei a que me pusessem à corrente, tinha tido suficientes tolices e o pensamento de não poder dormir hoje me tinha posto de muito mal humor. A noite mais comprida do ano e a desperdicaria. Melhor que Oliver tivesse algo importante que dizer.

Ao redor de um alto montão de escombros havia uma entrada em forma de faca, uma cova. Ronald levou ao a lamia dentro sem esperar-me. Uma cova? Oliver havia-se mudado para uma cova? De alguma maneira não encaixava com o a imagem dele em seu moderno e ensolarado escritório.

A luz se abatia sobre a entrada da cova, mas a uns passos a escuridão era espessa, esperei na borda do claro insegura do que fazer. Meus dois cuidadores entraram detrás de mim. Tiraram pequenas lanternas dos bolsos. Os raios pareceram tristemente pequenos contra a escuridão.

O loiro tomou a frente, sorridente ficou detrás, caminhei em meio dos finos raios de luz. Uma fraca luz a meus pés impedia de tropeçar com pequenas partes de rocha, mas a maior parte da túnel era usadp e perfeito. Um delgado fio de água caía de cima para o centro do solo, trabalhando seu paciente caminho na pedra. Olhei para o trecho perdido na escuridão. Tudo isto tinha sido feito pela água. Impressionante.

O ar estava fresco e úmido sobre minha cara. Alegrei-me levar posta minha jaqueta de couro, aqui nunca fazia calor, mas tampouco fazia frio. É por isso que nossos antepassados viviam em covas, a temperatura se mantinha durante todo o ano.

O amplo corredor se bifurcou a esquerda, o som profundo da água gorjeou e se chocou na escuridão. Muita água. O loiro dirigiu sua luz sobre uma corrente que encontrava a maior parte da passo esquerdo. Era negra, e parecia profunda e fria.

—Não traga minhas botas para passar através disso —disse.

—Seguimos o corredor principal —disse sorridente—. Não brinque, o amante não te gostará. —Sua cara pareceu muito séria na penumbra.

O loiro se encolheu de ombros, depois moveu seu feixe de luz para a direita. O fio de água se estendia em um fino padrão formando um delgado abano na rocha, mas ainda ficavam muitas rochas secas a ambos os lados. Não ia molhar meus pés, ainda.

Tomamos o lado esquerdo da parede. Toquei-a para manter o equilíbrio e me estremeci, as paredes estavam lamacentas de água e nos minerais dissolvidos.

Sorridente riu de mim. Adivinhei que as risadas estavam permitidas, joguei uma olhada detrás dele, franzi o cenho, depois coloquei a mão na parede. Não era repulsivo, só me tinha surpreendido, havia feito coisas piores.

O som de água trovejando a grande altura encheu a escuridão. Havia uma cascata mais adiante, não necessitava ver para saber.

—Quanto pensa que mede a cascata? —perguntou-me o loiro.

O estrondo encheu a escuridão, nos rodeando, encolhi-me de ombros.

—Três ou seis metros, talvez mais.

Iluminou com seu luz um fiozinho de água que caía quase de 13 cm. A diminuta cascata era o que alimentava a magra corrente.

—A caverna amplifica o som e o faz soar como um trovão —disse.

—Um bom truque —disse.

Um amplo armário de rocha conduzia a uma série de diminutas cascatas até uma ampla base de pedra. A lamia se sentou no bordo

do armario, os sapatos de salto alto estavam sobre a borda. Talvez era uma cova de dois metros, mas o raso teto se elevava para cima na escuridão. Era o que permitia o eco da água.

Ronald se mantinha de pé em suas costas, como um bom guarda-costas, as mãos cruzadas ante ele. Havia uma ampla abertura perto de eles que conduzia além da cova para o a fonte do arroio.

O loiro subiu e me ofereceu uma mão.

—Onde está Oliver?

—A diante —disse a lamia. Havia um bordo de risada em sua voz, como se fora alguma brincadeira que não entendia, provavelmente por ser a minha custa.

Não fiz caso da emano da loiro e subi até o armário sozinha, minhas mãos terminaram cobertas de uma magra capa de barro marrom e água, uma receita perfeita para o iodo. Lutei contra o impulso de me limpar nos jeans e me ajoelhei no pequeno fundo de água que alimentava a cascata. A água estava gelada, mas lavei as mãos em nela e me senti melhor. Sequei-as em meu jeans.

Lambia-a estava sentada com seus homens agrupados ao redor dela como se posassem para uma foto familiar. Estavam esperando a alguém. Oliver. Onde estava?

—Temo que não virá. —A voz provinha de diante, mais à frente na cova. Retrocedi, mas não podia ir longe sem me baixar da borda.

As duas lanternas se moviam sobre o a abertura como diminutos focos. Alejandro se encontrava no magro fio de luzes.

—Não te encontrará com o Oliver esta noite, Sra. Blake.

Fui para minha arma antes de que algo mais pudesse passar. As luzes se apagaram e fiquei na mais absoluta escuridão com um vampiro mestre, uma lamia e três homens hostis. Não era um de meus melhores dias.

Caí de joelhos, a arma preparada, perto de meu corpo. A escuridão era espessa como o veludo. Não podia ver minha mão ante minha cara. Fechei os olhos tratando de me concentrar em nos sons. Ali, o roce de sapatos na pedra. A corrente de ar quando alguém se aproxima. Tinha treze balas de prata. Estávamos a ponto de averiguar se a prata fazia dano a uma lamia. Alejandro já tinha uma bala de prata no peito e não parecia fazer muito dano.

Estava com o a corda ao pescoço.

Os passos estavam quase sobre mim, podia sentir o corpo perto. Abri nos olhos. Parecia estar dentro de uma pedra de ebonita, completamente negra. Mas podia sentir a alguém de pé sobre mim. Levantei a arma para o intestino ou para o a parte baixa do peito, e disparei ficando encolhida.

Os lampejos pareciam um relâmpago na escuridão, um relâmpago de chama azul. Sorridente caiu de costas ante o lapejo de luz. Não te ouvi cair pela borda, depois nada. Só escuridão.

Um as mãos agarraram meus antebraços e não o havia ouvido. Era Alejandro. Gritei enquanto me arrastava pelos pés.

—Sua pequena arma não pode me fazer dano —disse ele.

Sua voz era suave e próxima. Não me tinha arrebatado a arma. Ele não tinha medo. Eu deveria teme-lo.

—Ofereci a Melanie sua liberdade uma vez que Oliver e o Amo da cidade estejam mortos. Ofereço-te a vida eterna, a juventude eterna e poderá viver.

—Deu-me primeira a marca.

—Esta noite darei a segunda —disse. Sua voz era suave e corrente comparada ao a do Jean-Claude, mas na intimidade da escuridão e com suas mãos sobre mim, converteu as palavras em algo mais do que deveriam haver sido.

— E se não quiser ser sua serva humana?

—Então, tirarei-te de qualquer maneira, Anita. Sua morte prejudicará ao amo. Seus seguidores perderão a confiança, OH, sim,

Anita, terei-te. Una-se a mim voluntariamente, e será um prazer. Ou será uma agonia

Usei sua voz para apontar o arma a sua garganta. Se pudesse partir seu coluna vertebral, mil anos ou mais, velho ou não, podia morrer. Podia. Por favor, Deus.

Disparei. A baia roçou a garganta. sacudiu-se para trás, mas não soltou meus braços, duas balas mais em sua garganta, uma na mandíbula, e me afastou dele, uivando.

Terminei de costas no água gelada.

Uma lanterna iluminou na escuridão. O loiro se encontrava de pé, um objetivo perfeito. Disparei-lhe e a luz se apagou, mas não houve nenhum grito. Tinha apressado o atiro e havia falhado. Maldição.

Não podia descer pela rocha na escuridão, cairia e me romperia uma perna. O único caminho que ficava era ir a o mais profundo da cova, se podia chegar até lá.

Alejandro todavia uivava, sem palavras, cheio de raiva. Os gritos ressonavam e ricocheteavam em as paredes de rocha até que estive tão surda como cega.

Engatinhei pela água deixando a parede as minhas costas. Se não podia ouvi-los, talvez não podiam me ouvir.

—Afasta o arma dela —disse a lamia. Se havia movido e apareceu ao lado do vampiro ferido.

Esperei na escuridão alguma pista que me indicasse que vinham. Senti uma brisa de ar fresco sobre minha cara. Não eram eles. Será que estava perto da entrada que conduzia a o mais profundo da cova. Poderia escapar? E a escuridão? Não sabia se havia poços ou água o bastante profunda para me afogar nela. Não soava como uma boa idéia. Talvez poderia mata-los aqui. Nem em sonhos.

Por cima do eco dos gritos do Alejandro havia outro som, um vaio agudo, como de uma gigantesca serpente. A lamia era uma metamorfa. Tinha que escapar antes de que acabasse de mudar de forma. A água salpicava por cima de mim. Elevei a vista e não havia nada que ver, só a sólida escuridão.

Não senti nada, mas o água salpicou de novo. Apontei e disparei. O desejo revelou a cara do Ronald. Os escuros óculos tinham desaparecido. Seus olhos eram amarelos com frestas nas pupilas. Vi todo isso com o desejo da relâmpago da arma. Disparei duas vezes mais naquela cara de rasgados olhos. Ele gritou e nos caninos apareceram sob seus dentes. Deus o que era?

Independentemente de o que fora, caiu de costas. Ouvi-lhe golpear o água com um chapinho muito forte para uma piscina pouco profunda. Não ouvi que se movesse depois de que caiu. Estava morto?

Os gritos de Alejandro se haviam detido. Estava morto também? Se arrastava mais perto? Se encontrava, agora mesmo, quase em cima de mim? Mantive-me em espera com o arma ante mim e tratei de sentir algo, qualquer coisas, na escuridão.

Algo pesado se arrastava através da rocha. Meu estômago se contraiu com força. A lamia. Merda.

Era ela. Acomodei o ombro muito perto da entrada. Avancei a rastros e com uma mão. Não queria correr se não era necessário. Podia-me golpear o crânio com alguma estalactite ou cair em algum poço sem fundo. De acordo, talvez não sem fundo, exceto se caísse 9 M. pouco mais ou menos, não precisaria chegar ao fundo, estaria morta.

A água geada empapou meu jeans e sapatos. A rocha se sentia escorregadia sob minha mão. Avancei lentamente, tão rápido como pude, minha mão procurava alguma baixada, algum perigo que meus olhos não pudessem ver.

Um intenso som, deslizante, encheu a escuridão. Era a lamia. Já se havia transformado. Seriam suas escamas mais rápidas sobre as escorregadias rochas ou a fariam mais rápida na água? Quis me levantar e correr. Correr tão longe e tão rápido como pudesse. Os ombros tensos pela necessidade de escapar.

Um forte chapinho me advertiu que havia entrado na água. Podia mover-se mais rápido do que eu podia engatinhar, apostava-me isso. E se corresse... e se caísse ou me golpeava fortemente? Bem, melhor tentá-lo que ser apanhada me arrastando no frio como um camundongo.

Lutei com meus pés e comecei a correr. Mantive a mão esquerda ante mim a fim de me proteger a cara, mas o resto o deixei ao azar. Não podia ver uma merda. Corri velozmente, mais cega que uma toupeira, meu estômago oprimido pela preocupação de que algum buraco se abrisse sob meus pés.

O som das deslizantes escama-se fazia mais longínquo. Superava-a. Genial.

Um pedaço de rocha golpeou meu ombro direito. O impacto me fez girar para a outra parede. Meu braço estava intumescido do ombro até os dedos. Tinha deixado cair minha arma. Três balas se perderam, mas era melhor que nada. Apoiei-me na parede embalando meu braço, à espera que a sensibilidade voltasse, me perguntando se poderia encontrar a arma na escuridão, me perguntando se tinha tempo.

Uma luz se balançou para mim no túnel. O loiro se aproximava, expondo-se, se tivesse tido minha arma. Mas não a tinha. Podia me haver quebrado meu braço ao se chocar contra aquela rocha. A sensibilidade voltava em dolorosas pontadas e com uma palpitante dor onde me tinha golpeado. Necessitava uma lanterna. E se me escondia e conseguia a lanterna do loiro? Tinha duas facas. Sabia que o loiro não estava armado. Tinha possibilidades.

A luz se aproximava lentamente, percorrendo toda a zona. Talvez tivesse tempo. Fiquei em pé e tratei de apalpar a rocha que quase tinha destroçado meu braço. Era uma prateleira com uma abertura atrás dele. O ar fresco soprou sobre minha cara. Era um pequeno túnel. Estava a nível de meu ombro, o qual o colocava à altura da cara do loiro. Perfeito.

Coloquei minhas mãos e me elevei para cima. Meu braço direito protestou, mas era factível. Avancei lentamente pelo túnel, minhas mãos procurando estalactites ou demais salientes na rocha. Nada exceto o pequeno espaço vazio. Se tivesse sido muito mais gorda, não haveria cabido absolutamente. Estava feliz por ser miúda.

Tirei a faca e o coloquei em minha mão esquerda, a direita ainda tremia. Era melhor com a mão direita, como a maioria das pessoas destros, mas praticava com a canhota também desde que um vampiro rompeu meu braço direito e utilizar o esquerdo foi o

único que me salvou. Nada como estar perto da morte para te obrigar a praticar.

Agachei-me no túnel, a faca sujeita, usando minha mão direita para manter o equilíbrio. Só tinha uma possibilidade. Não tinha nenhuma ilusão em minhas possibilidades contra um homem atlético que pesava ao menos 45 kg mais que eu. Se o primeiro movimento não surtia efeito, converteria-me em mingau ou me entregaria a lamia. Prefiro ser golpeada.

Esperei com minha faca na escuridão e me dispus a cortar a garganta de alguém. Não é agradável quando pensa nisso. Mas necessário, era isso?

Estava quase aqui. A magra luz da lanterna apareceu brilhante depois da escuridão. Se iluminava em direção a meu esconderijo antes que se colocasse a meu lado estaria acabada. Ou se passava perto da lateral esquerdo do túnel e não por debaixo de mim... Basta. A luz estava quase debaixo. Ouvia seus pés cruzando pela água, aproximando-se. Apalpava o lateral direito da parede, justo como queria.

Seu pálido cabelo chegava quase até meus joelhos. Avancei e girou. Sua boca fez uma pequena "Ou" de surpresa, então lhe cravei a folha no pescoço. As presas estalaram atrás de seus dentes. A folha atravessou sua coluna vertebral. Agarrei seu cabelo comprido com a mão direita me inclinando sobre seu pescoço e lhe rasguei a garganta. O sangue me salpicou como uma ducha, me surpreendendo, a faca e minha mão esquerda estavam escorregadias pelo sangue.

Caiu ao chão do túnel com um forte chapinho. Desci do suporte e aterrissei ao lado do corpo. A lanterna, ainda acesa, tinha rodado pela água. Tirei-a. Quase por debaixo da mão do loiro se encontrava a Browning. Estava molhada, mas isso não importava, ainda molhada podia disparar já que as armas modernas ainda se caíam sob água, seguiam operativas. Era uma das coisas que faziam tão fácil o terrorismo.

O sangue se mesclou com a escura corrente. Iluminei o túnel, a lamia ficou emoldurada sob a pequena luz, seu comprido cabelo negro se derramava sobre a parte superior de seu pálido corpo. Seus

peitos eram altos e proeminentes com mamilos escuros, quase avermelhados, da cintura para baixo era branco marfim com linhas oro pálido. As escamas brancas de seu ventre estavam salpicadas de negro. Elevou-se sobre essa larga cauda e me estalou sua bifurcada língua.

Alejandro se encontrava detrás dela, talher de sangue, mas andava, movia-se. Queria gritar: «por que não morre de uma vez?», mas isso não ajudaria, talvez nada me ajudaria.

A lamia se arrastou para frente por o túnel. Minha arma havia matado a seus homens com caninos, ao Ronald com seus olhos de serpente. Não havia tentado mataria a mim? O que tinha a perder?

Enfoquei a luz em seu pálido peito e levantei o arma.

—Sou imortal. Suas pequenas baias não me machucarão.

—Te aproxime um pouco e provaremos essa teoria —disse.

deslizou-se para mim, movendo nos braços a unisono com as pernas. Seu corpo inteiro se movia por nos impulsos musculares da calda. Se via curiosamente natural.

Alejandro ficou apoiado contra a parede. Estava muito ferido. Yupi!

Deixei-a avançar e colocar-se a 3 m , o suficientemente perto como para golpea-la, mas o suficientemente longe para correr como o inferno se não funcionava.

A primeira bala te deu por cima do peito esquerdo, cambaleou-se. Golpeou-a, mas o buraco se fechou como água, liso e incansável. Sorriu.

Levantei o arma, só um pouco, e disparei por cima da ponte de seu perfeito nariz. Outra vez se cambaleou, mas o buraco não sangrou, só se curou. As balas normais não faziam muito efeito em ela, como nos vampiros.

Coloquei o arma na pistoleira do ombro, girei e corri.

Uma ampla greta conduzia ao túnel principal. Tive que tirar a jaqueta para me abrir passo com dificuldade. Quão último queria era ficar enredada com a lamia, incapaz de me abrir passo.

O túnel era suave e reto pelo que poderia ver. Os suportes se sobressaíam em ângulos, algumas com água gotejando delas, mas

me arrastar sobre meu ventre com uma serpente detrás não era minha idéia de passar um bom momento.

Podia correr mais rápido que o que ela podia mover-se. As serpentes, até as gigantescas, não são tão rápidas. Enquanto não me encontrasse em um beco sem saída, estaria bem. Deus meu, desejei acreditar nisso.

A corrente era profunda agora. A água estava tão fria que tinha problemas para sentir nos pés. Correr teria ajudado.

A concentração sobre meu corpo, me mover, correr tratando de não cair, tratando de não pensar sobre o que vinha detrás. O problema era, havia alguma outra saída? Se não podia mata-los e não podia passar por eles e só havia uma saia, ia perder.

Segui correndo. Fazia 6 km três vezes por semana, mais um extra. Podia seguir correndo. Ademais, que outra opção tinha?

A água enchia o túnel e se voltava mais intensa. Estava colocada até os joelhos. Isso me voltava mais lenta. Poderia ela mover-se mais rápido na água do que eu podia? Não o sabia. Simplesmente, não o sabia.

Uma brisa de ar soprou contra minhas costas. Girei e não havia nada. O ar era quente e cheirava ligeiramente a flores. Era a lamia. Teria ela outros métodos para me apanhar além de, simplesmente, me perseguir?

Não, as lamias podia criar ilusões só em homens. Era seu poder. Eu não era um homem, portanto, estava segura.

A brisa roçou minha cara, brandamente, cálida e fragrante com um rico aroma, verde como as raízes recém escavadas. O que sucedia?

— Anita.

Girei, mas não havia ninguém. O círculo de luz mostrava só o túnel e a água. Não havia mais som que o chapinho da água. Apesar disso... um quente ar soprou contra minha bochecha e o aroma de flores se voltou mais intenso.

De repente, soube o que era. Recordei ser perseguida subindo as escadas por um vento que não deveria estar ali, o brilho do fogo azul como olhos ondeando livremente, a segunda marca.

Tinha sido diferente, sem aroma de flores, mas sabia que era isso, Alejandro não tinha que me tocar para me dar a marca, não como o fez Jean-Claude.

Escorreguei pelas lisas pedras e caí de cabeça na água. Levantei-me e chegava às coxas.

Meu jeans estavam empapados e pesados, salpiquei avançando, tratando de correr, mas a água era muito profunda para me mover rapidamente, seria mais rápido se nadava.

Mergulhei-me na água, a lanterna arranca-rabo em uma mão. A jaqueta de couro pega a meu corpo me fazia mais lenta. Levantei-me e a tirei deixando-a flutuar isso com a corrente. Lamentei perdê-la, mas se sobrevivia, poderia comprar outra.

Alegrei-me levar posta uma camisa de manga larga e não um suéter. A água estava condenadamente fria para me tirar mais roupa. Assim nadava mais rápido. A cálida brisa fazia cócegas em minha cara, quente ante a frieza da água.

Não sei que me fez olhar para trás, simplesmente, um pressentimento. Dois pontos negros flutuavam para mim no ar. Se a escuridão pudesse arder, então isso é o que era; uma chama negra aproximando-se de mim na cálida brisa, perfumada em flor.

A parede de uma rocha surgiu diante. A corrente corria por debaixo dela. Sujeitei-me contra a parede e encontrei que havia, talvez, 3 cm de espaço entre a água e o teto do túnel. Pareceu-me uma boa forma de afogar-se.

Iluminei com a lanterna o caminho de água. Ali havia um estreito suporte de rocha para subir por ela, e bendito seja, outro túnel. Um seco.

Subi ao suporte, mas o vento me golpeou como uma ardente mão. Sentia-me bem e segura, e era uma mentira.

Girei e as chamas negras se abateram sobre mim como demoníacas vaga-lumes.

—Anita, aceita-o.

—Vai ao diabo! —Pressionei as costas contra a parede, rodeada pelo a cálida brisa tropical—. Por favor, não o faça —mas era um sussurro.

As chamas desceram lentamente. Golpeei-as. Atravessaram minhas mãos como fantasmas. O adocicado cheiro das flores era quase asfixiantemente, as chamas passaram ante meus olhos e durante um instante pude ver o mundo nos coloridos pedacinhos de chama e escuridão que eram uma espécie de luz.

Depois, nada. Minha visão retornou. A cálida brisa se desvaneceu lentamente, o cheiro de flores impregnou como um caro perfume.

Ouvia-se o som de algo grande movendo-se na escuridão. Elevei a lanterna devagar revelando a tenebrosa cara de um pesadelo.

O cabelo de sua frente era negro, curto e caia ao redor de uma delgada cara. Uns olhos dourados com pupilas como frestas me contemplavam sem piscar, imóveis. Sua delgada parte superior arrastava sua inútil parte inferior mais perto.

Da cintura para baixo era toda pele translúcida, ainda podia ver-se as pernas e genitais, mas eram um tudo, criando uma acidentada figura parecida com uma serpente. De onde vêm as pequenas lamias quando não há lamias masculinas? Fiquei com o olhar fixo no que uma vez tinha sido um ser humano e gritei.

Abriu a boca e os caninos ficaram a vista, vaiou e a saliva gotejou por seu queixo. Não ficava nada humano com aqueles olhos rasgados. A lamia era mais humana do que ele parecia, mas se me transformasse em uma serpente também me voltaria louca, talvez. Talvez a loucura era uma bênção.

Tirei a Browning e te disparei a queima-roupa na boca. Sacudiu-se para trás, chiando, mas sem sangue, não morria. Raios.

Sscutou-se um grito perto ressoando para nós.

— Raju! — gritou a lamia a seu companheiro, ou te advertiu.

— Anita, não o faça dano. — Era Alejandro. Ao menos, teve que gritar. Já não sussurrava mais em minha mente.

A coisa se deslizou para mim, com o a boca aberta, mostrando nos caninos.

— Lhe diga que não me machuque! — gritei-lhe de volta.

A Browning se encontrava guardada em seu pistoleira e sem balas, de todas formas.

Com o a lanterna em uma mão, o punhal na outra, esperei. Se conseguiram ordenar-lhe deter o ataque, estaria a salvo. Não tinha muita fé em nos punhais de prata se as balas de prata não o haviam machucado, mas não cairia sem pelejar.

Suas mãos estavam ensangüentadas de arrastar seu corpo sobre as rochas. Nunca pensei que veria algo pior que ser convertido em vampiro, mas ali estava, avançando lentamente para mim.

Estava entre o túnel seco e eu, mas se movia agonizantemente devagar. Pressionei minhas costas contra a parede e se situou a meus pés. Aquilo se moveu mais rápido, definitivamente, depois de mim. E passou correndo por diante, mas uma mão se fechou sobre meu tornozelo e me atirou bruscamente ao chão.

A criatura agarrou minhas pernas e começou a me aproximar para ela. Incorporei-me e lhe cravei a faca no ombro. Gritou, o sangue caiu por seu braço. A faca estava parecida no osso e o monstro tentava tirar de um puxão.

Nesse momento, elevou as costas, as presas se afundaram em minha pantorrilha, gritei e tirei a segunda faca.

Elevou a cara, o sangue gotejava por sua boca, espessas gotas amarelas caíam das presas.

Cravei a folha em um olho dourado. A criatura chiou, nos afogando dentro do eco, rodou sobre suas costas, movendo-se agitado de um lado a outro, suas mãos tentaram arranhar-me, rodei com isso e cravei a faca com toda minha força.

Senti a ponta da faca em seu crânio. O monstro continuava agitando-se e lutando, mas estava muito ferido, deixei a faca em seu olho, mas tirei a que estava no ombro.

—Raju, não!

Dirigi a luz para a lamia. Sua pálida parte superior brilhava úmida sob a luz. Alejandro estava a seu lado.

Parecia estar quase curado. Nunca havia visto um vampiro que pudesse curar-se tão rápido.

—Matarei-te por suas mortes —disse a lamia.

—Não, a garota é minha.

—matou a meu companheiro. Deve morrer!

—Porei-lhe a terceira marca esta noite. Será meu serva, é suficiente vingança.

—Não! —gritou.

Esperava que o veneno começasse a fazer efeito, mas até agora, a dentada só o machucou, nenhuma queimadura, nada. Olhei fixamente o túnel seco, mas eles me seguiriam e não podia matá-los, não como estava, não hoje. Mas haveria outros dias.

Deslizei-me sigilosamente para a corrente, ainda ficavam 3 cm de espaço, arrisca-me a me afogar ou a permanecer e morrer por uma lamia, ou escravizada por um vampiro. Opções, opções.

Coloquei-me silenciosamente no túnel, minha boca pressionando perto do teto molhado. Podia respirar, poderia sobreviver ao dia, os milagres acontecem.

Pequenas ondas começaram a difundir-se pelo túnel. Uma onda cobriu minha cara e traguei água. Espernei tão delicadamente como pude. Eram meus movimentos os que criavam as ondas. Ia afogar-me a mim mesma.

Fiquei muito quieta até que o água se acalmou, depois tomei um profundo fôlego, hiperventilei para expandir nos pulmões e ingerir tanto ar como pudesse, mergulhei-me sob o água e nadei. Era muito estreito para fazer qualquer movimento exceto patadas de tesoura. Meu peito estava oprimido, minha garganta doía com o a necessidade de respirar. Saí a superfície e beijei a rocha. Não havia nem um pouco de ar. A água salpicou meu nariz e tossi, tragando mais água.

Pressionei tão perto do teto como pude, voltei a tomar fôlego, pouco profundo, depois me afundei, dando pernadas a tudo o que podia. Se o túnel se fechava completamente antes de que o atravessasse, ia morrer.

O ocorreria se o túnel não tinha saída? O que ocorreria se tudo se alagava? Entrei em pânico, batia as pernas furiosamente, a lanterna ricocheteava louca contra as paredes, revoei em o água com uma oração.

Por favor, Deus meu, por favor, não me deixe morrer aqui.

Meu peito queimava, minha garganta estalava com o a necessidade de respirar. A luz perdia intensidade e me precavi que

eram meus olhos nos que a estavam perdendo. Ia desmaiar e me afogar. Empurrei-me para o a superfície e minhas mãos tocaram o vazio.

Tomei um ofegante folego que doeu intensamente. Havia uma abobada rochosa e uma deslumbrante linha de luz solar. Havia um oco na parede. A luz do sol formava uma nebulosa neblina no ar. Engatinhei sobre o a rocha, tossindo e aprendendo de novo a respirar.

Todavia tinha a lanterna e o punhal em minhas mãos. Não recordava estar sustentando-os, a rocha estava coberta por uma delgada lâmina de barro cinza. Avancei lentamente sobre ele para o desprendimento de rochas que tinha aberto um buraco na parede.

Se pude atravessar o túnel, talvez eles também poderiam, não esperei a me sentir melhor. Guardei o punhal em sua vagem, deslizei a lanterna em meu bolso e comecei a me arrastar.

Estava suja de barro, as mãos machucadas em carne viva mas estava no buraco. Era uma pequena greta, mas através dela podia ver as árvores e uma colina. Deus meu, via-se bem.

Algo apareceu detrás de mim.

Me girei.

Alejandro se elevava sobre o água a luz do sol. Sua pele rompeu em chamas e gritou, inundando-se na água longe do ardente sol.

—te queime, filho de cadela, te queime.

A lamia emergiu.

Escondi-me na greta e entalei, empurrei com minhas mãos e empurrei com meus pés, mas o barro se deslizou e não podia passar.

—Matarei-te.

Torci minhas costas e pus todo o que pude em me retorcer para sair desse maldito oco. A rocha raspou toda minhas costas e soube que estava sangrando. Caí sobre o a colina e rolei até que uma árvore me deteve.

A lamia avançava pela greta. A luz da sol não te fazia dano, lutava para passar, contocendo-se com a rocha, mas seu amplo peito não passava. Seu corpo de serpente podia ser estreito, mas sua parte humana não o era.

Mas no caso de, me pus em pé e comecei a baixar a colina. Era tão escarpada que tinha que andar de árvore em árvore, tratando de não cair pela colina. O som dos carros se escutava justamente a frente. A estrada, transitada por o som da mesma.

Comecei a correr, agarrando ímpeto, avançando pelo a colina mais rápido e mais rápido para o som de nos carros, podia vislumbrar o atalho através das árvores.

Tropecei com o bordo do caminho, coberta de barro cinza, lamacenta, molhada até nos ossos, temendo no ar de outono. Nunca me havia sentido melhor. Dois carros passaram respando, ignorando meus braços agitados. Talvez era pela arma estar arma na pistoleira do ombro.

Um Mazda verde se deteve no caminho. O condutor recostado ao outro lado do assento se inclinou e abriu a porta lateral de passageiros. Saltou.

Era Edward.

Olhei fixamente seus olhos azuis e sua cara estava tão vazia e ilegível como a de um gato, e tão orgulhoso de si mesmo.

Não me importou, deslizei-me no assento e fechei com chave a porta detrás.

— Para onde? —perguntou.

—Para casa.

— Não necessita um hospital?

Neguei com o a cabeça.

—Me seguia outra vez.

Sorriu.

—Te perdi no bosque.

—Menino de cidade —disse.

Seu sorriso se alargou.

—Nada de insultos. Parece que suspendeu seu exame de exploradora. Comecei a dizer algo, depois me detive. Tinha razão, e estava muito cansada para discutir.

Estava sentada na borda da banheira com somente uma toalha de praia grande, tinha tomado banho e havia lavado o cabelo, tinha tirado grande parte do sangue, que se escorria pelo tubo de deságüe. Exceto pelo sangue que gotejava ainda da profunda dentada em minhas costas. Edward sujeitou uma toalha mais pequena no corte, exercendo pressão sobre ele.

—Quando a hemorragia se detenha, o enfaixarei muito bem — disse.

— Obrigado.

— Parece que sempre te estou enfaixando.

Olhei por cima da ombro e me sobressaltei.

— Já te devolvi o favor.

Sorriu.

— É verdade.

Os cortes nas mãos estavam enfaixados, pareciam uma versão café pequeno das mãos da múmia.

Pôs a emano sobre as marcas de caninos da panturrilha.

— Esta me preocupa.

— A mim também.

— Não há nenhuma descoloração — elevou a vista para mim. — Não dói?

— Não. Não foi uma lamia, talvez não fosse venenoso. Ademais, crê que em alguma parte de St. Louis vão ter um antídoto de lamia? Estão na lista de extintos há mais de duzentos anos.

Edward apalpou a ferida.

— Não posso sentir nenhum inchaço.

— Se passou mais de uma hora, Edward. Se o veneno fora a fazer efeito, já o teria feito.

— Sim — observou o dentada —. Vigia-a.

— Não sabia que te importava — disse.

Sua careta foi cortante, oca.

— O mundo seria muito menos interessante sem ti. — A voz era plana, desapaixonada. Como se não estivesse ali absolutamente.

Mas foi um elogio. Vindo do Edward, era um elogio enorme.

—Caramba Edward, contém seu entusiasmo.

Obsequiou-me com um pequeno sorriso que converteu seus olhos azuis e distantes, em céus de inverno.

De algum jeito, fomos amigos, bons amigos, mas nunca o entenderia por completo. Havia muito do Edward que não se podia tocar, ou perceber.

Só podia acreditar que se fosse necessário, se tivesse a obrigação, me mataria. Agora não estava segura. Como podia? Poderia ser amigo de alguém de quem suspeitas que poderia te matar? Outro mistério da vida.

—A hemorragia se deteve —disse. Lubrificou anti-séptico na ferida e depois começou a tampa-la com gazes e esparadrapo.

A capinha soou.

— Que hora é? —perguntei.

—As três em ponto.

—Caramba.

— O que é?

—Tenho um encontro que acaba de chegar.

—Você tem um encontro?

Olhei-lhe seriamente.

—Não é tão extraordinário.

Edward sorria abertamente como o típico gato. Levantou-se.

—Terminei de te enfaixar, o deixarei entrar.

—Edward, seja agradável.

— Eu, agradável?

— Bem, simplesmente não atire nele.

—Acredito que posso dirigir isso.

Edward saiu quarto de banho para deixar entrar ao Richard. O que pensaria Richard ao encontrar na porta a outro homem? Edward certamente não ia comunicar se com ele, provavelmente te ofereceria assento sem explicar quem era. Não estava segura que pudesse explicar. Este é meu amigo, o caça recompensas. Não! Um sócio assassino de vampiros, talvez.

A porta do dormitório estava fechada, assim poderia me vestir na intimidade. Tratei de me pôr um sutiã e notei que as costas

doíam muito. Sem sutiã. Isto limitava o que podia levar posto, a menos que quisesse dar ao Richard mais para ver de o que havia planejado. Também queria vigiar a ferida da dentada. Assim as calças estavam descartadas.

A maior parte do tempo dormia com camisetas muito grandes e com um par de jeans, essa era minha idéia de traje. Mas em realidade, tinha um penhoar autêntico. Era cômodo, em uma agradável cor de negro, sedoso ao tato e absolutamente não transparente.

Uma camisola de seda negra a conjunto, mas decidi que era mais sugestivo de o que queria ser. Além disso, a camisola não era cômoda. A lingerie rara vez o é.

Tirei o penhoar do armário e me vesti, era liso e maravilhoso em contato com minha pele. Cruzei a frente para que a gola debruada cruzasse no alto do peito e atei o cinturão negro em seu lugar. Não queria nenhum deslizamento.

Escutei na porta durante um segundo e não ouvi nada. Nenhuma conversação, nenhum movimento ao redor, nada, abri a porta e saí.

Richard estava sentado no sofá com um braço cheio de trajes pendurados. Edward fazia o café na cozinha como se fora dono do lugar.

Richard me contemplou. Seus olhos se alargaram um pouco. O cabelo todavia molhado da ducha e o vestido ajustado, o que pensaria?

—Bonito vestido —disse Edward.

—Foi um regalo de uma entrevista excessivamente otimista.

—Eu gosto dele —disse Richard.

—Sem comentários perspicazes ou pode ir diretamente.

Seus olhos olharam para o Edward.

—Enterrompi algo?

—É um companheiro de trabalho, nada mais. —Olhei com cenho ao Edward, lhe desafiando a que dissesse outra coisa. Ele sorriu e verteu o café para nós três.

—Vá sentar te a mesa —disse—. Não bebo café no sofá branco. Edward colocou as taças na pequena mesa e se apoiou

contra os moveis, deixando os dois lugares para nós.

Richard deixou o abrigo no sofá e se sentou frente a mi. Levava posto um pulôver verde azulado com desenhos azuis mais escuros que destacavam no peito. Acentuava o perfeito marrom de seus olhos.

As maçãs do rosto pareciam mais altas. Uma pequena cicatriz danificava a bochecha direita. Seu cabelo tinha suaves reflexos castanhos avermelhados. Era incrível o que a cor adequada pode fazer a uma pessoa.

O feito que me visse séria de negro não tinha evitado sua revisão, o sabia pelo olhar na cara do Richard, mas seus olhos seguiam atentos ao Edward.

—Edward e eu perseguíamos nos vampiros que estiveram cometendo os assassinatos.

Seus olhos se arregalaram.

—Averiguaram algo?

Olhei ao Edward. Encolheu-se de ombros. Era meu turno.

Richard que se via com o Jean-Claude. Era uma criatura do JeanClaude? Não o acreditava, mas ainda assim... a precaução é sempre melhor. Se me equivocava, te pediria perdão mais tarde. Se tivesse razão, estaria decepcionada com o Richard, mas alegre por não haver contado.

—Bom, só me deixe te dizer que hoje perdemos.

—Está viva —disse Edward.

Tinha razão.

—Quase morre hoje? — A voz do Richard soou indignada. O que poderia dizer?

—Foi um dia difícil.

Jogou uma olhada ao Edward, então voltou a me olhar.

—Quão mau foi?

Assinalei minhas mãos enfaixadas.

—Raspados e cortes, não muito.

Edward cobriu seu sorriso na taça grande de café.

—Me diga a verdade, Anita —disse Richard.

—Não te devo nenhuma explicação. —Minha voz pareceu estar à defensiva.

Richard apartou a vista de suas mãos, depois me olhou. Havia um brilho em seus olhos que fez a minha garganta oprimir-se.

—Tem razão. Não me deve nada.

Encontrei uma explicação saindo a tão furtivo de minha boca.

—Poderia te dizer que fui escavar sem ti.

— O que quer dizer?

—Terminei atravessando um túnel cheio de água para evitar aos tipos maus.

— Quanto de cheio?

—Até a parte superior.

—Podia ter se afogado —roçou minha mão com seus dedos.

Bebi a sorvos o café e a afastei, mas podia sentir onde me havia tocado como um aroma persistente.

—Mas não me afoguei.

—Essa não é a questão —disse.

—Sim —respondi—, é. Se for sair comigo, tem que te acostumar ao modo em que trabalho.

Inclinou a cabeça.

—Tem razão, tem razão. —Sua voz era suave—. Me pegou despreparado. Quase morre hoje e se senta aí, bebendo café tranqüilamente.

—Para mim é, Richard. Se não puder lidar com isto, talvez não deveríamos tentá-lo. —Percebi a expressão do Edward—. Por que sorri abertamente?

—Você parece afável e gentil com os homens.

—Se não for ser útil, então parte.

Deixou sua taça no pia.

— Lhes deixarei sozinhos, pombinhos.

—Edward —disse.

—Estou indo.

O acompanhei até a porta.

—Muito obrigado por estar ali, ainda se me seguiu.

Tirou um cartão de visita branco com um número de telefone em negro. Isso era tudo, nenhum nome, nenhum logotipo. Porém o que seria apropriado? Uma adaga sangrenta? Ou talvez uma arma fumegante?

—Se me necessitar, chama a esse número.

—Obrigado, Edward.

—Um conselho. A gente que trabalha no nosso ramo não consegue bons amigos.

—Sei.

— O que ele faz para viver?

—É mestre de ciência na escola intermédia —disse. Edward afirmou com a cabeça.

—Boa sorte.

E com aquele tiro de despedida, partiu.

Guardei o cartão de visita no bolso do traje e volte aonde estava Richard. Era mestre de ciência, mas também se juntava aos monstros. Tinha visto o feio que se pôs e não lhe tinha desconcertado, não demasiado. Podia lhe manejar? Poderia eu? Uma entrevista e já tomava emprestado um problema que nunca poderia surgir. Discutiríamos depois de somente uma tarde juntos. Já tinha feito que passasse antes.

Olhei fixamente a cabeça do Richard e me perguntei se os cachos seriam tão suaves como pareciam. Um instante de luxúria, embaraçoso, mas não pouco corrente. Bom, era pouco corrente para mim.

Uma dor aguda subiu pela perna. A perna que a lamia tinha mordido. Por favor, não. Apoiei-me contra o outro mostrador. Richard me olhava, perplexo.

Apartei o vestido. A perna se inchava e se voltava púrpura. Como não o havia notado?

— Mencionai que uma lamia me mordeu hoje?

—Brinca —disse.

Neguei com a cabeça.

— Acredito que vais ter que me levar ao hospital.

Levantou-se e viu minha perna.

—Deus! Sente-se.

Começava a suar. O apartamento não estava quente.

Richard me ajudou a chegar ao sofá.

—Anita, lamias estiveram extintas durante duzentos anos. Ninguém terá um antídoto.

Observei-lhe.

—Adivinho que não vamos ter nossa entrevista.

—Não caramba, não me sentarei aqui e te verei morrer. Os licântropos não podem ser envenenados.

— Quer dizer que quer me levar ao Stephen e lhe deixar me morder?

—Algo assim.

—Prefiro morrer.

Algo brilhou através de seus olhos, algo que não poderia ler; a dor, talvez.

—Isso é o que pensa?

—Sim —Uma sensação nauseabunda se estendeu dentro de mim como uma onda—. vou vomitar.

Tratei de me levantar e ir para quarto o de banho, mas sofri um colapso no tapete branco e vomitei sangue. Vermelho, brilhante e fresca. Morreria sangrando internamente.

A mão do Richard se sentia fresca sobre minha frente, o braço ao redor de minha cintura. Vomitei até que fiquei esvazia e esgotada. Richard me acomodou no sofá. Havia um estreito túnel na luz debruada pela escuridão. A escuridão comia a luz e não a podia deter, podia sentir como começava a ir a deriva. Não doía. Inclusive não estava assustada.

A última coisa que ouvi foi a voz do Richard.

—Não te deixarei morrer.

Isso era um agradável pensamento.

O sonho começou. Estava sentada no centro de uma cama coberta com um dossel enorme. As cortinas eram de pesado veludo azul, da cor do céu de meia-noite. O edredom aveludado era suave ao tato. Lievava posto um comprido vestido branco com renda no pescoço e mangas. Nunca tinha tido nada como aquilo. Não parecia deste século.

As paredes estavam empapeladas em azul e ouro. Uma lareira enorme ardia enviando sombras que bailavam ao redor da habitação. Jean-Claude se encontrava na esquina, banhado em sombras alaranjadas e negras. Levava posta a mesma camisa que juraria haver visto a última vez que nos vimos, com o a parte da frente em tuli.

Caminhou para mim, sombras de fogo brilhando em seu cabelo, em sua cara, brilhando em seus olhos.

— Por que não visto alguma vez com algo normal nestes sonhos?

Vacilou.

— Você não gosta do vestido?

—Diabos, não.

Concedeu-me um leve sorriso.

— Sempre sabe como tratar com as palavras, ma petite.

—Deixa de chamar-me disso, caramba.

— Como queira, Anita.

Houve algo em como disse meu nome que eu não gostei em absoluto.

— O que está fazendo, Jean-Claude?

Ficou de pé ao lado da cama e desabotoou o primeiro botão de sua camisa.

— O que está fazendo?

Outro botão, e outro mais, então tirou a camisa das calças e a deixou deslizar se ao chão. Avançou lentamente sobre a cama.

Retrocedi, agarrando o vestido branco como alguma heroína em uma péssima novela vitoriana.

—Não me seduzirá tão facilmente.

—Posso saborear sua injúria sob minha língua, Anita. Quer conhecer como se sente minha pele ao lado de seu corpo nu.

Saltei da cama.

—Me deixe a sós, merda. Isso quero dizer.

Isto é só um sonho. Não pode deixar de sentir desejo em um sonho?

—Isto não é só um sonho contigo.

De repente, estava de pé em minha frente, não lhe tinha visto mover-se. Seus braços estavam detrás de minhas costas e caímos ao chão frente ao fogo. As sombras do fogo bailaram na pele nua de seus ombros. A pele era fina, lisa e perfeita, tão suave que quis tocar para sempre. Estava sobre mim, seu peso me pressionando, notando o chão. Podia sentir a linha de seu corpo moldado contra minha pele.

—Um beijo e te liberto.

Olhei fixamente seus olhos azuis como a meia-noite a uns centímetros de distância. Não podia falar. Girei a cara, assim não teria que ver seu rosto perfeito.

—Um beijo?

—Dou-te minha palavra —sussurrou.

Voltei-me para ele.

—Sua palavra não vale uma merda.

Sua cara se inclinou sobre mim, os lábios quase me tocando.

—Um beijo. —Seus lábios eram suaves, muito suaves. Beijou minha bochecha, lábios deslizando-se pelo a linha de minha bochecha, tocando meu pescoço. Seu cabelo acariciou minha cara. Pensei que todo o cabelo encaracolado era robusto, mas o seu era fino como o de um bebê, de seda suave—. Um beijo — sussurrou contra a pele de minha garganta, sua língua provando o pulso de meu pescoço.

— Detenha-te.

—Deseja-o.

— Detenha-te, agora!

Agarrou-me um punhado de cabelo, forçando meu pescoço para trás. Seus lábios se retiraram expondo nos caninos. Os olhos se

afogavam em azul, sem nenhum branco em absoluto.

—Não!

—Terei-te, ma petite, é meu dever salvar sua vida. —Sua cabeça descendeu, golpeando como uma serpente. Despertei contemplando um teto que não reconheci.

As cortinas negras e brancas pendiam suspensas do teto raso em um leque suave. A cama era de cetim negro com muitas almofadas colocadas por toda parte. As almofadas eram todas negras ou brancas. Levava posto um traje de noite negro com cintas. Sentia-se como verdadeira seda e me encaixa perfeitamente.

O chão era um tapete branco profundo até o tornozelo. Uma cômoda com gavetas laqueada em negro adornava a esquina longínqua da habitação. Sentei-me e pude me vislumbrar em um espelho. Meu pescoço estava liso, sem marca de presas.

Só um sonho, só um sonho, mas sabia. O dormitório tinha o toque inequívoco do Jean-Claude.

Estava morrendo pelo veneno. Como tinha chegado até aqui? Estava debaixo do Circo dos Malditos, ou em outra parte? Meu pulso direito doía.

Havia uma atadura branca ao redor dele. Não me recordava haver isso ferido na cova.

Observei-me no espelho. No negligé negro minha pele era branca, meu cabelo comprido e negro como o vestido. Ri-me. Combinava com a decoração. Para jogo com a maldita decoração.

Uma porta se abriu detrás de uma cortina branca. Consegui visualizar paredes de pedra detrás das cortinas. Tinha posto somente as calças de um pijama de cavalheiro. Caminhou para mim com os pés nus. Seu peito nu se parecia ao de meu sonho, exceto a cicatriz cruciforme. Não tinha estado aí no sonho. Isso danificou sua marmórea perfeição, de algum jeito, fez-lhe parecer mais real.

— Inferno — disse —. Definitivamente, inferno.

—O que, ma petite?

—Perguntava-me onde estava. Se estou aqui, isto tem que ser o inferno.

Sorriu. Parecia muito satisfeito, como uma serpente bem alimentada.

— Como cheguei até aqui?

—Richard te trouxe.

— Então, realmente, fui envenenada. Essa parte não era do sonho?

Sentou-se na borda longínqua da cama, tão longe de mim como podia colocar-se e sentar-se. Não havia outro sítio para sentar-se.

—Tenho medo que de que o veneno fora real. Não é que me queixe, porém, por que não estou morta?

Abraçou os joelhos contra seu peito, um gesto extranhamente vulnerável.

—Salvei-te.

—Me explique isso.

—Você sabe.

Sacudi a cabeça.

—Me diga.

—A terceira marca.

—Não tenho marcas de dentada.

—Mas seu pulso está atalho e enfaixado.

—Você... bastardo.

— Salvei sua vida.

—Bebeu meu sangue enquanto estava inconsciente.

Ele afirmou levemente.

—Filho da puta.

A porta se abriu outra vez, e era Richard.

—Seu bastardo como pôde me entregar?

—Não parece muito agradecida, Richard.

—Disse-me que preferia morrer a ser um licantropo.

—Prefiro morrer a ser um vampiro.

—Não te mordeu. Não vais ser um vampiro.

— Serei sua pulseira para a eternidade, grande alternativa.

—Só é a terceira marca, Anita. Não é sua serva ainda.

—Essa não é a questão. —O observei—. Não entende? Deveria me deixar morrer antes que fazer isto.

—Isto é apenas um destino pior que a morte —disse Jean-Claude.

—Sangrava pelo nariz e os olhos. Morria sangrando em meus braços. —Richard deu uns passos para a cama, depois se deteve—. Não podia deixar morrer —estendeu as mãos com um gesto indefeso.

Levantei-me no vestido sedoso e os contemplei.

—Talvez Richard não me conhecia melhor, mas sabia como me sentia, Jean-Claude. Não tem nenhuma desculpa.

—Possivelmente não podia ficar olhando morrer, tampouco. Já pensou nisso?

Sacudi a cabeça.

— O que faz a terceira marca? Que poderes complementares te dá sobre mim?

—Agora posso sussurrar em sua mente fora de seus sonhos. E você ganhaste poder também, ma petite. Agora é muito difícil de matar. O veneno não funcionará absolutamente.

Segui sacudindo a cabeça.

—Não quero ouvi-lo. Não te perdôo por isso, Jean-Claude.

—Não pensei que o fizesse —disse. Parecia pensativo.

—Necessito roupas e uma viagem a casa. Tenho trabalho que fazer esta noite.

—Anita, quase morreste duas vezes hoje. Como pode...

—Deixa, Richard. Tenho que ir trabalhar esta noite. Necessito algo que seja meu e não dele. Bastardo usurpador.

—Lhe encontre um pouco de roupa e leva-a a casa, Richard. Necessita tempo para adaptar-se a esta nova mudança.

Observei ao Jean-Claude ainda encolhido na esquina da cama. Parecia adorável, e se tivesse tido uma arma, daria-lhe um tiro no ato. O medo era um bocado difícil, frio, em meus intestinos. Tinha a intenção de me fazer sua serva, eu gostasse ou não, podia gritar e protestar, mas não me faria caso.

—Se aproxime de minha outra vez, Jean-Claude, com qualquer pretexto, e te matarei.

—Agora nos unem três marcas. Isso lhe mataria também.

Ri-me, e era uma risada amarga.

— Realmente cre que me importaria, maldito?

Contemplou-me, minha cara tranqüila, ilegível, encantadora.

—Não —nos voltou as costas e disse—. Leve-a a casa, Richard. Embora não te invejo o passeio até ali —jogou uma olhada para trás sorrindo —, pode ser muito eloqüente quando está muito zangada.

Quis lhe desprezar, mas não teria sido suficiente, não podia lhe matar, não agora, assim que lhe deixei ir. Graça sob pressão. Segui ao Richard para a porta e não olhei para trás. Não queria ver seu perfeito perfil no espelho.

Se supunha que os vampiros não tinham reflexo, ou almas. Tinha o primeiro teria o outro? Isso importava? Não, decidi, não importava absolutamente. Ia entregar o Jean-Claude ao Oliver. Ia dar a cidade ao Sr. Oliver. Ia entregar lhe o amo da cidade para que fosse assassinado. Uma marca mais e seria sua para sempre. Não tinha opção, veria-lhe morto primeiro, até se isto significasse que morreria com ele. Ninguém forçaria a nada, nem sequer pela eternidade.

Terminei por levar posto um daqueles vestidos de cintura que apertam sobre os quadris.

O efeito de que o vestido era aproximadamente três tamanhos maior não me ajudava em absoluto. Os sapatos serviam, embora eram de salto alto. Era melhor que caminhar descalça. Richard aumentou a calefação da carro porque tinha rechaçado seu casaco.

Estávamos brigando e ainda não tínhamos tido um encontro. Era um novo recorde, até para mi.

—Está viva —disse pela septuagésima vez.

—Porém a que preço?

—Acredito que toda vida é preciosa. Não cre?

—Não fique filosófico, Richard. Entregou-me aos monstros, e eles me usarão. Não entende que Jean-Claude esteve procurando uma desculpa para me fazer isto?

— Salvou sua vida.

Parecia ser o ponto forte de seu argumento.

—Mas não o fez para salvar minha vida. Fez porque me quer como sua escrava.

—Um servo humano não é um escravo, é quase o oposto. Não terá nenhum poder sobre ti.

—Mas será capaz de falar dentro de minha cabeça, invadir meus sonhos —Sacudi a cabeça—. Não te faça de tolo.

—É irracionável —disse.

Era.

—Sou a que está com o pulso aberto de onde o mestre da cidade se alimentou, bebeu meu sangue, Richard.

—Sei.

Havia algo no modo em que disse.

—Você viu, doente filho da puta.

—Não, não aconteceu assim.

— Como foi então? — Sentei-me com nos braços cruzados sobre o estômago, lhe fulminando com o a olhar. De modo que era dessa forma que Jean-Claude o controlava. Richard era um voyer.

—Quis me assegurar que só fizesse o necessário para saivar a sua vida.

— O que mais poderia ter feito? Bebeu meu sangue, raios.

Richard se concentrou no caminho de repente, sem me olhar.

—Poderia te haver violado.

—Sangrava por nos olhos e nariz, o disse. Não me parece muito excitante.

—Tudo esse sangue pareceu lhe excitar.

O observei.

—O diz a sério?

Inclinou a cabeça.

Sentei-me ali com uma fria sensação me percorrendo até nos dedos de nos pés.

— O que fez-te acreditar que ia violar-me?

—Despertou em um edredom negro. O primeiro era branco. Colocou você em cima e começou a te despir, tirou a sua roupa, havia sangue por toda parte. Lubrificou sua cara com ele, o provou. Outro vampiro te deu um pequeno punhal de ouro.

— Havia mais vampiros ali?

—Foi como um ritual. A audiência pareceu importante. Cortou seu pulso e bebeu dele, mas suas mãos... tocavam seus peitos. Disse-lhe que havia te trazido para que vivesse, não para que pudesse te violar.

—Isso deve ter sido um grande êxito.

Richard, de repente, estava tranquilo.

—O que ?

Sacudiu a cabeça.

—Me conte Richard, preciso saber.

—Jean-Claude tinha toda a cara manchada com seu sangue e disse: «esperei muito tempo para tomar o que ela queria me dar livremente, é uma tentação». Então te olhou, e havia algo em sua cara, Anita. Estava terrivelmente assustado, realmente acredita que virá a ele. Que te... te amará.

—Os vampiros não amam.

—Está segura?

Percorri-lhe com o olhar e apartei meus olhos. Contemplei pela janela a luz do dia que nesse instante começava a esfumar-se.

—Os vampiros não amam. Não podem.

—Como sabe?

—Jean-Claude não me ama.

—Talvez ame, tanto quanto pode.

Sacudi a cabeça.

—Se banhou em meu sangue. Cortou meu pulso. Não é minha idéia de amor.

—Talvez para ele é.

—Então, isso é muito valente para mi.

—Bem, mas talvez possa te amar, tanto como é capaz.

— Não.

—Assusta-te pensar que lhe ama, verdade?

Olhei fixamente pelo guichê com todo o empenho que pude. Não queria falar disso. Queria apagar completamente este maldito dia.

—Ou é a algo mais ao que teme?

—Não sei do que está falando.

—Sim, sabe. —Pareceu seguro de si mesmo. Não me conhecia o suficiente para estar seguro—. Diga em voz alta, Anita. Diga uma só vez e não parecerá tão horrível.

—Não tenho nada que dizer.

—Em nenhum momento me disse que lhe quer. Talvez uma parte de ti também o ama.

—Não o amo, estou segura.

—Porém?

—É persistente —disse.

—Sim —respondeu.

—Bem, sinto-me atraída. Era isto o que queria ouvir?

—O quanto de atraída?

— Isso não é de sua maldita incumbência.

—Jean-Claude me advertiu que me afastasse de ti. Só quero saber se realmente interfiro. Se estas atraída por ele, talvez deveria me afastar.

—Ele é um monstro, Richard. Viu-o. Não posso amar a um monstro.

— E se fosse humano?

— É um bastardo egoísta controlador.

— Porém se fosse humano?

Suspirei.

—Se fosse humano, poderíamos resolver algo, mas embora Jean-Claude estivesse vivo não acredito que funcionasse.

—Mas não vai tentar porque é um monstro.

—Está morto, Richard, é um cadáver que caminha. Não importa quão atrativo, ou insistente seja, está morto. Não tenho entrevistas com cadáveres. Uma garota tem que ter alguns limites.

—Então nada de cadáveres —disse.

—Zero cadáveres.

— E licantropos?

— Por que? Pensa em se transformar com seu amigo?

—Só curiosidade por saber onde desenha a linha.

—A licantropia é uma enfermidade. A pessoa sobrevive a um ataque cruel, séria como culpar à vítima de uma violação.

— Sairia com um metamorfo?

—Nunca houve oportunidade.

— Com o que mais não sairia em uma entrevista?

—Coisas que nunca foram humanas em primeiro lugar, penso. Realmente, não pensei nele. Por o que tanto interesse?

Sacudiu a cabeça.

—Só curiosidade.

— Por que não estou zangada contigo?

—Talvez porque te alegro de estar viva, custe o que custar.

Entrou no estacionamento de meu bloco de apartamentos. O carro do Larry se encontrava em uma vaga vazia.

—Talvez me alegro de estar viva, mas te avisarei sobre o custo quando descobrir realmente qual é.

— Não acredita no Jean-Claude?

—Não acreditaria no Jean-Claude nem se me dissesse que a luz da lua é chapeada.

Richard sorriu.

—Lamento o do encontro.

—Possivelmente possamos tentá-lo outra vez outro dia.

—Eu gostaria —disse.

Abri a porta e tremi no ar fresco.

—Richard, aconteça o que acontecer, obrigado por me cuidar

—vacilei, depois completei—, e independentemente do controle que Jean-Claude tenha sobre ti, rompe-o. Escape, ou te matará.

Afirmou com a cabeça.

—Bom conselho.

—O qual não vais seguir —disse.

—Se pudesse, Anita. Por favor, acredite.

— Que poder tem ele sobre ti, Richard?

Sacudiu a cabeça.

—Ordenou-me que não lhe dissesse isso.

—Também te pediu não ter uma entrevista comigo.

encolheu-se de ombros.

—Melhor te pora caminho, vai a chegar tarde ao trabalho.

Sorri.

—Além disso, me congela o traseiro.

Sorriu.

—Realmente, tem habilidade com as palavras.

—Passo muito tempo andando por aí com policiais. Pôs o carro em marcha.

—Tenha uma noite segura no trabalho.

—Farei todo o possível.

Saldou com o a cabeça, fechei a porta, Richard não parecia querer me dizer o que Jean-Claude tinha com ele.

Bem, nenhuma regra dizia que tínhamos que ser honestos no primeira a entrevista. Além disso, tinha razão, ia chegar tarde ao trabalho.

Dei um toque na janela do Larry.

—Tenho que me trocar, depois voltarei.

— Quem trouxe-te?

—Meu encontro.

Deixei-o pensar nisso, era uma explicação muito mais fácil que a verdade. Além disso, era quase certa.

Esta é a única noite do ano que Bert nos permite usar roupa negra para trabalhar. Acredita que esse cor é muito rude para as horas de escritório normais. Levava jeans negros e um suéter com um desenho de Véspera de Todos os Santos com um gato enorme que sorria abertamente com faróis em seu estomago. Completei-o com uma moletom negro com zíper e Tênis negros. Inclindo minha pistoleira de ombro e a Browning combinavam, tinha minha arma de reserva em uma pistoleira no interior das calças, tinha também dois carregadores de reposição em minha bolsa de esporte e havia substituído o punhal que havia tido que deixar na gruta. Tinha uma Derringer no boiso do moletom e dois punhais suplementeres, um debaixo da coluna, outro em uma capa de tornozelo.

Não ria. Deixei a escopeta em casa.

Se Jean-Claude averiguava que te havia traído, me mataria. Saberá quando ele morresse. Eu sentiria?

Algo me dizia que sim.

Tomei o cartão que Karl Inger me havia dado e chamei ao número. Sim tinha que fazê-lo, melhor fazê-lo o mais rapidamente possível.

—Olá ?

— Karl Inger está?

—Sim, está. Com quem eu falo?

—Anita Blake. Tenho que falar com o Sr. Oilver.

— Já decidiu entregar-lhe o amo da cidade?

— Sim.

—Se espera um momento, te passarei ao Sr. Oilver. —Deixou o receptor. Ouvi afastar-se.

Ouvi passados aproximando-se.

—Olá, Sra. Blake, que agradável escutar sua voz.

Traguei, e isso doeu.

—O amo da cidade é Jean-Claude.

—O havia desprezado, não é muito poderoso.

—Esconde seus poderes. Confie em mim, é muito mais de o que parece.

— Por que ao mudança de opinião, Sra. Blake?

—Pos em mim a terceira a marca. Quero livrar-me dele.

—Sra. Blake, estar ligado três vezes a um vampiro e fazer que esse vampiro morra, pode ser um choque terrível a seu sistema. Poderia matá-la.

—Quero me liberar dele, Sr. Oliver.

—Inclusive se você morrer? —perguntou.

—Inclusive se eu morrer.

—Haveria gostado de tê-la conhecido em circunstâncias diferentes, Anita Blake. É uma pessoa admirável.

—Não, simplesmente vi muito. Não deixarei ele me possuir.

—Não lhe falharei, Sra. Blake. Verá-lhe morto.

—Se não acreditasse, não o haveria dito.

—Aprecio sua confiança.

—E outra coisa que deveria saber, a lamia tratou de lhe trair. Ela está de acordo com o outro mestre chamado Alejandro.

—Verdade? —Sua voz pareceu divertida—. O que lhe ofereceu ele?

—A liberdade.

—Sim, isso tentaria a Melanie. A sujeito com uma correia muito curta.

—Ela esteve tentado reproduzir-se. Sabia?

— O quer dizer?

Contei-lhe sobre os homens, sobre tudo do último que quase tinha sido trocado. Manteve-se quieto durante um momento.

—Fui muito descuidado. Falarei com o Melanie e Alejandro.

—De acordo, apreciaria uma chamada manhã para saber como foram as coisas.

—Para estar segura de que ele está morto —disse Oliver.

— Sim.

—Receberá uma chamada de Kart ou minha. Mas primero, onde, podemos encontrar ao Jean-Claude?

—O Circo dos Malditos.

— O nome é apropriado.

—Isso é tudo o que posso lhe dizer.

—Obrigado, Sra. Blake, e que tenha uma feliz Véspera de Todos os Santos.

Tive que rir.

—Esta vai ser uma noite infernal.

Riu entre dentes brandamente.

—Em efeito. Adeus, Sra. Blake.

O telefone morreu em minha mão. Contemplei-o, tinha tido que fazer. Tive que fazer. Então por que sentia essa opressão no estomago. Por que tinha o impulso de chamar ao Jean-Claude e advertir-lhe. Seria pelas marcas, ou Richard tinha razão? Amava ao Jean-Claude de algum modo estranho e infeliz? Deus me ajude, esperava que não.

Estava completamente escuro no Halloween. Larry e eu tínhamos feito dois trabalhos, ele tinha levantado um, e eu tinha levantado outro. Ele tinha um mais por fazer, e eu três. Uma noite normal, agradável.

O que Larry tinha posto não era normal, Bert nos tinha animado a ter posto algo para combinar com o dia festivo. Eu tinha eleito um suéter. Larry tinha eleito um disfarce. Tinha posto um macacão de algodão azul, uma camisa branca com as mangas enroladas, um chapéu de palha, e botas de trabalho. Quando lhe perguntei, tinha-me respondido

—Sou o finlandês Huck. Não pareço?

Com seu cabelo vermelho e sardas, se parecia. Agora havia sangue na camisa, mas era a Véspera de Todos os Santos. Havia muita gente com sangue falso sobre eles. Não desafinávamos nesta noite.

Meu bip soou. Comprovei o número, era Dolph. Maldito seja.

—Quem é? —perguntou Larry.

—A polícia. Temos que encontrar um telefone.

Jogou uma olhada ao relógio do tabuleiro de instrumentos.

—Vamos com tempo. Ao McDonald's da estrada?

— Fantástico.

Rezei por que não fosse outro assassinato. Necessitava uma noite normal e agradável. Em minha cabeça escutava como uma letania, duas orações: «Jean-Claude vai morrer esta noite. Colocou-o em uma armadilha».

Parecia mau matá-lo de uma distância segura. Não me parecia justo não olhá-lo aos olhos e apertar o gatilho eu mesma, não lhe dar uma possibilidade de me matar primeiro. Jogo justo e tudo isso. Que se foda o jogo justo; era ele ou eu. Não era assim?

Larry estacionou no McDonald's.

—vou conseguir uma Coca-cola enquanto faz a chamada. Quer algo?

Sacudi a cabeça.

—Está bem?

—É obvio. Espero que isto não seja outro assassinato.

—Jesus, não tinha pensado nisso.

Saímos do carro. Larry entrou no hall. Fiquei na pequena área de entrada com o telefone público.

Dolph respondeu a terceira a chamada.

— Sargento Storr.

—Anita. O que está passando?

—Finalmente quebramos a advogada que passava a informação aos vampiros.

—Bem, pensei que poderia ser outro assassinato.

—Não esta noite, o vampiro conseguiu um negócio mais importante.

—O que supõe-se que significa?

—Planeja conseguir a cada vampiro da cidade para matar nos matar na Véspera de Todos os Santos.

—Não pode fazer isso. Só o amo da cidade poderia fazer isso, e só se fosse incrivelmente poderoso.

—Isso é o que pensei. Poderia ser um vampiro louco.

Tinha um pressentimento, um pressentimento horrível.

— Conseguiu uma descrição do vampiro?

—Vampiros —disse.

— Leia-me isso. Ouvi o rangido de papel.

—Baixo, escuro, muito cortês. Viu outro vampiro duas vezes com o vampiro principal. Tinha o cabelo negro, estatura média, índio ou mexicano, bastante alto.

Nesse momento apertando o telefone com minha mão tremendo.

— Disse o vampiro por que queria matar a gente?

—Para desacreditar o vampirismo legalizado. Não é um motivo estranho para um vampiro?

—Sim —disse—, Dolph, isso poderia passar.

—Sim se este vampiro mestre pudesse matar ao amo da cidade e assumisse o controle antes da alvorada, poderia tirar-se de cima. O que podemos fazer?

Vacilei, quase lhe dizendo que protegesse ao Jean-Claude, mas isto não era um assunto policial. Tinham que preocupar-se com as leis e a brutalidade policial. Não havia nenhum modo de deixar ao Oliver vivo. Independentemente do que ia passar esta noite, tinha que ser completamente destruído.

—me diga algo, Anita.

—tenho que ir, Dolph.

—Sabe algo, diga-me isso. Pendurei. Também desliguei minha busca. Liguei ao Circo dos Malditos. Uma mulher com a voz agradável respondeu.

—O Circo dos Malditos, onde tudo seus pesadelos se fazem realidade.

—Tenho que falar com o Jean-Claude. É uma emergência.

—Está ocupado agora mesmo. Poisso anotar sua mensagem? Tragueicom força, tentado não gritar.

—Sou Anita Blake, a serva humana do Jean-Claude. Lhe diga que ponha seu traseiro ao telefone agora.

—Eu...

—A gente vai morrer se eu não falar com ele.

—Bem, bem.

Me colocou na espera com uma versão viciada de Vôo Alto do Tom Petty.

Larry saiu com sua Coca-cola.

—O que está passando?

Sacudi a cabeça. Lutei contra o impulso de dar saltos, mas não faria que Jean-Claude respondesse mais rápido, estava de pé, quieta com um braço através do estômago. O que faria? Por favor Deus, que não seja muito tarde.

— Ma petite?

—Graças a Deus.

—O que passou?

— Só escuta. Há um vampiro mestre a caminho do Circo. Dei-lhe seu nome e seu lugar de descanso. Seu nome é Sr. Oliver e ele é o mais velho que conheci. É mais velho que Alejandro. De fato, penso que é o mestre de Alejandro, tudo isto foi um plano para

conseguir te trair e lhe dar a cidade, e caí nela. — Esteve tão calado durante tanto tempo que perguntei —. Me ouviu?

—Realmente teve a intenção de me matar.

—Disse-te que o faria.

—Mas agora me adverte. Por que?

—Oliver quer o controle da cidade para enviar a todos os vampiros para matar as pessoas. Quer retornar aos dias em que se caçavam aos vampiros. Disse que o vampirismo legalizado se estendia muito rápido. Estou de acordo, mas não sabia o que pensava fazer.

—Então para salvar a sua preciosa gente, agora trairá ao Oliver.

—Não é assim, demônios Jean-Claude, te concentre no que é importante. Estão no caminho. Podem já estar aí. Tem que te proteger.

—Para manter segura a sua gente.

—Para manter seguros aos vampiros, também. Certamente eles controlados pelo Oliver?

—Não. Tomarei medidas, ma petite. Ao menos lutaremos. Pendurou.

Larry me observava com os olhos muito abertos.

— Que diabos está acontecendo, Anita?

—Agora não, Larry. —Pesquei o cartão do Edward do bolso. Não tinha mais moedas.

— Tem uma moeda?

—Claro. —Deu-me isso sem mais perguntas. Bom menino.

Marquei o número.

—Por favor, que esteja aí. Por favor, que esteja aí.

Respondeu no sétimo tom.

— Edward, sou Anita.

— O que está acontecendo?

— Gostaria brigar contra dois vampiros mestres mais velhos que Nikolaos?

Ouvi que tragava.

—Sempre tenho tanta diversão quando está perto. Onde devo te encontrar?

—O Circo dos Malditos. Consegue uma escopeta de reserva?

—Não a levo comigo.

—Merda. Se encontre comigo o quanto antes. A merda vai golpear o ventilador realmente esta noite, Edward.

—Soa a uma boa forma de passar a Véspera de Todos os Santos.

—Verei-te ali.

—Adeus, e obrigado por me convidar.

Queria dizer isso. Edward tinha começado como um assassino normal, mas pessoas tinha resultado muito fácil, assim seguiu atrás de vampiros e metamorfos. Não tinha encontrado nada que não pudesse matar. E o que é a vida sem um pequeno desafio?

Olhei ao Larry.

—Tenho que tomar emprestado seu carro.

—Não vai a nenhuma parte sem mim. Ouvi suas conversações, não me exclua.

Comecei a discutir, mas não havia tempo.

—Bem, vamos lá.

Sorriu abertamente. Estava contente. Não sabia o que a passar esta noite, contra o que nos enfrentávamos, eu sabia. E não estava feliz absolutamente.

Estava de pé quase dentro da porta do Circo contemplando a onda de trajes e humanidade brilhante. Nunca havia visto o lugar tão abarrotado. Edward estava de pé a meu lado com uma larga capa negra e uma máscara de caveira. A morte disfarçada como morte, gracioso, né? Também levava um lança-chamas junto com uma correia a suas costas, uma pistola Uzi, e o céu sabia quantas outras armas ocultas em sua pessoa. Larry estava pálido, mas decidido. Tinha meu Derringer em seu bolso. Não sabia nada de armas. A Derringer era só uma medida de emergência, mas não se quedaria no carro. Na próxima semana, se seguíamos ainda vivos, levaria-lhe ao campo de tiro.

Uma mulher com um traje de ave nos deixou passar com um aroma de plumas e perfume. Tive que olhar duas vezes para me assegurar que só era um disfarce. Esta noite era a noite na que todo metamorfo podia transformar-se, socializar e a gente só diria “Bonito este disfarce” era a noite de Véspera de Todos os Santos no Circo dos Malditos. Tudo era possível.

Uma mulher negra magra caminhou para nós levando posto unicamente um biquíni e uma exuberante máscara. Teve que colocar-se perto por mim para que a ouvisse sobre o murmúrio da multidão.

—Jean-Claude me enviou para acompanhar-te..

— Quem é?

— Rashida.

Sacudi a cabeça.

—Rashida tinha o braço quebrado faz dois dias —contemplei a carne perfeita de seu braço —. Não pode ser ela.

Ela levantou a máscara e então pude ver a cara, depois sorri.

—Curamo-nos rápido —disse.

Sabia que os licantropos se curavam rápido, mas não tão rápido, não quando estavam tão mal. Vive e aprenderá. Seguimos o bamboleio de seus quadris entre o a multidão, agarrei a mão do Larry.

—Fica a meu lado esta noite.

Afirmou com o a cabeça. Não podia suportar o pensamento de que fosse ferido, penetrei-me entre o multidão sujeitando a mão do Larry com minha mão esquerda. Não, isso não era verdade, não podia suportar que fosse assassinado esta noite. A morte era o grande coco esta noite.

Edward nos seguia, nos pisando os calcanhares. Silencioso como seu xará, confiando em que conseguiria matar algo logo.

Rashida nos conduziu para a grande capa raiada do Circo, supus que detrás estava o escritório do Jean-Claude.

—Sinto muito, entrada para o espetáculo está esgotadas — disse um homem com um chapéu de palha e um casaco rajado.

—Sou eu, Perry. Estes são os que o mestre está esperando. — Nos assinalou com o polegar.

O homem apartou a um lado o tecido da capa e nos fez sinal para que entrássemos, tinha uma linha de suor sobre o lábio superior. De calor, mas tinha o pressentimento que não era essa classe de suor. O que sucedia dentro da capa? Não podia ser tão mau se deixavam entrar na multidão para olhar. Ou poderia?

As luzes eram brilhantes e quentes. Comecei a suar sob meu suéter de trabalho, mas se me tirava o moletom as pessoas veriam a arma. Odiava isto.

As cortinas circulares tinham sido sujeitas ao teto, criando duas áreas acortinadas no centro da pista do circo.

Os focos iluminavam as duas áreas escondidas. As cortinas pareciam um prisma. A cada passo que dávamos, as cores trocavam e fluíam sobre o tecido, não estava segura de se isso era o tecido ou algum truque com as luzes.

Independentemente disso, era um efeito elegante.

Rashida se encontrava sobre o corredor que separava à multidão.

—Jean-Claude queria que cada um tivesse um disfarce, mas não temos tempo —atirou de meu suéter – tire o moletom, terá que ser suficiente.

— De que disfarces fala?

—Atrasa a função. Tire a jaqueta e me siga.

Tireie dei a ela.

Deu um salto comprido, preguiçoso, sobre o corrimão e caminhou a pernas descalça e formosa através do chão branco. Olhou para trás a nós, fazendo sinal para que a seguíssemos.

Fique ionde estava, não ia nenhuma parte até que alguém me explicasse as coisas. Larry e Edward esperaram comigo. O auditório perto de nos olhava fixamente, esperando a que fizéssemos algo interessante.

Mantivemo-nos de pé ali.

Rashida desapareceu em um dos círculos acortinados.

— Anita.

Girei, mas Larry observava a pista.

—Disse algo?

Negou com a cabeça.

— Anita?

Jogei uma olhada ao Edward, mas essa não tinha sido sua voz.

— Jean-Claude? — sussurrei.

—Sim, ma petite, sou eu.

—Onde está?

— Entre as decorações, aonde foi Rashida.

Sacudi a cabeça. Sua voz tinha ressonância, um leve eco, mas por outro lado era tão normal como a voz que escutava outras vezes, provavelmente poderia falar com ele sem mover os lábios, mas se era assim, não queria saber.

—O que acontece? —sussurrei.

— O Sr. Oliver e eu temos um pacto de cavalheiros.

—Não entendo.

—Com quem falava? —perguntou Edward.

Sacudi a cabeça.

—Explicarei-te mais tarde.

— Entra em meu círculo, Anita, e te explicarei tudo ao mesmo tempo que o explico a nosso auditorio.

—O que fez?

—Fiz tudo o que podia fazer para salvar vidas, ma petite, mas alguns morrerão esta noite. Os que entrem no círculo serão os

soldados chamados à tarefa. Nenhum inocente morrerá esta noite, seja quem é que ganhe. Demos nossas palavras.

— Vai apresentá-lo na pista como seu fora um espetáculo?

—Era o melhor que podia fazer com tão pouco tempo, se me tivesse advertido isso faz dias, possivelmente poderia ter preparado algo mais.

Não fiz conta, além disso, sentia-me culpado.

Tirei minha jaqueta e a pendurei no corrimão. Houve gritos afogados da gente que estava o bastante perto para ver a arma.

—A luta vai ocorrer na pista.

— Diante do público? — disse Edward.

— Sim.

—Não escolho entender —disse Larry.

—Quero que fique aqui, Larry.

—De maneira nenhuma.

Respirei fundo e o soltei devagar.

—Larry, não tem nenhuma arma. Não sabe manejar. Acredito que só é buxa de cação até que tenha um pouco de treinamento, fique aqui.

Sacudiu a cabeça. Toquei seu braço.

—Por favor, Larry.

Talvez foi o por favor, ou a olhar a olhar de meus olhos, independentemente disso, assentiu com o a cabeça. Podia respirar mais facilmente.

Acontecesse o que acontecesse esta noite, Larry não morreria porque o havia traído isto, não seria minha culpa.

Saltei sobre o corrimão e aterrissei na pista. Edward me seguiu com um estalo de sua capa negra. Joguei uma olhada atrás uma vez, Larry se agarrou ao corrimão. Havia algo desesperado nele deixando-o ali sozinho, mas estaria seguro, isso era o que importava.

Toquei a cortina brilhante, e vi que eram as luzes. A tela atada era branca. Movi-a para um lado e entrei, Edward as minhas costas.

Havia um estrado escalonado completo com tudo e um trono no centro do círculo. Rashida estava em pé com o Stephen perto do pé do assoalho. Reconheci o cabelo do Richard e seu peito nu já que

levava uma máscara na cara. Era uma máscara branca com uma estrela azul em uma bochecha. Levava postas calças bombachos em azul brilhante com um colete que fazia jogo e sapatos. Todos estavam disfarçados, menos eu...

— Esperava que não chegasse a tempo — disse Richard.

— O que? E perder a maior e melhor festa de Véspera de Todos os Santos?

— Quem vem contigo? — perguntou Stephen.

— A Morte — disse.

Edward se inclinou de modo respeitoso.

— Confio em ti para trazer a morte ao jogo, ma petite.

Procurei no estrado, na parte superior estava Jean-Claude de pé diante do trono. Levava posta uma de suas reveladoras camisas mas esta era espetacular. Como um verdadeiro cortesão francês. Não sabia o que dizer da metade do traje. O casaco era de muito bom gosto, em negro e prata. Uma meia capa curta estava colocada sobre um único ombro. As calças eram largas e metidas em botas altas até as pantorrilhas. A renda debruava das bordas das botas. Uma ampla gola branca rodeava a garganta. A renda se introduzia nas mangas do casaco. Seu traje estava completo com um chapéu amplo, quase frouxo, com um arco de plumas brancas e negras.

A multidão disfarçada se moveu a um ou outro lado, limpando a escada que levava até o trono para mim. Por alguma razão não queria ir. Escutavam-se sons fora das cortinas. Coisas pesadas movendo-se ao redor. Mais paisagem e vigas sendo içados.

Joguei uma olhada ao Edward. Contemplava à multidão tomando nota de tudo. Buscando vítimas ou caras familiares?

Todo mundo estava disfarçado, mas realmente, muito poucas pessoas levavam postas máscaras. Yasmeen e Marguerite estavam de pé na metade do caminho para cima. Yasmeen estava vestida com um sari escarlate, todo véus e lentejoulas. Sua cara escura parecia muito natural na seda vermelha, Marguerite levava um vestido comprido, com mangas fofas e amplo pescoço de renda. O vestido era de tecido azul escuro. Era simples, sem adornos. Seu cabelo loiro estava penteado em complicados cachos com uma grande massa sobre cada orelha e um pequeno marco sobre a

cabeça. O seu, como Jean-Claude, não parecia um disfarce, mas bem roupa antiga.

Subi para eles. Yasmeen deixou cair os véus para expor a cicatriz cruciforme que lhe tinha feito.

—Alguém pagará por isso esta noite.

— Não o fará pessoalmente? —perguntei.

—Todavia não.

—Não se preocupa quem ganhe, verdade?

Sorriu.

— Sou leal ao Jean-Claude, é obvio.

—Vá pro inferno.

—Tão leal como tu, ma petit. Havia um par de lobos sentados aos pés do Jean-Claude. Contemplaram-me com olhos pálidos, estranhos. Não havia nada humano em seus fixos olhares. Lobos verdadeiros. Onde tinha conseguido a verdadeiros lobos?

Coloquei-me dois passos debaixo dele e seus lobos favoritos. Sua cara era ilegível, vazia e perfeita.

—Parece tirado dos Três Mosqueteiros —disse.

— Exato, ma petite.

— Este foi seu século original?

Sorriu com um sorriso que poderia ter significado tudo, ou nada.

— O que vai acontecer esta noite, Jean-Claude?

—Vêem, fica a meu lado, aonde meu servo humano pertence.

Estendeu uma mão pálida. Não fiz caso da mão e dava um passo para cima. Tinha falado dentro de minha cabeça. Era absurdo discutir. Não era o momento de discutir.

Um dos lobos se expressou com um grunhido baixo. Vacilei.

—Não lhe farão dano. São minhas criaturas.

Como eu, pensei.

A mão do Jean-Claude se dirigiu para o lobo. Este se agachou e lambeu sua mão. Caminhei com cuidado ao redor do lobo. Mas não me fez conta, toda sua atenção estava posta no Jean-Claude. Lamentava me haver grunhido. Faria algo para compensá-lo. Arrastou-se como um cão.

Estive de pé a sua direita, um pouco atrás do lobo.

—Tinha eleito um traje encantador para ti.

—Se era algo que tivesse feito jogo com o teu, não me teria posto isso.

Rui, suave e natural. O som atirou de algo sob meu intestino.

—Fica aqui junto ao trono com os lobos enquanto digo meu discurso.

—Realmente vamos lutar diante do público.

Ficou em pé.

—É obvio. Este é o Circo dos Malditos, e esta noite é a Véspera de Todos os Santos. Mostraremos-lhes um espetáculo que nunca viram.

— É uma loucura.

—Provavelmente, mas isto impedirá ao Oliver derrubar o edifício sobre nós.

— Poderia fazê-lo?

— Isso e muito mais, ma petite, se não tivéssemos mimado em limitar nosso uso de tais poderes.

— Poderia derrubar o edifício?

Sorriu, e por uma vez me deu uma resposta direta.

—Não, mas Oliver não sabe disso.

Tive que sorrir.

Sentou-se sobre o trono, uma perna colocada sobre um braço. Ajeitou o chapéu até que todo o que pude ver foi sua boca.

—Todavia não posso acreditar que me traísse, Anita.

—Não me deu nenhuma opção.

— Certamente, veria-me morto antes de receber quarta a marca.

Sim.

—É hora do espetáculo, Anita —sussurrou.

De repente as luzes se apagaram. Houve gritos do auditório quando se viram às escuras repentinamente, a cortina se retirou de ambos os lados. Subitamente, estava ao bordo do foco. A luz brilhou como uma estrela na escuridão. Jean-Claude e seus lobos foram banhados por uma luz suave. Tive que estar de acordo em que minha roupa não encaixava muito bem com a posta em cena.

Jean-Claude ficou em pé com um movimento fluido. Tirou o chapéu da cabeça e concedeu uma saldação com o braço em um arco baixo, cativante.

— Senhoras e senhores, esta noite serão testemunhas de uma grande batalha. — Começou a mover-se devagar para baixo. O foco se moveu com ele. Atirou o chapéu longe, usando-o para dar ênfase com a mão—. A batalha pela alma desta cidade.

deteve-se, e a luz se estendeu mais ampla para incluir a dois vampiros loiros. As duas mulheres estavam vestidas como garotas loucas dos anos 20, uma em azul, a outra em vermelho. As mulheres mostraram seus caninos, houve gritos afogados no auditório.

— Esta noite verão vampiros, homens lobos, deuses, diabos — encheu cada palavra com algo.

Quando disse vampiros, houve um ondulação de agitação em nas gargantas. Com homens lobos se reduziu drasticamente as luzes, houve gritos. Como deuses sopraram ao longo da pele. Como diabos, um vento quente queimava a cara.

Os estertores e nos gritos afogados encheram a escuridão.

—Algumas coisas que verão esta noite serão reais, outras ilusão; qual é qual será o que você dirá.

A ilusão ecoou na mente como uma visão através de uma repetitiva tela, muitas vezes. O último som se desvaneceu com um sussurro que soou como a uma palavra completamente diferente.

Realmente, a voz sussurrou.

—Os monstros desta cidade lutam pelo controle dela esta Véspera de Todos os Santos. Se ganharmos, então tudo será pacífico, como antes. Se nossos inimigos ganharem...

Um segundo foco iluminou o topo de um segundo assoalho. Não havia nenhum trono. Oliver estava de pé em cima com a lamia em toda sua glória como serpente. Oliver estava vestido com um folgado macacão branco com luvas grandes. Sua cara era branca com um triste sorriso grafite. Um olho profusamente maquiado deixava cair uma lágrima brilhante. Levava um chapéu bicudo diminuto com um pompom azul brilhante na cabeça.

Um palhaço? Havia decidido vestir-se de palhaço? Não é o que tivesse imaginado. Mas a lamia estava impressionante com seus

anéis raiados recolhidos ao redor dela, os peitos nus acariciados por uma mão enluvada.

— Se nossos inimigos ganharem, então manhã de noite haverá uma matança como nenhuma cidade no mundo viu alguma vez. Alimentar-se-ão com a carne e o sangue desta cidade até que seja drenada, sem sangue e sem vida —se deteve abaixo a metade de caminho. Agora começou a subir—. Lutamos por suas vidas, suas mesmas almas. Rezem para que ganhemos, queridos humanos, rezem com muita, muita força.

sentou-se no trono. Um dos lobos pôs uma pata sobre sua perna. Ele acariciou sua cabeça distraidamente.

—A morte chega para todos os humanos —disse Oliver.

O foco morreu no Jean-Claude, deixando ao Oliver como a única luz na escuridão. Muito simbólico.

—Você morrerá algum dia. Em algum pequeno acidente, ou de uma larga enfermidade. A dor e a agonia lhe esperam. —O auditório se removeu com inquietação em seus assentos.

—Me protege de sua voz? —perguntei.

—As marcas o fazem —disse Jean-Claude.

—O que sente o auditório?

—Uma dor aguda no coração. O envelhecimento diminuindo seus corpos. O horror rápido da lembrança de algum acidente.

Gritos afogados, mais gritos, os gritos encheram a escuridão quando as palavras do Oliver chegaram a cada pessoa e lhes fizeram sentir sua mortalidade. Era obsceno. Algo que tinha visto um milhão de anos recordava aos humanos quão frágil era a vida.

—Se deverão morrer não seria melhor morrer em nosso glorioso abraço?

A lamia avançou lentamente ao redor da assoalho para mostrar-se a todo o auditório.

—Ela poderia tomar, ah, tão docemente, suave, suave nesta noite escura. Fazemos da morte uma celebração, um passo alegre. Nenhuma dúvida ficará. Ao final, quererá suas mãos sobre você. Mostrar-lhe-á alegrias que poucos mortais alguma vez sonharam. É a morte um preço tão alto que pagar, quando morrerá de todos os

modos? Não seria melhor morrer com nossos lábios sobre sua pele, antes do tempo que devagar assinala o relógio?

Havia uns gritos de «Sim... por favor...».

— Detenha-o.

— Este é seu momento, ma petite. Não posso detê-lo.

—Ofereço-lhe todos seus sonhos mais escuros, cumprirão em nossos braços, meus amigos. Venham para mim, agora.

A escuridão crepitou com o movimento. As luzes aumentaram e havia gente se levantava de seus assentos. Gente que saltava os tapumes. Gente que ia abraçar a morte.

Todos se congelaram na luz. Pareciam como adormecidos que despertam de um sonho. Uns pareciam envergonhados, mas um homem perto da passarela parecia a ponto de chorar, como se te tivessem tirado uma visão brilhante. Sofreu um colapso sobre seus joelhos, os ombros sacudindo. Sulcava. O que tinha visto nas palavras do Oliver? O que tinha sentido no ar? Deus, nos salve dele.

Com as luzes podia ver o que se montou enquanto esperamos detrás das cortinas. Parecia um altar de mármore com escadas que subiam até ali. Estava entre os dois assoalhos, esperando. O que? Girei para perguntar a Jean-Claude, mas algo passava.

Rashida se afastou do assoalho, colocando-se entre nos passamanes e as pessoas. Stephen, vestindo o que parecia uma sunga de tira fina, estava situado ao outro lado da pista. Seu corpo quase nu era tão liso e impecável como Rashida. «Curamo-nos rápido», havia dito ela.

—Senhoras e senhores, os daremos uns momentos para recuperar-se do primeira a magia da tarde. Depois os mostraremos alguns de nossos segredos.

A multidão se colocava de novo em seus assentos. Um lanterninha ajudou ao soluçante homem a retornar a seu assento. Um silêncio caiu sobre as pessoas. Nunca tinha ouvido uma multidão tão grande e tão silenciosa. Poderia ter deixado cair um alfinete.

—Os vampiros são capazes de chamar animais em sua ajuda. Meu animal é o lobo —Andou ao redor do topo do assoalho no qual estavam os lobos.

Eu estava de pé ali no foco e não estava segura do que fazer. Não entrava na demonstração. Era só visível.

—Mas também posso chamar o primo humano do lobo. O homem lobo —fez um amplo gesto impetuoso com seu braço. A música começou. Suave e baixa ao princípio, depois elevando-se em crescendo.

Stephen caiu de joelhos. Girei, e Rashida estava no chão também. foram trocar aqui mesmo, diante da multidão. Nunca tinha visto a transformação de um metamorfo. Tinha que admitir certa... curiosidade.

Stephen estava engatinhando. Seu traseiro nu estava dobrado de dor. Seu comprido cabelo amarelo se arrastava na terra. A pele de suas costas frisada como água, a coluna arqueada. Estirou as mãos como se se inclinasse de modo respeitoso, a cara contra o chão. Os ossos atravessaram as mãos. Gemeu. As coisas se moveram sob sua pele como animais infames. Sua coluna dobrada para cima elevando-se como uma carpa. A pelagem começou a brotar sobre as costas, estendendo-se impossivelmente veloz como um vídeo a câmara rápida. Os ossos e um pouco de espesso líquido claro saíram da pele. As formas atiraram e a rasgaram. Os músculos se retorceram como serpentes. Uns sons intensos, impregnados, escutaram-se quando os ossos e a carne trocaram. Era como se a forma do lobo brocasse procurando a saída no corpo do homem. A pele fluiu rápida e mais rápida, como a cor do mel escuro. A pele escondeu algumas mudanças, e me alegrei.

Algo entre um uivo e um grito se rasgou em sua garganta. Finalmente, apareceu a mesma forma de homem lobo que tinha visto a noite em que lutamos contra a cobra gigante. O homem lobo levantou o focinho para o céu e uivou, me arrepiando a pele.

Um segundo uivo ressonou ao outro lado. Girei, e havia outro homem lobo, a mesma forma, mas tão negro como a noite. Rashida ?

O auditório aplaudiu como louco, golpeando com os pés e gritando.

Os homens lobos se arrastaram para trás no soalho. Ficaram em sentados ao fundo, um a cada lado.

—Não tenho nada tão chamativo para lhes oferecer. —As luzes voltaram para o Oliver—. A serpente é minha criatura.

Lamia estava entrelaçada ao redor dele, assobiando o suficientemente forte como para que a audiência a escutasse. Estalou com a língua partida para lambar o ouvido branco também.

Ele fez sinal ao pé do assoalho. Duas figuras com roupa negra se colocaram de pé a ambos os lados, os capuzes escondendo suas caras.

—Estas são minhas criaturas, mas vamos a mante-las para uma surpresa —nos olhou—. Começemos.

As luzes se apagaram de novo. Lutei contra o impulso de agarrar ao Jean-Claude na escuridão.

—O que acontece?

—A batalha começa —disse.

—Como ?

—Não não planejamos o resto da tarde, Anita. Será uma batalha, caótica, violenta, sangrenta.

As luzes subiram gradualmente até que a carpa fora banhada com um brilho débil, como de anoitecer ou crepúsculo.

—Começa —sussurrou Jean-Claude.

A lamia se deslizou pelas escadas e cada um correu ao lado contrário. Isto não era uma batalha. Era uma luta geral, mais como uma briga de bar que uma guerra.

Os seres encapuzados corriam frente. Tinha uma idéia de algo vagamente parecido a uma serpente, mas não. Uma rajada de metralhadora e a coisas-se tambaieo de volta. Edward.

Comecei a descer as escadas arma em mão. Jean-Claude nem se moveu.

— Não vai descer?

—A verdadeira batalha será aqui, ma petite. Faz o que possa, mas ao final se tratará do poder do Oliver e do meu.

—Tem um milhão de anos. Não te pode ganhar.

—Sei.

Olhamo-nos o um ao outro durante um momento.

—Sinto-o —disse.

—Eu também, ma petite, Anita, eu também.

Fui descendo a escada na carreira para me colocar na luta. O espécime serpente havia sofrido um colapso, se havia partido pela metade pelo fogo da metralhadora.

Edward estava de pé, costas contra costas com o Richard, que tinha um revólver nas mãos. A gente dava tiros nas coisas, o outro disparava na segunda coisa encapuzada e mesmo assim não conseguiam para-la. Vi-a sob meu braço e disparei na cabeça encapuzada. A coisa tropeçou e se dirigiu para mim. O capuz caiu para atrás, revelando a cabeça de uma cobra do tamanho de um cavalo. Do pescoço para baixo parecia uma mulher, mas do pescoço para cima... nem meu disparo nem o do Richard lhe haviam feito dano. A coisa veio subindo as escadas para mim. Não sabia o que era, ou como detê-la, feliz Véspera de Todos os Santos.

A coisa se precipitou para mim. Deixei cair a Browning e já tinha um dos punhais a metade de caminho quando golpeou. Estava nos degraus com isso sobre mim. Retrocedeu para atacar. Consegui tirar minha faca. Inundou suas presas em meu ombro. Gritei e dei um empurrão com a faca em seu corpo humano. A faca entrou, mas não houve sangue nem dor. Mordeu meu ombro, bombeando veneno em mim, e a faca não lhe fez nada.

Gritei outra vez. A voz do Jean-Claude soou em minha cabeça.

— O veneno já não pode danificarte.

Doia como o inferno, mas não ia morrer por isso. Submergi a faca em sua garganta gritando, não sabia que mais fazer. Respirei fortemente e com dificuldade, tive náuseas. O sangue baixou correndo por minha mão. Golpeei-a outra vez e se voltou para trás, havia sangue em suas presas. Fez um desesperado vaio e se afastou de mim. Mas agora o entendia. Seu ponto fraco se encontrava onde a parte de serpente se unia à humana.

Procurei achar minha Browning com a canhota, meu ombro direito estava machucado. Disparei e vi sair um jorro de sangue do pescoço daquilo. Deu volta e correu, deixei-lhe ir.

Estava nas escadas sustentando meu braço direito contra meu corpo. Não pensava que tivesse algo quebrado mas doía como o inferno, não sangrava tanto como deveria havê-lo feito. Joguei uma olhada ao Jean-Claude. Estava de pé, imóvel, mas algo se moveu, como uma cálida trêmula luz. Oliver também se encontrava imóvel em seu estrado. Foi uma autentica batalha, morrer aqui embaixo não significava muito exceto para as pessoas que iam morrer.

Embalei meu braço contra meu estômago e descii os degraus para o Edward e Richard. Quando acabei de dece-los, senti o braço melhor. O suficientemente bem para trocar a arma a minha para a mão direita. Contemplei a ferida da dentada e jurei se não estava curando-se. A terceira marca. Curava-me como um metamorfo.

—Está bem? —perguntou Richard.

—Pareço estar.

Edward me contemplava.

—Deveria estar morta.

—As explicações mais tarde —disse.

A coisa-cobra se encontrava ao pé do estrado, sua cabeça dividida em dois pelo fogo da metralhadora. Edward se deu conta rapidamente.

Houve um grito, agudo e estridente. Alejandro tinha apanhado a Yasmeen com seus braços, um detrás dela, o outro sujeitando seus ombros contra seu peito. Marguerite era a que havia gritado, lutava nos braços do Karl Inger e era superada. Aparentemente, também o era Yasmeen.

Alejandro te rasgou a garganta. Ela gritou. Rompeu-lhe a coluna vertebral com os dentes, o sangue salpicou sua cara. Ela se arqueou em nos braços. Um movimento e sua mão saiu atravessando o outro Lado de seu peito, o coração convertido em uma massa sangrenta.

Marguerite chiou repetidas vezes. Karl a deixou ir, mas ela não pareceu notar. Aranhou suas bochechas até que correu sangue. Derrubou-se sobre seus joelhos, ainda arranhando sua cara.

—Jesus —disse—, detenha-a.

Karl me olhou fixamente. Levantei a Browning, mas se escondeu detrás do estrado do Oliver. Fui para Marguerite. Alejandro se encontrava entre nós.

— Quer ajuda-la?

— Sim.

—Me deixe te pôr as duas últimas marcas e sairei de seu caminho.

Neguei com a cabeça.

— E deixar cidade sob o controle de um servo humano louco? Não acredito.

—Anita, abaixo!

Deixei-me cair ao chão e Edward disparou com seu lança-chamas sobre minha cabeça. Podia sentir o calor fervente sobre mim.

Alejandro uivou. Elevei meus olhos o suficiente para ver-lhe arder. Fez um sinal com o a mão e senti algo puxar-me de volta...

Edward.

Girei e Edward estava sobre suas costas, lutando por levantar-se. A boca do lança-chamas apontava outra vez. Atirei-me ao chão sem pensar.

Alejandro fez um sinal e a boca do lança-chamas girou para trás, fluindo para o Edward.

Rodou freneticamente tratando de apagar as chamas de sua capa. Lançou a ardente máscara decaveira ao chão. O tanque do lança-chamas ardeu. Richard o ajudou a sair trabalhosamente disso e correram. Atirei-me ao chão, as mãos sobre o a cabeça. A explosão sacudiu a terra. Quando elevei a vista, choviam diminutos pedaços ardentes, mas isso era tudo. Richard e Edward olhavam com atenção desde o outro lado do estrado.

Alejandro estava ali, de pé, com o a roupa carbonizada, a pele chamuscada. Começou a andar para mim.

Engatinhei, lhe apontando com minha arma. É obvio, a arma não te havia feito nenhum dano antes. Retrocedi até que topei com as escadas.

Comecei a disparar. As balas entraram. Sangrava, mas não se detinha. A arma fez clique sem munição. Girei e corri.

Algo golpeou minhas costas, me lançando de um golpe ao chão. De repente, Alejandro estava sobre minhas costas com uma mão em meu cabelo, dobrando meu pescoço para trás.

—Solta a metralhadora ou lhe romperei o pescoço.

—Lhe dispare! —gritei.

Mas Edward arrojou a metralhadora ao chão. Maldição. Tirou uma pistola e apontou cuidadosamente.

O corpo do Alejandro se agitou, então riu.

—Não pode me matar com balas de prata.

Colocou um joelho em minhas costas para me dominar, então uma faca cintilou em sua mão.

—Não —disse Richard—, não a matará.

— Cortarei sua garganta se interferir, mas se nos deixa em paz, não a machucarei.

—Edward, mate-o!

Um vampiro saltou sobre Edward, atirando-o ao chão. Richard tratou de afastá-lo, mas um diminuto vampiro saltou sobre suas costas. Eram a mulher e o pequeno moço da primeira noite.

—Agora que seus amigos estão ocupados, terminaremos nosso assunto.

—NÃO!

A faca arranhou a superfície,afiada, dolorosa, mas tão somente foi um pequeno corte. inclinou-se.

—Não te doerá, prometo-lhe isso.

Gritei.

Seus lábios tocaram o corte fechando-o e sorvendo. Equivocava-se. Doía. Naquele momento, um aroma de flores me envolveu, me afogando no perfume, não podia ver. O mundo era quente e perfumado.

Quando pude ver de novo, pensar outra vez, estava deitada de barriga para cima, olhando para o teto da carpa. Seus braços me elevaram, embalaram-me. Alejandro me sustentava perto. Tinha talhado uma linha de sangue em seu peito, justo por cima do mamilo.

—Bebe.

Pus minhas mãos contra seu peito apartando-o, mas era inútil. Sua mão oprimia meu pescoço, me forçando a me aproximar da ferida.

—NÃO!

Extraí a outra faca e o cravei em seu peito, procurando seu coração. Grunhiu e pressionou minha mão até que deixei cair a faca.

—A prata não é a forma. Estou além da prata.

Atraiu minha cara para a ferida e não pude lutar contra ele. Não era o bastante forte. Podia esmagar meu crânio com uma mão, mas tudo o que fez foi pressionar minha cara contra o corte de seu peito.

Lutei, mas mantinha minha boca pressionada à ferida. O sangue era como um salgado caramelo, vagamente metálico. Era só sangue.

— Anita! —Jean-Claude gritou meu nome, não estava segura se em voz alta ou em minha cabeça.

— Sangue de meu sangue, carne de minha carne, os dois seremos um. Uma carne, um sangue, uma alma.

Em alguma parte em meu interior algo se quebrou. O podia sentir. Uma quebra de onda de calor líquido ascendeu rapidamente e minha pele dançou, as pontas de meus dedos formigaram. Minha coluna vertebral se estremeceu e dava um coice. Uns firmes braços me apanharam, sujeitaram-me, embalaram-me.

Uma mão me apartou o cabelo da cara. Abri os olhos para ver o Alejandro. Já não tinha medo dele. Estava tranqüila e distante.

—Anita? —era Edward. Girei para o som, devagar.

— Edward.

— O que fez com você?

Tratei de pensar como explicá-lo, mas minha mente não unia as palavras. Incorporei-me, empurrando amavelmente ao Alejandro.

Havia um amontoado de vampiros mortos ao redor dos pés do Edward. Talvez a prata não tinha feito dano ao Alejandro, mas sim a sua gente.

—Faremos mais —disse Alejandro—. Pode ler minha mente?

Podia, agora que pensava nisso, mas não parecia telepatia. Não havia palavras. Sabia que ele pensava no poder que acabava de lhe dar.

Ele não sentia nenhuma pena pelos vampiros que tinham morrido.

A multidão gritou.

Alejandro elevou a vista. Segui seu olhar fixo. Jean-Claude estava ajoelhado, seu sangue derramando-se.

Alejandro invejou ao Oliver a capacidade de extrair sangue a distância. Quando me converti na serva do Alejandro, Jean-Claude ficou debilitado. Oliver lhe tinha.

Esse tinha sido o plano desde o começo.

Alejandro me sustentou perto, e não tratei de lhe deter.

— É uma necromante, Anita. Tem poder sobre os mortos. Por isso Jean-Claude te queria como sua serva. Oliver pensa em te controlar me controlando, mas sei que é uma necromante. Inclusive como servo tem livre-arbítrio. Não tem que me obedecer como

fazem outros. Como serva humana é uma arma. Pode atacar a um de nós e drenar seu sangue —sussurrou contraminha bochecha.

—O que diz?

—Eles acordaram que o perdedor seja colocado sobre o altar e estacado por ti.

—O que...

—Jean-Claude, como afirmação de seu poder. Oliver, como um gesto para mostrar quão bem controla o que uma vez pertenceu ao Jean-Claude.

Ouviu-se o grito afogado da multidão. Oliver levitava muito devagar. Planava sobre o solo. Então levantou seus braços e JeanClaude flutuou quase inconsciente para cima.

—Merda —disse.

Jean-Claude estava quase inconsciente no vazio, resplandecendo no ar. Oliver o colocou amavelmente sobre o chão branco, salpicando-o com o sangue fresco.

Karl Inger apareceu. Agarrou ao Jean-Claude em seus braços. Onde estavam os demais? Olhei ao redor procurando um pouco de ajuda. O homem lobo negro estava despedaçado, suas partes ainda se moviam nervosamente. Não acreditaria que um licantropo pudesse curar-se disso. O homem lobo loiro não estava muito melhor, mas Stephen se arrastava para o altar. Com uma perna completamente rasgada, tentava.

Karl pôs ao Jean-Claude no altar de mármore. O sangue começou a filtrar-se por uma lateral. Sustentou-lhe ligeiramente pelo ombro. Jean-Claude podia destroçar com seus braços um carro. Como poderia Karl dominar-lhe?

— Compartilha a força do Oliver.

—Deixa de fazer isso —disse.

— O que?

— Responder a perguntas que ainda não formulei.

Sorriu.

—Economiza muito tempo.

Oliver agarrou uma estaca branca, limpa, e um martelo. Me ofereceu.

— É o momento.

Alejandro tratou de levantar-me, mas te aparteí. Com quarta marca ou sem quarta marca, ficaria de pé só.

—Não! —gritou Richard.

Correu por frente de nós para o altar. Parecia acontecer em câmara lenta. Se jogou sobre o Oliver e o pequeno homem o agarrou pelo a garganta e arrancou sua traqueia.

— Richard!

Corri, mas era muito tarde. Sangrava no chão, todavia tratando de respirar quando não tinha nada o que fazer.

Ajoelhei-me junto a ele, tentando parar o fluxo de sangue. Seus olhos estavam dilatados e cheios de pânico. Edward estava comigo.

—Não há nada que possa fazer. Nada que qualquer de nós possa fazer.

— Não.

—Anita. —Separou-me do Richard—. É muito tarde.

Eu chorava e não o sabia.

—Venha, Anita, destrói a seu velho mestre, como quis me destruir a mim.

Oliver sustentava o martelo e a estaca perto de mim.

Sacudi a cabeça.

Alejandro me ajudou a me pôr em pé. Tratei de alcançar ao Edward, mas era muito tarde. Edward não podia ajudar. Ninguém podia me ajudar. Não havia forma de me tirar a quarta marca, ou curar ao Richard, ou salvar ao Jean-Claude.

Mas pelo menos eu não estacaria ao Jean-Claude. Que o tentassem, não o faria.

Alejandro me levou para o altar.

Marguerite avançava lentamente a um lado do estrado. Estava ajoelhada, balançando-se brandamente com um movimento de vaivém, sua cara era uma máscara sangrenta. Rasgou-se os olhos.

Oliver me ofereceu a estaca e o martelo com suas enluvadadas mãos brancas todavia umedecidas com o sangue do Richard. Neguei com a cabeça.

—Tomará. Fará o que digo.

Sua pequena cara de palhaço me olhava seriamente.

—Vai se foder—disse.

—Alejandro, você a controla agora.

—Ela é minha serva, mestre, sim.

Oliver me ofereceu a estaca.

—Então faz que o termine.

—Não posso forçá-la, mestre. —Alejandro sorriu quando o disse.

— Por que não?

—É uma necromante. Disse-lhe que ela tinha livre-arbítrio.

—Não danificarei meu magnífico espetáculo por uma obstinada mulher.

Tratou de rondar em minha mente. Senti-lhe apressar-se sobre mim como o vento dentro de minha cabeça, mas isso se deslizou longe. Era uma serva humana completa, os jogos dos vampiros não sortiam efeito em mim, nem sequer Oliver.

Ri e me esbofeteou. Provei o sangue fresco de minha boca. Encontrava-se de pé a meu lado e podia lhe sentir tremer. Estava tão zangado. Eu arruinava seu momento.

Alejandro estava contente. Podia sentir seu prazer como uma cálida mão no estômago.

—Termina-o ou te prometo que te converterei em uma massa sangrenta, agora não morrerá tão facilmente. Posso te fazer um dano pior do que possa imaginar e se curará. Mas não obstante, doerá terrivelmente. Me entende?

Cravei o olhar no Jean-Claude. Contemplava-me. Seus escuros olhos azuis tão encantados como sempre.

—Não o farei —disse.

—Todavia se preocupa por ele? Depois de tudo o que te tem feito?

Assenti.

—Faça agora ou lhe matarei devagar. Rasgarei pedaços de carne de seus ossos, mas nunca lhe matarei. Com tal de que seu coração e sua cabeça estejam intactos não morrerá, não importa o que lhe faça.

Olhei ao Jean-Claude, não estava preparada para deixar ao Oliver lhe torturar, não se podia ajudar-lhe. Não era melhor uma

morte descente? Não era?

Tomei a estaca do Oliver.

—Farei-o.

Oliver sorriu.

—Tomaste uma sabia decisão. Jean-Claude lhe o agradecerá se pudesse.

Apartei a vista do Jean-Claude com a estaca em uma mão. Rocei seu peito sobre a cicatriz da queimadura. Minha mão se bafió em sangue.

—Faça-o já! —disse Oliver.

Girei-me para ele elevando minha mão esquerda para tomar o martelo. Quando me deu, cravei a estaca em seu peito.

Karl gritou. O sangue emanou da boca do Oliver. Parecia congelado, como se não pudesse mover-se com a estaca no coração, mas ainda não estava morto. Meus dedos rasgaram a carne de sua garganta e arrancaram, arranquei grandes partes de carne até que vi reluzir a úmida coluna vertebral. Coloquei minha mão ao redor de sua coluna e a sacudi. Sua cabeça pendeu a um lado, sustentada por uns quantos despojos de carne. Sacudi vivida cabeça e a lancei através do círculo.

Karl Inger estava ao lado do altar. Ajoelhei a seu lado e tratei de lhe encontrar o pulso, mas não tinha. A morte do Oliver lhe tinha matado também a ele.

Alejandro me aproximou.

—O fez, Anita. Sabia que podia lhe matar. Sabia que podia fazê-lo.

Olhei para ele.

—Agora mata ao Jean-Claude e governaremos juntos a cidade.

— Sim.

Empurrei para cima antes de que pudesse pensar nisso, antes de que pudesse ler minha mente. Introduzi as mãos em seu peito. As costelas se racharam e raspavam minha pele. Agarrei seu palpitante coração e o esmaguei.

Não podia respirar. Meu peito estava apertado e doía. Tirei seu coração da cavidade. Caiu, seus olhos dilatados e surpreendidos. Caí-me com ele.

Eu fazia esforços para respirar. Não podia respirar, não podia respirar. Estava em cima de meu mestre e sentia palpitar meu coração como ambos. Não morria. Coloquei os dedos em sua garganta e comecei a escavar. Pus as mãos ao redor de sua garganta e apertei. Senti-as escavando na carne, mas a dor era esmagante. Afogava-me em sangue, nosso sangue.

Minhas mãos estavam intumescidas, não podia saber se ainda apertava ou não. Não podia sentir nada exceto dor. Então, até isso passou e caí, caí em uma escuridão que nunca tinha conhecido luz, nem o faria.

Despertei olhando confundida um teto liso e branco. Observei piscando o teto durante um minuto. A luz do sol me esquentava através da manta de quadros. Havia grades de metal na cama. Uma via intra venosa gotejava por meu braço.

Um hospital, então não havia morrido. Surpresa, surpresa. Havia flores e um cacho de balões brilhantes em uma pequena mesinha de noite. Descansei aí por um momento, desfrutando do fato de não estar morta.

A porta se abriu, e todo que podia ver era um buquê de flores enorme. As flores desceram e apareceu Richard.

Acredito que deixei de respirar. Podia sentir tudo o sangue acelerando-se sob minha pele. Senti um rugido suave na cabeça. Não, não iadesmaiar. Nunca desmaio.

—Está morto —consegui dizer finalmente.

Seu sorriso se desvaneceu.

—Não estou morto.

—Vi o Oliver te arrancar a garganta —podia vê-lo frente a mim como uma imagem em minha mente. Vi-te ofegar, morrer.

Pensei que podia me sentar. Preparei-me psicologicamente, a agulha do IV se moveu sob a pele, estirando a cinta. Era real. Nada mais parecia real.

Levantou a mão para sua garganta, depois se deteve. Tragou o bastante forte como para que pudesse lhe ouvir.

—Viu o Oliver me arrancar a garganta, mas isso não me matou.

Observei-lhe. Não havia nenhuma atadura em seu pescoço. O corte circular se curou.

—Nenhum ser humano poderia sobreviver a isso —disse brandamente.

—Sei —pareceu incrivelmente triste quando falou.

O pânico encheu minha garganta até que logo que pude respirar.

—O que é?

—Sou um licantropo.

Sacudi a cabeça.

—Sei que se parece um licântropo, seus movimentos. Mas não é.

—Sim, sou.

Segui sacudindo a cabeça.

— Não.

Aproximou-se para estar aos pés de minha cama. Sustentou as flores torpemente, como se não soubesse o que fazer com elas.

—Toca-me o turno para ser líder da manada. Posso passar por humano, Anita. Sou hábil nisso.

— Mentiu-me.

Negou com a cabeça.

—Não quis fazê-lo.

— Então, por que o fez?

—Jean-Claude me ordenou que não lhe falasse.

— Por que?

Encolheu-se de ombros.

—Acredito que porque sabia que o odiaria. Que não me perdoaria isso. Isso creio. Tentaria deliberadamente Jean-Claude arruinar uma relação potencial entre o Richard e eu? Sim.

—Perguntou que controle tinha Jean-Claude sobre mim. Era este. O líder de minha manada me entregou ao Jean-Claude com a condição de que ninguém averiguasse o que sou.

— Por que é um caso especial?

—Os humanos não deixariam aos licaântropos ensinar aos filhos, ou a qualquer outro em realidade.

—É um homem lobo.

—Não é melhor que estar morto?

Contemplei-lhe. Seus olhos ainda eram do mesmo marrom perfeito. O cabelo lhe cobriu a cara. Quis lhe pedir que se sentasse para me deixar acariciar seu cabelo com os dedos, para afastar o daquela maravilhosa cara.

—Sim, é melhor que estar morto.

Soltou o fôlego, como se tivesse estado contendo-o. Sorriu e me ofereceu as flores.

Agarrei-as porque não sabia que mais fazer. Eram casulos de cravos vermelhos formando uma nuvem branca sobre fundo vermelho. Os cravos cheiravam como a prego. Richard era um homem lobo.

Em sucessão para ser o líder da manada. Podia passar como humano. Olhei-lhe. Peguei-lhe a mão. Ele a agarrou, sua mão era cálida, sólida e viva.

—Agora que esclarecemos porquê não está morto, por que não estou morta?

—Edward te fez a reanimação cardio-pulmonar até que as ambulâncias chegaram. Os médicos não sabem o que foi o que fez que seu coração se deter, mas não há nenhum dano permanente.

— O que disse a polícia sobre todos os corpos?

— Que corpos?

—Não brinque, Richard.

—Quando a ambulância chegou não havia nenhum corpo.

—O público viu tudo.

— O que era verdade e o que era ficção? A polícia obteve cem versões diferentes do público. Suspeitam, mas não podem demonstrar nada. O Circo foi fechado até que as autoridades possam certificar-se de que é seguro.

— Seguro? —Ri-me.

Encolheu-se de ombros.

—Tão seguro como alguma vez foi.

Deslizei a mão fora do aperto do Richard, usando ambas as mãos para cheirar as flores outra vez.

—Jean-Claude, está... vivo?

— Sim.

Um grande sentimento de alívio me alagou. Não o queria morto. Não queria morto ao Jean-Claude. Merda.

—Então, ainda é o amo da cidade. E ainda estou unida a ele.

—Não —disse Richard — Jean-Claude me pediu que te comunicasse que é livre. As marcas do Alejandro anularam as suas. Disse que não pode servir a dois mestres.

Livre? Era livre? Observei ao Richard.

—Não pode ser tão fácil.

Richard riu.

—Chama a isso fácil?

Elevei a vista. Tive que sorrir.

—Bem, não foi fácil, mas não acreditei que nada salvo a morte me livraria do Jean-Claude.

— Esta contente de que se fossem as marcas?

Comecei a dizer, «é obvio», mas me detive. Havia um pouco muito sério na cara do Richard. Ele conhecia o que supunha o poder devotado.

Ser um com os monstros. Poderia ser horrível e maravilhoso.

—Sim —disse finalmente.

— De verdade?

Assenti com a cabeça.

—Não parece muito entusiasmada —comentou.

—Sei que deveria saltar de alegria, ou algo, mas só me sinto vazia.

—passaste por muitas coisas durante estes últimos dias. Tem direito a estar um pouco entumecida.

Por que não estava feliz de me liberar do Jean-Claude? Por que não estava aliviada de não ser a serva humana de ninguém? Não sentiria falta disso? Estúpido. Ridículo. Certo.

Quando algo se faz muito difícil para pensar nisso, pensa em algo mais.

—Então, todos sabem que é um homem lobo.

— Não.

—Foi hospitalizado e já estas curado. Acredito que o adivinharão.

—Jean-Claude me escondeu até que me curei. Este é meu primeiro dia completamente recuperado.

— Quanto tempo passou?

—Uma semana.

— Brinca.

—Estiveste em coma durante três dias. Os médicos ainda não sabem o que te fez começar a respirar por sua conta.

Tinha estado muito perto do mais à frente, não podia recordar nenhum túnel de luz, ou vozes tranquilizadoras. Senti-me enganada.

—Não o recordo.

— Estava inconsciente, não se supõe que o recorde.

—Sente-se, antes de que me dê uma torcicolo por te olhar.

Levantou uma cadeira e se sentou junto à cama, rindo de mim.

Era um sorriso agradável.

—Assim é um homem lobo.

Afirmou com a cabeça.

—Como aconteceu?

Manteve o olhar fixo no chão. A cara parecia tão séria, que lamentei ter perguntado. Esperava alguma grande historia de um ataque selvagem ao que sobreviveu.

—Tive uma má reação ao soro da licantropia.

—Tú, o que ?

—Me ouviu. —Parecia envergonhado.

— Juviste uma má reação?

— Sim.

Meu sorriso se fez mais e mais ampla.

—Não é engraçado—disse.

Movi a cabeça.

—Para nada. —Sabia que meus olhos estavam brilhantes, era todo que podia fazer para não rir fortemente—, tem que confessar que é bastante irônico.

Suspirou.

—Vai fazer te dano. Tem minha permissão para rir.

Fiz-o. Ri até que me doeu e Richard participou. Também a risada é contagiosa.

Uma dúzia de rosas brancas chegaram mais tarde esse dia com uma nota do Jean-Claude. A nota dizia: «É livre de mim, se desejas. Mas espero que queira tanto como eu quero verte. É sua eleição. Jean-Claude».

Observei as flores durante um longo momento. Finalmente, fiz que uma enfermeira as desse a alguém mais, ou as atirasse, ou independentemente do inferno do que queria fazer com elas. Só as queria longe de minha vista. Assim, ainda me sentia atraída pelo Jean-Claude. Podia dirigi-lo de uma esquina escura, podia amá-lo um pouco. Não importava. Amar aos monstros sempre termina mal para um humano. É uma norma.

Isto me levou até o Richard. Era um dos monstros, mas estava vivo. Era uma melhora sobre o Jean-Claude. E era menos humano do que eu era? . Rainha zumbi, assassina de vampiros, necromante?

Do que me queixo?

Não sei onde esconderam todos os cadáveres, mas nenhum policial veio nunca a me perguntar. Embora tivesse salvado a cidade, ainda era assassinato. Legalmente, Oliver não tinha feito nada para merecer a morte.

Saí do hospital e voltei a trabalhar. Larry ficou. Está aprendendo a caçar vampiros, Deus lhe guarde.

A Lamia era realmente imortal, suponho que os meio-lamía não podem haver-se extinto. Sempre devem ter sido estranhos. JeanClaude conseguiu lhe dar a lamia um bônus de ajuda guvenamental e também lhe deu trabalho no Circo dos Malditos. Não sei se a deixa reproduzir-se ou não. Não estive perto do Circo desde que saí do hospital.

Richard e eu finalmente tivemos essa primeira entrevista. Fizemos algo muito tradicional: comida e um filme.

Vamos explorar cavernas na próxima semana. Prometeu-me que não iríamos por nenhum túnel submarino. Seus lábios são os mais suaves que alguma vez me beijaram. Só que fica peludo uma vez ao mês. Ninguém é perfeito.

Jean-Claude não se rendeu, continua me enviando presentes. Sigo rechaçando-os. Tenho que seguir dizendo não, até que se renda, ou até que o inferno se congele, o que acontecer primeiro.

A maior parte de mulheres se queixam de que não há suficientes solteiros. Há sim. Simplesmente, eu gostaria de conhecer um que fosse humano.

Fim

Este *ePub* teve como base a tradução em *Doc* feita a partir do espanhol por Jossi Borges e com revisão de Juliana e Sue Caroline, membros das comunidades **Traduções de Livros** e **Romance com Tema Sobrenatural**.

Abril de 2014

LeYtor

{1} Costeletas usadas nos anos 70.

{2} Árvore da qual tira a seiva para se fazer um xarope açucarado.

{3} Onomatopéia de trens.

{4} Obter favores, vantagens; tocar com pé na perna de outro intimamente furtivamente.